

"Para fazer pensar e entreter":  
Educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades  
homossexuais na revista *Junior* (2007-2015)



Filipe Gabriel Ribeiro França

## **EXPEDIENTE**

**Editor-chefe:** Anderson Ferrari

**Editores:** Aline Choucair Vaz, Eliete do Carmo Garcia Verbena e Faria, Janaina Garcia Sanches, Marcio Rodrigo Vale Caetano, Marcos Lopes de Souza, Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Rosimeri de Oliveira Dias, Roney Polato de Castro

**Redação:** Filipe Gabriel Ribeiro França

**Colaboradores:** Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED), autores/as citados/as na pesquisa, os sujeitos que me ajudaram na aquisição dos exemplares da revista *Junior* e todos/as que atravessaram o meu caminho durante o processo de doutoramento e enviaram energias positivas para que esse trabalho se concretizasse

**Campo de pesquisa:** Revista *Junior* (2007-2015)

**Imagem de capa:** bernardojpb (Agência de fotografia *depositphotos*)

**Distribuição:** Universidade Federal de Juiz de Fora

**Tiragem:** Indefinida

**Atendimento ao leitor:** [filipe.gfranca@yahoo.com.br](mailto:filipe.gfranca@yahoo.com.br)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Filipe Gabriel Ribeiro França**

**"Para fazer pensar e entreter": Educação, produção corporal,  
sujeitos e masculinidades homossexuais na revista *Junior* (2007-  
2015)**

Juiz de Fora – MG

2019

Filipe Gabriel Ribeiro França

**"Para fazer pensar e entreter": Educação, produção corporal,  
sujeitos e masculinidades homossexuais na revista *Junior* (2007-  
2015)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ferrari

Juiz de Fora – MG

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

França, Filipe Gabriel Ribeiro.

"Para fazer pensar e entreter" : Educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades homossexuais na revista Junior (2007-2015) / Filipe Gabriel Ribeiro França. -- 2019.

281 p. : il.

Orientador: Anderson Ferrari

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Educação. 2. Produção corporal. 3. (Homo)sexualidades. 4. Masculinidades homossexuais. I. Ferrari, Anderson, orient. II. Título.

Filipe Gabriel Ribeiro França

**“Para fazer pensar e entreter”**: Educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades homossexuais na revista *Junior* (2007-2015)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Aprovada em 25 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Dr. Anderson Ferrari - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora



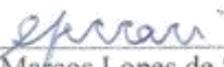
Dr. Ronéy Polato de Castro  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dra. Janaina Garcia Sanches  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano  
Universidade Federal do Rio Grande



Dr. Marcos Lopes de Souza  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Dedico este trabalho a todos os sujeitos que se  
distanciam da heteronormatividade e investem  
em outras possibilidades de existência.

## **AGRADECER E ABRAÇAR**

*Abracei o mar na lua cheia  
Abracei  
Abracei o mar  
Abracei o mar na lua cheia  
Abracei  
Abracei o mar  
Escolhi melhor os pensamentos, pensei  
Abracei o mar*

*É festa no céu é lua cheia, sonhei  
Abracei o mar  
E na hora marcada  
Dona Alvorada chegou para se banhar  
E nada pediu, cantou pra o mar (e nada pediu)  
Conversou com mar (e nada pediu)  
E o dia sorriu...  
(Agradecer e abraçar<sup>1</sup> – Maria Bethânia)*

Aqui, dedico-me a agradecer e abraçar a todos e todas que contribuíram para que essa pesquisa se tornasse realidade. Pessoas que tornaram a caminhada mais leve, vivível e prazerosa.

Primeiramente quero agradecer e abraçar o meu orientador, Prof. Dr. Anderson Ferrari, pela forma zelosa, paciente e afetuosa com que lidou com meus escritos, angústias, dúvidas e mudanças de rumo desde o primeiro texto que lhe entreguei para ler. Obrigado pela confiança e pelas preciosas orientações! Orientações que foram além da pesquisa acadêmica e que também dizem dos modos como nos constituímos e nos relacionamos com o outro. Levarei tais aprendizados para a vida!

Agradecer e abraçar os/as professores/as membros da banca examinadora pelo aceite em ler a minha pesquisa e pelas valiosas contribuições realizadas nos dois exames de qualificação que antecederam a defesa.

Agradecer e abraçar os amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED) pelas discussões promovidas

---

<sup>1</sup> A música *Agradecer e abraçar* faz parte do álbum *Abraçar e agradecer* da cantora e compositora Maria Bethânia que foi lançado em 2016 pela gravadora Biscoito Fino. A música foi composta por Vevé Calazans e Gerônimo.

durante as reuniões do grupo. Esses momentos foram essenciais para que eu pudesse pensar na pesquisa e, mais do que isso, pensar na minha própria constituição enquanto sujeito.

Agradecer e abraçar o Cláudio, a Gláucia, a Michele e a Nathalye pela parceria nesses anos de doutoramento e pelo aceite em participar e contribuir com o meu trabalho por meio da pré-banca de defesa.

Agradecer e abraçar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a presidenta Dilma Rousseff pela criação e ampliação de políticas públicas de acesso e permanência no Ensino Superior. Foi por meio de tais políticas que tive condições de ingressar na graduação pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) e, posteriormente, estudar durante o mestrado com bolsa de estudos da Capes. Esse agradecimento-abraço é extremamente significativo pra mim, pois se essas políticas públicas não tivessem sido criadas talvez eu não estaria aqui hoje defendendo uma tese de doutorado.

Agradecer e abraçar a todos/as os/as professores/as que participaram da minha trajetória escolar: as professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os/as professores/as do Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio, os/as professores/as da minha graduação em Licenciatura em Educação Física no Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM) e os/as professores/as do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vocês me apresentaram o mundo, o saber e me instigaram a ser curioso. Graças a vocês hoje concluo essa importante etapa da minha formação acadêmica e, também, formação enquanto sujeito.

E por fim, agradecer e abraçar a vida e o universo pelas experiências, alegrias e desafios que me trouxeram aprendizados e me fizeram mais forte.

*Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema*

*Presente eu fui levar*

*E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi)*

*Me molhei no mar (e nada pedi) só agradeçi!*

*(Agradecer e abraçar – Maria Bethânia)*

Experiência – ato de vivenciar a realidade,  
abrir-se ao novo, transformando a si mesmo  
em interação com o experimento.  
Viver é praticar, experimentar a vida.  
Criamos a vida.  
Praticamos a vida.  
Experiências transformam pessoas.  
(MONJA COEN ROSHI, 2019, p. 93)

No momento em que nos permitimos ser,  
finalmente ficamos em paz com nós mesmos.  
Lembre-se de que só podemos ser nós mesmos.  
Quando nos aceitamos,  
os outros começam a nos aceitar também.  
(MONGE HAEMIN SUNIM, 2019, p. 262)

## RESUMO

Este estudo analisou as pedagogias veiculadas e disseminadas pela revista *Junior* (2007-2015) direcionadas aos sujeitos homossexuais masculinos. Para tanto, foram utilizadas como fonte da pesquisa as 66 edições da revista que foram publicadas durante o seu período de circulação no Brasil. A questão central que organizou esta tese foi: Quais os discursos acerca dos corpos, dos sujeitos e das masculinidades homossexuais veiculados pela revista *Junior*? A revista *Junior* foi um periódico que teve como público alvo os sujeitos homossexuais masculinos jovens, brancos, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. Em seu conteúdo a *Junior* buscou oferecer ao leitor matérias e reportagens que investiam na produção corporal, sobretudo, em um modelo de corpo atlético, que faz uso de cosméticos e procedimentos médicos em nome de um padrão de beleza, que se preocupa com a saúde e com o bem-estar. A revista também investiu na veiculação de saberes acerca das (homo)sexualidades, levando ao leitor inquietações que ela acreditava ser do seu interesse como a constituição de si enquanto sujeito homossexual masculino, a relação com o amor e com a busca de parceiros afetivo-sexuais, a emergência da internet e a sua implicação para as (homo)sexualidades, a prevenção e a convivência com o HIV e a luta contra a homofobia por direitos pelos sujeitos homossexuais. Para este estudo inspirei-me na perspectiva pós-estruturalista que me fez pensar nos modos como nos tornamos sujeitos, como nos constituímos em meio aos jogos de verdade e, sobretudo, como nos relacionamos com os processos educativos. Assim, assumi que os artefatos culturais, como a revista *Junior*, são instâncias educativas que apontam para modos de ser e estar no mundo e, mais do que isso, propõem formas de os sujeitos se relacionarem com os outros e consigo mesmos a partir de seus corpos e de suas experiências. Nesse sentido, a *Junior* investiu fortemente na educação do seu público específico, disseminando modos de ser homem e de vivenciar a homossexualidade masculina. A cada edição publicada a revista levava aos leitores saberes que circulavam acerca desse modelo de homossexualidade e os divulgava por meio de suas reportagens, imagens e publicidades. Desse modo, a revista foi estabelecendo no decorrer de suas edições o padrão *Junior* de sujeito homossexual masculino, aquele dotado de corpo atlético, preocupado com os cuidados médicos e cosméticos, com condições financeiras para arcar com tais cuidados e com uma vida social intensa marcada pela presença em festas e boates, além de uma vida sexual ativa. Esse padrão *Junior* de sujeito foi veiculado e disseminado durante os quase oito anos de circulação da revista, oferecendo aos leitores todos esses saberes para atingirem tal padrão, levando-os a produzirem um corpo que também poderia ser desejado, assim como os corpos dos modelos estampados nas páginas da revista.

Palavras-chave: Educação. Produção corporal. (Homo)sexualidades. Masculinidades homossexuais.

## **ABSTRACT**

This study analyzed the pedagogies conveyed and disseminated by Junior magazine (2007-2015) to male homosexual subjects. For this purpose, the 66 editions of the magazine that were published during its circulation period in Brazil were used as research source. The central question that organized this thesis was: What are the discourses about homosexual bodies, subjects and masculinities published by Junior magazine? Junior magazine was a journal whose target audience was young, white, middle-class male homosexual subjects from a certain south-central Brazilian region. In its content Junior sought to offer readers articles and reports that invested in body production, especially in an athletic body model, which uses cosmetics and medical procedures in the name of a beauty standard, which is concerned with health and with well being. The magazine also invested in the dissemination of knowledge about homosexualities, leading the reader with concerns that she believed to be of interest to her as the constitution of herself as a male homosexual subject, the relationship with love and the search for affective sexual partners, the emergence of internet and its implication for homosexuality, prevention and living with HIV and the fight against homophobia for rights by homosexual subjects. For this study I was inspired by the poststructuralist perspective that made me think about the ways in which we become subjects, how we are constituted in the midst of the games of truth and, above all, how we relate to the educational processes. Thus, I assumed that cultural artifacts, such as Junior magazine, are educational instances that point to ways of being and being in the world and, moreover, propose ways for subjects to relate to others and to themselves from their own bodies and their experiences. In this sense, Junior invested heavily in the education of its specific audience, disseminating ways of being male and experiencing male homosexuality. With each issue published, the magazine brought readers knowledge about this model of homosexuality and disseminated it through its reports, images and advertisements. Thus, the magazine was establishing throughout its editions the Junior standard of male homosexual subject, the one endowed with athletic body, concerned with medical care and cosmetics, with financial conditions to afford such care and an intense social life marked by presence at parties and nightclubs, as well as an active sex life. This Junior subject pattern has been carried and disseminated throughout the magazine's nearly eight years of circulation, offering readers all this knowledge to achieve such a standard, leading them to produce a body that could also be desired, as well as the bodies of patterned models on the pages of the magazine.

Keywords: Education. Body production. Homosexualities. Homosexual masculinities.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Capa da edição número 19 da revista <i>Junior</i> .....	29
Figura 2 – Capa da primeira edição da revista <i>Junior</i> .....	32
Figura 3 – Capa da edição número 16 da revista <i>Junior</i> com Fernanda Young .....	35
Figura 4 – Capa da edição número 16 da revista <i>Junior</i> com Bernardo Velasco .....	35
Figura 5 – Capa da edição número 66 da revista <i>Junior</i> .....	36
Figura 6 – Foto do ensaio com o ator Colby Keller .....	36
Figura 7 - Capa da edição número 45 da revista <i>Junior</i> .....	44
Figura 8 - Capa da edição número 46 da revista <i>Junior</i> .....	44
Figura 9 - Capa da edição número 47 da revista <i>Junior</i> .....	45
Figura 10 - Capa da edição número 48 da revista <i>Junior</i> .....	45
Figura 11 - Capa da edição número 49 da revista <i>Junior</i> .....	45
Figura 12 - Capa da edição número 12 da revista <i>Junior</i> .....	45
Figura 13 – Capa da primeira edição da revista <i>H Magazine</i> .....	47
Figura 14 - Capa da edição número 57 da revista <i>Junior</i> .....	49
Figura 15 - Capa da edição número 4 da revista <i>O Snob</i> .....	92
Figura 16 - Capa da edição número zero de <i>Lampião da Esquina</i> .....	97
Figura 17 - Capa da edição número 6 da revista <i>Sui Generis</i> .....	102
Figura 18 - Capa da edição número 99 da revista <i>G Magazine</i> .....	105
Figura 19 - Capa da edição número 4 da revista <i>DOM</i> .....	107
Figura 20 - Capa da primeira edição da revista <i>Aimé</i> .....	107
Figura 21 - Capa da edição número 11 de <i>Chana com chana</i> .....	109
Figura 22 - Anúncio de procedimento cosmédico presente na revista <i>Junior</i> .....	112
Figura 23 - Anúncio de artigos eróticos presente na revista <i>Junior</i> .....	112
Figura 24 – Anúncio de sauna presente na revista <i>Junior</i> .....	112
Figura 25 - Anúncio de festa presente na revista <i>Junior</i> .....	112
Figura 26 - Capa da primeira edição da revista <i>Junior</i> .....	120
Figura 27 - Frankenstein dos sonhos .....	126

Figura 28 - Capa da edição número 49 da revista <i>Junior</i> .....	128
Figura 29 - Publicidade de cosméticos na revista <i>Junior</i> .....	139
Figura 30 - Capa da edição número 45 da revista <i>Junior</i> .....	206
Figura 31 - Capa da edição número 48 da revista <i>Junior</i> .....	206
Figura 32 - Apresentadora Astrid Fontenelle na edição número 18 da revista <i>Junior</i> .....	210
Figura 33 - Apresentador Cazé Peçanha na edição número 19 da revista <i>Junior</i> .....	210
Figura 34 - Capa da edição número 47 da revista <i>Junior</i> .....	223
Figura 35 - Imagem de corpo masculino na revista <i>Junior</i> .....	230
Figura 36 - Imagem de corpo masculino na revista <i>Junior</i> .....	230
Figura 37 - Imagem de corpo masculino na revista <i>Junior</i> .....	230
Figura 38 - Imagem de corpo masculino na revista <i>Junior</i> .....	230
Figura 39 - Ator Rafael Cardoso na edição número 14 da revista <i>Junior</i> .....	233
Figura 40 - Repórter de TV Franklin David na edição número 30 da revista <i>Junior</i> .....	233
Figura 41 - Ator pornô gay Harry Louis na edição número 52 da revista <i>Junior</i> .....	233
Figura 42 - Apresentador de TV Pedro Andrade na edição número 19 da revista <i>Junior</i> .....	233
Figura 43 - Exemplo de cuidado cosmédico nas páginas da revista <i>Junior</i> ..	234
Figura 44 - Exemplo de cuidado cosmédico nas páginas da revista <i>Junior</i> ..	234
Figura 45 - Modelo Beto Malfacini na edição número 49 da revista <i>Junior</i> ..	236
Figura 46 - Capa da revista <i>Men's Health</i> de março de 2017 .....	236
Figura 47 - Imagem da página 54 da edição número 21 da revista <i>Junior</i> ....	241
Figura 48 - Capa da edição número 12 da revista <i>Junior</i> .....	244
Figura 49 - Capa da edição número 50 da revista <i>Junior</i> .....	244
Figura 50 - Capa da edição número 29 da revista <i>Junior</i> .....	245
Figura 51 - Capa da edição número 54 da revista <i>Junior</i> .....	245
Figura 52 - Capa da edição número 48 da revista <i>Junior</i> .....	245
Figura 53 - Capa da edição número 45 da revista <i>Junior</i> .....	245
Figura 54 - Capa da edição número 13 da revista <i>Junior</i> .....	246

Figura 55 - Capa da edição número 56 da revista <i>Junior</i> .....	246
Figura 56 - Publicidade na página 95 da edição número 21 da revista <i>Junior</i> .....	251
Figura 57 - Publicidade na página 7 da edição número 32 da revista <i>Junior</i>	251
Figura 58 - Publicidades na página 53 da edição número 32 da revista <i>Junior</i> .....	253

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Datas de publicação de todas as edições da revista <i>Junior</i> .....	64
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBM	Centro Cultural Bernardo Mascarenhas
CDHM	Comissão de Direitos Humanos e Minorias
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNCD	Conselho Nacional de Combate à Discriminação
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNPCP	Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
GALF	Grupo de Ação Lésbico-Feminista
GESED	Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
LGBTQI+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgêneros, <i>queer</i> , intersexo e demais sexualidades não-heterossexuais
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgêneros
MGM	Movimento Gay de Minas
ONGs	Organizações Não Governamentais
PDL	Projeto de Decreto Legislativo
PEC	Projeto de Emenda Constitucional
PLC	Projeto de Lei da Câmara
ProUni	Programa Universidade para Todos
STF	Supremo Tribunal Federal
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIFEMM	Centro Universitário de Sete Lagoas

## SUMÁRIO

PRELIMINARES .....	19
1. O ENCONTRO COM A REVISTA <i>JUNIOR</i> .....	26
1.1 A fonte de pesquisa: Apresentando a revista <i>Junior</i> .....	31
1.2 Uma revista dentro de outra revista: a <i>H Magazine</i> .....	46
1.3 Por que pesquisar a revista <i>Junior</i> ? Justificando a temática .....	49
1.4 Questão e objetivos da pesquisa .....	50
1.5 Revista <i>Junior</i> , História e Educação .....	52
2. “NÃO VAI A LUGAR NENHUM”: CONHECER, PESQUISAR E OPERAR POR CAMINHOS INCERTOS .....	55
2.1 Composição metodológica .....	60
3. ENCONTRANDO DIFERENTES MODOS DE PESQUISAR EM REVISTAS: UM EXERCÍCIO DE BUSCA EM PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS .....	71
3.1 Pesquisa nos periódicos .....	72
3.2 Contribuições da pesquisa nas publicações científicas para a pesquisa na <i>Junior</i> .....	84
4. CAMINHOS DA IMPRENSA GAY NO BRASIL: SABERES, RESISTÊNCIAS E PROCESSOS EDUCATIVOS .....	87
4.1 <i>O Snob</i> .....	90
4.2 <i>O Lampião da Esquina</i> .....	94
4.3 <i>Sui Generis</i> .....	99
4.4 <i>G Magazine</i> .....	103
4.5 Outras publicações gays dos anos de 1990 e 2000 .....	106
4.6 A imprensa lésbica .....	107
4.7 Para onde vai a imprensa gay? .....	111
5. “EM BUSCA DA BELEZA DO IMPERFEITO”: CORPO E PRODUÇÃO CORPORAL NA REVISTA <i>JUNIOR</i> .....	115
5.1 “Verdadeira beleza”: Discursos sobre corpos belos, feios, magros, obesos .....	119
5.2 “Corpo perfeito”: Esporte e cultura <i>fitness</i> .....	141
5.3 “Viva bem”: Ensinaamentos sobre saúde e bem-estar .....	148
5.4 O que pode um corpo? .....	155

6. “EU GOSTO DE DOMINAR E SER DOMINADO”: MASCULINIDADES, AMOR E (HOMO)SEXUALIDADES NA <i>JUNIOR</i> .....	157
6.1 “O que interessa é sermos fieis a nós mesmos!”: Mais do que masculinidades, masculinidades homossexuais .....	158
6.2 “Cadê minha tampa? A panela existe, mas e a tampa?”: A idealização do amor romântico .....	176
6.3 “Não sabia bem o que aquilo significava”: Constituindo (homo)sexualidades .....	184
6.4 “Quer contar para a família que é gay e não sabe como?”: A <i>Junior</i> fora do “armário” .....	191
6.5 “É preciso saber o papo certo pro gato não te bloquear!”: Uma revista conectada à internet .....	194
6.6 “Todos os casos positivos serão tratados”: Discursos sobre a AIDS na <i>Junior</i> .....	198
6.7 “Quem ainda se choca ao ver dois homens se beijando?”: A constante luta pelos direitos sexuais .....	204
6.8 “Curar o quê?”: Violências LGBTQIfóbicas, criminalização da LGBTQIfobia e “cura gay” .....	217
7. IMAGENS QUE EDUCAM: CULTURA VISUAL E MODOS DE ENDEREÇAMENTO NA REVISTA <i>JUNIOR</i> .....	226
7.1 Corpo e imagem na revista <i>Junior</i> : um diálogo com a cultura visual .....	227
7.2 As imagens do corpo de classe média: endereçamentos .....	237
7.3 As capas da revista <i>Junior</i> : conquistando o público .....	243
7.4 As imagens publicitárias na revista <i>Junior</i> .....	249
CONSIDERAÇÕES [LONGE DE SEREM] FINAIS .....	256
REFERÊNCIAS .....	264
TRILHA SONORA DA TESE .....	281

## PRELIMINARES

*Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão  
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar*

*Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar  
E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo  
Estava fora de lugar, eu vivo pra consertar*

*Na boiada já fui boi, mas um dia me montei  
Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse  
Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade  
Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu*

*Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte  
Muito gado, muita gente, pela vida segurei  
Seguia como num sonho, e boiadeiro era um Rei  
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo  
E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando  
As visões se clareando, até que um dia acordei [...]*

*(Disparada<sup>2</sup> - Escrita por Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada por Jair Rodrigues)*

A letra da música *Disparada* abre esta tese, pois ela possui para mim muitos significados que dizem da minha trajetória enquanto sujeito e pesquisador. Primeiramente diz do lugar de onde venho: o sertão. Lugar de muitas lutas e superações, mas também um lugar de muitas bonitezas, afetos e de sujeitos, que apesar das adversidades, são felizes e tem orgulho de sua terra. *Disparada* também me faz lembrar e me aproxima da minha pesquisa de mestrado (FRANÇA, 2014). Nela, o sertão se fez presente por meio do diálogo que estabeleci com Guimarães Rosa (2001) e o seu *Grande Sertão: Veredas* durante todo o texto da dissertação. Por fim, *Disparada* diz *dos sonhos que fui sonhando* ao mergulhar no meio acadêmico e de ir me constituindo enquanto pesquisador. Algo até então impensado e inédito no meu contexto familiar. Diz das experiências boas e potentes que atravessaram o meu olhar, me fizeram dar um passo atrás,

---

<sup>2</sup> *Disparada* é uma música escrita por Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada por Jair Rodrigues, acompanhado do Trio Maraiá e do Trio Novo. Foi uma das principais composições da época dos festivais de música popular brasileira. *Disparada* foi a vencedora do Festival de Música Popular Brasileira em 1966, dividindo o primeiro lugar com *A Banda* de Chico Buarque de Holanda.

provocaram o meu pensamento e fizeram com que eu me tornasse outro de mim mesmo, assumindo a minha provisoriedade enquanto sujeito em constante transformação. Mas *Disparada* também me conduz a pensar no quanto essa trajetória foi marcada por momentos não tão bons, que doeram, deixaram marcas, colocaram a prova a minha saúde mental e exemplificaram os desafios de se fazer pesquisa em nosso país nos últimos anos<sup>3</sup>. No entanto, tais momentos, apesar de difíceis, me aproximaram de um encontro comigo mesmo, o que tem me feito mais forte e seguro para seguir adiante frente ao contexto político-ideológico atual que desafia o meio acadêmico e as nossas existências.

Inspiro-me, para a escrita desta tese, na obra *Pornotopia*, de autoria de Paul B. Preciado (2010). Em *Pornotopia*, Paul B. Preciado debruça-se em explorar a ideia de homem heterossexual, jovem, consumista e desejoso em ver a nudez do corpo feminino veiculada e disseminada pela revista *Playboy*<sup>4</sup> estadunidense. Paul B. Preciado, em suas análises, ainda denuncia o ineditismo da relação entre imagem, prazer, desejo, publicidade, privacidade e produção de subjetividade inaugurada a partir do surgimento e publicação da *Playboy*. Tais questões me conduzem a pensar nas aproximações e semelhanças entre a *Playboy* e a *Junior*. Apesar de serem revistas que iniciaram suas publicações em períodos distintos e terem públicos diferentes, ambas investiram em algo em comum: a veiculação e disseminação de modos de ser e estar no mundo para os sujeitos heterossexuais

---

<sup>3</sup> Dentre esses desafios destaco os cortes nos investimentos em pesquisa e educação realizados pelo governo federal, sobretudo, a partir do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff (2015-2016). Tais cortes foram aumentando ao longo do governo do presidente Michel Temer (2016-2018) e, atualmente, tem se intensificado no governo do presidente Jair Bolsonaro. Como consequências diretas desses cortes temos a suspensão de bolsas de estudo e pesquisa, redução do horário de funcionamento ou fechamento de laboratórios de pesquisa e a escassez de verba dos Programas de Pós-Graduação para fomentar a ida de seus/suas pesquisadores/as a eventos de divulgação científica. É importante destacar que essa redução no investimento em educação, ciência e tecnologia também tem acontecido nas esferas estaduais e municipais. No Estado de Minas Gerais, por exemplo, a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) vem atrasando o pagamento e suspendendo bolsas de estudos e repasses para o desenvolvimento de pesquisas.

<sup>4</sup> A revista *Playboy* é publicada nos Estados Unidos desde o ano de 1953 e foi fundada por Hugh Hefner. Publicada mensalmente, a revista *Playboy* estadunidense traz como conteúdo entrevistas, matérias sobre questões diversas direcionadas aos homens heterossexuais e ensaios com modelos nus. No Brasil, a *Playboy* foi publicada entre 1975 e 2015 pela editora Abril e entre 2016 e 2017 pela PBB Entertainment.

masculinos, no caso da *Playboy*, e para os homossexuais masculinos, no caso da *Junior*.

*Pornotopia* também me provoca a pensar a centralidade do corpo e a sua potencialidade imagética em provocar o desejo e querer o corpo reiterado nas páginas das revistas para si mesmo. No caso da *Playboy* há um desejo sexual pelo corpo feminino. Já na *Junior*, além do desejo sexual pelos corpos dos modelos estampados nas páginas da revista há também um desejo que passa pela produção de si, ou seja, de querer reproduzir aquele corpo em si mesmo ou chegar o mais próximo possível disso. Nessa perspectiva, apostando no diálogo com Paul B. Preciado, suas ideias serão retomadas no decorrer do texto desta tese, em seus diferentes capítulos.

A escrita desta tese está organizada na primeira pessoa do singular e isso é proposital. Para mim, escrever na primeira pessoa do singular, assumindo-me enquanto sujeito e autor do que está escrito, é um posicionamento político que me deixa a vontade para expor ideias, estabelecer diálogos com outros/as autores/as e produzir conhecimento. Para tanto, inspiro-me na escrita de Marlucy Alves Paraíso (2007) que também se posiciona em seus textos e busca mostrar, descrever, discutir, focalizar, sugerir, sustentar, explorar e afirmar questões acerca de sua pesquisa com a mídia educativa brasileira. Todos esses verbos destacados anteriormente constituem a esta tese e denunciam as problematizações que são trabalhadas a cada capítulo.

Outra fonte de inspiração para a construção deste texto são as músicas. Portanto, não se surpreenda – leitor e leitora - se durante a leitura você se pegar cantando algumas delas! Elas estão presentes ao longo da tese, dizem do meu gosto musical pessoal e do processo de escrita, pois acabaram me embalando nesses anos de doutorado e nos meus momentos de descanso e relaxamento. No entanto, as músicas não estão presentes aqui no texto aleatoriamente. A partir do meu olhar, entendo que cada uma delas está presente para somar à discussão proposta em cada capítulo, pois a partir delas começo a problematizar as temáticas em questão. Ou seja, as músicas são as portas de entrada para as discussões que serão levantadas acerca da *Junior*.

Esta tese está organizada em sete capítulos que apresentarei a seguir.

No primeiro capítulo, faço uma narrativa do meu encontro com a *Junior* e como ela passou a ser vista como potencial campo de pesquisa. Faço também uma apresentação da revista, destacando o contexto de seu surgimento, sua história e seu foco editorial. Ainda neste capítulo destaco a existência da *H Magazine* que, posteriormente, deixaria de circular enquanto revista e passaria a compor o conjunto editorial da *Junior*. Apresento também a importância de se pesquisar a *Junior*, sobretudo, quando pensamos no seu potencial educativo. E por fim, destaco a questão central que mobiliza a pesquisa, seus objetivos e a relação entre a *Junior*, sua trajetória histórica e a Educação.

Em seguida, no segundo capítulo, trago os caminhos metodológicos que fui percorrendo ao longo da pesquisa, evidenciando o meu encontro com as perspectivas pós-críticas de pesquisa, sobretudo, com a perspectiva pós-estruturalista e com os estudos foucaultianos. Neste capítulo, mostro também como fui me organizando para realizar a pesquisa na *Junior* desde o processo de aquisição dos exemplares da revista, passando pela leitura e estudo de cada edição até chegar na organização dos recortes temáticos a serem explorados na escrita desta tese.

No terceiro capítulo, apresento uma revisão de literatura produzida inicialmente como requisito avaliativo em uma disciplina do doutorado e que, posteriormente, foi sendo ampliada com a inclusão de mais pesquisas sobre revistas. Essa revisão de literatura foi realizada em periódicos científicos e anais de eventos nas áreas de Educação e Educação Física e contou também com a inclusão de algumas teses e dissertações que tiveram as revistas como objetos de estudo. Destaco que alguns desses trabalhos encontrados durante o processo de revisão de literatura serviram de referência para a produção desta tese, pois a partir de suas leituras pude pensar em caminhos e diálogos com a pesquisa com a *Junior*. Por isso é possível encontrar alguns/algumas desses/as autores/as durante as problematizações provocadas no texto.

Na sequência, trago o quarto capítulo, que se propõe a discutir a emergência da imprensa gay no Brasil e a sua trajetória até os dias atuais. Para tanto, destaco publicações que foram importantes para o crescimento e estabelecimento da imprensa voltada para os homossexuais tais como os jornais *O Snob* e *O Lampião*

da *Esquina*, as revistas *Sui Generis* e *G Magazine*, além de outras revistas direcionadas ao público homossexual masculino publicadas entre as décadas de 1990 e 2000 e a imprensa lésbica. Esse exercício de conhecer e problematizar a imprensa gay no Brasil foi importante para compreender os modos como os sujeitos não heterossexuais foram se organizando para publicarem materiais que fossem de seu interesse e fossem representativos para seus grupos até chegarmos às publicações dos anos 2000 e à revista *Junior*, que é o campo de investigação desta tese.

A organização do quinto capítulo se dá a partir de três eixos de discussão sobre o corpo na revista *Junior*. Essa divisão em três eixos foi realizada para melhor discutir e explorar a temática, porém, destaco que há uma articulação entre eles que visa a construção de um corpo baseado em um padrão de beleza desejada. O primeiro eixo é dedicado a problematizar o corpo belo que aparece na revista, destacando a concepção de corpo e beleza ideais difundidas pela *Junior* e suas possíveis implicações nas vidas dos sujeitos leitores. Em seguida, aponto como o esporte e o universo *fitness*<sup>5</sup> são tomados pela revista enquanto elementos fundamentais para a produção corporal. E por fim, coloco em discussão a temática da saúde e do bem-estar, buscando dar ênfase aos investimentos feitos pela revista *Junior* em prol de um corpo saudável.

Organizo o sexto capítulo discutindo primeiramente sobre as masculinidades, pensando que elas são (re)construídas historicamente por nossa sociedade e que a *Junior* vai investindo na problematização de um tipo específico de masculinidade: a masculinidade homossexual branca, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. Em seguida discuto o amor e a idealização de amor romântico feito pela revista, que leva para a homossexualidade comportamentos e desejos comumente vividos na heterossexualidade. Na sequência dedico-me a abordar como a temática das (homo)sexualidades vai aparecendo na revista e vai apontando que a sexualidade é um processo que vai sendo construído pelos sujeitos ao longo de suas existências por meio de seus desejos. Trago também para a discussão as matérias publicadas na *Junior* sobre a questão do “armário” e o ato de assumir-me enquanto sujeito de

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para fazer referência à boa forma e condicionamento físico.

uma identidade sexual não heterossexual, mostrando que não existe receita para esse ato e que ele é particular a cada um. A emergência da internet e seus desdobramentos para as vivências homossexuais é destacada e problematizada pela revista, apontando que essa tecnologia proporcionou novas possibilidades de busca de parceiros. Abordo também a AIDS e os encaminhamentos que a revista faz sobre essa temática para os seus leitores. Em seguida proponho a discussão sobre os direitos para os sujeitos LGBTQI+<sup>6</sup> abordados pela *Junior*, pensando, sobretudo, no direito ao casamento, direito à adoção de filhos/as e o direito à expressão da (homo)sexualidade. Por fim, destaco a questão das violências LGBTQIfóbicas, criminalização da LGBTQIfobia e “cura gay”, no sentido de problematizar essas temáticas a partir das denúncias feitas pela revista *Junior*.

No sétimo e último capítulo trago para a problematização as imagens presentes na revista *Junior*. Inicialmente abordo as imagens corporais na revista, fazendo uma articulação com o campo da Cultura Visual. Em seguida coloco em questão as imagens do corpo de classe média endereçadas aos leitores, dialogando, sobretudo, com a teoria dos modos de endereçamento estudada por Elisabeth Ellsworth (2001). Depois, faço uma abordagem sobre as capas da revista e o seu poder de seduzir e conquistar os leitores nas bancas. E por fim, discuto a presença das imagens publicitárias na *Junior* e como elas investem em um tipo de sujeito homossexual, produzindo saberes sobre as homossexualidades masculinas, brancas e de classe média.

Na sequência, apresento as considerações finais da tese, revisitando todo o caminho da pesquisa, o conhecimento produzido, pensando, sobretudo, nos processos educativos presentes na *Junior*, as dificuldades que se apresentaram e o que ainda pode ser explorado e estudado na *Junior* e nas mídias de modo geral.

Por fim, trago a lista de referências que me embasaram teoricamente e dialogaram comigo no processo de escrita deste texto e a trilha sonora que embala a tese, que me fez seguir com *laço firme e braço forte* durante o processo de doutoramento.

---

<sup>6</sup> Sigla utilizada na perspectiva de contemplar as sexualidades que se distanciam do padrão heteronormativo como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, etc.

*Então não pude seguir, valente em lugar tenente  
E dono de gado e gente, porque gado a gente marca  
Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente*

*Se você não concordar, não posso me desculpar  
Não canto pra enganar, vou pegar minha viola  
Vou deixar você de lado, vou cantar noutra lugar*

*Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui Rei  
Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse  
Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu  
Por qualquer coisa de seu, querer mais longe que eu*

*Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo  
E já que um dia montei agora sou cavaleiro  
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei.  
(Disparada - Escrita por Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada por Jair  
Rodrigues)*

## 1. O ENCONTRO COM A REVISTA *JUNIOR*

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA e KOHAN, 2014, p. 5).

Inspirado nas palavras de Jorge Larrosa, Walter Kohan e Foucault, eu também tenho escrito e ensaiado ideias para transformar o que já sei. Ideias que foram surgindo com e a partir das experiências vividas ao longo da minha trajetória escolar, acadêmica, profissional e pessoal. Sendo assim, penso que os projetos de pesquisa também nascem dessas experiências. Experiências que marcam, afetam e atravessam os sujeitos, porque “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2002a, p. 25-26).

*Sabe de uma coisa Seu  
Vou lhe jogar no meu baú  
Vivo e mágico  
Com as coisas boas que tem lá*

*Os meus desenhos herméticos  
As palavras de Dalai Lama  
Quem sabe você adora  
Quem sabe se transformará*

*Meu bauzinho de memória  
Os meus livrinhos de receita  
Quem sabe se sensibiliza  
Quem sabe se transformará [...]*

*(Baú<sup>7</sup> – Vanessa da Mata)*

Neste sentido, posso dizer que fui “tocado” ao encontrar com a revista *Junior* pela primeira vez em agosto de 2010 e te convido a revirar comigo o meu

---

<sup>7</sup> A música *Baú* faz parte do álbum *Sim* da cantora e compositora Vanessa da Mata que foi lançado em 2007 pela gravadora Epic Records. A música foi composta pela própria Vanessa da Mata.

*bauzinho de memória*. Esse “encontro” aconteceu durante uma mesa redonda da *Rainbow Fest 2010*<sup>8</sup>. Naquela época eu ainda era estudante de licenciatura em Educação Física, estava no terceiro ano do curso, e já começava a me envolver e a me fascinar com os estudos sobre as relações de gênero e sexualidades, inclusive participando de um projeto de iniciação científica<sup>9</sup>.

Penso ser importante nesse momento dizer do meu entendimento sobre os gêneros e as sexualidades, pois essas questões permearão a escrita desta tese. Compartilho da ideia de que o gênero tem sido entendido como a condição social por meio da qual os sujeitos se identificam como masculinos, femininos ou com ambos, vivendo próximos das fronteiras de gênero (GOELLNER, 2012). Porém, existem múltiplas masculinidades e feminilidades, já que a produção dos gêneros é uma construção cultural e social que envolve um conjunto de experiências que vão marcando os corpos. Em relação à sexualidade, aproximo-me do conceito tecido por Deborah Britzman, ao dizer que:

A sexualidade não deve ser pensada como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle, ou como um obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir. Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não uma realidade furtiva que é difícil de aprender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço do controle e resistências estão vinculados uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder (2010, p. 101).

Assim, podemos começar a questionar as afirmações que apontam para restrições ao se falar ou vivenciar as sexualidades, pois, tais ideias se distanciam do pensamento de que “a sexualidade é um movimento e de que os corpos viajam” (BRITZMAN, 2010, p. 107). Creio que “a sexualidade não deve ser pensada como

---

<sup>8</sup> Evento organizado anualmente pelo Movimento Gay de Minas (MGM) que acontecia na cidade de Juiz de Fora – MG comemorando a Semana do Orgulho Gay. A edição de 2010 foi composta por debates, palestras, mesas redondas, atividades culturais, concurso Miss Brasil Gay e a Parada Gay. O evento aconteceu entre os dias 11 e 14 de agosto de 2010.

<sup>9</sup> Projeto intitulado *Os professores de Educação Física frente ao bullying homofóbico na escola*. Este projeto foi orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Patrícia Lins Vieira e acabou se transformando em meu trabalho de conclusão de curso na licenciatura em Educação Física, realizada no Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM.

um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle, ou como um obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir” (BRITZMAN, 2010, p. 101), mas sim falar e vivenciar as sexualidades como parte integrante dos processos de constituição de si, que “desperta o prazer no sujeito, à maneira de vivenciar seus desejos e prazeres corporais” (SOUZA, FRANÇA e ANJOS, 2012, p. 219).

Agora, retomando o relato sobre o meu encontro com a revista *Junior*, lembro-me que nos meses que antecederam a *Rainbow Fest*, tomei conhecimento da sua programação e lembro-me que logo me organizei para estar presente, pois as discussões que seriam desenvolvidas ali poderiam me ajudar a pensar na minha questão de pesquisa na graduação a partir do diálogo com os diferentes sujeitos que estariam compondo os debates, as palestras e as mesas redondas.

Particpei de praticamente toda a programação, que acontecia nos turnos da manhã e da tarde no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), localizado no centro da cidade de Juiz de Fora – MG. “Encontrei-me” pela primeira vez com a revista *Junior* em uma das mesas redondas, cujo tema era “Mídias e Sexualidades”. Recordo que a mesa era composta por uma pesquisadora que discutia sobre uma série televisiva estadunidense que abordava as lesbianidades e o outro convidado era o André Fischer, que na época era o diretor da revista *Junior*. As falas de ambos os convidados foram muito provocativas e potentes pra mim. A partir daquela experiência eu pude começar a problematizar as relações de poder existentes entre as mídias, os sujeitos e seus corpos, questões que antes, quase sempre, passavam despercebidas ao meu olhar. Passei a compreender que a mídia participa “efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 153).

Após o momento de discussão, ao final da mesa redonda, o André Fischer tinha levado alguns exemplares da edição atual da *Junior* àquela época para distribuir para as pessoas que estavam presentes.



Figura 1: Edição número 19 da revista *Junior* distribuída por André Fischer após a sua fala em uma mesa redonda no *Rainbow Fest 2010*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição número 19, julho de 2010.

Eu peguei um exemplar da revista distribuída e levei comigo. Chegando em casa, comecei a ler e a pensar a partir de tudo que tinha escutado nas falas dos/das convidados/as das mesas redondas e em tudo que vinha estudando. Discursos, produção corporal, masculinidades, sexualidades... Tudo isso recheava as páginas daquela revista e me inquietava. Bom, por um tempo tive que deixar a revista de lado e me dedicar às prioridades que apareciam durante a graduação. Porém, vez ou outra, a ideia de problematizar a revista me seduzia. No quarto e último ano do meu curso de graduação, eu tive uma disciplina intitulada “Múltiplas Linguagens no Ensino de Educação Física Escolar”. Nessa disciplina, a professora trabalhou um tópico sobre mídia em que ela abordava o papel das revistas na produção de sujeitos, como por exemplo, a revista *Capricho*<sup>10</sup>, que é destinada às adolescentes, e

<sup>10</sup> A revista *Capricho* foi lançada no Brasil em 18 de junho de 1952 pela editora Abril e foi a primeira revista feminina do país. Voltada para o público feminino jovem, a *Capricho* investe nos modos de constituição desse público, associando a sua marca a bens de consumo como maquiagens, fragrâncias, roupas, etc. Circulou com sua versão impressa até

a *Men's Health*<sup>11</sup>, que tem como público alvo os homens jovens que malham. Mais uma vez a revista *Junior* apareceu em minha mente, com suas possibilidades de trabalho e problematização. Problematização enquanto ato de exercitar o pensamento. Michel Foucault nos fala, ao abordar a problematização, que

o pensamento não é o que se apresenta em uma conduta e lhe dá um sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins (2012b, p. 225).

Apesar de começar a tomar a revista *Junior* como objeto de pensamento, ainda não era a hora de dedicar-me a ela. Estava muito envolvido com a conclusão do meu curso e tentando o processo seletivo para o mestrado com uma temática que havia surgido a partir do projeto de iniciação científica que eu participava. Passei no mestrado, mudei de cidade e pesquisei durante dois anos as narrativas e experiências de professores/as homossexuais que atuam na educação básica na cidade de Juiz de Fora – MG (FRANÇA, 2014). Contudo, as revistas continuavam a exercer grande fascínio sobre mim... As minhas passagens por bancas de revistas da cidade eram constantes, um olhar curioso, um olhar desconfiado...

Tive que ir guardando essa vontade não apenas de ler, mas também de escrever sobre a revista *Junior*. Mas isso não interferiu no prazer da leitura a cada nova edição publicada e carinhosamente colecionada. Sentia-me tocado de alguma forma pela *Junior* desde o meu primeiro contato com ela. Suas imagens, reportagens e publicidades me capturavam, apontavam saberes necessários para aquele momento da minha vida enquanto jovem homossexual. Ter acesso à *Junior* significava, de certo modo, uma aproximação com um grupo, significava estar próximo de pessoas e ideias que tinham a homossexualidade como algo em comum. Após o término do mestrado, tive a oportunidade de folhear novamente os

---

junho de 2015. Desde então a revista passou a existir somente no seu portal na internet, sem a versão impressa.

<sup>11</sup> A revista *Men's Health* é uma revista mensal estadunidense, direcionada aos homens e com edições próprias publicadas em diversos países, inclusive no Brasil. O seu conteúdo aborda o universo *fitness*, com grande valorização do corpo atlético, sexualidade, saúde e qualidade de vida. A revista foi lançada em 1987 nos Estados Unidos e no Brasil é publicada pela editora Abril.

exemplares da revista *Junior* que possuía e trazê-las para a escrita dessa tese de doutorado.

### **1.1 A fonte de pesquisa: Apresentando a revista *Junior***

A revista *Junior* chegou ao mercado editorial brasileiro em setembro de 2007, sendo publicada pela *Editora MixBrasil*, pertencente a um grupo de mídia especializado no público homossexual. O grupo *MixBrasil* possuía entre os seus produtos um dos maiores sites dedicados ao público gay da América Latina, o portal *MixBrasil*. Esses dados já me conduzem a alguns questionamentos: Existe um público homossexual? Como esse grupo é composto? O que significa ter uma revista para um público homossexual? Questões que tentarei abordar ao longo deste texto.

O *MixBrasil* surgiu em 1993 como um festival de cinema e vídeo voltado para as temáticas homossexuais inspirado no festival de cinema gay e lésbico de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Em 1995, o *MixBrasil* iniciou suas atividades na internet e chegou a contar com mais de 20 milhões de páginas visualizadas por mês por mais de 800 mil visitantes. O portal *MixBrasil* abrigava ainda os sites da Revista *Junior*, da *H Magazine*, além do evento *Mr. Gay Brasil*<sup>12</sup>.

Em setembro de 2007, o grupo *MixBrasil* levou para o jornalismo impresso a experiência com o mercado gay obtida por meio da internet e lançou a revista *Junior*, que buscava ocupar a lacuna deixada pela revista *Sui Generis*<sup>13</sup>. No editorial, o diretor do grupo *MixBrasil*, André Fischer, apresenta a nova publicação como: “assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informação para fazer pensar e entreter” (JUNIOR, edição 1, 2007, p. 11).

Apesar da negativa de André Fischer, o surgimento da revista já é por si só um ato militante que oferece representatividade para as homossexualidades masculinas nas bancas de revista. A sua existência é militante também no sentido de mesclar entretenimento e informação ao homem gay contemporâneo, educando

---

<sup>12</sup> Dados retirados de <<http://mixbrasil.xpg.uol.com.br/mix/anuncie>>, acesso em 23 de maio de 2015.

<sup>13</sup> Primeira revista não pornográfica destinada ao público gay brasileiro. Circulou entre os anos de 1995 e 2000.

este público, com destaque para as reportagens sobre comportamento, tendências da moda saúde e bem-estar, produzindo saberes sobre as homossexualidades e sobre os modos de sermos, estarmos e nos constituirmos no mundo. Esses exemplos demonstram processos educativos que vão além dos muros da escola. Nesse sentido, assumo que os processos de (des)subjetivação se dão em diferentes instâncias, dentre elas as revistas, uma vez que são “processos que envolvem saberes, poderes e ação de uns sobre os outros, e de nós sobre nós mesmos, enfim, processos educativos” (FERRARI e CASTRO, 2012, p. 16).

A *Junior* também pretendia ser a revista que o homem gay poderia ler e carregar sem maiores “constrangimentos”, já que não há dentre suas imagens fotos de nu que mostrem os órgãos genitais dos modelos. Na época do lançamento de *Junior*, apenas a revista *G Magazine*<sup>14</sup>, que tinha circulação em todo o território nacional, era muito focada na nudez total dos modelos.



Figura 2: Capa da primeira edição da revista *Junior*.  
Fonte: Revista Junior, edição número 1, setembro de 2007.

<sup>14</sup> A revista *G Magazine* foi publicada entre os anos de 1997 a 2013 e será discutida posteriormente.

Em entrevista à *Revista Imprensa*<sup>15</sup>, André Fischer também declarou que a *Junior* “é uma revista basicamente de homem bonito” e destacou que, apesar do nome, a revista não era para adolescentes. Seu público alvo, segundo André Fischer, é o homossexual com idade “entre 20 e 50 anos”. Ainda de acordo com o diretor da *Junior*, o nome realmente atraiu o público mais jovem, mas seu conteúdo deixa claro que não é somente este o alvo: “Como a *Junior* não tem nus, não há problemas que até os adolescentes a comprem, mas dentro dela há muitos perfis de homossexuais 'maiores', muita informação. O que queremos é dar visibilidade para esse público”.

Apesar de André Fischer fazer um recorte etário entre 20 e 50 anos para o público alvo da *Junior*, quando folheamos as páginas da revista percebemos que suas matérias e publicidades são majoritariamente destinadas aos homossexuais jovens, destinando a eles saberes para a vivência dessa fase da vida. Nesta pesquisa assumo o corte de idade para me referir às juventudes e aos homossexuais jovens que são o público da revista *Junior*. Assim, entendo que a definição das juventudes pelo corte de idade “é um modo de se definir o universo de sujeitos que vivem o tempo da juventude. Este é um critério variável e muda de país para país. Na América Latina vai se estabelecendo o consenso de que os jovens devem ser considerados até os 29 anos<sup>16</sup>” (CARRANO, 2011, p. 8). Mas além do aspecto etário, entendo a importância de se levar em consideração também o que as diferentes culturas entendem por juventude. Nessa perspectiva,

um outro aspecto de distinção desse grupo busca definir a juventude do ponto de vista de suas produções e vivências culturais, mais especificamente denominadas culturas juvenis. A cultura, nessa perspectiva, atua como forma de aglutinar os grupos, em torno de elementos culturais específicos como a música, o estilo de vestir-se, o modo de comunicar-se e portar-se, entre outros (SALES e PARAÍSO, 2010, p. 226).

---

<sup>15</sup> Disponível em:

<[http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/12684/e+normal+que+sejamos+comparados+com+a+icapricho+i+diz+editor+da+revista+ijunior+i](http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/12684/e+normal+que+sejamos+comparados+com+a+icapricho+i+diz+editor+da+revista+ijunior+i)>, acesso em 23 de maio de 2015.

<sup>16</sup> O Congresso Nacional Brasileiro, em 13 de julho de 2010, aprovou a PEC (Projeto de Emenda Constitucional) 42/2008, a chamada PEC da Juventude, que insere na Constituição o termo “juventude” e estabelece a faixa etária de 15 a 29 anos para essa população. Sobre a PEC da Juventude consultar: <[www.juventude.gov.br](http://www.juventude.gov.br)>.

A *Junior* diz dessas culturas juvenis. Culturas que vão se produzindo junto com as (homo)sexualidades, constituindo vivências e descobrindo diferentes modos de estar no mundo enquanto jovem homossexual.

Nessa mesma entrevista, André Fischer conta que se inspirou em revistas gays consagradas no mercado internacional – como a francesa *Têtu*<sup>17</sup> e a espanhola *Zero*<sup>18</sup> – para conceituar a nova publicação no mercado editorial brasileiro.

A *Junior* foi lançada com a intenção de ser distribuída em todos os estados brasileiros. A primeira edição teve tiragem de 30 mil exemplares e já neste primeiro número esgotou em alguns lugares. O sucesso foi tão grande que, a partir da segunda edição, a revista deixou de ser trimestral para se tornar bimestral. Porém, devido à crise que afetou o mercado editorial de publicações impressas e em virtude da ascensão das mídias digitais, a *Junior* nos últimos meses de existência acabou tendo a sua periodicidade comprometida, com edições novas sendo publicadas a cada três meses, por exemplo. A sua última edição, a edição número 66, foi publicada em junho de 2015.

A *Junior* teve sempre uma foto sensual de um modelo ou, mais raramente, de alguma celebridade na capa. Nos quase oito anos de existência da revista, apenas uma mulher esteve na capa: a escritora, roteirista, apresentadora e atriz Fernanda Young<sup>19</sup>, simpatizante<sup>20</sup> do LGBTQI+. Young foi capa da edição número 16 de *Junior* (abril de 2010, a primeira com periodicidade mensal), que oferecia também outra opção de capa com o modelo Bernardo Velasco.

---

<sup>17</sup> Revista francesa dedicada ao público homossexual. Circulou entre os anos de 1995 e 2015. A sua última edição foi publicada em julho de 2015.

<sup>18</sup> Revista espanhola dedicada ao público homossexual. Começou a circular no ano de 1998 e ainda é publicada mensalmente.

<sup>19</sup> Fernanda Young estampou a capa da edição número 16 da *Junior*, concedendo entrevista e um ensaio fotográfico para a revista. Fernanda Young faleceu no dia 25 de agosto de 2019 em decorrência de uma crise de asma.

<sup>20</sup> Pessoa que, mesmo não pertencendo a um grupo específico, defende as causas pautadas por esse grupo.



Figuras 3 e 4: Capas da edição número 16 da revista *Junior*, com Fernanda Young (esquerda) e o modelo Bernardo Velasco (direita).  
 Fonte: Revista Junior, edição número 16, abril de 2010.

Todos os modelos que ilustraram a capa da revista estavam em ensaios fotográficos sensuais no interior da publicação. Geralmente, esse modelo não era entrevistado, diferença significativa entre a *Junior* e outras revistas consagradas pelo nu, como a extinta *G Magazine*, e até mesmo as voltadas para o público heterossexual masculino, como *Playboy*, *Sexy*<sup>21</sup> e *VIP*<sup>22</sup>. Porém, quando o modelo da capa era um sujeito famoso ou conhecido pelo público homossexual, a revista abria uma exceção e aproveitava para publicar uma breve entrevista junto com as fotos. Esse é o caso, por exemplo, da edição número 66, publicada em junho de 2015, que teve como modelo na capa o ator pornô estadunidense Colby Keller.

<sup>21</sup> A *Sexy* é uma revista dedicada ao público masculino e publica ensaios com modelos nuas. Possui periodicidade mensal e atualmente é publicada pela editora Rickdan Ltda. Sua primeira edição foi publicada em novembro de 1992. No Brasil, a revista *Sexy* foi a maior concorrente da revista *Playboy* enquanto esta ainda era publicada.

<sup>22</sup> A *VIP* é uma revista brasileira voltada para o público masculino e é publicada pela editora Abril desde 1981. Diferencia-se da revista *Playboy* por possuir conteúdo mais jornalístico e ensaios de modelos seminuas em vez de totalmente nuas.



Figuras 5 e 6: Capa da edição número 66 da revista *Junior* com Colby Keller (esquerda) e o ensaio que consta no interior da revista (direita).  
 Fonte: Revista Junior, edição número 66, junho de 2015.

Desde o seu lançamento, no ano de 2007, a *Junior* já teve muitas seções diferentes que rechearam as páginas da revista. Com o passar do tempo, algumas seções foram extintas e outras foram criadas de acordo com o diálogo que foi sendo construído com os leitores. Nas suas últimas edições, a *Junior* já tinha reduzido o seu número de seções<sup>23</sup> e contava com algumas que foram “absorvidas” após a extinção da revista *H Magazine*<sup>24</sup>, como a seção *Homem* que trazia um ensaio fotográfico com algum modelo com mais de 30 anos e a seção *Eu, leitor* que apresentava fotos sensuais de leitores da revista. O número de páginas também foi diminuindo ao longo dos anos. Se em 2007 a edição de estreia da revista tinha 114 páginas, a última edição, a edição 66, possuía 82 páginas.

Apesar das muitas transformações que a revista enfrentou desde a publicação da primeira edição, considero que as suas seções são de grande riqueza para serem problematizadas, a começar pelos títulos. Os títulos de algumas seções fazem referência às homossexualidades masculinas, como a seção “Saladão”, que

<sup>23</sup> Em suas últimas edições a revista *Junior* publicou por volta de 10 seções por edição, sendo que na última edição, a edição número 66, a revista publicou apenas 9 seções. A título de comparação, a edição número 33 da *Junior* possuía 18 seções.

<sup>24</sup> Falarei sobre a revista *H Magazine* mais adiante.

trazia um apanhado geral dos acontecimentos do e no cenário gay centro-sul brasileiro, destacando os últimos fatos políticos e midiáticos sobre as homossexualidades. Temos também o editorial, que era denominado “Preliminares”. Os títulos das seções mencionados anteriormente colocam em questão como que a revista participa da produção e da veiculação de um vocabulário que naturaliza a associação da homossexualidade masculina com as práticas sexuais. Tal associação coloca o fato de ser gay como sinônimo de uma intensa e constante vivência sexual. Esse dado é significativo, pois a revista participa e reforça a produção dessa visão acerca dessa prática que é considerada “comum” aos homens gays. Porém, caracteriza-se como uma visão estereotipada que foi sendo construída e não representativa da totalidade dos sujeitos homossexuais que possuem diferentes modos de se relacionarem com a sexualidade e de se organizarem frente a ela.

Outras seções que podemos encontrar nos sumários da revista *Junior* são:

- “Cinema”, “Teatro” e “Música”: Traziam os lançamentos e estreias desses gêneros voltados ao público homossexual;

- “Mercado”: Publicava matérias sobre produtos e serviços voltados especialmente para o público gay;

- “Entrevista”: Trazia sempre uma conversa com alguma personalidade em evidência no mundo gay. Na edição número 19 da revista, o entrevistado foi o modelo e apresentador Pedro Andrade<sup>25</sup>;

- “Test Drive”: Nesta seção um repórter da revista realizava uma “imersão” em algum ambiente gay (como baladas, saunas e clubes de sexo) e relata a sua experiência;

- “Dossiê”: Publicava reportagens mais aprofundadas sobre temas como direitos dos homossexuais e homofobia. Foi uma das seções mais longevas da revista;

- “Turismo”, “Design”, “Moda”, “Beleza” e “Saúde”: Traziam informações sobre essas temáticas específicas para o público gay;

- “Coverboy” e “Portfólio”: Foram seções que davam maior destaque para a exposição e publicação de imagens de corpos masculinos. A seção “Coverboy”

---

<sup>25</sup> Pedro Andrade é um dos apresentadores do programa *Manhattan Connection* no canal *GloboNews*.

trazia o ensaio fotográfico com o modelo da capa de cada edição e a seção “Portfólio” abordava trabalhos de artistas que exploram a sensualidade e o erotismo masculino em suas obras;

- “Política”: Era uma seção que dava destaque às discussões sobre sexualidades e direitos homossexuais no cenário político nacional e internacional;

- “Cartas”: Essa seção foi destinada aos comentários dos leitores sobre a revista enviados por cartas e correio eletrônico. Nesse espaço a equipe editorial da *Junior* mantinha uma relação direta com o público, respondendo dúvidas, críticas e elogios.

Os exemplos citados acima foram trazidos para demonstrar a amplitude de discursos que a *Junior* acabava explorando. Para a escrita desta tese faço um recorte e foco na articulação que a revista faz entre beleza, saúde, bem-estar, (homo)sexualidades e os investimentos direcionados ao corpo. Tais temáticas não possuem seções específicas e fixas, aparecendo diluídas ao longo da revista.

Muitas outras seções<sup>26</sup> também apareceram no decorrer da história da revista e dizem de determinados momentos históricos que ela viveu. Ao abordar nessas seções temas e conflitos comuns ao público gay, a *Junior* criou uma relação de confiança e intimidade com seus leitores, gerando identificações e a sensação de pertença àquele grupo. Essas relações entre revista e leitor dizem de um modo de educar, de um potencial educativo que a revista tem para quem a lê.

Essa relação de proximidade com os leitores é aprofundada quando a revista tenta estar mais perto e presente junto a seu público por meio de patrocínios a eventos e festas destinadas ao público gay.

As ações de publicidade na revista também merecem um olhar cuidadoso e problematizador. As inserções publicitárias costumam apresentar fotos de homens sem camisa, de sunga ou cueca, possivelmente para atrair o leitor e chamar a sua atenção para o produto anunciado. Esses anúncios e suas imagens demonstram uma concepção de público gay. Uma concepção que me leva a pensar: O que significa ser gay? Quem eu penso que o gay é? Quem eu quero que seja? Questões que dizem de um modo de ser e estar no mundo e dizem dos processos de (des)subjetivação.

---

<sup>26</sup> Seções que falam de festas para o público gay, sexo, militância e luta contra a homofobia, como as seções *Comunidade*, *Comportamento*, *Social* e *Sexo*.

Vemos que nas publicidades da *Junior* e em suas matérias há um endereçamento, um alvo a ser atingido. No caso da revista, um leitor, um provável consumidor dos produtos anunciados. Elizabeth Ellsworth (2001) nos fala desse processo ao abordar os modos de endereçamento presentes nos filmes, explorando a experiência que os sujeitos sentem e produzem ao assisti-los. Podemos pensar nesse endereçamento também na revista *Junior* e nas revistas de modo geral, pois segundo Elizabeth Ellsworth (2001), os artefatos culturais presumem quem são seus públicos, por meio de “pressuposições adicionais sobre a localização dos membros do público no interior da dinâmica de raça, gênero, status social, idade, ideologia, sexualidade, rendimento educacional, geografia” (p. 57).

Quero tomar as publicidades veiculadas na *Junior* e as suas demais reportagens como artefatos culturais que investem na educação dos seus leitores, reforçando ou alterando modos de se relacionar afetivamente, passando pela constituição corporal e de sentimentos, enfim, agindo num processo de ensinar os sujeitos a ser e estar no mundo.

Nos últimos anos tem aumentando os trabalhos sobre a importância dos artefatos culturais e sua relação com os processos educativos, sejam eles escolarizados ou não, como bem demonstra Rosa Fischer (2012) ao defender a televisão como instância pedagógica na cultura contemporânea.

Tal afirmação – ou suposição – sustenta-se em uma série de investigação que vimos fazendo há alguns anos, com o objetivo de delinear algumas modalidades e estratégias de linguagem que constituiriam ou poderiam indicar um *ethos* pedagógico da mídia. (...) um complexo conjunto de estratégias de linguagem, (...) e diretamente relacionadas a modos contemporâneos de constituir sujeitos na cultura (p. 113).

Por isso, considero importante destacar o que são esses artefatos, em que campo conceitual eles nasceram, como vão se estabelecendo como objetos a serem explorados e pesquisados e o investimento que fazem nos sujeitos. Para tanto, é preciso apontar a importância dos Estudos Culturais para a problematização e a abertura do olhar para as diferentes pedagogias que estão ao nosso redor e nos educam a todo momento, pois “a compreensão de que diferentes artefatos da cultura são produtivos na formação dos sujeitos encontrou nos Estudos Culturais e

nas discussões e análises sobre pedagogias culturais fundamentação teórica e empírica pertinente” (COSTA e ANDRADE, 2015a, p. 845). As pedagogias culturais investem para que os aprendizados em nossa sociedade sejam constantes, indo além do espaço e tempo escolar, estando atuantes em diferentes lugares e instâncias da vida, agindo “na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade” (COSTA e ANDRADE, 2015b, p. 61).

Assim, acredito que as pedagogias culturais e “os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações” (JOHNSON, 2006, p. 10) e suas potencialidades enquanto área de produção de conhecimentos. Porém, algumas possíveis definições são apontadas na tentativa de elucidar o que são os Estudos Culturais. Richard Johnson (2006) nos diz que tais estudos “podem ser definidos como uma tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou, ainda, por seus objetos característicos de estudo” (p. 19-20). Para esta tese, o último ponto destacado por Richard Johnson é o que mais me interessa para problematizarmos a potencialidade educativa e de veiculação e disseminação de saberes da revista *Junior*, já que estes não são produzidos pela revista em si, mas sim, pelos sujeitos. Portanto, a revista se apropria de alguns conhecimentos para veiculá-los e disseminá-los entre o seu público alvo, com o intuito de atrair e seduzir o leitor para si.

No Brasil, a partir de meados da década de 1990, visualizamos a aproximação do campo dos Estudos Culturais com a Educação (WORTMANN, COSTA e SILVEIRA, 2015). Tal aproximação aconteceu de forma mais intensa em alguns Programas de Pós-Graduação em Educação da região sul do país, culminando inclusive com a criação de linhas de pesquisa voltadas a investigar as relações entre os Estudos Culturais e a Educação. A existência dessas novas linhas de pesquisa acabou ampliando a curiosidade dos/das pesquisadores/as, levando-os/as além das práticas escolares e pedagógicas desenvolvidas exclusivamente dentro das instituições educacionais, abrindo espaço para o investimento na discussão de pedagogias presentes em outras instâncias culturais, sobretudo, nas mídias.

Inseridos e produzidos culturalmente, podemos dizer que os programas e comerciais de televisão, os filmes, os jornais, as revistas, as músicas, as redes sociais e demais mídias decorrentes da internet constituem-se enquanto artefatos culturais que atravessam a vida contemporânea e agem enquanto pedagogias culturais. Artefatos que criam pedagogias que educam, produzem saberes e conhecimentos sobre nossas vidas, apontam como devemos ser ou nos comportar e do que e de quem devemos gostar.

Nesse sentido, os artefatos culturais, dentre eles a revista *Junior*, agem enquanto dispositivos que atuam na constituição dos sujeitos. Michel Foucault (2012c) nos lembra que um dispositivo “engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. [...] O dito e o não dito são os elementos do dispositivo” (p. 364). Ou seja, o dispositivo é a rede de relações que pode ser estabelecida entre esses elementos, “tem uma função estratégica e está sempre inscrito num jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na mesma medida, condicionam-no” (LÓPEZ, 2011, p. 47).

O conceito de dispositivo trazido por Michel Foucault em sua obra pode ser compreendido como um emaranhado de relações que atravessam o indivíduo e a sociedade. Ele comporta linhas de visibilidade, linhas de enunciação, relações de força, processos de (des)subjetivação e de ruptura que se entrelaçam, se misturam, se modificam e também modificam o dispositivo. Este não é estável, é provisório, pois, está em movimento, em transformação. Tal transformação pode ser exemplificada quando voltamos algumas décadas atrás e tentamos buscar na memória publicações exaltando a multiplicidade sexual. As mídias e seus diferentes artefatos vão aos poucos assimilando as lutas por visibilidade e direitos, sendo pressionados pelos sujeitos e modificando os seus modos de produzir e atingir os diferentes públicos.

Essas relações de poder se manifestam quando estratégias são acopladas ao dispositivo. Essa junção propicia a fabricação de saberes enquanto verdades por meio dos discursos. Assim, podemos observar que “o dispositivo (...) está sempre

inscrito em um jogo de poder” (FOUCAULT, 2012c, p. 367), estando ligado a configurações de saber que dele nascem e o condicionam.

Ainda explorando o conceito de dispositivo proposto por Foucault e indo além dele, considero relevante tomar o dispositivo enquanto instância educativa. Nesse movimento, Jorge Larrosa (1994) se propõe a problematizar o dispositivo como algo pedagógico, que ensina, que subjetiva, que produz um certo movimentar aos sujeitos. Para ele “um dispositivo pedagógico será, então, qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (p. 57). Observando a revista *Junior*, temos um investimento nas mensagens para os sujeitos que a leram. Enquanto dispositivo pedagógico, quais experiências a *Junior* pode ter produzido nos sujeitos? Que estratégias e saberes a revista lançou mão para atingir esse público leitor?

Pensando nessas potencialidades educativas, Rosa Fischer (2002) leva o conceito de dispositivo pedagógico explorado por Jorge Larrosa (1994) para os estudos sobre as mídias e seus artefatos, abrindo caminho para o que ela chamou de dispositivo pedagógico da mídia. Para ela

tratar do “dispositivo pedagógico da mídia” significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais [...], apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação (2002, p. 155).

Entendo que os processos educativos são amplos e extrapolam os muros das instituições educacionais, uma vez que as mídias e seus artefatos assumem lugar de destaque nesses processos. Com os meios de comunicação aprendemos os modos desejáveis de nos constituirmos enquanto sujeitos, assimilando tais modos ou resistindo e criando formas próprias de existência. É nesse sentido que trato a pesquisa a partir da *Junior*, encarando a revista enquanto um dispositivo pedagógico midiático que possui modos específicos de atingir e tocar o público, utilizando-se de textos, imagens e publicidades que provocam e convocam os sujeitos a produzirem algo a partir da experiência lida e/ou vista.

Pensando nesses endereçamentos, podemos problematizar os anúncios publicitários da *Junior*. Os anúncios presentes nas páginas da revista não só exaltam as qualidades do produto que pretendem vender, mas também o associam a um estilo de vida específico, possível de ser alcançado através de sua compra. Os sujeitos homossexuais passam a ser retratados, e também a se retratar, como sofisticados, “antenados” e interessados em experiências como viagens culturais e produtos da moda, além de serem constantemente assediados pela indústria da beleza. Essas ações publicitárias dão pistas de qual seria o público da revista, um grupo idealizado como consumidor e pertencente à classe média.

Em seus estudos sobre a classe média, Maria Alice Nogueira nos aponta que

é forçoso reconhecer que sua definição continua problemática e, até certo ponto, arbitrária, ao menos no que se refere à literatura brasileira, a qual poderia ser descrita como um arco que vai do pólo (mais) material ao pólo (mais) simbólico, conforme se passa do economista – com seu foco no nível de rendimentos e no potencial de consumo –, ao antropólogo – que põe seu zoom nos modos de vida e visões de mundo desse grupo –, passando pela atenção especial dedicada pelos sociólogos a sua inserção na estrutura sócio-ocupacional e no acesso a bens como educação, saúde, habitação etc. Trata-se evidentemente de perspectivas de análise muito diferentes que ganham sentido em referência à questão abordada (2010, p. 215).

Mesmo tendo ideia da dificuldade de fechar em um conceito único acerca do vem a ser a classe média, assumo para a escrita desta pesquisa o viés econômico, tendo em vista que a *Junior* é voltada para um público que tem potencial para adquirir os produtos estampados em suas campanhas publicitárias. Marcelo Neri (2008) destaca que no ano de 2008 a classe média poderia ser compreendida pelos domicílios com renda global entre R\$1.064,00 e R\$4.591,00 que representam o conjunto daqueles que estão fora tanto do grupo dos 16% mais ricos, quanto do grupo dos 32% mais pobres da população. Sabemos que mais de dez anos após esses dados, provavelmente essa renda que aponta uma classificação para a classe média terá mudado. Porém, as características dessa classe social continuam as mesmas, uma vez que a classe média continua sendo um público com rendimentos financeiros que permitem a aquisição de inúmeros bens de consumo, além de procedimentos estéticos, viagens e programas de lazer.

As capas de *Junior* também merecem destaque enquanto objeto de análise. Sempre coloridas, provocantes, chamativas e carregadas de discussões políticas. Elas explicitam o público que querem atingir e trazem para serem problematizados temas que afetam e tocam diretamente o público da revista. Qual o significado disso, se pensarmos que é a revista que está se propondo a isso? O que ela pretende? A quem ela quer falar?

Abaixo, trago a seleção de algumas capas que demonstram essa marca da revista, em que observamos temáticas como o beijo, a travestilidade, a “cura” e o casamento gay, entre outros, que estiveram tão em voga nos últimos anos no Brasil:



Figuras 7 e 8: Capas das edições 45 (esquerda) e 46 (direita) da revista *Junior*.

Fonte: Revista Junior, edição número 45 de novembro de 2012 e edição número 46 de dezembro de 2012.



Figuras 9 e 10: Capas das edições 47 (esquerda) e 48 (direita) da revista *Junior*.  
 Fonte: Revista Junior, edição número 47 de janeiro de 2013 e edição número 48 de fevereiro de 2013.



Figuras 11 e 12: Capas das edições 49 (esquerda) e 12 (direita) da revista *Junior*.  
 Fonte: Revista Junior, edição número 49 de março de 2013 e edição número 12 de agosto de 2009.

As capas, as seções e as discussões promovidas pela *Junior* demonstram a emergência e o destaque que as temáticas relacionadas às homossexualidades têm tomado nos últimos anos, tais como a ‘cura gay’, o casamento e a adoção de crianças. Homossexualidades que se tornam visíveis por meio dos artefatos culturais e midiáticos, criando um mercado de consumo de informações, de saberes, de mercadorias e de produção de sujeitos. Mas afinal, o que é a homossexualidade? Peter Fry e Edward MacRae nos falam que “esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo” (1985, p. 7). E continuam, afirmando que “não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades” (1985, p. 10).

## **1.2 Uma revista dentro de outra revista: a *H Magazine***

A revista *H* foi uma publicação da editora *MixBrasil* que circulou entre os meses de fevereiro de 2012 e junho de 2013, totalizando onze edições publicadas nesse período<sup>27</sup>. A editora *MixBrasil* pensou a *H* para um público específico, um público diferente daquele que já era consumidor de um outro produto de sucesso da editora, a revista *Junior*. O editorial da primeira edição anunciava isso:

Se a *Junior* foi pensada para um leitor jovem – ou que busca informação jovem – conectado com a noite, novas tendências da moda e da cultura pop, a *H* vem preencher a lacuna de informação existente nas bancas e tablets para o homem gay com mais de 30, mais tranquilo e de bem com a vida. [...] Vamos falar sobre o cotidiano e o que move um cara que já sabe o que quer e que já conquistou o seu espaço. Mas que logicamente quer muito mais (*H MAGAZINE*, edição 1, 2012, p. 6).

Assim, a *H* surgiu mirando um público específico, o homem gay com mais de trinta anos de idade, mas pensando também em manter os leitores já conquistados

---

<sup>27</sup> A princípio as publicações da revista *H* eram bimestrais, porém, a partir de fevereiro de 2013, as publicações passaram a ser mensais.

com a *Junior*, na perspectiva de que o público desta revista estaria envelhecendo e buscando leituras de outras vivências e experiências possíveis às homossexualidades masculinas. Tal fato pode ser observado desde sua primeira edição, em que temáticas como fetichismo, HIV, política, moda e turismo, por exemplo, foram trazidas aos leitores, bem como o modelo da capa, um homem mais velho, o “homem de verdade”, que estaria de acordo com a proposta e com o público alvo da publicação.



Figura 13: Capa da revista *H Magazine*, edição número 1 de fevereiro de 2012.

A descontinuidade da *H* ocorreu em junho de 2013, quando a sua última edição foi publicada. Os responsáveis pela revista alegaram que a crise pela qual passava o mercado editorial teria levado as editoras a reverem a manutenção das publicações de seus títulos em circulação. Sendo assim, para garantir a presença, a força e a sobrevivência da *Junior*, foram incorporadas a ela seções bem sucedidas da *H*, tais como a “Homem”, com fotos de modelos com mais de 30 anos de idade; a “Relacionamento”, com matérias sobre namoro, casamento e separação; a seção “Comunidade”, com reportagens sobre diferentes manifestações da

homossexualidade, como, por exemplo, o *crossdressing*<sup>28</sup> e a cultura *bear*<sup>29</sup>; dentre outras<sup>30</sup>. O projeto editorial da revista foi remodelado para abrigar conteúdos mais múltiplos, visando a produção de informações para o público gay com diferentes pontos de vista, posições sociais e geracionais. Porém, a incorporação de algumas seções da *H* pela *Junior* não foi capaz de satisfazer os leitores conquistados pela *H* durante o seu um ano e meio de existência. Mensagens de leitores da *H* que ainda não tinham ficado sabendo da descontinuidade da revista eram enviadas para a editora *MixBrasil* e publicadas nas primeiras edições da *Junior* após o fim da *H*. O posicionamento do leitor abaixo, na edição número 53 da *Junior*, em agosto de 2013, diz um pouco de como os leitores foram pegos de surpresa sobre o encerramento da publicação da *H*:

Sou leitor da *H Magazine* desde o primeiro número, mas há mais de um mês que procuro a publicação nas bancas da cidade do Rio de Janeiro e não a encontro. Gostaria de saber o que aconteceu. A revista saiu de circulação ou o distribuidor não a entregou nas bancas? (JUNIOR, edição 53, 2013, p. 08).

Diante de tantas manifestações saudosas, a editora *MixBrasil* decidiu publicar um caderno lacrado com o conteúdo da *H* dentro da *Junior*. Essa novidade chegou às bancas em dezembro de 2013 a partir da edição número 57 da *Junior*, ou seja, seis meses após a descontinuidade da publicação da *H* e foi assim até a publicação da *Junior* cessar. A cada mês a *H* estava presente novamente dentro da *Junior*, ganhando mais força a cada edição e sobrevivendo dentro de um mercado editorial cada vez mais hostil às publicações impressas.

---

<sup>28</sup> O termo se refere a pessoas que vestem roupas ou usam objetos associados ao gênero oposto ao seu.

<sup>29</sup> Esses sujeitos tendem a ter o corpo peludo e barba. Alguns são muito grandes e pesados, além de projetarem uma forte imagem masculina.

<sup>30</sup> Outras seções da *H* também foram incorporadas à *Junior*, como a “HIV” com discussões sobre prevenção, transmissão e tratamento da AIDS, a “Produtos” sempre trazendo novidades destinadas ao público homossexual masculino, a “Eu leitor” com matérias feitas com a ajuda dos leitores, a “Test drive” com um repórter testando produtos e festas direcionadas aos homossexuais e, por fim, a seção “Comportamento” com reportagens abordando práticas comuns no mundo gay como, por exemplo, a pegação a céu aberto e em local público e o *barebacking* (sexo sem preservativo).



Figura 14: Capa da revista *Junior* com a estreia do caderno lacrado da *H* como parte de seu conteúdo.

Fonte: Revista Junior, edição número 57 de dezembro de 2013.

### 1.3 Por que pesquisar a revista *Junior*? Justificando a temática...

Acredito ser de fundamental importância pesquisar a revista *Junior*, tendo em vista os poucos estudos realizados associando produção corporal, mídia e masculinidades homossexuais com a Educação ou como processos educativos. A revista foi escolhida como fonte de pesquisa de um doutorado em Educação visto que a mídia se revela fonte privilegiada para a compreensão das relações sociais no presente, em especial no que toca à criação e disseminação de estilos de vida, padrões estético-corporais e identidades, dizendo de processos educativos dos sujeitos.

Mas, por que propor um projeto de pesquisa sobre uma revista em um Programa de Pós-Graduação em Educação?

Insisto nessa proposta acreditando na incapacidade de separar a Educação de outras instâncias de produção de conhecimento. Articular uma discussão entre mídia, imagem e Educação me faz pensar em um processo amplo de construção de identidades e, no caso da revista *Junior*, de construção de corpos, de (homo)sexualidades e masculinidades homossexuais. Como processo educativo,

isso significa que aprendemos e ensinamos certos saberes. Nesse sentido, podemos dizer que “o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é produtor de saberes mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou, talvez melhor, o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior dos saberes” (VEIGANETO, 2011, p. 44). Assim, os saberes, os discursos e as imagens presentes na *Junior* apresentaram-se enquanto processos educativos que propagaram verdades e influenciaram na constituição dos sujeitos homossexuais masculinos, subjetivando-os.

Compreendo que a subjetivação é utilizada para designar os processos “heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (ROSE, 2001, p. 36). Nessa perspectiva, a minha preocupação passa pelas estratégias de subjetivação que foram veiculadas e disseminadas pela *Junior* em prol de um modelo de sujeito homossexual masculino, jovem, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. Estratégias essas ligadas ao ato de educar e direcionar condutas, que investem em “programas e estratégias mais ou menos racionalizados para a conduta da conduta” (ROSE, 2001, p. 41). Ou seja, investimentos que dizem de processos educativos presentes na revista *Junior* que disseminaram saberes, educaram e subjetivaram os sujeitos leitores indicando a eles modos de ser e estar no mundo, de lidarem com seus corpos, com as suas (homo)sexualidades e de se relacionarem com o outro.

#### **1.4 Questão e objetivos da pesquisa**

Para pensar na questão e nos objetivos desta pesquisa, tomo como inspiração as palavras de Foucault (1996) quando diz que cada época produz suas verdades e as condições de sua enunciação discursiva. Pretendo analisar os textos e as imagens da revista *Junior* identificando nos discursos os enunciados que sustentam os modos de se vivenciar as masculinidades homossexuais. Foucault (1996) nos diz que são os enunciados que posicionam os sujeitos nos discursos:

Descrever uma formulação de enunciados não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar que posição de sujeito

pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dele (p. 95-96).

Assim, quero trabalhar no interior do discurso, compreender e “estabelecer séries, distinguir o que é pertinente, descrever as relações, definir as unidades enunciativas” e seus significados (FOUCAULT, 1996, p. 07). Analisar um enunciado “consiste em descrever a posição que pode ocupar o indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 1996, p. 109). Foi pensando deste modo que construí a seguinte questão que movimenta esta tese:

***Quais os discursos acerca dos corpos, dos sujeitos e das masculinidades homossexuais veiculados pela revista Junior?***

Ainda a partir desta questão, consigo fazer as seguintes articulações: *Que lugar(es) os discursos da revista Junior dá/dão aos sujeitos? Quais os modos de existência desses discursos e como eles podem influenciar nas existências dos leitores? De que modos e segundo que condições o sujeito homossexual aparece na ordem desses discursos?* Enfim, questões que me inquietam e que me fazem pensar na posição que os sujeitos ocupam na construção dos discursos, na “autoridade” da revista, nos processos de (des)subjetivação, nas resistências...

A partir da questão central de pesquisa, consigo elencar alguns objetivos específicos que se desdobram e estão articulados a ela, tais como:

- Descrever e analisar concepções de corpo, beleza, saúde, bem-estar, masculinidades, homossexualidades e masculinidades homossexuais presentes na revista *Junior*;

- Problematizar os discursos e as imagens veiculados pela revista *Junior* enquanto processos educativos que atuam nos modos de (des)subjetivação dos sujeitos leitores.

A partir da questão central e dos objetivos expostos, penso ser possível uma pesquisa que invista na riqueza política e poética dos textos e das imagens desse dispositivo midiático que é a revista *Junior*.

## **1.5 Revista *Junior*, História e Educação**

Ao comentar sobre a minha pesquisa na revista *Junior* com amigos/as ou em eventos acadêmicos foi recorrente o seguinte questionamento: Por que pesquisar uma revista que já acabou e que não circula mais? Tal indagação foi me conduzindo a investir em possíveis argumentos que sustentem a importância de construção de uma tese de doutorado sobre uma revista que já saiu de circulação. Nesse sentido, fui buscar apoio no conceito de História. Um conceito explorado por Margareth Rago e que aponta que

mesmo com a descoberta de outros recursos documentais, como as imagens trazidas pelo cinema ou pela pintura, é a partir dos textos escritos no passado, ou memorizados no presente, que procuramos descobrir o que se passou, reunindo os fragmentos dispersos que restaram, dando-lhes uma certa forma e buscando seus possíveis sentidos. Construimos, pois, uma trama e uma narrativa do passado a partir das fontes existentes, dos recursos teórico-metodológicos escolhidos e de um olhar, dentre vários outros possíveis, marcado por nossa atualidade, vale dizer, por nossa inserção cultural e social enfim, por nossa própria subjetividade (2011, p. 10).

É nesse sentido que tenho assumido a pesquisa na *Junior*. Atentando-me para “descobrir o que se passou”, “buscando seus possíveis sentidos”, para a partir daí construir narrativas acerca dos corpos, das imagens, da publicidade e das (homo)sexualidades presentes na *Junior*. A História é uma aliada nesse trabalho, uma vez que “estudar história refere-se a como ler e entender o passado e o presente, então me parece importante usar discursos que tenham por grandes preocupações as “leituras” e a elaboração de significados” (JENKINS, 2011, p. 20).

Sabemos que a revista não publica novas edições e não circula mais, porém os processos educativos sobre os corpos homossexuais continuam em outras instâncias, como na mídia televisiva, nas redes sociais e em páginas na internet. Para Michel Foucault (2012a) tal fato seria um acontecimento, na medida em que se refere às rupturas ou inovações que acabam por criar novas formas de regularidades. Portanto, quando a revista *Junior* deixou de circular isso causou uma ruptura, abrindo espaço para que outras mídias assumissem o papel de educar os corpos homossexuais.

Continuando a pensar com Michel Foucault (1996), podemos falar de acontecimento como relação de forças e, nesse sentido, posso dizer que a produção dessa tese estaria se dando em meio às relações de forças acerca da constituição de um padrão de corpo, de sujeito e de (homo)sexualidade difundidos pela revista *Junior*. Relações que são tencionadas na História e se encaminham para aquilo que Michel Foucault (2006) chamou de acontecimentalização. Zaine Simas Mattos, ao abordar esse conceito em sua tese de doutorado em Educação, nos fala que:

Foucault trabalha a acontecimentalização como uma categoria de análise em que se busca pelas singularidades daquilo que se problematiza. Assim, Foucault pensa no acontecimento como uma “função teórico-política de acontecimentalização”, no sentido de desnaturalizar o que pode parecer tão evidente para a maioria das pessoas (2014, p. 21).

É nesse sentido que pretendo trabalhar na minha tese. Valorizando as singularidades históricas a serem problematizadas, desnaturalizando e desconfiando daquilo que seja dado como certo ou desejável nas páginas da revista *Junior*. Isso implica em mergulhar na fonte de pesquisa, compreender o seu tempo histórico e tecer pontes com as discussões contemporâneas, entendendo que a *Junior* possuiu um lugar privilegiado na disseminação de ideais corporais e de (homo)sexualidades.

Por fim, quero pensar na *Junior* também como um artefato educativo e que publicava para alguém. Nesse processo, ensinamentos foram difundidos e histórias foram (des)construídas e (re)significadas. Keith Jenkins (2011) nos chama a atenção para essa questão ao destacar que nos produzimos com o outro e por meio de suas histórias. Podemos associar essas histórias às matérias publicadas pela *Junior*. Matérias que trazem histórias escritas, construídas e compartilhadas por outras pessoas.

Desconstruirmos as histórias de outras pessoas é pré-requisito para construirmos a nossa própria, de maneira que dê a entender que sabemos o que estamos fazendo – ou seja, de maneira que nos faça lembrar que a história é sempre a história destinada a alguém. Porque, embora a lógica diga que todos os relatos são problemáticos e relativos, a questão é que alguns são dominantes e outros ficam à margem. Em termos lógicos, todos são a mesma coisa; mas na realidade, eles são diferentes; estão em hierarquias

valorativas (ainda que, em última análise, infundadas) (JENKINS, 2011, p. 51).

Assim, ao promover a publicação das histórias de diferentes sujeitos, a *Junior* acabava exercendo um papel importante na constituição das subjetividades, das experiências e das vidas dos seus leitores. Uma revista que colocava em evidência um período histórico de muitas novidades para a vivência das (homo)sexualidades, sobretudo, pela emergência das tecnologias digitais e que denunciava o desejo e a idealização para si de um certo modelo de corpo e beleza masculina em determinada época, conforme abordarei mais adiante.

## 2. “NÃO VAI A LUGAR NENHUM”: CONHECER, PESQUISAR E OPERAR POR CAMINHOS INCERTOS

*Cinco, quatro, três, dois...  
Parem, esperem aí  
Onde é que vocês pensam que vão?  
Han han*

*Pluct, Plact, Zummm  
Não vai a lugar nenhum  
Pluct, Plact, Zummm  
Não vai a lugar nenhum*

*Tem que ser selado, registrado, carimbado  
Avaliado e rotulado se quiser voar!  
Se quiser voar!  
Pra lua, a taxa é alta  
Pro sol, identidade,  
Vai já pro seu foguete viajar pelo universo  
É preciso o meu carimbo dando, sim, sim, sim, sim [...]  
(Carimbador maluco<sup>31</sup> – Raul Seixas)*

O meu encontro com as perspectivas pós-críticas e com os/as autores/as que dialogam com elas aconteceu já no final da minha graduação em Educação Física, no momento em que comecei a ter um contato mais efetivo com a pesquisa em Educação por meio da minha imersão em um projeto de iniciação científica<sup>32</sup> e posteriormente com o desenvolvimento de meu trabalho de conclusão de curso<sup>33</sup>. Ao ingressar no mestrado, pude conhecer mais de perto os estudos pós-estruturalistas e a tomá-los enquanto fonte de inspiração e perspectiva teórico-metodológica. Porém, as críticas ouvidas a essa perspectiva também começavam a ser constantes em minha trajetória...

Durante o mestrado, além dos estudos e da escrita, pude viajar para participar de alguns eventos e apresentar trabalhos. Sempre gostei muito desses momentos e os via como potentes possibilidades de encontros e trocas de ideias.

---

<sup>31</sup> A música *Carimbador maluco* fez parte do álbum *Raul Seixas* do cantor e compositor Raul Seixas que foi lançado em 1983 pela gravadora Eldorado. A música foi composta pelo próprio Raul Seixas.

<sup>32</sup> O projeto de iniciação científica em questão buscava investigar o bullying homofóbico na percepção dos professores de Educação Física.

<sup>33</sup> O título do trabalho de conclusão de curso foi “Os professores de Educação Física frente ao bullying homofóbico na escola” (FRANÇA, 2011).

Mas algo começava a me chamar a atenção: as críticas feitas por alguns/algumas participantes desses eventos à perspectiva pós-estruturalista e aos estudos pós-críticos. Não estou argumentando que as diferentes perspectivas não possam ser criticadas, não é isso que quero dizer. Destaco aqui o tom mais forte e agressivo que foi utilizado por pesquisadores/as especificamente durante dois eventos<sup>34</sup> que participei. Esses sujeitos não eram os “carimbadores malucos” da música do Raul Seixas, mas afirmaram com grande certeza que os estudos pós-críticos quanto a perspectiva pós-estruturalista “não vai a lugar nenhum”. Para eles, parecem existir modos cientificamente produzidos e estabelecidos de se fazer pesquisa, pois tudo “tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado e rotulado se quiser voar”. Além disso, essas falas acusatórias e vigilantes tentam controlar os processos de produção de conhecimento, sujeitando as pesquisas aos carimbos de “sim, sim, sim, sim” para que elas possam decolar ou não.

Passado algum tempo desde que vivi esses acontecimentos, percebo ainda, vez ou outra, a depreciação e o demérito que as perspectivas pós-críticas são alvo em diferentes espaços da vida acadêmica. São alvo de pessoas agarradas em seus únicos e legítimos modos de fazer e construir pesquisas. Bom, se isso não mudou o que mudou então? O que mudou fui eu. Um sujeito que com o passar do tempo foi sentindo que não estava sozinho nessa caminhada. Fui sendo acolhido pelas leituras e pelos/as colegas que também foram capturados/as por esse modo de caminhar. Fomos e vamos nos fortalecendo na coletividade, nas inquietações e nos desafios que surgem nos atos de pesquisar, inquietar-se e questionar os processos educativos. Acredito que viver, pensar e operar dessa forma é um ato político. É a demarcação e a divulgação de um campo de estudos e pesquisas. É catarse de ideias. É desassossego. É problematização.

A minha escrita, a minha forma de pesquisar e o meu olhar tem sido influenciados pelas ideias e pelo referencial teórico-metodológico da perspectiva pós-estruturalista e pelas contribuições do filósofo francês Michel Foucault e seus/suas comentadores/as. Tal perspectiva me faz pensar nos modos como nos

---

<sup>34</sup> Os eventos em que tal situação ocorreu foram o XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, que aconteceu em Brasília, e o Fazendo Gênero 10, que ocorreu em Florianópolis, ambos no ano de 2013.

tornamos sujeitos e como nos constituímos em meio aos jogos de verdade. Provoca-me a problematizar as formas pelas quais vamos nos constituindo enquanto sujeitos. Leva-me a discutir como vamos nos produzindo nas relações de poder, nas relações com o outro e, sobretudo, como nos relacionamos com os processos educativos.

Assim, ao trabalharmos a partir das ideias da perspectiva pós-estruturalista, falarmos de nossas pesquisas e dos modos que as fazemos, é comum escutarmos a seguinte indagação: Afinal, o que é pós-estruturalismo? James Williams nos ajuda a pensar sobre essa questão:

Pós-estruturalismo é o nome para um movimento na filosofia que começou na década de 1960. Ele permanece sendo uma influência não apenas na filosofia, mas também num leque mais amplo de campos temáticos, incluindo literatura, política, arte, críticas culturais, história e sociologia (2012, p. 13).

Atrevo-me a incluir dentre os campos temáticos sob influência pós-estruturalista a Educação. Um campo recheado de regras, disputas e normalizações, em que eu me aproprio das provocações de tal perspectiva enquanto “um movimento de adição, mas onde adição significa uma transformação e não uma coleção” (WILLIAMS, 2012, p. 232). Uma transformação nos modos de pensamento, em que os atos de questionar e problematizar tornam-se mais potentes do que afirmar, binarismos e dicotomias dão espaço às multiplicidades da vida e à constituição de modos de existência. Pôr em discussão e provocar o exercício de pensamento torna-se um modo de sacudir o estabelecido, podendo contribuir para a promoção da revisão de regras e convenções. Nesse sentido, Michel Foucault nos fala que

pensamento não é o que habita uma certa conduta e dá a ela seu significado; em vez disso, é o que permite a alguém dar um passo para trás em relação a essa maneira de agir e reagir, a apresentá-la como um objeto de pensamento e questioná-la em relação a seu significado, suas condições e suas metas (FOUCAULT, 1984, p. 117 citado por MARSHALL, 2008, p. 30).

“Dar um passo para trás”. Desta forma, posso apostar na possibilidade de questionar os binarismos, os modos de sermos e estarmos no mundo com os quais

estamos acostumados, podendo assumir o desafio de experimentar a pluralidade, problematizando o inquestionável e o naturalizado (LOURO, 2004).

Aos poucos vou me dando conta que o meu olhar passa a ser “influenciado” por essa perspectiva que me incita a buscar e produzir conhecimentos. Conhecimentos sobre o caminhar na pesquisa, sobre como vou me constituindo pesquisador que me movem a

operar com limites e dúvidas, com conflitos e divergências, e de resistir à tentação de formular sínteses conclusivas; de admitir a provisoriedade do saber e a co-existência de diversas verdades que operam e se articulam em campos de poder-saber; de aceitar que as verdades com as quais operamos são construídas, social e culturalmente (MEYER e SOARES, 2005, p. 40).

Assim, as minhas investigações vão se mostrando recheadas por discursos. Discursos que se cruzam, se aproximam, são antagônicos e muitas vezes escapam às minhas expectativas iniciais. Deste modo, vou me constituindo enquanto um pesquisador que vai exercitando constantemente o verbo problematizar e me permitindo experienciar<sup>35</sup> a curiosidade sobre os sujeitos e os conceitos trabalhados ao longo da escrita acerca da revista *Junior*. Uma problematização que implica em dar um passo atrás em relação ao meu problema de pesquisa de “forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema” (MARSHALL, 2008, p. 31). Michel Foucault (1984, p. 15) me fala de uma curiosidade que não “procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo”. Então vou me envolvendo neste processo junto à minha fonte de pesquisa no doutorado, pois, “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (ibidem). Os descaminhos da pesquisa potencializam a construção de novos rumos, novas estratégias de trabalho e de contato com o que se pesquisa, uma composição no caminhar que possibilita enxergar que “existem momentos na vida onde a questão de saber se se

---

<sup>35</sup> Assumo o termo experienciar como referência às experiências que tocam, atravessam e transformam os sujeitos. Um termo que se distancia do ato de experimentar, que remete à palavra experimento, como algo que se quer por à prova.

pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (ibidem).

As leituras das obras de Michel Foucault me encaminham a não tomar os percursos como fixos ou garantidos. Suas ideias me ensinam a importância das experiências que me tocam no decorrer da minha constituição enquanto professorpesquisador<sup>36</sup> e que me encaminham para a realização da pesquisa junto com a revista *Junior*. Ao conversar com ele, sou convidado a ir além, passo a “suspender o consolador estado das certezas para, no lugar delas, construir e pensar fatos, coisas, dados, situações inquietantes de nosso tempo” (FISCHER, 2007, p. 61). Michel Foucault também me provoca a pensar nos sujeitos enquanto produção histórica e discursiva. Isso implica em reconhecer que os sujeitos não nascem “prontos” para o mundo, mas que eles são vão se constituindo em meio às relações com o outro, relações consigo mesmos, relações de poder, enfim, processos de subjetivação que dizem da produção de si e dos modos de estar e de viver em sociedade.

Nesse movimento, venho “aprendendo a operar com a provisoriedade, com o transitório, com o mutante. Isso está muito longe de significar que ‘vale-tudo’, mas implica praticar, frequentemente, o auto questionamento” (LOURO, 2004, p. 3-4). Essa perspectiva de pensamento me faz destacar as linguagens e os discursos, como práticas recheadas de relações de poder. Leva-me a preocupar mais com questões e interrogações do que com respostas. Assim vou aprendendo a colocar a desconfiança frente às certezas definitivas, admitindo que a incerteza é, efetivamente, parte integrante desse meu modo de pensar, de fazer e de experienciar a pesquisa. Passo também a enxergar as verdades como construções históricas, movediças e momentâneas, verdades que são desconstruídas, produzidas e resignificadas pelos sujeitos. Nesse caminho posso sentir a necessidade de traçar linhas que fujam da fixidez, investindo em interrogações, estando aberto a rever, recomeçar e assumir novos pontos de vista (PARAÍSO, 2012). Assumindo e investindo nas interrogações enquanto produtoras de questões de pesquisa, vou ao encontro da revista *Junior*.

---

<sup>36</sup> Assumo a escrita do termo “professorpesquisador” assim mesmo, tudo junto, para destacar a impossibilidade de separação dessas duas ações em meu cotidiano.

## **2.1 Composição metodológica**

Neste momento, após uma breve apresentação da revista *Junior*, descrevo a composição metodológica que foi se desenhando ao longo da pesquisa. Composição que se desdobra na reunião de instrumentos que me auxiliaram nos caminhos da pesquisa. Uma composição que diz de um certo modo de perguntar, de interrogar e de formular questões. Um modo de pesquisar que me permitiu diferentes movimentos: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos e curvas, afastando-me daquilo que é rígido, das convicções universais, investindo em conceitos que ajudaram a construir pensamentos problematizadores que me aproximaram dos discursos acerca dos corpos e das masculinidades homossexuais presentes na revista *Junior*.

Assim, compreendo que o caminho metodológico

é o de alquimia mesmo, resultando daí uma bricolagem diferenciada, estratégica e subvertedora das misturas homogêneas típicas da modernidade. Alquimia que rompe com as orientações metodológicas formalizadas na e pela academia (particularmente nos cursos de pós-graduação), cuja direção costuma ser a das abordagens classificatórias, [...] em que cada método vem apresentado em estado puro (CORAZZA, 2007, p. 118).

Nesta pesquisa não trabalhei com os efeitos da revista *Junior* sobre os leitores. Exploro a revista enquanto documento. Isso implica em analisá-la como um documento que, aliado ao contexto histórico do período de circulação da revista, foi se constituindo enquanto monumento que veiculava e disseminava saberes acerca da constituição dos sujeitos homossexuais masculinos jovens e de classe média. Michel Foucault (2013a) define o monumento como um modo de perceber os discursos, enquanto práticas que obedecem a certas regras. Nessa perspectiva, não pretendo ver o que está por trás dos discursos veiculados pela revista *Junior*, mas sim problematizar as suas condições de emergência, o que os tornaram possíveis de existir e os seus desdobramentos quando pensamos nos processos educativos e na constituição dos sujeitos.

Também dedico-me a problematizar os endereçamentos que ela faz aos sujeitos. Desse modo, analiso os textos das seções da *Junior* que abordam a beleza,

saúde, bem-estar, (homo)sexualidades e os investimentos sobre o corpo buscando explorar nos seus discursos os enunciados que sustentam uma determinada configuração de corpo e de masculinidade homossexual. A partir das leituras de Michel Foucault (1996), compreendo que um enunciado é composto por duas vertentes, uma visível e outra dizível. Assim, analiso também as imagens sobre os corpos e os sujeitos que frequentemente constituem os textos da *Junior*. Uma análise que não vê essas imagens apenas como peças ilustrativas, mas como práticas discursivas, dotadas de caráter produtivo e educativo. É importante destacar que as matérias, imagens e trechos que são problematizados nesta tese são resultados de escolhas. Escolhas feitas por mim, que buscaram contemplar os investimentos educativos constantes feitos pela revista *Junior* direcionados aos corpos jovens, homossexuais masculinos, brancos, de classe média e de uma regionalidade centro-sul brasileira.

Assumir a imagem como potente campo de investigação em uma pesquisa acadêmica não é algo fácil, mesmo fazendo parte de uma cultura que produz e está imersa em imagens. Seguindo nesta linha, Boris Kossoy (2001) nos aponta que temos um aprisionamento histórico da expressão escrita como sendo mais “legítima”, mais “científica” e mais “verdadeira”, o que contribui para que as imagens sejam vistas como ilustrativas ou simples “apêndices” de um texto. O autor ainda chama a atenção para os obstáculos que o/a pesquisador/a vivencia na academia para vencer a “resistência em aceitar, analisar e compreender a informação quando esta não está transmitida segundo um sistema codificado em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita” (KOSSOY, 2001, p. 30).

Podemos dizer que hoje vivemos em um mundo recheado de imagens. Lucia Santaella (1983, p. 2) nos fala que “as imagens invadem a nossa casa e chegam mais ou menos do mesmo modo que a água, o gás ou a luz”. Assim, as imagens vão produzindo e veiculando em suas formas concepções políticas, sociais e estéticas.

Tenho compreendido a imagem como produto e produtora do nosso cotidiano na contemporaneidade, presente no contexto da comunicação pós-moderna, fixando-se como importante e emergente objeto de pesquisa na área educacional. Nesse sentido, analiso as imagens presentes na *Junior* a partir das

contribuições do campo da Cultura Visual e de seus/suas autores/as como Fernando Hernández e Raimundo Martins.

A partir do aporte da Cultura Visual podemos considerar que as imagens nos formam e nos informam. Nas páginas da revista *Junior*, em grande parte das reportagens e dos ensaios, as imagens são fundamentais para gerar atenção e produzir significação. Elas são produtoras de uma dada sensibilidade e instauradoras de dada forma de ver e dizer a verdade (GOELLNER, 2003). Considero as imagens como um registro, uma linguagem, “uma comunicação sem palavras, mas repleta de ideias e memórias trazidas por elas” (BARTHES, 1990, p. 41). Roland Barthes (1990) também nos ensina a ver que as imagens são recortadas, ou seja, elas são resultado de uma escolha; as imagens são manipuladas.

Nesse sentido que vejo como produtiva a combinação entre os textos escritos e as imagens presentes na revista *Junior*, uma relação entre o dizível e o visível. Desse modo, penso as imagens assim como Maria Simone Schwengber (2012), quando ela nos diz que “a imagem, mais do que apenas ilustrar, ornar um texto, representa, descreve, narra, simboliza, expressa, brinca, persuade, normatiza, pontua e educa, além de enfatizar sua própria configuração e chamar a atenção para o seu suporte – a linguagem visual” (p. 266). Investindo neste caminho, acredito que as imagens podem “perturbar” os textos escritos, iluminam outros caminhos e organizam experiências.

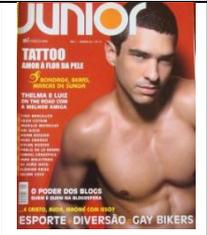
Ao problematizar os textos e as imagens busquei

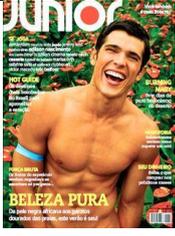
escapar da fácil interpretação daquilo que está “por trás” dos documentos, procurando explorar ao máximo os materiais, na medida em que eles são uma produção histórica, política; na medida em que as palavras são também construções; na medida em que a linguagem é também constitutiva de práticas (FISCHER, 2001, p. 199).

Desse modo, fui me constituindo enquanto um pesquisador que exercitou constantemente o verbo problematizar e se permitiu experienciar a curiosidade sobre os textos, as imagens e os conceitos trabalhados ao longo da pesquisa. Deborah Britzman nos fala que “na verdade, tudo o que temos que fazer é imaginar”, pois “sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”

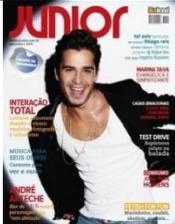
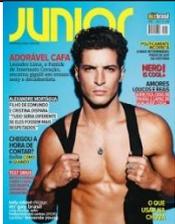
(2010, p. 89). Uma curiosidade que me provocou a desconfiar das verdades absolutas e das práticas hegemônicas de produção de sujeitos. Isso implica em um envolvimento com o que é pesquisado, colocando a fonte de pesquisa sob suspeita.

Para a escrita desta tese analisei todas as 66 edições que foram publicadas da revista *Junior*. Porém, adquirir todas essas edições não foi algo simples de ser realizado. Eu já possuía 15 edições da revista *Junior* que fui comprando e colecionando ao longo dos anos. Após a minha aprovação no processo seletivo do doutorado, eu comecei a buscar as demais edições que eu ainda não tinha. O primeiro passo na busca pelas revistas foi entrar em contato com a editora da revista, a editora *MixBrasil*. Com esse contato eu consegui adquirir as oito primeiras edições da revista. Por meio de um amigo que tinha um conhecido que possuía algumas revistas eu consegui outras 17 edições da *Junior*. Outras 3 edições eu adquiri em um sebo na internet e uma edição eu encontrei em um sebo de Juiz de Fora. Outras duas edições eu consegui em uma sauna de Juiz de Fora por meio de uma indicação de um amigo. Mais 19 revistas eu adquiri no site *Mercado Livre* na internet. E a última revista que faltava para completar o acervo eu também consegui adquirir no site *Mercado Livre*. No quadro a seguir fiz uma organização temporal do período em que a revista *Junior* foi publicada na perspectiva de facilitar a compreensão do contextos social, econômico e histórico de cada edição publicada. Nesse quadro estão presentes as 66 edições da *Junior* e as suas respectivas datas de publicação:

Edição	Capa	Data de publicação	Edição	Capa	Data de publicação
1		Setembro de 2007	34		Novembro de 2011
2		Novembro de 2007	35		Dezembro de 2011
3		Janeiro de 2008	36		Fevereiro de 2012
4		Abril de 2008	37		Março de 2012
5		Junho de 2008	38		Abril de 2012
6		Agosto de 2008	39		Mai de 2012

7		Outubro de 2008	40		Junho de 2012
8		Dezembro de 2008	41		Julho de 2012
9		Fevereiro de 2009	42		Agosto de 2012
10		Abril de 2009	43		Setembro de 2012
11		Junho de 2009	44		Outubro de 2012
12		Agosto de 2009	45		Novembro de 2012
13		Outubro de 2009	46		Dezembro de 2012

14		Janeiro de 2010	47		Janeiro de 2013
15		Fevereiro de 2010	48		Fevereiro de 2013
16		Abril de 2010	49		Março de 2013
17		Mai de 2010	50		Abril de 2013
18		Junho de 2010	51		Mai de 2013
19		Julho de 2010	52		Junho de 2013
20		Agosto de 2010	53		Agosto de 2013

21		Setembro de 2010	54		Setembro de 2013
22		Outubro de 2010	55		Outubro de 2013
23		Novembro de 2010	56		Novembro de 2013
24		Janeiro de 2011	57		Dezembro de 2013
25		Fevereiro de 2011	58		Janeiro de 2014
26		Março de 2011	59		Março de 2014
27		Abril de 2011	60		Abril de 2014

28		Maio de 2011	61		Junho de 2014
29		Junho de 2011	62		Agosto de 2014
30		Julho de 2011	63		Setembro de 2014
31		Agosto de 2011	64		Novembro de 2014
32		Setembro de 2011	65		Janeiro de 2015
33		Outubro de 2011	66		Junho de 2015

Tabela 1: Datas de publicação de todas as edições da revista *Junior*.

Após ter em mãos todas as edições da revista *Junior*, meu próximo passo foi analisar cada edição da revista e registrar em um arquivo os assuntos tratados nelas. Assim, ao final desse levantamento eu dispunha das discussões propostas

pela *Junior* em todas as suas edições durante o período em que ela circulou, entre os anos de 2007 e 2015.

Esse primeiro registro geral foi importante, pois a partir dele pude agrupar as matérias publicadas pela revista por temáticas a serem problematizadas. Agrupei essas matérias classificando-as em temáticas tais como corpo, saúde, beleza, bem-estar, *fitness*, masculinidades, amor, (homo)sexualidades, HIV, direitos e homofobia. Tal processo considerou as edições da revista como um todo desde as capas, reportagens, imagens e publicidades e dizem de um processo de recorte que levou em consideração a questão central da pesquisa com foco na investigação dos discursos veiculados e disseminados pela *Junior* acerca dos corpos, dos sujeitos e das masculinidades homossexuais.

Com esses arquivos temáticos, ficou mais fácil ter acesso às reportagens, uma vez que nesses arquivos estavam presentes os assuntos discutidos e as suas referências de edição, o que facilitaria o acesso à paginação de interesse. Assim, ao escrever cada capítulo, já tinha em mãos, por meio desses arquivos, a relação de temáticas e suas respectivas matérias publicadas na revista, ficando mais fácil e rápido acessá-las durante os processos de pesquisa e escrita. No entanto, acredito ser importante deixar clara a impossibilidade de problematizar a totalidade das matérias que presentes nesses arquivos devido ao grande volume de material<sup>37</sup>. Por isso, as chamadas, reportagens e imagens que são analisadas nesta tese também dizem de escolhas minhas enquanto pesquisador. Busquei, a partir de cada arquivo temático, trazer passagens potentes de serem problematizadas, que provocassem o pensamento e que contribuíssem com a questão da pesquisa focando nas publicações acerca dos corpos, dos sujeitos e das masculinidades homossexuais.

Entre caminhos, descaminhos, páginas, textos e imagens... Composição de ideias, de sujeitos, de corpos, de masculinidades e de vidas! São rastros de uma composição metodológica que foi sendo construída e adotada para o desenvolvimento da pesquisa. Por isso, penso neste trabalho como sendo aquilo destacado por Roney Polato de Castro (2014) como sendo uma pesquisa-experiência. Uma forma de pesquisar em que “qualquer possibilidade de

---

<sup>37</sup> A título de exemplo identifiquei durante a pesquisa em todas as 66 edições da revista *Junior* 87 matérias sobre beleza, 55 matérias sobre *fitness* e 40 matérias sobre saúde.

“neutralidade” ou “separação” entre eu – pesquisador – e o “campo de pesquisa” se anulam” (CASTRO, 2014, p. 16). Assim, fui vivendo a experiência proporcionada pela imersão nas leituras e escritas, correndo os riscos de possíveis mudanças e transformações tanto na pesquisa quanto no sujeito que a realizou.

### **3. ENCONTRANDO DIFERENTES MODOS DE PESQUISAR EM REVISTAS: UM EXERCÍCIO DE BUSCA EM PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS**

*Vou lhe fazer uma visita  
Mas não fique assim aflita  
Que eu não sou de reparar*

*Não precisa de banquete  
Nem preocupe com enfeite  
Não me vá empetecar*

*E os velhos discos de bolero  
Tô levando pois eu quero  
Lhe ensinar como dançar*

*E dizer-lhe ao pé do ouvido  
Com um tom meio atrevido:  
"Dois pra lá e dois pra cá"*

*Vou lhe fazer outra visita  
Pra lhe ver, assim, bonita  
Vir correndo ao portão*

*Decorou o tal bolero  
Vem cantando em tom sincero  
Sequestrando minha atenção [...]  
(A Visita<sup>38</sup> – Silva)*

Uma visita. Foi assim que encarei a busca em periódicos por pesquisas realizadas com revistas. Uma visita curiosa e ao mesmo tempo incerta, pois não sabia o que estava por vir nos resultados das buscas. Uma visita acolhedora que me fez sentir acompanhado e aliviado em encontrar sujeitos que, de alguma maneira, passaram por inquietações parecidas com as minhas. Dúvidas, caminhos metodológicos e referências aproximaram e também distanciaram o eu-visitante de algumas casas-textos. A seguir faço o exercício de apontar o que encontrei em tais visitas e quais experiências levei delas.

Nesta “visita” ou pesquisa em periódicos, procuro conhecer o que vem sendo publicado no meio acadêmico sobre revistas, além de estabelecer um olhar curioso que busca estabelecer conexões com a minha fonte de pesquisa, a revista

---

<sup>38</sup> A música *A visita* faz parte do álbum *Claridão* do cantor Silva que foi lançado em 2012 pela gravadora Slap. A música foi composta pelo próprio Silva e por Lucas Silva.

*Junior*. Fechando o capítulo, faço alguns apontamentos sobre a experiência de encontrar com escritas e autores/as que trabalharam o artefato cultural revista em suas pesquisas, assumindo a importância deste artefato cultural para o campo da Educação, para a educação dos sujeitos, dos gêneros e das sexualidades.

### **3.1 Pesquisa nos periódicos**

Durante a escrita do meu projeto de tese em 2015, eu fiz uma breve pesquisa procurando por teses e dissertações que trabalharam com revistas. Pesquisando no Banco de Teses da CAPES não obtive nenhum retorno quando as palavras-chave pesquisadas foram “H Magazine” ou “Revista Junior”<sup>39</sup>. Obtive apenas um resultado quando busquei por “G Magazine”. A pesquisa encontrada foi a dissertação de mestrado em Letras de Lilian Arruda Silva (2011), realizada na Universidade Federal de Viçosa, na qual ela realizou a análise das capas das revistas dirigidas aos homossexuais masculinos. Ainda procurando por pesquisas sobre revistas direcionadas ao público gay, encontrei a dissertação de mestrado em Educação de Charles Roberto Ross Lopes (2011), realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que ele discutiu a produção de masculinidades homossexuais na revista *Rose*<sup>40</sup> entre 1979 e 1983.

Depois de encontrar poucas pesquisas na área naquele momento, pensei que o investimento na minha proposta de pesquisa e discussão sobre a produção de corpos e de masculinidades homossexuais na revista *Junior* seria capaz de proporcionar potentes problematizações sobre os modos de (des)subjetivação e constituição de sujeitos por meio de discursos do dispositivo midiático revista.

Ao cursar a disciplina *Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas*, tive a oportunidade de ampliar essa busca, pois a proposta de trabalho final apresentada pelo professor da disciplina era que elencássemos um periódico importante para a nossa área de pesquisa e que trabalhássemos com os artigos encontrados em tal periódico que dialogassem com nossos objetos de pesquisa.

---

<sup>39</sup> Apesar do meu objeto de interesse ser a revista *Junior*, eu também busquei por publicações acerca da revista *H Magazine* na perspectiva de conhecer possíveis pesquisas sobre revistas direcionadas aos homossexuais masculinos.

<sup>40</sup> A revista *Rose* foi a primeira revista gay editada no Brasil e circulou entre o final da década de 1970 e início da década de 1980.

Este exercício proporcionou-me encontros com artigos e autores/as que possuíram inquietações parecidas com as minhas ao pesquisar com as revistas.

A princípio, segui a orientação do professor da disciplina e escolhi um periódico de grande relevância da área de Educação Física, a revista *Movimento* (UFRGS). Porém, ao procurar a palavra-chave “revista” obtive como retorno apenas cinco artigos que, de certo modo, dialogavam com a minha proposta de pesquisa no doutorado. O primeiro deles é intitulado *Práticas corporais medicalizantes: diagnosticando a revista Vida Simples*<sup>41</sup> de autoria de George Saliba Manske e Thaís Silveira Barcelos (2016). A pesquisa teve como objetivo analisar as práticas corporais descritas nas edições impressas da revista *Vida Simples* ao longo de 2014. Os autores analisaram quatorze edições desta revista utilizando os conceitos de medicalização e de políticas da própria vida, a partir do campo dos Estudos Culturais.

O segundo artigo encontrado foi *Corpo e educação no escotismo a partir da revista O Tico Tico*<sup>42</sup> (1921-1933) do autor Carlos Herold Junior (2015). O objetivo deste trabalho foi analisar a importância da educação corporal no interior do escotismo nas primeiras décadas do século XX.

Já o terceiro texto de interesse para a minha pesquisa foi *Imagens da mulher na revista Vida Capichaba*<sup>43</sup> (1940-1949) da autora Cecília Nunes da Silva e dos autores Felipe Quintão Almeida e Ivan Marcelo Gomes (2013). A autora e os autores investigaram as imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*, periódico de publicação quinzenal que circulou, no Estado do Espírito Santo, entre as

---

<sup>41</sup> Criada em 2002 na editora Abril, como suplemento da revista *Superinteressante*, a revista *Vida Simples* logo caiu no gosto popular e se tornou uma publicação independente. Sua abrangência de temas variam desde comportamento, valores humanos, relações interpessoais, sustentabilidade, negócios do bem, pessoas que fazem a diferença, entre outros. Em 2018, a marca e todo seu acervo foi comprada pelo casal de empreendedores Luciana Pianaro e Eugenio Mussak. Fonte: <<https://vidasimples.co/quem-somos/>> Acesso em: 15/10/2019.

<sup>42</sup> A revista *O Tico Tico* foi lançada em outubro de 1905 e foi fechada em 1977. Foi a primeira revista voltada para o público infante-juvenil no Brasil e, além das histórias infantis, publicava passatempos, temas da história do Brasil e contos literários. Fonte: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/>> Acesso em: 15/10/2019.

<sup>43</sup> A revista *Vida Capichaba* circulou entre os anos de 1923 e 1960 no Estado do Espírito Santo. Retratou os municípios do Estado, a Segunda Guerra Mundial, além de registrar em suas colunas destaques da literatura, moda, eventos sociais e comentários sobre cinema, rádio e futebol. Fonte: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/2017/04/revista-vida-capichaba.html>> Acesso em: 15/10/2019.

décadas de 1920 e 1950. Tiveram como foco as edições publicadas entre os anos de 1940 e 1949 e analisaram os imperativos sociais destinados à formação da mulher capixaba.

O quarto artigo pesquisado na revista *Movimento* é intitulado *Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar*<sup>44</sup> entre os anos de 1980 – 1990 de autoria de Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior (2013). O artigo teve como objetivo apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980 – 1990.

Já o último artigo da revista *Movimento* é *O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma*<sup>45</sup> de Beatriz Stainbach Albino e Alexandre Fernandez Vaz (2008). O artigo apresentou resultados de uma pesquisa sobre a constituição de um certo modo de ser feminina em prescrições da revista *Boa Forma*. Os autores analisaram principalmente os editoriais, seções e reportagens sobre os cuidados com o corpo, tomando como fontes principais as edições de verão. Os resultados apontaram para um aparato de controle sobre o corpo e valorização da disciplina e do sacrifício na busca por um corpo belo aos olhos da sociedade.

Penso que existe algo em comum em todos esses artigos da revista *Movimento*: o corpo. A ideia de corpo como construção social, histórica e cultural. Um corpo que é alvo de diferentes ensinamentos que indicam os modos como ele deve ser e estar no mundo.

Não fiquei satisfeito com o retorno obtido a partir da busca na revista *Movimento* e resolvi pesquisar em outras três publicações importantes da área: a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, a revista *Motrivivência* (UFSC) e a *Revista da Educação Física* (UEM).

Na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* obtive apenas um artigo. Nela eu encontrei apenas o artigo *Representações do corpo masculino na revista Men's Health* de autoria de José Jefferson Gomes Eufrásio e Terezinha Petrucia da

---

<sup>44</sup> A revista *Placar* é uma publicação brasileira especializada em esportes e lançada em 1970 pela editora Abril.

<sup>45</sup> A revista *Boa Forma* foi uma publicação brasileira e voltada ao público feminino, abordando temáticas como nutrição, universo *fitness*, saúde e qualidade de vida. Foi lançada pela editora Abril em 1986 e em agosto de 2018 foi anunciada a descontinuação de sua circulação. Atualmente a sua página na internet ainda é mantida e continua publicando matérias específicas para o seu público.

Nóbrega (2016). A pesquisa abordou a relação entre o corpo e a estética, compreendida como padrão corporal na revista *Men's Health*.

Na revista *Motrivivência* (UFSC) encontrei dois textos. O primeiro deles, *Corpo e Gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos* possui como autoras Silvana Vilodre Goellner e Márcia Luiza Machado Figueira (2002). Elas discutem a construção do corpo feminino, mais especificamente, a construção da identidade de gênero feminino produzida e/ou veiculada pela revista *Capricho*, considerada, pelas autoras, como um produto da mídia cujas imagens e textos falam às adolescentes. Fundamentado no campo teórico dos Estudos Culturais e na História do Corpo, a pesquisa aborda três temas: saúde, beleza e moda.

O segundo texto encontrado na revista *Motrivivência* foi *Identidade(s) feminina(s) e cuidado de si na revista AG*, cujos autores/as são Sayonara Carla Pinto, Ivan Marcelo Gomes, Cláudia Emília Moraes, Ludmila Santos Almeida e Felipe Quintão de Almeida (2012). Eles/as investigaram os dispositivos identitários direcionados à mulher num artefato cultural específico, o suplemento semanal *Revista AG*<sup>46</sup>, publicado pelo jornal *A Gazeta*, cujos exemplares circulam no Estado do Espírito Santo. Os/as autores/as destacaram como o cuidado de si feminino sugerido pelo periódico se articula em torno do eixo lar-trabalho-corpo.

Já na *Revista da Educação Física* (UEM) encontrei apenas um artigo. Nela encontrei o artigo *Representação do corpo feminino na revista Claudia*<sup>47</sup> no ano de 2006: *retrato de uma produção restrita*, escrito por Leila Salvini e Mauro Myskiw (2008). Os autores buscaram compreender como a revista *Claudia* produz a representação da imagem corporal feminina em suas capas, mediante a análise do conteúdo das manchetes. Os resultados encontrados pelos autores apontaram que a revista *Claudia* somente operacionaliza a legitimação da representação corporal dominante, o corpo feminino legítimo no espaço social e as técnicas necessárias à conquista desta legitimidade.

Ainda estava inquieto com o fato de encontrar poucos textos relacionados com revistas e decidi pesquisar em dois periódicos específicos e de grande

---

<sup>46</sup> A *Revista AG* é um suplemento semanal do jornal *A Gazeta* que traz temáticas relativas à moda, comportamento, saúde e bem-estar.

<sup>47</sup> A revista *Claudia* é uma publicação da editora Abril destinada ao público feminino e está em circulação desde outubro de 1961. A revista investe em temas como profissão, vida em família, casa, moda e cozinha.

relevância no campo da Educação. Tanto na revista *Educação e Realidade* (UFRGS) quanto na *Revista Brasileira de Educação* eu encontrei apenas um artigo em cada revista.

O primeiro, intitulado *Sobre o bem-estar na Revista Boa Forma: corpo, lazer, normalização*, foi publicado na revista *Educação e Realidade* (UFRGS) e tem a autoria de Beatriz Staimbach Albino, Priscila Daniela Hammes e Alexandre Fernandez Vaz (2011). O trabalho trata de alguns lugares do discurso do lazer na revista *Boa Forma*, tomando como objeto as prescrições de bem-estar. Foram analisadas, a partir do conceito crítico de indústria cultural, a seção específica sobre o tema, a capa e os editoriais das edições de 2005 a 2007, e de setembro de 2001 a fevereiro de 2004. Os autores destacaram a relação entre embelezamento, bem-estar e lazer que tendo o corpo como objeto de investimento que pode ser transformado.

O outro artigo encontrado em uma revista da área de Educação é *Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola*<sup>48</sup>. Ele foi publicado na *Revista Brasileira de Educação* e seu autor é Sinésio Ferraz Bueno (2007). Este trabalho utilizou os conceitos dos filósofos da teoria crítica para analisar o conteúdo editorial da revista *Nova Escola*.

Confesso que esperava ter encontrado mais artigos que problematizassem sobre revistas, sobretudo, nos periódicos da área de Educação Física, pelo fato dos discursos sobre os corpos e beleza estarem presentes em algumas publicações que circulam pelo país, como nas próprias revistas *Movimento* e *Motrivivência*. Já nas revistas da área da Educação eu esperava encontrar poucos trabalhos, uma vez que a compreensão dos artefatos culturais enquanto processos educativos ainda é recente e vem crescendo nos últimos anos. Nesse sentido, Ruth Sabat (2001) destaca que é cada vez mais necessário que o campo da Educação volte “a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes” (p. 9). Desse modo, podemos elencar as revistas como importantes meios

---

<sup>48</sup> A revista *Nova Escola* é uma publicação brasileira direcionada aos profissionais da área da Educação mantida pela Fundação Lemann – organização sem fins lucrativos que apoia ações direcionadas ao ensino no país – e foi fundada em 1986. Desde o ano de 2015 a venda da revista *Nova Escola* não é mais realizada em pontos comerciais, sendo a entrega dos exemplares exclusiva aos assinantes da revista. Todas as matérias publicadas na *Nova Escola* também podem ser acessadas no site da revista.

de divulgação de ensinamentos, assumindo grande caráter educativo na contemporaneidade.

Ao acompanhar a apresentação das pesquisas com os periódicos dos/das demais colegas de turma durante a disciplina *Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas* percebi que alguns/algumas deles/as realizaram suas buscas no *Scielo*. Então resolvi também fazer uma pesquisa nesta plataforma científica. Porém, ao pesquisar pelas palavras-chave “revista”, “junior” ou “revista junior” obtive mais de quinhentos resultados e eles não dialogavam com a minha proposta de trabalho, estando mais alinhados, sobretudo, com discussões sobre a produção em diferentes periódicos científicos. Por isso resolvi não incluir a pesquisa no *Scielo* na produção deste texto.

Algum tempo depois, durante uma conversa com o meu orientador, surgiu a ideia de ampliar essa pesquisa sobre o que vem sendo produzido no meio acadêmico sobre revistas. Elencamos então mais duas fontes a serem analisadas: os anais das reuniões científicas da *ANPEd* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e os anais do *CONBRACE* (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte). Considero importante destacar que nos resultados obtidos a partir das buscas nos anais de ambos os eventos apareceram trabalhos desenvolvidos a partir de investigações em revistas científicas. Optei por não contabilizar esses textos, por entender que as revistas científicas diferenciam-se das revistas comerciais que encontramos nas bancas e possuem um formato que se distancia da minha fonte de pesquisa.

Nos anais da *ANPEd* obtive seis trabalhos que foram apresentados e que tiveram como foco de pesquisa alguma revista não científica. A busca no site da *ANPEd* foi realizada utilizando o link “biblioteca” que localiza os trabalhos por meio de palavras-chave. Porém, nem todos os anais estão disponíveis online. No site estão disponíveis os anais a partir da 25<sup>a</sup> Reunião Anual da *ANPEd* que aconteceu no ano de 2005 na cidade de Caxambu – MG. As pesquisas encontradas nesses anais não dizem de temáticas que se relacionam a *Junior*, como corpo, masculinidades e sexualidades. Os trabalhos encontrados abordam revistas

voltadas a outros tipos de público, como as revistas *Veja*<sup>49</sup>, *IstoÉ*<sup>50</sup> e *Nova Escola*. Por isso, não apresentarei tais trabalhos aqui. É importante destacar que nenhum dos trabalhos encontrados foram apresentados no GT23 da *ANPED*. Esse dado é significativo, pois o GT23 dedica-se a discutir temáticas referentes aos corpos, gêneros e sexualidades enquanto processos educativos e ao mesmo tempo nos aponta que tal discussão ainda precisa ser mais analisada nas revistas e, posteriormente, divulgada em eventos científicos, como na própria *ANPED*.

Já na pesquisa dos anais do *CONBRACE* eu obtive o retorno de 11 artigos abordando revistas não científicas. A pesquisa foi realizada nos anais dos últimos cinco congressos, a partir do ano de 2007, quando os anais começaram a ser disponibilizados online. O retorno da pesquisa nesses anais eu trago a seguir.

Nos anais do congresso de 2015 foram encontrados três trabalhos, sendo o primeiro deles intitulado *La educación de los cuerpos argentinos y brasileiros en revista. Análisis de los discursos eugenésicos en la "Revista do Ensino" (Minas Gerais, 1925-1940) y la "Revista de Educación" (Buenos Aires, 1920-1940)*<sup>51</sup> de autoria de Eduardo Galak (2015). O autor analisou os discursos eugênicos sobre a educação dos corpos na Argentina e no Brasil entre 1920 e 1940, a partir de estudo da "Revista do Ensino" (Minas Gerais) e da "Revista de Educación" (Buenos Aires). Os discursos dessas revistas convidam ao exercício físico para melhorar a etnia, com o conseqüente benefício não só em termos de saúde individual, mas o progresso coletivo.

*O discurso da revista Nova Escola sobre Educação Física* foi o segundo trabalho encontrado nas anais do *CONBRACE* de 2015 e é de autoria de Pedro Xavier Russo Bonetto e Felipe Nunes Quaresma (2015). O trabalho em questão teve como objetivo analisar o discurso da revista *Nova Escola* sobre as concepções

---

<sup>49</sup> A *Veja* é uma revista brasileira de circulação nacional que é publicada pela editora Abril desde o ano de 1968. Publica acerca de questões políticas, econômicas, culturais, tecnologia, ciência e religião.

<sup>50</sup> A *IstoÉ* é uma revista brasileira de circulação nacional que é publicada pela editora Três desde o ano de 1978. Publica acerca das mesmas questões abordadas pela revista *Veja*.

<sup>51</sup> A *Revista do Ensino* e a *Revista de Educación* funcionaram como a voz oficial dos Estados de Minas Gerais e de Buenos Aires no que diz respeito à Educação. As duas revistas refletem uma rede de visões gerais do mundo que permitem a reconstrução da Argentina e do Brasil de uma época, discutida na vontade política de aperfeiçoar o Pátria, sobretudo, por uma ressignificação "eugênica" do que eles entendiam por raça (GALAK, 2015).

da área da Educação Física escolar, tendo como objeto de investigação as perspectivas curriculares que sustentam as reportagens. Como foco de pesquisa foram definidas todas as matérias da seção “Sala de Aula”, do componente Educação Física, editadas entre 2012 e 2015.

O terceiro trabalho encontrado nos anais do *CONBRACE* de 2015 foi *Ausências e silêncios: representações do corpo negro na revista Educação Physica*<sup>52</sup> de Jéferson Luis Staudt e André Luiz dos Santos Silva (2015). O trabalho objetivou trazer os apontamentos iniciais sobre representações do corpo negro nas publicações da *Revista Educação Physica* de 1939 a 1944. Para tanto, foram acessados 47 números do periódico entre os anos de 1939 e 1944.

No *CONBRACE* do ano de 2013 eu encontrei dois trabalhos resultantes de pesquisas com revistas. O primeiro trabalho foi *Prolegômenos sobre a ideologia jaca-libertária - impasses argumentativos nos editoriais da revista Men's Health* de autoria de Fabio Carvalho Messa (2013). O trabalho desconstrói os editoriais da edição brasileira da revista *Men's Health*, para apontar contradições e ambiguidades em sua linha editorial, amparando-se em pressupostos semióticos e semânticos.

O segundo trabalho obtido nos anais do *CONBRACE* de 2013 é de autoria de Cecilia Nunes da Silva (2013) e é intitulado *Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940-1949)*. Este artigo já tinha sido encontrado anteriormente e foi mencionado neste texto quando destaquei os artigos encontrados na revista *Movimento* e por isso não abordarei o seu conteúdo novamente.

Já no *CONBRACE* de 2011 encontrei apenas um trabalho intitulado *A concepção de corpo presente nas escritas de si das leitoras da revista Boa Forma: um estudo a partir da comunidade do Orkut* de Mayara Cristina Braz Monteiro e Ana Carla Dias Carvalho (2011). O trabalho apresenta o estudo que aborda as “escritas de si” das leitoras da revista *Boa Forma* e realiza uma análise crítica a respeito da ideologia que permeia a perspectiva de “educação do corpo” presente nos depoimentos das leitoras que as autoras denominaram “escritas de si”.

No *CONBRACE* do ano de 2009 também obtive como retorno apenas um trabalho. O autor Fábio Messa (2009) apresentou a pesquisa *Construindo o*

---

<sup>52</sup> A revista *Educação Physica* foi um periódico publicado entre os anos de 1932 e 1945 e foi um dos principais veículos de divulgação da Educação Física no Brasil naquele período.

*Complexo de Adônis um estudo sobre o discurso editorial da revista Men's Health*. O autor buscou elencar as temáticas abordadas em algumas matérias, para mostrar a forma como se introjetam ideologias que favorecem a constituição do que se entende por Complexo de Adônis nos sujeitos leitores do sexo masculino.

Encontrei quatro trabalhos sobre revistas nos anais do *CONBRACE* de 2007. *A aparência institucionalizada: imagens do corpo nas revistas do Confef*<sup>53</sup> de Carlos Rogério Ladislau (2007) foi o primeiro trabalho encontrado. O presente estudo problematizou as imagens de corpos presentes na Revista "E.F. – Órgão Oficial do CONFEF", indagando-as sobre seus significados e representações no contexto brasileiro.

O segundo trabalho encontrado foi *Memórias em imagens: personagens, corpos e espaços nas revistas Cinearte*<sup>54</sup> e *Scena Muda*<sup>55</sup> (1921-1941) de autoria de Priscilla Kelly Figueiredo (2007). O texto tratou de passagens e olhares sobre os personagens das revistas de cinema *Cinearte* e *Scena Muda*. A autora destacou que o movimento de procurá-los nas revistas e também num outro tempo histórico, revelou significados, intenções, educações do homem moderno dos anos de 1920 a 1940 a partir do olhar hollywoodiano.

Célia Rocha (2007) é a autora do terceiro trabalho obtido nos anais do *CONBRACE* de 2007. O trabalho é intitulado *A divulgação científica sobre o corpo na revista Veja* e buscou analisar a divulgação do conhecimento científico sobre o corpo publicado por essa revista. A autora destacou na pesquisa tanto a divulgação da ciência por meio dos corpos, quanto o modo como ocorre a educação científica destes corpos através da mídia impressa.

O quarto e último trabalho sobre revistas encontrado no *CONBRACE* de 2007 foi *Corpo, técnica, consumo: sobre os esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma* de Beatriz Staimbach Albino (2007). A pesquisa investigou a constituição de um certo modo de ser feminino em prescrições da revista *Boa Forma*. Foram analisados principalmente os editoriais, seções e reportagens sobre

---

<sup>53</sup> O *Confef* é o Conselho Federal de Educação Física. Tal conselho, desde o ano de 2001, publica a revista *Educação Física* com a proposta de ser o meio de divulgação das ações desenvolvidas por ele.

<sup>54</sup> A *Cinearte* foi uma revista brasileira sobre cinema que circulou entre os anos de 1926 e 1942.

<sup>55</sup> A *Scena Muda* foi uma revista brasileira sobre cinema que circulou entre os anos de 1921 e 1955.

os cuidados com o corpo, tomando como fonte principal as edições de verão e as que para ele preparam entre os anos de 2001 e 2006.

Ao longo do ano de 2017 tive acesso a duas teses de doutorado que possuíam o corpo como eixo central das discussões e que, de certa forma, vão ao encontro à problematização sobre o corpo que pretendo realizar a partir da análise da revista *Junior*.

A primeira tese encontrada é intitulada *Homens que se veem: Masculinidades em Junior e em Men's Health Portugal* e é de autoria de Felipe Viero Kolinski Machado (2017). Nesta pesquisa, o autor trabalhou com os sentidos de masculinidades presentes nas revistas analisadas. Essa análise também acabou abordando a questão da produção corporal como parte constituinte dos discursos das revistas. Vejo que a pesquisa do autor se aproxima da minha com *Junior*, no sentido de assumir o corpo enquanto questão central a ser explorada na escrita. Porém, em suas análises, o autor utiliza as 30 últimas edições da *Junior* e 12 edições da *Men's Health Portugal*. Para a realização da minha pesquisa trabalho com todo o acervo da *Junior*, ou seja, um total de 66 edições.

A outra tese encontrada é de autoria de Cristiane Oliveira Pisani Martini (2017), com o título *Regule-se, exercite-se, embeleze-se: pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista Alterosa*<sup>56</sup> (1939-1964). A autora investiu em discutir as pedagogias direcionadas ao corpo feminino pela revista *Alterosa*, apontando, sobretudo, que tais pedagogias se apoiavam em uma complexa rede de recomendações apoiadas no discurso médico e científico. Apesar da pesquisa da autora investigar uma revista voltada para o público feminino, ela dialoga muito com a minha investigação com a revista *Junior*, principalmente no que diz respeito à presença da autoridade médica na revista e na divulgação de modos de ser e estar no mundo.

Após o meu primeiro exame de qualificação, a banca sugeriu que eu realizasse também uma pesquisa nos anais de eventos específicos acerca dos Estudos Culturais e das relações de gênero e sexualidades buscando possíveis

---

<sup>56</sup> A revista *Alterosa* foi editada mensalmente em Belo Horizonte – MG pela Sociedade Editora Alterosa Ltda. Nos primeiros anos, a publicação dedicou-se ao público feminino, tratando de assuntos como culinária, moda, comportamento e cinema. Também fizeram parte de seu repertório as colunas literárias e sociais, além das notícias locais e internacionais. A revista *Alterosa* circulou entre os anos de 1934 e 1964.

trabalhos a partir de revistas. Diante dessa sugestão, realizei duas novas pesquisas, uma nos anais do *Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação* e outra nos anais do *Seminário Internacional Fazendo Gênero*.

Ao pesquisar no site do *Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação* encontrei disponível na internet apenas os anais das duas últimas edições do evento, ocorridas em 2015 e 2017. Nos anais da 6ª edição do evento, ocorrido em junho de 2015, encontrei seis trabalhos sobre revistas, porém todos eles se distanciavam das temáticas corpo, masculinidades e sexualidades. Eram trabalhos desenvolvidos a partir das análises das revistas *Veja*, *Época*<sup>57</sup> e *Nova Escola*. Já nos anais da 7ª edição do evento que aconteceu em junho de 2017 eu encontrei três trabalhos produzidos com revistas. Dois deles eram sobre a revista *Veja* e não os apresentarei aqui. O terceiro trabalho, intitulado *Magra e feliz: Lições de beleza da revista Sou Mais Eu!*<sup>58</sup>, de autoria de Danielle Corrêa Sarraf e Sandra Nazaré Dias Bastos (2017) focaliza a seção “dieta da capa”, de onde as autoras selecionaram os enunciados que prescrevem os cuidados com o corpo feminino visando torná-lo belo, atraente, saudável, desejável, poderoso, independente e acima de tudo, “feliz”. Esse trabalho dialoga com a minha pesquisa, pois a *Junior* também investe nesses cuidados em prol de um corpo belo.

Pesquisando no site do *Seminário Internacional Fazendo Gênero* pude encontrar os anais das três últimas edições do evento, que ocorreram nos anos de 2010, 2013 e 2017. Nos anais do *Fazendo Gênero 9*, realizado em agosto de 2010, eu encontrei 20 trabalhos publicados que tiveram revistas como fonte de análise. Desses 20 trabalhos eu destaco três deles como relevantes para dialogar com a minha tese. O primeiro trabalho, intitulado *O homem do princípio ao fim: produção de masculinidades homossexuais na revista Rose (1979 a 1983)*, de autoria de Charles Roberto Ross Lopes e Fernando Seffner (2010), aborda as masculinidades homossexuais segundo a perspectiva teórica dos estudos de gênero. A dissertação

---

<sup>57</sup> A *Época* é uma revista brasileira de circulação nacional que é publicada pela editora Globo desde o ano de 1998. Publica acerca de questões políticas, econômicas, culturais, tecnologia, ciência e religião.

<sup>58</sup> A *Sou + eu!* foi uma revista brasileira destinada ao público feminino de circulação nacional publicada pela editora Abril (2006-2014) e editora Caras (2014-2016) entre os anos de 2006 e 2016. Caracterizou-se por ser escrita quase que exclusivamente por suas leitoras. As matérias eram enviadas por elas para o site da revista e as mais interessantes eram publicadas.

de mestrado de Charles Roberto Ross Lopes trabalha com a mesma temática desse trabalho e já foi mencionada aqui anteriormente. Já o segundo trabalho destacado, de autoria de Leonel Cardoso dos Santos (2010), é *A construção de posições identitárias na revista G Magazine: interseções entre homossexualidades e consumo*. O trabalho aponta, a partir dos anos 1990, o aparecimento de uma série de produtos e espaços criados para pessoas que vivenciam uma sexualidade não heterossexual. Tais produtos contribuíram para processo de visibilidade de homens gays, implicando a reconstrução das concepções sobre as homossexualidades masculinas. O autor se propôs a investigar as possíveis relações existentes homossexualidades masculinas e consumo. O terceiro e último trabalho encontrado na 9ª edição do Fazendo Gênero fala justamente da revista *Junior*. Ele é intitulado *“We’re queer” (?): representações de gênero nos editoriais da revista Junior* e tem como autor Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa (2010). O autor trabalhou a partir das representações identitárias de gênero em dois editoriais publicados na revista *Junior* tomando esses editoriais como textos estratégicos de endereçamento a uma audiência homossexual masculina.

Já nos anais do Fazendo Gênero 10, que aconteceu em setembro de 2013, eu tive o retorno de 21 trabalhos a partir da investigação em revistas. Desses todos eu destaco o trabalho de Fábio Ronaldo da Silva, Paulo Roberto Souto Maior Júnior e Rosilene Dias Montenegro (2013) que apresentaram a pesquisa *“Questão de tempo”: as ideias de velhice na revista Junior*. Os autores buscaram analisar a narrativa de homossexuais idosos sobre gênero e velhice em dois dossiês publicados na *Junior*, uma vez que, a revista é voltada para um público homossexual que aprecia, acima de tudo, homens jovens, viris e musculosos.

Por fim, nos anais do Fazendo Gênero 11, ocorrido entre julho e agosto de 2017, encontrei 14 trabalhos sobre revistas. Dentre eles destaco o trabalho *Revista Playboy e masculinidade: repensando os homens na década de 1980*, de autoria de Douglas Josiel Voks (2017). O autor buscou analisar os discursos e representações sobre a construção de uma masculinidade hegemônica e heteronormativa na sociedade brasileira na década de 1980.

Todos esses trabalhos encontrados nos anais das três últimas edições do *Seminário Internacional Fazendo Gênero* possuem algo em comum. Eles dizem de

questões que são abordadas e exploradas também pela *Junior*, como as masculinidades, as (homo)sexualidades, a velhice e as relações de consumo. Enfim, apontam modos de sermos e estarmos no mundo a partir das revistas.

A seguir faço algumas considerações sobre a experiência de encontrar com os artigos que foram apresentados anteriormente e aponto as suas aproximações e distanciamentos com a minha pesquisa.

### **3.2 Contribuições da pesquisa nas publicações científicas para a pesquisa na *Junior***

Realizar a pesquisa nos periódicos trouxe-me a possibilidade de explorar e me aproximar de diferentes produções sobre revistas nas duas grandes áreas de meu interesse, a Educação e a Educação Física. As pesquisas feitas para o trabalho final da disciplina *Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas* e nos anais da *Anped*, do *CONBRACE*, do *Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação* e do *Seminário Internacional Fazendo Gênero* foram muito mais específicas e produtivas do que aquela realizada por mim durante o período de escrita do projeto de tese em meados de 2015, pois dessa vez pude procurar e analisar os artigos com o olhar mais “apurado” e cuidadoso de quem já estava imerso na pesquisa.

De modo geral, todos os artigos trazem contribuições e me instigaram a pensar na minha temática e na pesquisa com as revistas. Grande parte dos textos possuíam como eixo central e comum de discussão o corpo e essa discussão é fundamental para esta tese. Como o corpo aparece nas revistas? Quais investimentos são feitos nesse corpo e como os sujeitos se relacionam com ele? Como se dão (ou não) as ligações entre corpos, gêneros e sexualidades? Essas indagações me inquietam e movimentaram também os/as autores/as dos artigos pesquisados.

Percebi também uma aproximação teórico-metodológica com muitos artigos. Eles trazem para o diálogo autores/as que já venho lendo e também me apresentaram novas possibilidades de leitura. As pesquisas que foram realizadas tomando como referência os Estudos Culturais e os estudos foucaultianos me

chamaram a atenção para as contribuições dessas perspectivas para o trabalho com artefatos culturais, sobretudo, o trabalho com as revistas.

Outra questão que considero importante destacar são os recortes temáticos feitos pelos autores dos textos pesquisados. As revistas analisadas por eles não eram investigadas em sua totalidade. Recortes foram feitos tomando como base temáticas consideradas potentes de serem exploradas. Nesse sentido, pude perceber, pensando principalmente na minha pesquisa na *Junior*, que elencar temáticas ajuda a organizar as problematizações e futuras escritas sobre determinado assunto de uma revista. Destaco principalmente os recortes que apareceram sobre corpo, saúde, bem-estar e gênero que foram abordados em alguns artigos. Esses recortes ampliam a ideia de corpo e mostram que o corpo é constituído por diferentes investimentos que perpassam a alimentação, a beleza, o envelhecimento, a magreza/obesidade, dentre outros. Faço esse apontamento porque essas temáticas também aparecem na *Junior* e serão abordadas mais adiante. Daí a importância de ter o contato com produções que já foram feitas. Um contato que abre o diálogo entre as pesquisas, apontando aproximações e distanciamentos no trato teórico-metodológico que vai sendo construído no folhear de cada página das revistas.

Alguns trabalhos encontrados durante esse processo de revisão bibliográfica, que dialogam com a tese, foram incorporados como referências de estudo, sendo utilizados durante os momentos de análise e problematização da revista *Junior*.

Por fim, penso que as leituras e encontros proporcionados durante a “visita” a esses artigos foi capaz de ampliar o meu olhar sobre os muitos modos de se realizar pesquisas com revistas, *ver assim como se dança*, pois cada imersão em tais artefatos é diferente e vai conduzindo o pesquisador a criar, mudar ou ampliar os caminhos a serem traçados.

*[...] A radiola tá no jeito  
Lhe aproximo do meu peito  
Repetindo a tentação*

*"São dois pra lá e dois pra cá"  
Você vai ver no que dá*

*Cantar de novo esse refrão*

*Olha pra junto dos meus pés  
Você consegue reparar  
O tempo de nós dois  
E ver assim como se dança  
O passo é feito de esperança  
Espero amar depois*

*Olha pra junto dos meus pés  
Você consegue reparar  
O tempo de nós dois  
E ver assim como se dança  
O passo é feito de esperança pois.  
(A Visita – Silva)*

#### 4. CAMINHOS DA IMPRENSA GAY NO BRASIL: SABERES, RESISTÊNCIAS E

##### PROCESSOS EDUCATIVOS

*Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo peito nu cabelo ao vento  
E o sol quarando nossas roupas no varal  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais [...]  
(Anúnciação<sup>59</sup> – Alceu Valença)*

*Bruma, paixões que vêm de dentro e sinais.* Podemos dizer que essas são características da imprensa gay brasileira. Uma imprensa marcada por incertezas, lutas e muita paixão por parte dos/das idealizadores/as dos periódicos que serão destacados nas próximas páginas deste capítulo. Um capítulo que não pretende dar conta da totalidade de publicações gays que foram impressas, mas que se propõe a mergulhar em algumas delas, na tentativa de visualizar o contexto de surgimento, os desafios e as conquistas desse ramo da imprensa até os dias de hoje. Também procuro destacar que em cada período histórico e publicação analisada há um entendimento sobre as homossexualidades e os homossexuais, caracterizando processos educativos que dizem de investimentos sobre os sujeitos. Utilizo ao longo desta escrita a expressão “imprensa gay” para falar de um nicho específico da imprensa brasileira. Estudiosos, como Flávia Péret (2011), James Green (2000) e Jorge Caê Rodrigues (2010), nos dizem que a imprensa gay é caracterizada principalmente por ser feita por sujeitos homossexuais e/ou dirigida a eles.

Trabalhar e problematizar a revista *Junior*, uma revista voltada para o público homossexual masculino, remete-me a pensar no surgimento desse tipo de publicação impressa no Brasil. Não é minha intenção e nem é o objetivo desta tese realizar uma profunda análise histórica da trajetória da imprensa gay em nosso país. Porém, pensando com Michel Foucault, entendo que abordar a história de algumas publicações gays tem a ver com a descontinuidade e com as condições de emergência de diferentes períodos históricos e sujeitos, ou seja, “falar de história,

---

<sup>59</sup> Segundo Alceu Valença, a letra de *Anúnciação* teve duas inspirações: a ditadura militar de 1964 e a chegada do seu filho que estava para nascer. *Anúnciação* foi gravada em 1983 para o LP *Anjo Averso* de Alceu Valença pela gravadora *Ariola*. A música foi composta pelo próprio Alceu Valença.

em Foucault, é falar do sujeito e, vice-versa, falar do sujeito é falar da história” (CASTRO, 2009, p. 204). Desse modo, podemos dialogar com o conceito de acontecimento, como algo novo e que provoca mudanças por meio das relações de forças, pois as publicações analisadas ao longo deste texto estão imersas nesses processos. Michel Foucault (2012a) se refere ao conceito de acontecimento destacando as rupturas ou novidades que terminam por instaurar novas formas de regularidades. Sendo assim, nas relações de poder, nas “lutas, na história, levam-se a cabo através das práticas de que se dispõe, mas, nesse uso, elas se transformam para inserirem-se em novas táticas e estratégias de luta” (CASTRO, 2009, p. 25). Lutas, que para a imprensa gay, estão também intimamente associadas ao conceito de liberdade, de identidade e de grupo. Uma liberdade em que o sujeito constitui sua vida nas relações com o outro, porque não há liberdade apenas no sujeito (SOUSA FILHO, 2011). Assim, creio nos modos de existência da imprensa gay como experimento de liberdade, apostando nas fissuras e escapes a tudo que tenta normalizar.

Considero relevante também apontar alguns (des)caminhos trilhados por esse ramo da imprensa e pensar a partir de alguns questionamentos: Quando surgiu a imprensa gay em nosso país? Por que criar uma imprensa gay? Que periódicos circularam e quais as contribuições políticas deles para a discussão das homossexualidades? Que processos educativos estavam em jogo e como foram se constituindo? Essas questões me inquietam e ao mesmo tempo mostram-se importantes para termos ideia do caminho que foi percorrido pelas diferentes publicações voltadas ao público homossexual até chegarmos nos dias de hoje e na publicação da revista *Junior*.

A imprensa gay brasileira, feita por homossexuais e voltada para eles, surgiu no início da década de 1960 (PÉRET, 2011; RODRIGUES, 2010; TREVISAN, 2007; GREEN, 2000) e também possui a sua história. Uma história marcada por movimentações, lutas, dificuldades e desafios no decorrer de mais de cinquenta anos de ações empreendidas no país. Considero relevante destacar o momento histórico em que a imprensa gay nasce nacionalmente, pois esse contexto nos aponta os desafios enfrentados para que a imprensa representasse e chegasse aos homossexuais daquele período.

No âmbito político nacional, a década de 1960 é marcada fortemente pelo golpe civil militar de 1964 e a instalação de um sistema ditatorial que só terminaria em meados dos anos de 1980. Internacionalmente, movimentos sociais que tinham como pauta os direitos das mulheres, negros e homossexuais foram se fortalecendo e dando sustentação para as reivindicações dos anos seguintes. Essa breve contextualização aponta os desafios que seriam enfrentados pela imprensa gay recém-criada no Brasil. Desafios que já indicavam um movimento de resistência política e sexual, em que as lutas por visibilidade, por liberdade de expressão e contra opressões estariam estampadas e divulgadas nas publicações feitas por homossexuais e/ou direcionadas a esses sujeitos.

Mas afinal, o que isso significaria para a imprensa gay e os homossexuais brasileiros? A imprensa gay surge no Brasil, assim como no mundo, “da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis” (RODRIGUES, 2010, p. 406). Um espaço para a construção identitária que passa por um sentido de coletivo, de grupo, de pertencimento, de pretensa igualdade, buscando, inclusive, relacionar a diferença como constituinte dessas relações. Até então, os periódicos nacionais em circulação como jornais, revistas e boletins traziam esporadicamente abordagens sobre a homossexualidade. Porém, essas abordagens tinham duas funções principais: satirizar figuras públicas ou divulgar ocorrências policiais com o envolvimento de travestis e homossexuais (PÉRET, 2011). Assim, podemos ter ideia do lugar dado aos homossexuais e à homossexualidade até então. Um lugar marcado pela zombaria e violência estampadas nos meios de comunicação impressos. Nesse sentido, a imprensa gay assumiu o papel de tirar as homossexualidades desse lugar caricato e marginalizado, colocando-as em outro lugar, no lugar da visibilidade, do posicionamento político, da informação e da educação dos sujeitos.

A seguir destaco algumas publicações da imprensa gay brasileira que tiveram grande repercussão e foram criando diferentes formas de se relacionarem com o público homossexual no decorrer dos últimos cinquenta anos.

#### 4.1 *O Snob*

Em 1963 surgiu a primeira publicação voltada para o público homossexual no Brasil. Era o jornal *O Snob*. Essa publicação surge a partir de um desentendimento ocorrido a partir do resultado do concurso *Miss Traje Típico*, promovido pela *Turma OK*<sup>60</sup>. Agildo Guimarães, então integrante da *Turma OK*, decidiu criar a publicação como forma de protesto contra a escolha realizada pelo júri do evento. *O Snob* era uma publicação modesta, datilografada, mimeografada em papel ofício e distribuído principalmente em duas regiões do Rio de Janeiro, a Cinelândia e Copacabana. Com o passar do tempo, o jornal foi ficando conhecido pela comunidade gay carioca e acabou sendo remodelado, transformando-se em uma minirrevista com mais investimento gráfico, passando a contar com capa, anúncios, ilustrações coloridas e um maior número de páginas (GREEN, 2000).

*O Snob* era recheado de colunas que buscavam levar ao leitor diferentes tipos de informação, tais como “colunas de fofocas, concurso de contos e poesias, matérias sobre moda e beleza, artigos sobre cuidados com a pele, entrevistas, palavras cruzadas e séries de reportagens como ‘História do Brasil pelo método confuso’ e ‘Introdução à psicanálise’” (PÉRET, 2011, p. 19). É importante destacar que os jornalistas que escreviam para *O Snob* assinavam as suas matérias por meio de pseudônimos, tendo em vista a pouca liberdade que tinham naquele período para colocar em circulação uma publicação assumidamente homossexual. Tal atitude configurava-se em um ato de segurança e proteção, mas ao mesmo tempo, era um ato político e de resistência ao colocar a homossexualidade presente na imprensa nacional. Uma forma de resistência que afronta, dribla a norma e está imersa nas relações de poder (FOUCAULT, 1988).

Utilizando-se de estratégias de resistência é que *O Snob* foi se consolidando e criando uma rede de distribuição por outras cidades brasileiras, “firmando-se como o principal meio de expressão da homossexualidade e da efervescente cultura gay que emergia no país” (PÉRET, 2011, p. 20). *O Snob* ia alcançando

---

<sup>60</sup> A *Turma OK* é o mais antigo grupo homossexual brasileiro e está em atividade até hoje. O grupo foi fundado em 13 de janeiro de 1961 por amigos que se encontravam uma vez por semana ou quinzenalmente na casa de um dos sócios da turma para escutar música, conversar, realizar desfiles e eventos temáticos, além de promover concursos (PÉRET, 2011).

sucesso em suas publicações, sobretudo, por garantir em suas páginas espaços onde os leitores se sentiam contemplados e representados, organizando um conceito de grupo, de identidade, que de certo modo acabava atuando enquanto um processo educativo para aqueles sujeitos. Acerca da ideia de identidades, podemos destacar que elas não são fixas, elas são mutáveis, em constantes processos de transformação que refletem nos corpos, nos modos de ver e viver em sociedade. As identidades são fabricadas e essa fabricação também passa pela ideia de identificação a um grupo, que está intimamente ligada à marcação das diferenças. Pensando com Kathryn Woodward (2009):

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios (p. 39-40).

Então podemos dizer que a diferença convida ao contato e à transformação, ela nos convida a descobrir e encarar o outro como parte da constituição de nós mesmos. E *O Snob* cumpre bem esse papel, ao demarcar o lugar das diferenças, educar os sujeitos leitores e mostrar outras formas de existências.

O jornal adotava uma linguagem própria, diferente das linguagens que circulavam nos outros meios impressos de comunicação na época. *O Snob* usava e abusava do duplo sentido das expressões, da ironia e do sarcasmo. Assim, ele foi colocando em destaque “um extenso vocabulário de gírias existentes no país desde o século XIX e criou um estilo particular de escrever para homossexuais” (PÉRET, 2011, p. 20). Essas são as características imprensa gay dos anos 1960 e demonstram o jeito descontraído e a subversão às normas sociais hegemônicas daquele período histórico.

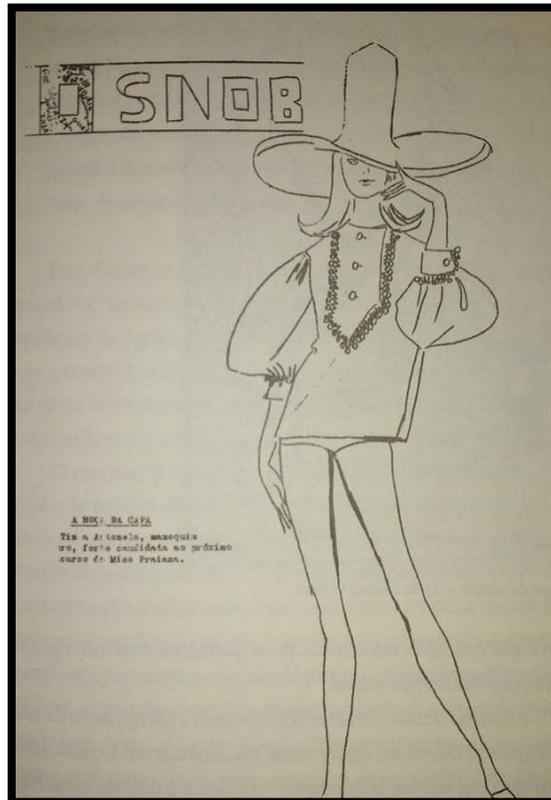


Figura 15: Capa da edição número 4 da revista *O Snob*  
Fonte: Flávia Péret, 2011, p. 21.

A partir da capa da edição número 4 da revista *O Snob*, podemos tecer algumas considerações. Primeiro, o uso do termo “snob” como título da revista. Esse termo é provocativo e indica que a publicação possa ser vaidosa, arrogante e orgulhosa, apesar do amadorismo gráfico presente na revista. Também podemos pensar na presença de uma figura feminina na capa de uma publicação gay. Essa provocação acaba aproximando a homossexualidade masculina com o que é atribuído enquanto feminino, criando um atravessamento com as fronteiras de gênero, abrindo espaço para essa discussão sem perder o caráter subversivo e irreverente da publicação.

Essa irreverência e subversão de *O Snob* podem ser observadas nas críticas feitas à heterossexualidade e ao catolicismo ao publicar os “*Dez mandamentos da bicha*”, em uma edição de 1964:

1. Amar todos os homens.
2. Nunca ficar com um só.
3. Beijar todos os bofes.

4. Evitar falar no futuro.
5. Quanto mais intimidade na cama melhor.
6. Fingir sempre que ama um só.
7. Nunca esquecer os bofes casados.
8. Evitar falar em dinheiro.
9. Não querer as mariconas.
10. Casar só por uma hora.<sup>61</sup>

Contradizendo os “*Dez Mandamentos*” da bíblia, aqui a sexualidade é festejada e estimulada, a luxúria é valorizada e a traição deixa de ser pecado. Os “*Dez mandamentos da bicha*” expõe um lugar de educação e de construção das homossexualidades, mostrando como que as identidades sexuais eram assimiladas e experienciadas naquele período. As expressões “bofes” e “mariconas” dizem muito disso. Podemos dizer que os “bofes” seriam os “homens de verdade”, machos e ativos. Já as “mariconas” seriam os sujeitos homossexuais afeminados e passivos. Flávia Péret nos lembra que “isso revela que, no início, as formas de representação da identidade homossexual na imprensa estavam conectadas com as percepções de gênero que prevaleciam no período, bem diferentes das dos dias atuais” (2011, p. 24-25), em que observamos certa pluralidade acerca das homossexualidades nas representações veiculadas pelas mídias. Tal posicionamento do jornal acabou causando certo desconforto entre os integrantes da redação. Um dos integrantes chegou a mudar o seu pseudônimo de Pantera Cor-de-Rosa para Gato Preto, como forma de resistência e protesto contra a insistente feminilização da homossexualidade masculina pelo *O Snob*, pois para ele um homem gay não precisava tomar para si características consideradas femininas para vivenciar a sua homossexualidade. Peter Fry e Edward MacRae (1985) fazem contribuições importantes nesse sentido ao destacarem que “é tido como ‘natural’ que o homossexual masculino seja ‘afeminado’ e a homossexual feminina ‘máscula” (p. 11).

A partir de seus questionamentos, Gato Preto pode contribuir para que *O Snob* “se tornasse, a partir de 1968, uma publicação mais aberta a assuntos

---

<sup>61</sup> “Dez mandamentos da bicha”, *O Snob*, n. 12, ano II, 1964. Reproduzido de: (GREEN, 2000, p. 190).

políticos e interessada nas teorias de gênero que vinham sendo elaboradas pelas feministas e pelo movimento gay nos Estados Unidos e na Europa” (PÉRET, 2011, p. 25). Esse passo foi importante, pois colocou em debate “que há tantas maneiras de representar e praticar a homossexualidade quanto há sociedades, épocas históricas e grupos distintos nestas mesmas sociedades” (FRY e MACRAE, 1985, p. 12), contribuindo para a divulgação da multiplicidade que envolve as sexualidades. O jornal não deixou de publicar as já tradicionais colunas envolvendo fofocas, sociedade e moda, mas ficou evidente a mudança editorial ocorrida. Temas políticos como a Guerra do Vietnã e o movimento hippie passaram a estampar as páginas do jornal com mais frequência.

Mesmo não sendo ativistas políticos, Gato Preto e outros colegas de redação do jornal tinham o entendimento da importância de dar visibilidade aos homossexuais, além de estimulá-los a ocuparem diferentes espaços na sociedade, a fim de ganharem uma legítima representação social. James Green destaca que “*O Snob* oferecia um acesso ímpar ao mundo das bichas, bofes, bonecas e entendidos. O jornal é especialmente valioso pelas diversas noções de gênero que retrata, as controvérsias que surgiram sobre esse tema e suas visões sobre política nos anos 1960” (2000, p. 27). Por ser o primeiro jornal voltado ao público homossexual no país, *O Snob* obteve grande repercussão, seja pela tendência que criou, como pela sensação de representabilidade que proporcionava aos leitores (GREEN, 2000).

O pioneirismo de *O Snob* fez com que ele inspirasse e encorajasse o surgimento de outras publicações direcionadas ao público homossexual. Em sua curta, mas potente trajetória, *O Snob* publicou 99 edições, que chegaram ao público de julho de 1963 a junho de 1969 (PÉRET, 2011).

#### **4.2 O Lâmpião da Esquina**

O jornal *O Lâmpião da Esquina* surge no final dos anos de 1970 em um contexto de efervescência intelectual e política no Brasil. Neste período muitos cidadãos que foram exilados ou se exilaram durante a ditadura militar começam a regressar ao país trazendo pensamentos libertários que questionaram a condição política em que o Brasil estava imerso. Timidamente, alguns grupos de mulheres

começavam a imergir nas discussões sobre sexualidade e aborto, já dentro de um contexto feminista, principalmente com a chegada das mulheres que estavam exiladas. Ao mesmo tempo, os negros ensaiavam as primeiras investidas para problematizar o racismo e as políticas para a população negra (TREVISAN, 2007).

Foi em meio a esse contexto de mudanças e início de abertura política que *O Lampião da Esquina* foi pensado e colocado em circulação. João Silvério Trevisan, um de seus criadores, nos narra como isso aconteceu:

No fim de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-amaericana, organizada por Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (Califórnia). Eu era um deles. Nesse encontro, surgiu a ideia de se formar um Coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista dos homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Aumentado de alguns novos componentes, o grupo se cotizou e o projeto floresceu, com uma periclitante infra-estrutura financeira. Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal *Lampião* – fato quase escandaloso para as pudicas esquerda e direita brasileiras, acostumadas ao recato, acima de tudo. Com sua redação instalada no Rio de Janeiro, mas mantendo uma equipe editorial também em São Paulo, *Lampião* vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais de pegação guei nas principais cidades do país, nele começaram a a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como viado e bicha), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil equidistância inclusive frente aos diversos grupos da esquerda institucionalizada. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções (2007, p. 338-339).

A narrativa de João Silvério Trevisan nos chama a atenção para o caráter coletivo e para a construção de uma publicação produzida por homossexuais e que, ao mesmo tempo, tinha a possibilidade de atingir um público muito diversificado. A identidade do público do *Lampião* “pode ser percebida pela diversidade de assuntos que o jornal tratou. Tratava de bichas, gueis, entendidos, viados,

homossexuais, travestis, negros, mulheres, feministas, ecologistas, etc.” (RODRIGUES, 2010, p. 406). A variedade de assuntos abordada pelo jornal demonstra que a sua preocupação maior era constituir uma identificação com os sujeitos leitores e não se afirmar apenas para leitores homossexuais.

As pretensões do jornal já eram anunciadas em sua primeira edição. O título do editorial foi “Saindo do gueto” e buscava justificar a importância e o porquê de se investir em um jornal homossexual:

Mas um jornal homossexual, para quê? É preciso dizer não ao gueto e em consequência sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexualismo<sup>62</sup>, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que encara sua preferência como uma espécie de maldição<sup>63</sup>.

Esse editorial da primeira edição do *Lampião* é potente para pensarmos no lugar que a homossexualidade passava a ocupar na imprensa daquele período. Ao tentar romper com o “padrão”, o jornal mostra as suas intenções e as múltiplas formas de vivência e existência dos sujeitos homossexuais.

O próprio nome do jornal já faz uma alusão ao rompimento da “imagem padrão” associada à homossexualidade. Flávia Péret nos fala que “o nome *Lampião*. Além de fazer referência direta ao cangaceiro, conhecido por sua coragem e valentia, aludia à ideia de iluminar a cabeça das pessoas para novas concepções e comportamentos” (2011, p. 49). A homossexualidade assumia um tom político nas páginas do *Lampião* e isso o diferenciava das demais publicações direcionadas ao público homossexual que o precederam. Sem se desvincular do sarcasmo, do humor, das gírias gays e da ironia, o jornal apresentava aos leitores “um tratamento que combatia a imagem dos homossexuais como criaturas destroçadas por causa do seu desejo, incapazes de realização pessoal e com tendência a rejeitar a própria sexualidade” (FACCHINI e SIMÕES, 2008, p. 85).

---

<sup>62</sup> Mantenho aqui o termo “homossexualismo” para ser fidedigno ao texto original. Porém, entendo que nos dias atuais o termo “homossexualidade” seria o correto a ser utilizado, já que o termo “homossexualismo” está em desuso, pois costumava definir a relação afetiva e amorosa entre pessoas do mesmo gênero como uma doença.

<sup>63</sup> “Saindo do gueto”, *Lampião da Esquina*, número zero, abril de 1978, *apud* PÉRET, 2011.



Figura 16: Capa da edição número zero de *Lampião da Esquina*, de abril de 1978.  
Fonte: <https://medium.com/todxs/5-edi%C3%A7%C3%B5es-marcantes-do-primeiro-jornal-lgbti-do-brasil-769334b9bb2> Acesso em: 22/11/2016.

A capa da edição número zero do *Lampião* traz algumas considerações importantes em relação às capas dos jornais e revistas que o antecederam. Ao trazer “*uma noite no Cinema Iris*” em destaque na capa, o jornal mexe com o imaginário e a fantasia do leitor ao desvendar o que acontece a noite em tal lugar. Percebemos também que os pseudônimos dão lugar aos nomes dos colaboradores do jornal. Um gesto político e de coragem, tendo em vista o contexto político vivido àquela época e que ao mesmo tempo aproxima os colunistas dos leitores.

Desde a primeira edição o *Lampião* alinhava-se às demais publicações alternativas daquela época. Sendo assim, o jornal não abordava em seu conteúdo apenas matérias voltadas ao público gay. Era comum ver nas páginas do *Lampião* problematizações sobre o feminismo e as questões raciais, tendo em vista que tais discussões também eram excluídas dos grandes meios de comunicação, assim como a homossexualidade.

O jornal *O Lampião da Esquina* publicou um total de 36 edições, entre abril de 1978 e junho de 1981. Caracterizava-se por trazer entrevistas, reportagens, críticas e notícias sobre cultura, ensaios, colunas de opinião, humor e seção de cartas. Aos poucos o jornal foi criando um glossário gay, além de começar a publicar termos proibidos na imprensa tradicional e evitados na década de 1970 na imprensa alternativa, como “bofe”, “boneca”, “viado”, “bicha”, “lésbica” e “guei” (forma aportuguesada da palavra gay). Suas reportagens giravam em torno de temas polêmicos e ao mesmo tempo importantes, entre eles a maconha, o racismo, as violências contra mulheres e homossexuais, a prostituição masculina, a masturbação, o sadomasoquismo, a religião e a homossexualidade, e a travestilidade (TREVISAN, 2007).

O *Lampião* assume um lugar especial na história da imprensa gay brasileira por ter sido o primeiro jornal gay a circular por todo o país. Diferentemente das publicações da década de 1960, distribuídas quase sempre gratuitamente e de forma clandestina, o *Lampião* era vendido como os demais jornais nas bancas de todo o território nacional. A tiragem do jornal variava entre 10 mil e 20 mil exemplares por edição. Uma tiragem considerada alta tendo em vista que o jornal era identificado como um veículo alternativo dentro da mídia daquele período.

Apesar da circulação nacional do jornal, os leitores do *Lampião* enfrentavam dificuldades e preconceitos para ter acesso a ele:

Imagine, naquela época, final da década de 70, o que significava para um homossexual de uma cidade média ir até a banca e pedir um jornal de “viado”. Normalmente o *Lampião* ficava escondido na própria banca. Então, o ato mesmo de comprar o jornal era uma espécie de saída do armário, uma forma de assumir<sup>64</sup>.

A narrativa de João Silvério Trevisan aponta para o ato político que era adquirir *O Lampião da Esquina*. Identificar-se com o jornal e comprá-lo era dar a cara a tapa, estar exposto aos preconceitos, violências e rótulos advindos desse ato. Ao adquirir o jornal os sujeitos automaticamente passavam a ser vistos como homossexuais, como se a compra do jornal ativasse a “saída do armário”. Além disso, o *Lampião* foi alvo de várias tentativas de sanções por parte do regime

---

<sup>64</sup> Entrevista dada por João Silvério Trevisan à Flávia Péret em São Paulo no dia 20/09/2009, (PÉRET, 2011).

militar e boicote dos donos de bancas que se recusavam a vender um jornal escrito por gays e para gays.

O fim do jornal foi sendo anunciado a partir dos problemas financeiros enfrentados para manter a publicação do *Lampião*, uma vez que o jornal não conseguia angariar recursos com publicidade, pois naquela época não existia publicidade voltada para o público gay. As poucas ações publicitárias que o *Lampião* conseguia publicar eram de boates e saunas. Outra questão que contribuiu para o fim do jornal foi a divergência ideológica entre os seus principais editores, Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan. Aguinaldo Silva acreditava que o jornal tinha que ser um porta voz do ativismo, mas também tinha que ser um jornal que qualquer pessoa pudesse comprar e ler com prazer. Já João Silvério Trevisan defendia que o *Lampião* deveria “conservar suas características originais de contestação e lutar para dar visibilidade às questões que envolviam a comunidade homossexual” (PÉRET, 2011, p. 58).

Nos três anos em que foi editado e publicado, *O Lampião da Esquina* pode dar visibilidade a temáticas antes ignoradas pela mídia tradicional. Por colocar em discussão a homossexualidade e os direitos dos sujeitos homossexuais, o jornal assumiu importante papel no período da ditadura militar, investindo na multiplicidade de visões, opiniões e modos de existência.

### **4.3 Sui Generis**

A década de 1990 foi um marco para a homossexualidade, pois na década anterior os homossexuais constituíam um dos grupos que já eram historicamente objeto de discriminação e preconceito - homossexuais, negros, prostitutas, dentre outros - e tornaram-se alvos fáceis de culpabilidade pela expansão da AIDS na sociedade (GÓIS, 2003). Passado o pânico trazido pelo advento dessa doença, novos significados foram sendo construídos para a noção de identidade, abrindo espaço para o surgimento de novos modos de vivência, expressão e existência das homossexualidades. Foi nessa década que um mercado especificamente voltado para o público homossexual começou a surgir e ganhar força. Sites, revistas, casas noturnas, agências de viagens e eventos culturais passaram a mirar em tal público.

É nesse contexto que surgiu a Parada Gay de São Paulo em 1997, considerada o maior evento gay do mundo e que movimenta milhões de reais a cada ano.

Aos poucos a noção de identidade homossexual, tão importante e valorizada pelos jornalistas militantes das décadas de 1970 e 1980, foi sendo substituída pela imprensa gay brasileira, ao tratar os sujeitos homossexuais como meros consumidores de produtos destinados ao “público gay”. Em meio a essas mudanças foi lançada em 1995, no Rio de Janeiro, a revista *Sui Generis*. A revista buscava um diálogo amplo, dando destaque à cultura gay<sup>65</sup> em emergência, focando nas festas, boates e dicas de moda da época, sem deixar de atender as demandas levantadas pela militância e movimentos sociais. Esse meio termo estabelecido pela revista foi fundamental para que ela tivesse uma boa recepção pelos leitores e garantisse o seu sucesso.

A revista *Sui Generis* era produzida e editada pelo grupo *SG Press*, cujo dono era o jornalista Nelson Feitosa. A revista abordava diferentes temas, como moda, cultura e assuntos ligados à militância. A *Sui Generis* pode ser “considerada o principal acontecimento da imprensa gay brasileira pós-*Lampião da Esquina*” (PÉRET, 2011, p. 85). A grande inovação da revista foi tentar ir além do público gay, atraindo leitores heterossexuais por meio de matérias nas quais o conteúdo interessava a ambos os públicos.

A primeira edição da revista demonstra isso, ao trazer em sua capa o vocalista da banda *Pet Shop Boys* e em suas matérias uma entrevista com o escritor Caio Fernando Abreu falando sobre a AIDS e Renato Russo expressando um perfil sobre a cantora Cássia Eller. Ou seja, a revista optava em trazer em sua primeira edição símbolos da cultura gay que, de certo modo, dialogavam com muitos públicos, não somente com os homossexuais.

O diretor executivo da revista conta em entrevista a Flávia Péret como nasceu a proposta de lançar a *Sui Generis*:

Um dia saiu uma matéria bacana na coluna da Mara Caballero, do jornal *O Globo*, falando de uma revista gay que seria lançada nos Estados Unidos. De fato, essa revista nunca foi lançada, mas a

---

<sup>65</sup> A cultura gay pode ser compreendida pelo conjunto de práticas que grande parte dos sujeitos LGBTQI+ vivenciam e com as quais se identificam, como músicas, artistas, festas, roupas e vocabulário próprio por exemplo.

notícia contava um pouco da história da revista *OUT*. Nós nunca tínhamos escutado falar que essas coisas existiam. O Nelson (Nelson Feitosa, idealizador e editor-chefe da *Sui Generis*) leu aquilo e ficou fascinado. Ele falou: “Poxa, podia fazer um negócio assim, podia fazer um negócio assim”.<sup>66</sup>

Algum tempo depois, em 1994, José Viterbo e Nelson Feitosa regressaram de uma viagem feita aos Estados Unidos, trazendo diferentes publicações direcionadas ao público homossexual estadunidense e europeu, já com o desejo de criarem uma publicação parecida no Brasil. A ideia foi apresentada e aceita por amigos e jornalistas dos dois, dando origem ao número zero da revista *Sui Generis*. Mas a revista só ficou conhecida em todo o país a partir de sua sexta edição, que estampava na capa o ator André Gonçalves. Naquele período, o Sandrinho, personagem interpretado pelo ator, estava em destaque na novela *A próxima vítima* da Rede Globo e a *Sui Generis* aproveitou tal repercussão para analisar o personagem e suas contribuições para se pensar nas homossexualidades. A matéria sobre o personagem tinha o seguinte título “*Sandrinho: a vingança gay no horário nobre da Globo*”, e dizia o seguinte:

Esse personagem inaugura o primeiro gay normal da história da televisão brasileira. Sua atitude positiva tem significado mais revolucionário que o tal namoro – barulhento fora do vídeo e meio chocho na tela – com o conturbado Jefferson. Se a audiência permitir, Sandrinho acaba virando a Brigitte Bardot da causa gay e lésbica. Ele tem força para se tornar um símbolo de massa. E a televisão, o poder de apresentar aos brasileiros comuns a história de um cara gay, *out, proud*, gente boa, com família e namorado. Bem melhor que qualquer imagem nossa já mostrada na TV<sup>67</sup>.

A *Sui Generis* buscou valorizar o aspecto político de se ter um personagem homossexual em destaque em uma novela de grande audiência e com grande repercussão entre o público. Outro aspecto destacado pela revista foi o fato de o personagem Sandrinho mostrar uma forma diferente de se vivenciar a homossexualidade, distanciando-se dos personagens gays “afetados” ou

---

<sup>66</sup> Entrevista dada por José Viterbo à Flávia Péret no Rio de Janeiro no dia 12/10/2009, (PÉRET, 2011).

<sup>67</sup> “Sandrinho: a vingança gay no horário nobre da Globo”, *Sui Generis*, n. 6, novembro de 1995.

“caricatos”, mais comumente explorados pela TV. Além disso, Flávia Péret nos fala do cuidado que Silvio de Abreu, autor da novela, “teve ao colocar dois personagens gays na trama, já que não queria que o fato se transformasse em escândalo, mas ajudasse as pessoas a entender e aceitar, com mais tranquilidade, uma relação homossexual” (2011, p. 87). Desse modo, a novela pode ampliar para os/as telespectadores/as as possibilidades de expressão da homossexualidade, mostrando-os/as um modo de ser gay diferente do que eles/elas estavam acostumados/as a ver e a ter como única forma de vivência homossexual.

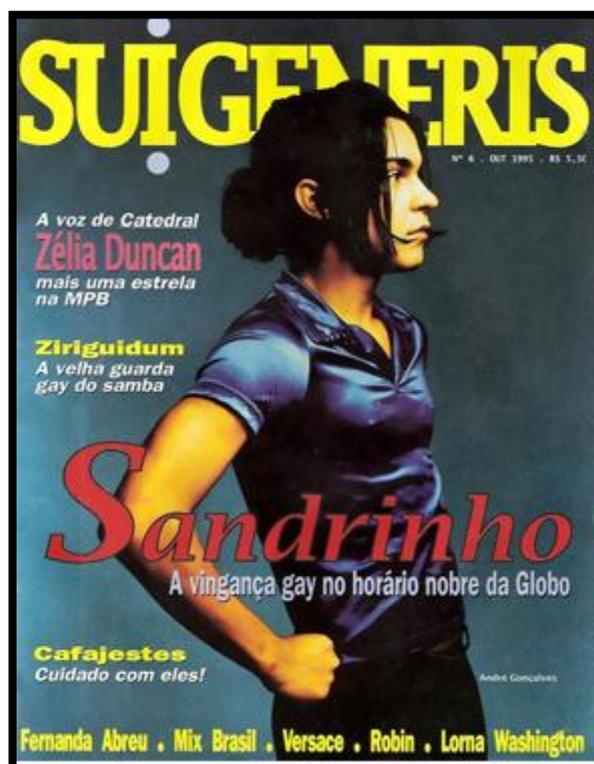


Figura 17: Capa da edição número 6 da revista *Sui Generis*, outubro de 1995.  
Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n6\\_fig2\\_324854134](https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n6_fig2_324854134)  
Acesso em: 22/11/2016.

A *Sui Generis* foi publicada até o ano 2000 e possuía tiragem média de 30 mil exemplares. Acabou saindo de circulação por enfrentar problemas financeiros, assim como grande parte das publicações voltadas para o público gay.

#### **4.4 G Magazine**

Ainda na década de 1990, surgiria uma outra revista voltada ao público homossexual no mercado editorial brasileiro. Dois anos depois do lançamento da *Sui Generis*, em 1997, nascia a revista *G Magazine*. Durante as quatro primeiras edições, a revista circulou com o nome de *Bananaloca* e só assumiu o nome *G Magazine* a partir da sua quinta edição. A revista foi ousada ao constituir-se como mais uma opção de consumo dentro da imprensa erótica do país, até então dominada apenas por revistas que estampavam em suas páginas mulheres nuas e voltadas ao público masculino. A *G Magazine* se propunha a fazer exatamente o contrário, apresentava em cada edição homens nus, incluindo famosos, como modelos, jogadores de futebol, atores e cantores. A revista conseguia reunir elementos que até então não haviam sido exploradas pela imprensa gay, como a nudez masculina, informações gerais e o diálogo com a militância política. Tudo isso em uma época em que o medo da AIDS ainda vigorava fortemente na sociedade brasileira. Daí a ousadia da revista, pois ela buscava manter uma ligação entre a homossexualidade masculina e o erotismo, criando uma forma de entender e educar sobre essas homossexualidades.

A revista *G Magazine* foi criada pela jornalista e empresária Ana Fadigas, que considerava que a revista tinha a responsabilidade de publicar matérias sobre a homofobia e direitos homossexuais e, para tanto, contava com uma equipe editorial composta por Luiz Mott, João Silvério Trevisan, Glauco Mattoso e Vange Leonel. Ana Fadigas descreve, a partir do seu olhar, um pouco da história da *G Magazine* em entrevista concedida a Flávia Péret:

Sem nenhuma dúvida o perfil editorial da *G Magazine*, durante os anos em que comandeí a revista, era de ser uma publicação com muita informação, comportamento e compromisso com a luta dos LGBTs. A cada edição, fomos solidificando nossa responsabilidade com a verdade, com o bom jornalismo e a sinceridade na relação com o público. Os homens nus fizeram história, pois abriram alas para nossas palavras. A *G Magazine* foi a primeira, e acho que a única, revista de nudez masculina que desnudou – em frente e verso – , com todas as letras, homens famosos, jogadores de futebol, atores, cantores, muitos deles conhecidos no mundo todo. O nu de homens famosos com ereção foi mostrado pela *G* durante

dez anos, dando visibilidade ao desejo homossexual. Sem pecado e sem hipocrisia<sup>68</sup>.

Ana Fadigas também lembra dos contratempos enfrentados no começo da *G Magazine*, quando alguns jornalistas e fotógrafos que trabalhavam para a revista tinham receio em assinar as suas produções, temendo serem prejudicados profissionalmente e não serem chamados para novos trabalhos em outras mídias impressas. Alguns deles acabaram assumindo pseudônimos como estratégia de preservarem as suas identidades e possíveis retaliações advindas de seus trabalhos na *G Magazine*. No entanto, aos poucos, com a aceitação positiva da revista tais problemas foram acabando. O que se manteve foi a “velha resistência dos empresários e donos de bancas de jornal em vender a revista, a mesma dificuldade que os jornalistas haviam enfrentado nas décadas de 1970 e 1980” (PÉRET, 2011, p. 90).

Muitos homens famosos posaram nus para a *G Magazine*. O primeiro deles foi o ator Mateus Carrieri e em seguida vieram outros como o também ator Alexandre Frota, que posou quatro vezes, o jogador de futebol Vampeta, o cantor Latino, o atleta Robson Caetano, diversos modelos e gogo boys em destaque na época, além de participantes de programas de reality show, como o Buba, participante do programa *Big Brother Brasil* da TV Globo.

---

<sup>68</sup> Entrevista dada por Ana Fadigas à Flávia Péret em São Paulo no dia 12/10/2009, (PÉRET, 2011).



Figura 18: Capa da edição número 99 da revista *G Magazine*, ano de 2005.

Fonte: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/lista/2017/01/relembre-os-bbbs-que-ja-posaram-pelados-irmao-da-grazi-tambem-mostrou-tudo> Acesso em: 22/11/2016.

A *G Magazine* possuía uma tiragem média mensal de 60 mil exemplares e em sua melhor fase atingiu a marca de 100 mil exemplares. Após enfrentar muitas dívidas, em fevereiro de 2008, a revista foi vendida para um grupo editorial estadunidense. Ana Fadigas conta que “encontrou-se em uma encruzilhada: ou fechava a revista, ou a vendia. Decidiu-se pela segunda opção, por acreditar na importância da publicação e na história que ela construía ao longo dos anos” (PÉRET, 2011, p. 90). Os novos donos da revista promoveram uma grande mudança na linha editorial da *G Magazine*, cortando o espaço das colunas sobre ativismo e comportamento, deixando a revista apenas com o viés erótico, aumentando o número de ensaios nus, inserindo, inclusive, ensaios de modelos de estúdios pornográficos estadunidenses. Com esse novo formato, focando apenas na nudez, a revista ainda se manteve em circulação por alguns anos, mas em junho de 2013 a revista *G Magazine* encerrou as suas atividades.

#### 4.5 Outras publicações gays dos anos de 1990 e 2000

Algumas publicações direcionadas ao público gay circularam entre as décadas de 1990 e 2000, porém, não tiveram o mesmo sucesso e recepção do público como as revistas citadas anteriormente. Na tentativa de driblar os problemas financeiros comuns nas publicações impressas da década de 1990, algumas editoras lançavam do artifício de introduzir no mercado revistas pornográficas, com o intuito de conseguirem uma arrecadação extra que ajudasse na manutenção de suas edições principais. Tal fato aconteceu com a *Editora Fractal*, que publicava a *G Magazine*, que lançou as revistas *Top Secret*, *Premium*, *Lolitos*, *Transex* e *Fotonovela Gay*. Já a *SG Press*, editora da *Sui Generis*, publicou também as revistas *Homens* e *Sodoma*. Todas essas revistas tiveram um curto período de circulação e as suas vendas não alcançaram o sucesso que as suas respectivas editoras esperavam (PÉRET, 2011).

Com a lacuna deixada por essas revistas, outras publicações foram surgindo no decorrer dos anos 2000. Em 2007 foi lançada a *Junior*, apostando em matérias de comportamento, política e militância, além de trazer fotos sensuais de modelos sem apresentar nudez total.

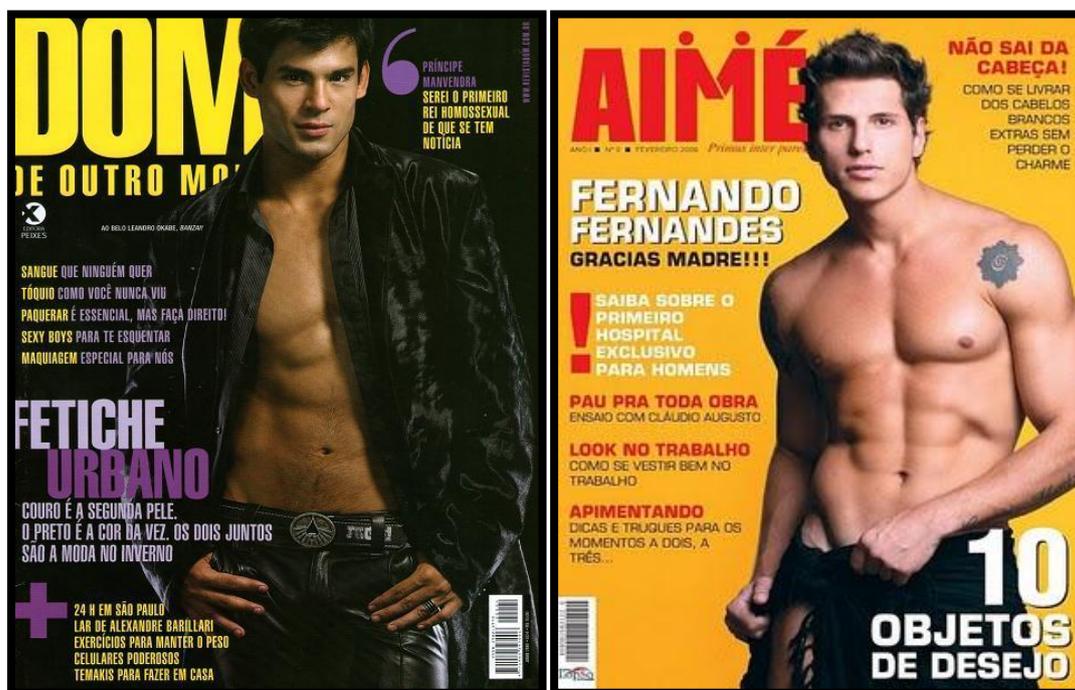
Nesse mesmo contexto, também em 2007, foi lançada a revista *DOM*. Uma revista com a proposta editorial inspirada na *Sui Generis*, ou seja, buscava como leitores tanto o público gay, quanto o público heterossexual. Porém, também sofreu com problemas administrativos e financeiros e publicou a sua última edição em agosto de 2009. Naquele período, jornalistas e leitores destacaram que o mercado editorial brasileiro não estaria preparado para ter duas revistas com perfis parecidos circulando ao mesmo tempo, no caso a *Junior* e a *DOM*. Tal fato teria provocado uma divisão do público consumidor das revistas e conduzido a *DOM* ao seu fechamento (PÉRET, 2011).

No ano de 2008 mais uma revista seria lançada tendo como foco o público gay masculino. Publicada pelo *Grupo Lopso de Comunicação* a revista *Aimé* tinha como modelo editorial as publicações internacionais e queria ter como público um “leitor formador de opinião, exigente, comprometido com a cultura e com a arte”<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> Editorial da revista *Aimé*, n.1, 2008.

Trazia em suas páginas matérias sobre comportamento, turismo e arte, além de fotos do modelo que estampava a capa de cada edição. Também não suportou os problemas vividos pelas publicações voltadas ao público gay e saiu de circulação no final do ano de 2009.



Figuras 19 e 20: Capa da edição número 4 da revista *DOM* (à esquerda), em junho de 2008 e a capa da primeira edição da revista *Aimé* (à direita), em maio de 2008.

Fonte: <http://alexandrekrizek.blogspot.com/2008/05/revista-dom-de-outro-modo.html> e <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG1675967-3428,00.html> Acesso em: 22/11/2016.

#### 4.6 A imprensa lésbica

Periódicos dedicados às lésbicas também circularam pelo país. Tais publicações não tiveram o mesmo destaque das publicações destinadas aos homossexuais masculinos, mas contribuíram para constituição da imprensa gay brasileira. Ao se dedicar à pesquisa sobre a imprensa gay no Brasil, Flávia Péret (2011) destaca as dificuldades enfrentadas em buscar e encontrar as publicações feitas por lésbicas e dirigidas a elas.

Excluídas, ao longo da história, do mundo da política, das universidades e do jornalismo, as reivindicações femininas só começaram a ganhar visibilidade na imprensa a partir da segunda

metade do século XIX, com o surgimento de jornais que tratavam de assuntos e questões do interesse das mulheres (PÉRET, 2001, p. 71).

Aos poucos as mulheres foram se organizando, colocando suas pautas políticas, sobretudo o feminismo, em discussão em algumas publicações feitas por mulheres e para mulheres. Porém, tais publicações não contemplavam as discussões sobre a lesbianidade. Sendo assim, algumas lésbicas começaram a se distanciar do feminismo tradicional daquele período – década de 1970 e início da década de 1980 – e investiram na criação de espaços próprios de luta, discussão e reivindicação de seus direitos.

Foi nesse contexto que aconteceu a criação do primeiro jornal lésbico do país, o *Chana com Chana*. O jornal foi lançado em 1981 e era produzido por militantes do *Grupo Lésbico Feminista*. O *Chana com Chana* tinha uma tiragem pequena, era feito de modo artesanal e compartilhado com um reduzido número de lésbicas da cidade de São Paulo. Míriam Martinho, uma das editoras do *Chana com Chana*, explica as dificuldades enfrentadas para que o jornal fosse publicado: “Não tínhamos dinheiro para fazer um tabloide. Simbolicamente, foi muito importante editar o jornal naquele período”<sup>70</sup>. É interessante observar que para Míriam Martinho e suas colegas do coletivo que editava o *Chana com Chana*, o caráter político, de visibilidade e de conquista de direitos se sobressaía aos percalços financeiros que envolviam colocar em circulação uma publicação impressa.

---

<sup>70</sup> Entrevista dada por Míriam Martinho à Flávia Péret em São Paulo no dia 20/09/2009, (PÉRET, 2011).



Figura 21: Capa da edição número 11 de *Chana com chana*, de outubro de 1986.  
Fonte: <https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/chana-com-chana/> Acesso em: 22/11/2016.

O *Grupo Lésbico Feminista* se desfez ainda no ano de 1981 e Míriam Martinho e outras colegas fundaram um novo grupo, o *Grupo de Ação Lésbico-Feminista* (Galf). Esse grupo retomou a publicação do jornal *Chana com Chana* em 1982. O jornal buscava colocar em discussão a homossexualidade para a comunidade lésbica. As integrantes do jornal, sempre que possível, se encarregavam de distribuir exemplares do jornal para além da cidade de São Paulo durante as suas participações em congressos e eventos (PÉRET, 2011).

O jornal *Chana com Chana* foi publicado e distribuído até o ano de 1987, momento em que o *Grupo de Ação Lésbico-Feminista* (Galf) se transformou na ONG *Rede de Informação Um Outro Olhar*. Míriam Martinho explica, em entrevista a Flávia Péret, “que essa transição foi resultado de transformações internas que já vinham acontecendo dentro do grupo. A ONG passou a ter como foco a informação e os direitos lésbicos” (2011, p. 76). Já em 1988, a ONG deu início a publicação do

fanzine *Um Outro Olhar*, que circulou em São Paulo e era enviado para outros estados via correio. *Um Outro Olhar* também tinha uma tiragem pequena, algo em torno de 300 exemplares. Esse fanzine foi editado até o ano de 1995, quando foi transformado em revista e manteve o mesmo nome. Foi a publicação direcionada ao público lésbico com maior período de circulação, sobrevivendo às adversidades do mercado editorial brasileiro e aos problemas financeiros. Parou de ser publicado no ano de 2002 (PÉRET, 2011).

Outras publicações direcionadas às lésbicas também foram publicadas na década de 1980. Seguiram os mesmos passos do jornal *Chana com Chana*, sendo produzidos de modo artesanal e tendo a circulação bem restrita aos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Pesquisando sobre a imprensa gay no Brasil, Flávia Péret (2011) nos cita algumas dessas publicações: *Boletim Iamaricumas* (Rio de Janeiro), *Boletim Amazonas* (Salvador), jornal *Xerereca* (Rio de Janeiro) e o *Boletim Ponto G* (Salvador).

Já na década de 1990, houve a publicação da revista *Femme*, com informações para a comunidade lésbica, seções sobre comportamento, cultura, turismo, saúde, entrevistas, literatura e uma seção especial de correio sentimental. Outras publicações dedicadas ao público lésbico na década de 1990 foram o *GEM*, o *Deusa Terra*, a *Lesbetária* e o *Boletim Folhetim*.

Nos anos 2000 outras investidas foram feitas para a criação de publicações lésbicas. No ano de 2006 foi lançada a revista *Sobre Elas*, que sobreviveu por apenas duas edições e era distribuída de forma gratuita em boates, bares e via correio. Em 2008 foi criada a *Entre Elas*, que apesar de autodenominar a favor dos direitos LGBTQI+, o conteúdo da revista e as imagens das mulheres remetiam à pornografia produzida para o público de homens heterossexuais. Também enfrentou dificuldades financeiras e saiu de circulação ainda em 2008 (PÉRET, 2011).

Atualmente podemos nos perguntar o porquê da inexistência de publicações direcionadas às lésbicas, tornando-se um segmento invisível dentro do mercado editorial brasileiro. Tal fato gera um contraste quando paramos para pensar na vasta quantidade de revistas femininas presentes nas bancas. Revistas

que abordam diferentes modos de ser mulher na contemporaneidade, mas ocultam a existência das mulheres lésbicas, suas demandas, direitos e lutas políticas.

#### **4.7 Para onde vai a imprensa gay?**

Ao longo deste capítulo quis destacar brevemente os caminhos trilhados pela imprensa gay no Brasil, considerando que tal abordagem contribui para a compreensão da criação, circulação e término da fonte de pesquisa desta tese, a revista *Junior*.

Podemos notar que existem alguns aspectos em comum na trajetória das publicações voltadas para o público gay: as dificuldades financeiras e o reconhecimento de uma demanda de informação por parte de um grupo social específico. Essas dificuldades tornaram-se o grande desafio para que os/as editores/as continuassem mantendo os jornais e revistas em circulação. O preconceito dos anunciantes em investir nas publicações gays era um constante e grande obstáculo a ser contornado, já que os periódicos dependiam desse dinheiro para se manterem. Dinheiro que, em grande parte das vezes, era originário de pequenos anunciantes de produtos direcionados ao próprio público gay. Se pegarmos as últimas edições da revista *Junior*, por exemplo, no decorrer do ano de 2015, veremos a presença de inúmeros anúncios de boates, saunas, turismo gay e artigos eróticos.

**SEU DESEJO REALIZADO SEMPRE**  
**QUALIDADE MÁXIMA**  
**PREÇOS JUSTOS**  
**QUE VOCÊ TANTO BUSCA.**

DEPILAÇÃO MASCULINA  
 APARA DE PELOS  
 LIMPEZA DE PELE  
 PODOLOGIA  
 MASSAGENS

EQUIPE  
 100%  
 MASCULINA

SITE: [WWW.CLUBPERSONALSPA.COM.BR](http://WWW.CLUBPERSONALSPA.COM.BR)

Rua Conceição Veloso 92,00, Vila Mariana

BARBA R\$ 20,00	GLÚTEO 25,00	BRACOS 25,00
CUNDO E NARIZ 5,00 CADA	ANUS 35,00	COSTAS 45,00
PEITO E ABDOMEN 25,00 CADA	PERNAS 45,00	
AXILA 10,00	VIRILHA 35,00	

AGENDE SEU HORARIO AGORA MESMO.

**Alizée**  
 Erotic Store

A maior e mais completa loja erótica do Brasil

- \* Anéis penianos
- \* Lubrificantes
- \* Massageadores de próstata
- \* Acessórios Sado
- \* Máscaras
- \* Dildos
- \* Underwear
- \* Importação própria

Loja virtual: [www.alizee.com.br](http://www.alizee.com.br)

eda Lorena, 2138 . Jardins . SP - Tel: (11) 3063.0320  
 das 11:00hs às 22:00hs / Sábados das 11:00hs às 20:00hs

**CHAMPION**  
 sauna masculina

TRINTÕES, QUARENTÕES CINQUENTÕES,  
 MAS COM TUDO EM CIMA!  
 DIVERSÃO GARANTIDA  
 TODOS OS DIAS.

32 anos  
 de tradição no  
 centro São Paulo

BAR PISCINA SALA DE TV E VÍDEO SAUNA SECA SAUNA A VAPOR  
 HIDROMASSAGEM SALA DE DESCANSO ÁREA PARA FUMANTES CABINES

11.3338.0867 - [Championclub.com.br](http://Championclub.com.br)  
 Largo do Arouche, 336 - Metrô República - São Paulo

UNIVERSÁRIO DO TONY CARLAIO

AVENUE

POSTA PRINCIPAL

PISTINHA

Sexta, 5 JUN às 23hs

**Bear PLAY**  
 da PARADA!

AVENUE  
 Rua Cardeal Arcoverde 1393  
 Pinheiros, São Paulo - SP

CONVITES CAMAROTE  
 Antecipado: R\$25 Antecipado: R\$100 consumível  
 Na porta: R\$40 Na porta: R\$120 consumível

Compre no site <http://hoje.encontrodeursososp.com>

Figuras 22, 23, 24 e 25: Anúncios de festas, saunas, depilação e artigos eróticos presentes na revista *Junior*.

Fonte: Revista *Junior*, edição 66 de junho de 2015.

Temos acompanhado nos últimos anos mudanças significativas no mundo publicitário, em que grandes marcas já vêm assimilando a importância do público gay e valorizando a pluralidade sexual em suas propagandas. Porém, essas grandes marcas ainda não tem investido em publicidade nos periódicos gays. Elas têm

preferido investir em suas redes sociais e em outras formas de imprensa, mesmo quando trazem algo relacionado à diversidade sexual.

É interessante pensarmos também nos discursos e na educação presentes nos diferentes periódicos feitos e/ou destinados ao público gay. Esses periódicos vão construindo junto ao público entendimentos sobre as homossexualidades e as vivências homossexuais, estabelecendo processos educativos que investem nos sujeitos, mostrando a eles as dificuldades, lutas e as muitas formas de existência que constituem as nossas sexualidades. Ao observarmos as publicações, notamos também que existe uma necessidade delas se inserirem nos jogos de saber, poder e verdade na tentativa de definir o que é a experiência da homossexualidade, especialmente, a partir da linguagem, de um vocabulário que se expande, da busca pela afirmação de algo que seria “comum” aos homossexuais, uma unidade, um sentido de coletivo, de uma certa “cultura, e num mesmo movimento, deixa de fora outras experiências que se distanciam disso que é apontado como “comum” a todos/as. Pensar a partir das histórias dessas publicações e conhecê-las é importante, pois me ajudou a produzir modos de pensar a *Junior*, problematizando a sua presença na imprensa entre os anos de 2007 e 2015 e os seus processos educativos.

Outro ponto importante de ser destacado quando pensamos nas publicações gays é a emergência da internet. Se para manter uma revista é necessário ter muitos funcionários, assinantes, anunciantes e venda em bancas, para manter e administrar um site tudo pode ser feito de forma simples e com baixo investimento. Se antes o leitor tinha que ir na banca, expor-se a situações de preconceito e pagar pelo periódico escolhido, agora, ele vem descobrindo novas possibilidades com a internet. Sem sair de casa o leitor passa a ter inúmeras alternativas de acesso a qualquer tipo de informação que ele desejar. Podemos pensar que essa passagem do meio impresso para o meio digital seja um evento histórico e social, consequência da própria organização das mídias na atualidade. Mas, como a imprensa gay vem se constituindo nesse novo espaço a ser explorado, o espaço virtual? Quais as aproximações e distanciamentos que a imprensa gay virtual tem feito em relação às publicações impressas? Que avanços a internet traz para a imprensa gay?

O que temos visto, apesar da drástica diminuição de publicações impressas voltadas ao público gay, é que a imprensa gay vem ocupando espaço no mundo virtual, colocando em discussão a reivindicação de direitos, as lutas contra as violências e as múltiplas formas de expressão e vivência das sexualidades, reinventando desse modo, o seu viés educativo sobre as homossexualidades. Assim, continuamos escutando os *sinais* de uma imprensa que continua viva e se recriando.

*[...] A voz de um anjo sussurrou no meu ouvido  
E eu não duvido já escuto os teus sinais  
Que tu virias numa manhã de domingo  
Eu te anuncio nos sinos das catedrais.  
(Anunciação – Alceu Valença)*

## 5. "EM BUSCA DA BELEZA DO IMPERFEITO": CORPO E PRODUÇÃO CORPORAL

### NA REVISTA JUNIOR

*Como relâmpago, silêncio  
Passe de milagre você me pintou  
Me toma em teu compasso  
Que só no teu abraço  
Que eu me escondo do mundo*

*Pele que é pele não mente  
Não esconde, não dissimularia  
Meu corpo seja palco  
Vertido e tomado em pelo à tua poesia*

*Eu adoraria, eu adoraria  
Saber o percurso da tua boca a minha  
Eu adoraria, eu adoraria  
Ter de noite e de dia*

*Me perder na linha  
E me encontrar no fundo dos teus olhos*

*Pele que é pouca e não se aguenta  
Morre de vontade, dispensa ladainha  
Meu corpo seja palco  
Vertido e tomado em pelo à tua poesia*

*Eu adoraria, eu adoraria  
Verbo imperativo da tua língua a minha  
Eu adoraria, eu adoraria  
Ter de noite e de dia.  
(Adoração<sup>71</sup> – Filipe Catto)*

Meu corpo seja palco! Palco de transformações, palco de dores e alegrias, palco de prazeres, palco que expõe, palco de investimentos cotidianos. Enfim, palco de vida e existências! O cantor Filipe Catto ao assumir o corpo enquanto palco, toma-o como algo que é produzido e ao mesmo tempo assistido, indo ao encontro das concepções de corpo difundidas pela revista *Junior* e que serão exploradas neste capítulo. Para tanto, considero importante destacar o entendimento de corpo

---

<sup>71</sup> A música *Adoração* faz parte do álbum *Fôlego* do cantor Filipe Catto que foi lançado em 2011 pela gravadora Universal Music Group. A música foi composta pelo próprio Filipe Catto.

que permeia a minha escrita. Assumo a perspectiva de que o corpo é uma construção social, cultural e histórica. Algo inacabado, incompleto e, por isso mesmo, está em constante construção.

Pensar o corpo enquanto construção cultural é pensá-lo enquanto algo constituído historicamente, desprendendo-se do naturalismo atribuído ao corpo anatômico-biológico. É assumir a provisoriedade, os atravessamentos e as influências que cada cultura atribui a seus corpos, seja pelo desenvolvimento técnico-científico, ou seja pelas mídias que ditam o que é o corpo desejado e como esse corpo deve se comportar.

Investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, dentre elas as midiáticas, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são reiteradamente significadas, nas mais variadas culturas. Por meio de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas e adornos inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação entre eles. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos, gestos que empregam, pelas várias formas com que se expressam e se relacionam com o outro (LOURO, 2010).

Silvana Goellner nos lembra que falar do corpo é falar, também

de nossa identidade dada a centralidade que este adquiriu na cultura contemporânea cujos desdobramentos podem ser observados, por exemplo, no crescente mercado de produtos e serviços relacionados ao corpo, a sua construção, aos seus cuidados, a sua libertação e, também, ao seu controle. Pensemos nos investimentos da denominada indústria da beleza e da saúde, cuja ampliação não cessa de acontecer. Adornos, cosméticos, roupas inteligentes, tatuagens, próteses, dietas, suplementos alimentares, academias, cirurgias estéticas, medicamentos e drogas químicas fazem parte de um sem-número de saberes, produtos e práticas a investir no corpo produzindo-o diariamente (2008, p. 29-30).

Todo esse investimento no corpo diz de um processo mais amplo, um processo de controle em massa, que aponta modos desejáveis de constituirmos

nossos corpos de acordo com certos padrões de estética e beleza que são difundidos, sobretudo, pelas mídias. A *Junior* contribui com a disseminação em massa desses padrões, adequando-os para o seu público homossexual masculino, jovem, branco, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. Michel Foucault chamou de biopolítica essa estratégia de controle. Para ele a biopolítica pode ser entendida como “a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos, constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças...” (FOUCAULT, 2010b, p. 89). No entanto, é importante destacar que antes de problematizar a biopolítica, Michel Foucault (2004; 2012c) colocou em questão a disciplinarização e docilidade dos corpos. Processos que podem ocorrer em diferentes instituições como escolas, hospitais, prisões e igrejas, em que os corpos podem ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados a serviço de poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

Retomando o conceito biopolítica, é importante entendê-la como

uma nova forma de poder se ocupará, então: 1) Da proporção de nascimentos, de óbitos, das taxas de reprodução, da fecundidade da população. Em uma palavra, da demografia. 2) Das enfermidades endêmicas: da natureza, da extensão, da duração, da intensidade das enfermidades reinantes na população; da higiene pública. 3) Da velhice, das enfermidades que deixam o indivíduo fora do mercado de trabalho. Também, então, dos seguros individuais e coletivos, da aposentadoria. 4) Das relações com o meio geográfico, com o clima. O urbanismo e a ecologia (CASTRO, 2009, p. 59-60).

O corpo foi se tornando uma realidade biopolítica e a medicina trabalhando enquanto estratégia a favor dessa biopolítica. Gadelha (2009) exemplifica essa situação mencionando a crescente preocupação das principais nações europeias com o estado de saúde de suas populações no início do século XVIII: na Alemanha a atuação da Medicina de Estado, que foi uma medicina social coletivizada, fortemente estatizada e funcionarizada, cujo exercício se deu com a estreita sintonia entre a política médica e a política médica estatal; na França a ascensão da Medicina Urbana, onde foi destacada a necessidade de racionalizar e regulamentar

as condições de vida, as trocas, os espaços e os deslocamentos nas grandes cidades francesas; e por fim na Inglaterra, por meio da atuação da Medicina da Força de Trabalho, buscando a medicalização da população pobre e da massa de trabalhadores.

A emergência dessa nova forma de organização social, a biopolítica, levou o pensamento sobre o poder para além do poder disciplinar, abrindo espaço para o surgimento das sociedades de controle, as quais são caracterizadas pela intensificação dos aparelhos de normalização, afetando internamente nossas práticas comuns e diárias, estendendo-se para fora das instituições por meio de redes flutuantes de poder capazes de alcançar grandes parcelas da população (SOUZA e GALLO, 2002). O corpo assume a centralidade nesses processos biopolíticos. É ele que responderá às relações de poder em que está inserido. Desse modo,

o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 2012c, p. 144).

Assumir que o corpo é uma realidade biopolítica implica em dizer que ele é o resultado de intensos investimentos aos quais foi submetido. Investimentos que colocam a relação poder-saber como “um agente de transformação da vida humana” (FOUCAULT, 1988, p. 155) e criam modos de nos relacionarmos com nossos corpos e com a sociedade em que vivemos. Assim, temos o “corpo como espaço de construção biopolítica, como lugar de opressão, mas também como centro de resistência” (PRECIADO, 2014, p. 13), capaz de questionar normas e padrões, lançando-se em diferentes existências e modos de vida.

Sendo assim, posso dizer que o corpo é hoje uma questão. Isso significa que ele é resultado de discursos, de relações de poder, de investimentos e de processos educativos que atravessam os sujeitos. Nesse sentido, sinto-me instigado a problematizar as seguintes questões: Que corpo aparece repetidamente na revista *Junior*? Que corpo aparece como imagem e como produção discursiva difundida pela *Junior* entre 2007 e 2015, tendo como público alvo os sujeitos homossexuais

masculinos, jovens e de classe média? A partir de tais questionamentos penso ser possível explorar o conceito de corpo que foi sendo produzido e difundido pela revista ao longo de sua existência.

A organização deste capítulo se dá a partir de três eixos de discussão sobre o corpo na revista *Junior*. Essa divisão foi realizada para melhor discutir e explorar a temática, porém, destaco que há uma articulação entre os eixos que visa a construção de um corpo baseado em um padrão de beleza desejada. O primeiro eixo é dedicado a problematizar o corpo belo que aparece na revista, destacando a concepção de corpo e beleza ideais difundidas pela *Junior* e suas possíveis implicações nas vidas dos sujeitos leitores. Em seguida, aponto como o esporte e o universo *fitness* são tomados pela revista enquanto elementos fundamentais para a produção corporal. E por fim, coloco em discussão a temática da saúde e do bem-estar, buscando dar ênfase aos investimentos feitos pela revista *Junior* em prol de um corpo saudável.

### **5.1 “Verdadeira beleza”: Discursos sobre corpos belos, feios, magros, obesos**

O corpo aparece enquanto elemento fundamental na constituição da revista *Junior*. Ele é destaque nas capas por meio da estratégia de exposição dos corpos dos modelos, aparece em matérias que dizem de sua produção e está presente também nas propagandas publicitárias ao longo da revista, que revelam um intenso apelo comercial direcionado ao corpo. Tudo isso nos aponta o quanto o corpo é importante para a revista e como ela se apropria dele, seja com a intenção de educar os leitores, (des)subjetivá-los ou vender produtos.

Já em sua primeira edição, a *Junior* colocava um corpo em evidência, apontando o que seria uma das temáticas mais exploradas pela equipe editorial da revista. Assim como em todas as demais edições, a edição número um da *Junior* trouxe um modelo na capa que representava bem o público e os corpos para os quais a revista foi criada: um homem jovem, homossexual, branco e de classe média. Esse padrão de corpo e de público viria a dominar as demais edições da revista, apesar de nem sempre trazer sujeitos homossexuais na capa, como nos

casos em que modelos heterossexuais aparecem nas capas de *Junior* por atenderem a esse padrão de corpo difundido pela revista.

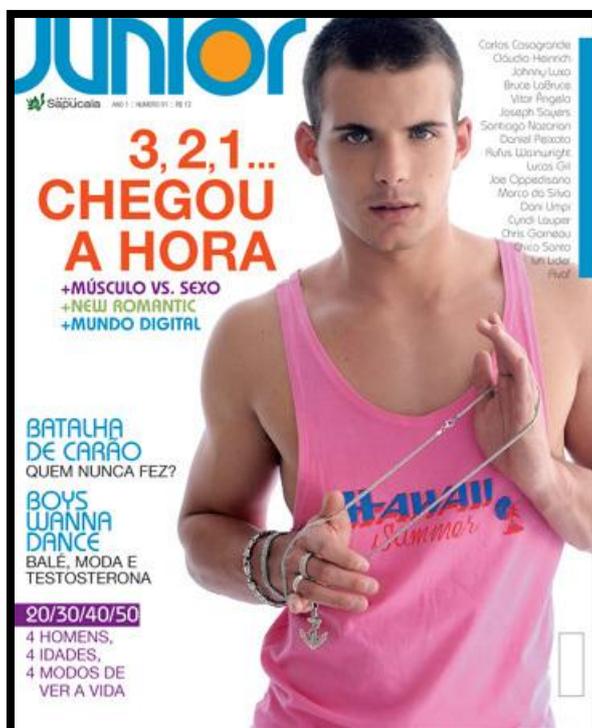


Figura 26: Capa da primeira edição da revista *Junior*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição 1 de setembro de 2007.

Tal modelo de corpo difundido pela revista está intimamente ligado a um padrão de beleza, a uma ideia de masculinidade e de desejo homossexual. Uma beleza focada na vaidade e nos cuidados pessoais, com a intenção de se manter a jovialidade e evitar o envelhecimento. Por isso, penso ser importante problematizar a noção de beleza, assumindo que “os conceitos de belo e de feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas” (ECO, 2007, p. 10). Ou seja, são conceitos construídos ao longo dos tempos e que vão se ressignificando, assumindo diferentes sentidos nas sociedades. Umberto Eco ainda complementa, pois “dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável” (2007, p. 15).

Assim, notamos que a *Junior* e os seus padrões de beleza são produzidos tendo como referência um “modelo estável”. Um modelo que reflete um corpo eleito como perfeito e desejável. Outras publicações também escolheram seus

corpos perfeitos e desejáveis, como as revistas *Playboy*, *Boa Forma*, *Men's Health* e *Women's Health*<sup>72</sup>. Todas elas tem algo em comum com a *Junior*: o corpo como eixo central de desejo.

Para a revista *Junior*, o corpo entendido como modelo de beleza é o corpo branco, jovem, magro, alto, malhado de uma regionalidade centro-sul brasileira e que comumente atribuímos à classe média. Enfim, um corpo que foi repetidamente reiterado pela revista no decorrer de sua existência por meio de suas matérias e imagens. Desse modo, o belo e sua beleza acabam sendo tomados como algo que agrada ou que é bom, construindo desejos. Tal fato abre espaço para que seja estabelecida uma relação com o feio e com a feiura, pois ao apontar o que é belo eu acabo classificando o que é feio. Assim podemos dizer a beleza produz a feiura e vice versa. “Enquanto para todos os sinônimos de *belo* seria possível conceber uma reação de apreciação desinteressada, quase todos os sinônimos de *feio* implicam sempre uma reação de nojo, se não de violenta repulsa, horror ou susto” (ECO, 2007, p. 19). De certo modo, ao ter e assumir a cada edição um modelo de beleza, a *Junior* acaba constituindo também um modelo de feiura. E tal modelo é tudo aquilo que se contrapõe à linha editorial da revista: sujeitos pobres, não brancos, baixos, idosos, gordos, pobres, deficientes...

Ao explorar os sumários da *Junior* e suas matérias, com o olhar voltado para a questão do corpo e da beleza, pude notar um grande investimento nas questões estéticas por parte da revista. Como exemplo posso citar os cortes de cabelo da moda, a publicidade de cremes e géis para a pele e, já nas últimas edições da revista, o surgimento de cuidados com a barba, o que já aponta uma transição do corpo liso dos anos 2000 para um modelo de corpo masculino que passa a dar um outro lugar aos pelos, assumindo-os enquanto parte constituinte desses corpos. Isso me leva a pensar que “o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto” (ECO, 2007, p. 421).

---

<sup>72</sup> A revista *Women's Health* é uma publicação estadunidense, direcionada às mulheres e com edições próprias publicadas em diversos países, inclusive no Brasil. O seu conteúdo aborda o universo *fitness*, com grande valorização do corpo atlético, sexualidade, saúde e qualidade de vida. A revista foi lançada em 2005 nos Estados Unidos e no Brasil é publicada pela editora Três.

Ainda problematizando a questão do corpo e da beleza na *Junior*, é possível perceber que o conceito de belo difundido pela revista passa também pela transformação corporal. Mudar o corpo, transformá-lo e adequá-lo. Esse é o convite feito aos leitores da revista. Para tanto, matérias como as que problematizarei a seguir insistem e investem nessa possibilidade de mudança por meio de procedimentos cosmédicos, atuando enquanto processos educativos que ensinam modos de ser e de esculpir o corpo de acordo com os padrões de beleza vigentes. Chamo de procedimentos cosmédicos os métodos cosméticos (cremes, xampus, maquiagens...) e médicos (cirurgias e procedimentos ambulatoriais) com a finalidade de produção e/ou modificação corporal.

Esses investimentos educativos sobre o corpo visando a beleza na revista *Junior* passam pela publicação de matérias com tais ensinamentos. Não é raro, ao folhearmos as edições de *Junior*, encontrarmos convites para mudarmos nossos corpos em nome de um modelo de beleza como nas chamadas das matérias que destaco a seguir. Convites que se debruçam, sobretudo, na produção de corpos malhados e bem definidos. Le Breton, ao problematizar o corpo em nossa sociedade, nos fala que “o homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si” (2013a, p. 30). Portanto, produzir o corpo e cuidar dele é ensinado e aprendido constantemente. Ter um corpo “apresentável” passa a ser uma exigência; construí-lo e mantê-lo é quase que uma obrigação. Assim, vamos nos dando conta que

há uma cruzada para fazer o desejo desejar, para estimular cada indivíduo a modelar seu corpo, diariamente, a limpar as carnes de todo vício, tornando-se, assim, um policial não apenas de si, mas do grupo do qual faz parte, da casa onde habita, do local em que trabalha, da cidade onde vive (SOARES, 2009, p. 65).

A *Junior* se encarrega bem desse papel de ensinar a ter um corpo belo, de vigiar-se, de cuidar do seu corpo para exibi-lo se estiver de acordo com os padrões de beleza. Suas chamadas em diferentes edições da revista provocam a curiosidade e apontam os “caminhos” para se chegar a esse modelo de corpo:

**Robocop gay: O corpo perfeito pode ser conquistado com anos de malhação ou em 24 horas nas clínicas de cirurgia plástica (JUNIOR, edição 12, 2009, p. 87).**

**Frankenstein dos sonhos: Quer saber como ter o corpo, rosto e afins dos modelos das capas da Junior? (JUNIOR, edição 26, 2011, p. 68).**

**Corpo de mister: Três misters famosos contam como fazem para manter o corpo próximo da perfeição (JUNIOR, edição 51, 2013, p. 84).**

As três chamadas das matérias possuem algo em comum. Ambas prometem ao leitor os caminhos para se construir o “corpo próximo da perfeição” tão valorizado e apontado pela revista. As matérias também assumem que o “corpo perfeito” é aquele estampado nas capas da *Junior*, demonstrando a força da revista enquanto processo educativo que indica modos de produção do corpo jovem homossexual. Nesse sentido, podemos dizer que a “mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens” (GOLDENBERG, 2007, p. 8).

Se há alguns anos os cuidados com o corpo e com a aparência eram quase que exclusivos para o público feminino, durante o período de circulação da *Junior* observamos que os homens passam a ser boa parte do mercado consumidor desses cuidados. E, entre esses homens, o mercado inclui e deseja o consumo dos homens homossexuais. Um consumo que perpassa por tantas possibilidades, que existe até a possibilidade de cada sujeito criar o seu “corpo de mister”. Ou seja, ser sujeito consumidor desses produtos implica em “comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar em uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são os recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais” (CANCLINI, 1999, p. 83). Por meio do consumo os sujeitos estabelecem relações singulares com a sociedade e consigo mesmos, na tentativa de suprir expectativas e produzir

o corpo desejado por si e estabelecido como padrão a ser conquistado, tal como o “corpo de mister”.

A criação desse “corpo de mister” é explorada a partir dos depoimentos de três rapazes que foram premiados em diferentes concursos de beleza. Nesses depoimentos eles vão relatando a rotina para se adquirir o corpo apto a participar de tais concursos: “Um mister precisa buscar um corpo simétrico com treinos que trabalham desde a panturrilha até o trapézio” (JUNIOR, edição 51, 2013 p. 86). Mas os entrevistados não se limitam a descrever a rotina praticada por cada um. Eles também dão dicas para os leitores que queiram construir os seus “corpos de mister”, destacando como devem ser os treinos na academia: “O tempo entre uma série e outra deve ser curto para a gente não perder o ritmo do exercício. Um minuto é mais que suficiente para fazer todas as repetições com energia” (JUNIOR, edição 51, 2013, p. 87). E as dicas não param por aí, elas vão para além da tonificação muscular a avançam para o universo estético, buscando ressaltar que a beleza de um mister é resultado de um conjunto de técnicas sobre o corpo: “Após o banho, com cabelos ainda úmidos, uso o spray junto com uma touca térmica e deixo ele agir durante 20 minutos. Os fios ficam macios e com mais brilho” (JUNIOR, edição 51, 2013, p. 87-88).

Problematizando os trechos acima, vemos que não há nada que indique a homossexualidade. Assim, podemos deslocar da centralidade da homossexualidade para a centralidade do corpo, independentemente da identidade sexual, o que implica em destacar que “o sujeito ocidental, é preciso dizê-lo, também é o resultado de um intenso trabalho do corpo” (CORBIN, COURTINE e VIGARELLO, 2012, p. 13). Trabalho que os artefatos culturais, como as revistas, vão se encarregando de transmitir aos sujeitos. Pelos depoimentos dos entrevistados, vemos que construir um “corpo de mister” não é simples. Exige disciplina de “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p. 126). Também exige tempo e investimentos financeiros para custear as atividades físicas, a alimentação e os produtos de beleza. Esses ensinamentos trazidos pela revista nos mostram que

o corpo é uma proposição a reaver para sustentar uma identidade remanejável, revogável, que o indivíduo define e redefine segundo

sua própria vontade. Ele se torna descartável como tantos outros produtos. O corpo se transforma em narrativa pessoal e em programa ajustado, matéria-prima a retrabalhar ou a conservar para bem corresponder aos episódios das personagens rebaixadas pelo indivíduo. Trata-se de construir pela exposição da aparência, e eventualmente por sua profundidade, operações de visibilidade que atestam uma definição provisória de si (LE BRETON, 2012b, p. 23).

As operações de visibilidade e a exposição da aparência destacadas por Le Breton também podem ser observadas na reportagem sobre o “Frankenstein dos sonhos”, em que o desejo e a busca pelo corpo belo mais uma vez são colocados em questão.

O Frankenstein destacado pela revista faz referência à construção de um corpo, que, para a *Junior*, seria o corpo “dos sonhos”. A ilustração dada pela revista a esse Frankenstein é significativa, pois ela produz um corpo a partir de outros cinco corpos. Esses cinco corpos são modelos que estiveram presentes nas edições anteriores da *Junior* e as partes escolhidas de seus corpos podem ser consideradas como perfeitas dentro do ideal de beleza que é difundido pela publicação. Ao elencar os melhores cabelos, bíceps, peitoral, abdome e coxas, a *Junior* vai apontando que o corpo é de fato uma construção. Porém, ele não deve ser construído de qualquer forma. A ilustração dá ênfase às melhores partes do corpo de cada modelo para que os leitores tenham um modelo de corpo a ser cobiçado e erguido, numa grande arquitetura corporal.

por **Nicolas Contatto**  
 fotos **Marcio del Nero** e **Lucio Luna** (arquivo JUNIOR)  
 modelos **Edilson Nascimento** e **Maikel Castro** (Elian Gallardo Models), **Bernardo Velasco** e **Murilo Rezende** (40 Graus Models) e **Marlon di Gregory**

# FRANKENSTEIN DOS SONHOS

**QUER SABER COMO TER O CORPO, ROSTO E AFINS DOS MODELOS DAS CAPAS DA JUNIOR? CLARO QUE QUER. ENTÃO SAIBA COMO EDILSON NASCIMENTO CUIDA DO CABELO; COMO BERNARDO VELASCO CONQUISTOU SEUS BÍCEPS; COMO MURILO REZENDE GANHOU SEU PEITORAL, MAIKEL CASTRO O ABDOME E MARLON DI GREGORY ESSE PAR DE COXAS.**

- 1** **CABELO**  
Edilson Nascimento (JUNIOR#08 e 20) lava o cabelo com qualquer xampu, mas corta no MG Hair.
- 2** **BÍCEPES**  
Bernardo Velasco (#16) faz musculação todos os dias e malha bíceps quatro vezes por semana.
- 3** **PEITORAL**  
Murilo Rezende (#25) malha muito. Musculação (supino plano, supino 30°, crucifixo e flexão).
- 4** **ABDOME**  
Maikel Castro (HOMEM #1) corre duas vezes por dia no parque e luta Muay Thai.
- 5** **COXAS**  
Marlon di Gregory (#23) treina perna uma vez por semana e corre diariamente.



**SEGUNDO A SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, OS HOMENS REPRESENTAM 30% DOS PACIENTES QUE SE SUBMETEM A PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS. HÁ CINCO ANOS NÓS REPRESENTÁVAMOS APENAS 5% DO TOTAL. CORREÇÃO DE PÁLPEBRAS É CAMPEÃ.**

## MERCADO

São Paulo terá pela primeira vez um congresso voltado exclusivamente para a beleza masculina. O Men's Beauty Show vai rolar nos dias 28 e 29 de abril.  
[mensbeautyshow.com.br](http://mensbeautyshow.com.br)

Estudantes de Marketing ou áreas correlatas na UFRJ, ESPM Rio e SP, PUC-Rio e Unicarioca poderão participar do Brandstorm 2011. A competição feita para recrutar talentos é realizada pela L'Oréal e pede: "Seja criativo e revolucione a experiência masculina em salões de beleza. Comece com uma ideia para um novo salão exclusivo para homens e desenvolva uma gama de produtos associados para eles sob a marca L'Oréal Professionnel Homme". Serão cerca de 40 mil reais em prêmios para os três primeiros colocados. Inscrições podem ser feitas até o dia 20 de março através do site.  
[www.brandstorm.loreal.com.br](http://www.brandstorm.loreal.com.br)

Figura 27: Frankenstein dos sonhos (JUNIOR, edição 26, p. 68).

Fonte: Revista *Junior*, edição 26 de março de 2011.

Embora a revista busque construir um corpo que tivesse cabelo, bíceps, peitoral, abdome e coxas considerados ideais, ao juntá-los em uma única pessoa, ela dá brechas para a construção do Frankenstein que pode levar não só a atração, mas à repulsa também. Ou seja, a construção desse corpo pode resultar na produção de um corpo indesejável, um corpo distante dos desejos de cada um.

Os investimentos na produção corporal feitos pela *Junior*, assim como na reportagem sobre o "Frankenstein dos sonhos", passam também por uma outra

forma de procedimento cosmédico: as intervenções cirúrgicas. Apesar da revista salientar que “o corpo perfeito pode ser conquistado com anos de malhação”, a grande discussão da matéria gira entorno das cirurgias plásticas. Não é a toa que a *Junior* traz o termo “robocop gay” no título da reportagem. Desse modo, “a cirurgia plástica funcionaria, portanto, como um recurso espetacular para transformar alguém que se acha despossuído do próprio corpo – porque este lhe dá provas de ser um fardo – em seu proprietário. O que não significa exatamente obter o controle total sobre si” (SANT’ANNA, 2014, p. 172). E esse controle social sobre si, de acordo com a reportagem da *Junior*, passa pela transformação de partes específicas do corpo como o peitoral, os bíceps, as panturrilhas e as glúteos. Uma transformação que conta com o auxílio da cirurgia plástica e com o implante de próteses, visando uma melhor definição dessas partes do corpo.

Mas, algumas partes do corpo são mais exploradas nas matérias do que outras. Esse é o caso dos glúteos. Objeto de desejo entre grande parte das mulheres, ter um bumbum “em forma” passa a ser explorado também pelos homens e, no caso da *Junior*, é apresentado como objeto de cobiça dos homens homossexuais. Nas edições número 11 e 62 da revista, esse assunto é explorado e colocado em questão:

**Freak le bumbum: Quer ter um bumbum empinado e durinho? Renan Conde mostra como alcançar isso da forma mais eficiente (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 88-90).**

**Bumbum delícia: Buscamos diversos profissionais para nos dar o caminho para ter um bumbum de Cinderela. Confira! (JUNIOR, edição 62, 2014, p. 70).**

As matérias vão apontando as possibilidades para a construção de um bumbum atraente, sedutor e de acordo com os modelos de beleza. A ele são indicadas técnicas de depilação, massagem, exercícios físicos e até mesmo cirurgias plásticas e de implante de próteses de silicone. “Ter um bumbum de Cinderela” leva à associação ao feminino, apontando que o bumbum desejado está mais próximo do bumbum comumente construído e desejado pelas mulheres. Deste modo, a *Junior* vai apresentando um verdadeiro passo a passo para adquirir o

bumbum “ideal”, ficar de bem consigo mesmo e despertar o olhar e o interesse do outro. Nessa perspectiva, Le Breton nos fala que

[...] o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas (2012a, p.78).

A temática da beleza e da produção de um corpo belo é tão recorrente na revista *Junior*, que ela dedica uma edição a essa discussão. A edição número 49 da revista explora ainda mais algo que já era constante nas edições anteriores: a “verdadeira beleza”.



Figura 28: Capa da edição número 49 da revista *Junior*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição 49 de março de 2013.

Mas afinal existe uma verdadeira beleza? Quem atribui o que é belo e o que não é? Que corpos representam essa verdadeira beleza? E os corpos que não se encaixam nesse padrão, o que são ditos deles?

A capa da edição número 49 e sua chamada são bastante provocativas e nos conduzem a pensarmos por algum momento nas diversas configurações corporais e nos diferentes conceitos de beleza: “Negros, índios, ruivos, loiros... A mistura brasileira gerou um país de homens lindos. Já está na hora de termos orgulho do nosso próprio DNA”. Porém, se analisarmos com um olhar um pouco mais cuidadoso, veremos que dos cinco modelos que estampam a capa da revista, quatro se encaixam em um ideal de corpo magro, alto e malhado e apenas um escapa deste modelo. É interessante problematizarmos isso, pois mesmo na tentativa de valorizar o que “a mistura brasileira gerou”, a *Junior* ainda acaba reforçando e insistindo em apenas um padrão de beleza, representado pelo corpo branco, jovem, malhado e de classe média. Ao reforçar tal padrão de beleza vemos que há uma invisibilidade de outras representações das homossexualidades masculinas, especialmente, nas capas da revista. Os homossexuais de periferia, negros, indígenas, com deficiências e mais velhos não estão nas capas da *Junior* e nem tem as suas belezas exaltadas. Embora a edição número 49 da revista seja publicada com a intenção de celebrar as diferenças, ao mesmo tempo a revista não vai além da norma, assumindo a posição cômoda de não perturbá-la e reiterá-la.

Outro aspecto interessante a ser destacado é a questão étnico-racial<sup>73</sup>. Essa é a única capa da revista que traz um negro e um ruivo. Os protagonistas nas capas de todas as demais edições são homens brancos. Denise Bernuzzi de Sant’Anna traz reflexões importantes nesse sentido ao citar a “jornalista Conceição Lourenço, editora da revista *Raça*, cujo primeiro número foi publicado em setembro de 1996. Ela considera que “as revistas atuais não atendem os negros porque não são direcionadas a eles. Isso é percebido principalmente na área de estética” (2014, p. 78). Temos a mesma percepção ao analisarmos a *Junior*. Ela não é uma revista produzida para contemplar qualquer público que escape do padrão proposto por ela, inclusive os negros. Os negros, os ruivos, os indígenas e os orientais são

---

<sup>73</sup> Destaco a importância da discussão étnico-racial, porém, ela não será objeto de maiores problematizações no trabalho.

invisibilizados na revista, como se eles não fossem também um público consumidor da *Junior* e dos produtos retratados em suas peças publicitárias.

Continuando a discussão e folheando a edição dedicada a discutir a “verdadeira beleza”, chegamos à matéria de capa. Logo vemos a frase “abaixo aos padrões” e em seguida o título da matéria: “Brasil de todas as belezas”. Percebemos uma insistente valorização das “belezas” presentes em nosso país e o editorial da revista busca esse destaque, trazendo a seguinte afirmativa logo abaixo da foto dos cinco modelos que estampam a capa da edição:

No país reconhecido no mundo todo como celeiro de homens e mulheres lindos, a moda, a publicidade e as revistas insistem em consagrar como padrão um tipo muito mais europeu que brasileiro. Bobagem. A quebra de paradoxos – incluindo os estéticos – está democratizando nossa forma de enxergar e reconhecer o que é belo (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 34-35).

É interessante ver nesta edição e, especificamente, na matéria de capa, a exaltação das diferenças corporais promovida pela revista. A *Junior* assume que “a publicidade e as revistas insistem em consagrar como padrão um tipo muito mais europeu que brasileiro”. Tal posicionamento faz com que a revista se problematize e pense no que ela tem difundido como modelo em suas páginas. Podemos pensar que essa edição diferenciada da revista não surgiu à toa. Ela é resultado das mudanças que vem ocorrendo, sobretudo, a partir dos anos 2000, em que corpos e sujeitos classificados como minorias passam a ter orgulho de si mesmos. Esse orgulho é refletido na exposição de seus corpos e na reivindicação por representação, principalmente nas mídias, como revistas e programas televisivos.

Ao propor que a “quebra de paradoxos – incluindo os estéticos – está democratizando nossa forma de enxergar e reconhecer o que é belo”, a *Junior* põe em questão as transformações que os padrões rígidos de beleza vêm sofrendo. Assim, podemos dizer que “a Beleza jamais foi algo de absoluto e imutável” (ECO, 2004, p.14). Pelo contrário, ela foi e ainda segue se resignificando a todo momento, assumindo diferentes formas e contornos nas vidas dos sujeitos.

Nas últimas décadas temos percebido que um quantitativo significativo da população mundial tem engordado<sup>74</sup>. Isso é colocado em destaque na matéria sobre a “verdadeira beleza” na *Junior*. A revista destaca que “não é só no Brasil que a população está engordando e isso gera, definitivamente, novas necessidades de mercado e representação. [...] O orgulho da gordura é, por si só, revolucionário em um país que persegue desde sempre a magreza das areias de Ipanema” (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 37). Ainda buscando reforçar a mensagem de uma pluralidade de corpos nesta matéria, a *Junior* aborda a questão da obesidade, salientando as necessidades de um público quase sempre esquecido no que diz respeito a itens de consumo como roupas e acessórios, quanto de visibilidade nas mídias.

Maria Celeste Mira, ao pensar no leitor e nas bancas de revistas acaba trazendo essa temática para discussão. Para ela “a obesidade contraria, ao mesmo tempo, os ideais de beleza e saúde” (2001, p. 185). Ao contrariar os modelos de beleza e saúde, a obesidade provoca. Provoca porque mostra possibilidades de vivência e existência em corpos não malhados, corpos grandes e que, não necessariamente possuem algum problema de saúde. Porém, ainda segundo Maria Celeste Mira, “uma vez que o corpo torna-se o espaço privilegiado para a negociação das diferentes identidades, recuperar a autoestima é, antes de mais nada, recuperar o próprio corpo. É nele que o sucesso e o fracasso são negociados” (2001, p. 185). Autoestima e obesidade caminham juntas. Em uma sociedade em que ser gordo é sinônimo de doença e fracasso de si mesmo, reivindicar a existência e o respeito por esses corpos é um ponto relevante de ser apontado na matéria em que a *Junior* se propõe a discutir a “verdadeira beleza”.

A matéria segue com mais provocações importantes e coloca em destaque a questão do envelhecimento, uma vez que a idade é um “dispositivo importante no jogo das ‘aparências’” (POCAHY, 2011, p. 203). Isso “significa dizer que a idade organiza a vida ao conferir status de ‘humanidade’ em diferentes formas e condições político-culturais” (POCAHY, 2012, p. 47). David Le Breton (2013b, p.

---

<sup>74</sup> Em 32 anos, a humanidade engordou em média seis quilogramas e foram os habitantes das zonas rurais os que ganharam mais peso. Tais dados fazem parte de um estudo publicado na revista *Nature*, que se baseou na análise do índice de massa corporal (IMC) de 112 milhões de adultos, em mais de 200 países e territórios de todo o mundo. Mais informações sobre esse estudo podem ser acessadas em: <<https://observador.pt/2019/05/09/em-32-anos-a-humanidade-engordou-6kg-habitantes-de-meios-rurais-foram-os-que-mais-engordaram/>> Acesso em: 17/10/2019.

236) nos aponta que “o sentimento da velhice é uma mistura indiscernível de consciência de si (através da consciência aguda de um corpo que muda) e da apreciação social e cultural”. Ou seja, o envelhecimento passa pelo entendimento da condição corporal de si mesmo, mas também é percebida por meio do olhar do outro, pela forma como o outro fala ou se direciona ao corpo que envelhece. O olhar do outro é um disparador que faz com que os sujeitos tenham consciência de seu envelhecimento, pois “o sentimento de envelhecer vem sempre de alhures, ele é a marca em si da interiorização do olhar do outro” (LE BRETON, 2013b, p. 237). Um olhar marcado pelo padrão da beleza e da jovialidade que, ao se ver confrontado pela velhice, denuncia a passagem do tempo e suas marcas no corpo como algo indesejável e passível de tratamentos cosméticos rejuvenescedores.

Sérgio Amaral, na época editor da revista de moda *L'Officiel Brasil*, afirma à *Junior* “que existe uma supervalorização do novo e do jovem na cultura brasileira. A maioria das pessoas tem pavor de envelhecer! E não são as revistas nem a moda que vão mudar isso, infelizmente” (JUNIOR, edição 49, p. 38). Envelhecer parece ser um “pavor” para muitos sujeitos e “em várias partes do mundo, os apelos para rejuvenescer e embelezar adquiriram um extraordinário peso social e econômico e, por isso, o desassossego não poderia deixar de ser permanente” (SANT’ANNA, 2014, p. 188). Desse modo, “mesmo quando se está doente, é bom não descuidar da aparência; mesmo quando se é jovem, sinais da decrepitude parecem estar à espreita” (ibidem), transformando os sujeitos em guardiões de sua própria juventude e guerreiros que lutam contra o envelhecimento.

Ana Fadigas, que foi editora e trabalhou em algumas importantes revistas brasileiras, tais como a *Recreio*<sup>75</sup>, *Contigo!*<sup>76</sup>, *Boa Forma*, *Sexy* e *G Magazine*, também comenta sobre o corpo e o processo de envelhecimento: “A tão falada terceira idade ainda faz lembrar coisa antiga, doença, artrite, chatice, problemas e

---

<sup>75</sup> A revista *Recreio* foi uma publicação brasileira destinada ao público infantil que circulou por dois períodos distintos. O primeiro período de circulação da revista foi entre os anos de 1969 e 1981 pela editora Abril. Já o segundo período de circulação da revista *Recreio* se deu entre os anos 2000 e 2018, sendo que entre 2000 e 2014 foi publicada pela editora Abril e entre 2014 e 2018 foi publicada pela editora Caras. A *Recreio* teve por objetivo divertir e educar as crianças por meio de passatempos, curiosidades, piadas, quadrinhos e testes.

<sup>76</sup> A revista *Contigo!* foi uma publicação brasileira inserida no segmento de celebridades, dando ênfase às notícias e fotos sobre pessoas famosas. A revista foi publicada entre os anos de 1963 e 2015 pela editora Abril e entre os anos de 2015 e 2018 pela editora Caras.

afins!" (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 38). Associar o ato de envelhecer a coisas negativas, de fato, faz a velhice ser temida e indesejada. Comumente ouvimos essas associações, tal como fez Ana Fadigas em seu relato, pois as "nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si. É melhor construí-lo sob medida para derrogar ao sentimento da melhor aparência. Seu proprietário, olhos fixos nele mesmo, cuida para torná-lo seu representante mais vantajoso" (LE BRETON, 2013a, p. 31). Assim, batalhas vão sendo travadas com o passar dos anos, na tentativa de retardar ou amenizar os efeitos do envelhecimento sobre o corpo. E a indústria da beleza tem um papel fundamental nesse processo. Mesmo sendo declaradamente uma revista voltada para o público homossexual masculino jovem, a *Junior* estabelece um diálogo com a velhice na perspectiva de chamar a atenção dos leitores para os cuidados a serem tomados na intenção de retardar o envelhecimento e, ao mesmo tempo, festejar a manutenção da imagem do corpo jovem e que esconde ou tenta esconder as marcas da idade.

A indústria da beleza nos oferece um amplo espectro de produtos e serviços cosméticos como cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, suplementos alimentares e atividades físicas, que além do apelo consumista, propagam uma norma, um padrão de corpo ideal a ser reproduzido. Ao problematizar a cultura do corpo, Jocimar Daolio destaca que "o homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa)" (2007, p. 39). Nesse processo, a carne assume lugar de destaque, sendo a vitrine de nosso corpo. Esse corpo torna-se o palco onde os indivíduos viverão suas histórias, assujeitamentos e experimentações.

A *Junior* indica que a busca pela beleza e pelo corpo perfeito também passa pelo intenso uso de cosméticos e cirurgias plásticas com as mais distintas finalidades: acabar com as espinhas, emagrecer, limpar, hidratar e perfumar a pele, cuidados com os cabelos e a barba, dentre outros. Todos esses processos possuem um custo e de dizem de um público que tem condições financeiras de adquiri-los. No caso da *Junior* estamos falando de um público homossexual masculino, branco, jovem, de classe média, de uma regionalidade centro-sul brasileira que se apropria dos saberes presentes nas mensagens publicitárias estampadas na revista para

construir o corpo desejado. Assim, vemos que as identidades vão sendo produzidas também por meio do “consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir” (CANCLINI, 1999, p. 39). Dessa maneira, passa-se a depender da aquisição de certos produtos para se sentir completo e integrado em seu ambiente social, denunciando que o consumo não se dá apenas no aspecto individual. Ele extrapola a individualidade e passa para a esfera do coletivo, em que determinados públicos possuem desejos de consumo em comum. Nessa perspectiva, Néstor Canclini destaca que

o consumo é visto não como a mera posse individual de objetos isolados mas como a apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com os outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens (1999, p. 90).

Essas mensagens que são enviadas e recebidas carregam consigo saberes e relações de poder. Dizem do status social dos sujeitos, do seu poder de consumo, até onde se pode gastar para que os desejos sejam satisfeitos e se possa construir o corpo idealizado. Um corpo que vai além da mera constituição biológica e demanda para si uma série de investimentos cosméticos que as publicidades da *Junior* dizem que devem ser adquiridos para a conquista do corpo perfeito.

Umberto Eco, ao trabalhar com a história da beleza, explora esse consumo incentivado pela mídia, inclusive pelas revistas:

Aqueles que visitam uma exposição de arte de vanguarda, que compram uma escultura “incompreensível” ou que participam de um *happening* vestem-se e penteiam-se segundo os cânones da moda, usam *jeans* ou roupas assinadas, maquiagem-se segundo o modelo de Beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelos *mass media*. Eles seguem os ideais de Beleza propostos pelo consumo comercial, aquele contra os quais a arte das vanguardas lutou durante mais de cinquenta anos (2004, p. 418).

A mídia possui uma importância comercial imensa para o mercado da beleza. Na citação acima, Umberto Eco nos lembra da forte presença dos “cânones da moda” e do “modelo de Beleza” nas mídias de massa. Com a *Junior* isso não é diferente. Nas páginas da revista observamos, tanto na linha editorial quanto nas

publicidades, a existência de ensinamentos que oferecem ao leitor uma gama de possibilidades de se tornar e se manter belo. São, de fato, as representações nas mídias e nas publicidades “que tem o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e de desejar que propõem” (SANTAELLA, 2004, p. 126).

Nesse sentido, ao analisar todas as edições de *Junior*, percebi que algumas temáticas são mais recorrentes e recebem mais destaque do que outras. Como exemplo, posso citar os cuidados com os cabelos, que aparece em 21 edições e o uso de cremes e afins, que mostra-se presente em 22 edições. Esses dados são significativos e apontam para a emergência do universo de cuidados pessoais voltado para o público masculino. Mas também podemos problematizar se tais matérias estariam presentes nessas proporções em revistas direcionadas para os homens heterossexuais no período em que a *Junior* circulou.

Direcionando o olhar para as matérias sobre os cuidados com os cabelos, notamos que suas chamadas carregam um caráter educativo, levando ao leitor os saberes supostamente necessários para que seu cabelo seja devidamente cuidado e esteja de acordo com os padrões vigentes à época:

**Sem flocos: No inverno a caspa vem com tudo e a gente te ajuda a evitar (JUNIOR, edição 61, 2014, p. 76).**

**Pouca idade, pouca telha: A queda de cabelo precoce assusta, mas já pode ser evitada (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 68).**

**Saiba como ter o cabelo igual das celebridades (JUNIOR, edição 39, 2012, p. 79).**

**Tipo anjo: Cabelos cacheados e encaracolados ficam lindos se bem tratados; nem pense em alisar! (JUNIOR, edição 43, 2012, p. 88-89).**

**Tipo platinum: Se não pode vencê-los, junte-se a eles; saiba como tirar vantagem dos cabelos grisalhos que o tempo traz (JUNIOR, edição 17, 2010, p. 66-67).**

**Picumã da hora: Quer saber qual é o corte de cabelo mais legal da estação? (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 110-111).**

**Tudo sobre cabelo: Saiba como cortar, secar, arrumar e arrasar. (JUNIOR, edição 4, 2008, p. 110-113).**

Em grande parte das matérias é possível notar a emissão de saberes para o leitor. Saberes que dizem dos modos como ele deve cuidar do seu cabelo e, conseqüentemente, preservá-lo. Michel Foucault nos traz contribuições para pensarmos nessa questão ao trabalhar com a problemática do saber. Entre as definições de saber apresentadas, ele nos diz que “um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso” (2013a, p. 220). Nesse sentido, podemos pensar nos modos como os discursos produzidos pela *Junior* podem ser apreendidos pelos leitores, constituindo novas formas deles se relacionarem consigo mesmos, tendo como base os saberes explorados pela revista no que diz respeito à beleza, juventude e corpo. Saberes que, segundo Bernard Charlot (2000), não são apenas algo que os sujeitos se apropriam, seja informação ou conhecimento, mas são, sobretudo, relações que se constroem.

As matérias abordando os cuidados com o cabelo na *Junior* são bastante didáticas. São discursos educativos que miram nos sujeitos fazendo uso de frases de impacto e bem convidativas, inclusive com o oferecimento de ajuda para sanar questões indesejadas: “No inverno a caspa vem com tudo e a gente te ajuda a evitar” ou “saiba como tirar vantagem dos cabelos grisalhos que o tempo traz”. Uma promessa de ajuda que atrai e ao mesmo tempo aproxima o leitor da revista. Mas a revista, por outro lado, pode ser taxativa em seus ensinamentos indicando “como cortar, secar, arrumar e arrasar”, mostrando o que não deve ser feito, como no caso dos cabelos cacheados: “nem pense em alisar!” ou indicando que ter pouco cabelo ou cabelos brancos é um sinal de envelhecimento. Todos esses processos dizem também da questão mercadológica envolvida nos processos de cuidado com o corpo e de embelezamento.

Le Breton, ao explorar a sociologia do corpo, destaca que “um mercado em pleno crescimento renova permanentemente as marcas que visam a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da “comunicação”” (2012a, p. 78). E complementa realçando que as “roupas, cosméticos, práticas

esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer a “morada” na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo” (ibidem). Assim, cuidar da beleza dos cabelos passa a ser uma forma de comunicação consigo mesmo e com o outro, na medida em que a busca pelo belo também depende da percepção e da aprovação do olhar alheio.

Na busca constante para estar bem consigo mesmo e para o outro em relação aos processos de embelezamento, observamos que a *Junior* aposta também nos usos de cosméticos, maquiagens e cirurgias, oferecendo aos leitores mais alternativas para a construção do corpo dentro de um ideal de beleza:

**Espelho meu: A pele requer cuidados específicos com o passar do tempo. Aprenda a cuidar da sua a partir da faixa etária (JUNIOR, edição 32, 2011, p. 88-89).**

**Pele tipo capa de revista: Maquiador que assina muitas capas da Junior ensina truques de maquiagem para você também sair lindo na foto (JUNIOR, edição 44, 2012, p. 90).**

**Vai uma lipo aí? Tudo sobre as cirurgias de lipoaspiração para homens (JUNIOR, edição 22, 2010, p. 64-65).**

Ao destacar que “a pele requer cuidados específicos com o passar do tempo” e ensinar tais cuidados, a *Junior* amplia a sua imersão nas técnicas de embelezamento e leva-as ao público da revista. Essa é uma ideia recorrente, a revista reivindicando para si o lugar de parâmetro. E para isso, ela investe no discurso do especialista, trazendo pessoas “autorizadas” para ensinarem algo, como na matéria que traz o “maquiador que assina muitas capas da *Junior*” e “ensina truques de maquiagem para você também sair lindo na foto”. Assim, a *Junior* revela que “misturado ao milenar sonho de rejuvenescer, o embelezamento virou uma prova de amor por si mesmo e pela vida – não somente um dever, mas um merecido prazer; não simplesmente um truque para ser amado, mas uma técnica para se sentir adequado, limpo e decente” (SANT’ANNA, 2014, p. 16). Os termos “adequado”, “limpo” e “decente” trazidos por Denise Bernuzzi de Sant’Anna são fortes, mas resumem bem os processos de produção corporal que visam a

construção, exibição e a manutenção da beleza na contemporaneidade. Esses processos vão se tornando tão complexos que se subdividem de acordo com as faixas etárias dos sujeitos, como bem destaca a *Junior*. A conquista desse “merecido prazer” demanda despesas significativas, tanto de tempo, quanto de dinheiro, uma vez que esse triunfo está associado à aquisição de cosméticos e rotinas diárias de aplicação deles ao corpo. Por isso, é comum a presença de indicações de produtos e publicidades nas matérias que abordam questões envolvendo o embelezamento do corpo.

# BEM CUIDADO

*A Junior selecionou produtos para você ficar mais bonito ainda*

Bem-estar está muito além de cuidar da saúde. Cuidar da beleza também faz parte do processo de cuidar do corpo e da auto-estima. Por isso selecionamos alguns produtos que não podem faltar na nécessaire de beleza de qualquer homem que valoriza sua aparência e gosta de estar de bem consigo mesmo. Confira uma lista completa para cuidar desde os cabelos até os pés.



• Esmalte Base Risqué

Dedicado aos homens preocupados em cuidar das mãos, a Risqué desenvolveu uma linha de esmalte base especialmente para eles. R\$ 2,90



• Hidratante facial pele mista e oleosa e máscara facial energética Pierre Alexandre

Gel creme que atua na proteção contra ação dos radicais livres, hidratando a pele e absorvendo a oleosidade excessiva nas áreas necessárias. Com Chá Verde, extrato de Camélia Sinensis e vitamina E, o gel proporciona uma pele hidratada e macia. R\$ 35  
Máscara que combina extratos vegetais que hidrata profundamente, revigorando e energizando a pele. R\$ 38



• Absolue Precious Cells Lacôme

Creme refenerador e reconstrutor para a região dos olhos. Ideal para olheiras ou aquele "olhar cansado". Preço Sugerido: R\$473



• Hidratante MEN Protetor Multição O Boticário

Para cuidar de todo o corpo ele tem proteção UVA/UVB fator 20, ação anti-idade, hidratação prolongada da pele, antibrilho e ainda serve como pós-barba. Preço sugerido R\$59

• Zaid Eau de Parfum O Boticário

Dedicada ao homem ousado e que sabe o que quer, a fragância é feita com matérias-primas de diferentes partes do mundo como Bergamota da Itália, Coriandro da Rússia, Cedro dos EUA e Sândalo da Austrália, além de elementos de países como Indonésia e Filipinas. Preço Sugerido: R\$154



• Styling Gel Lowell Cosméticos Livre de álcool

O styling gel possui fixação forte e promove penteados versáteis e modernos de longa duração. Possui polímero de alta tecnologia em sua composição, ideal para criar estilos diferentes com toque agradável e proteção contra a umidade excessiva do ar. R\$ 29



• Perfume Eau D'Ikar Sisley

Desenvolvido na Ilha de Córsega, o perfume Eau D'Ikar tem como nota principal o aroma da Madeira de Lentisco, sendo um dos poucos perfumes do mundo que utiliza este tipo de nota. R\$334

Figura 29: Publicidade com cosméticos na revista *Junior*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição 53 de agosto de 2013.

Para se ter uma “pele tipo capa de revista”, a *Junior* explora da maquiagem, tradicionalmente associada ao feminino, assim como fez ao falar do bumbum, “ensina truques” e a coloca como mais uma estratégia de embelezamento para que o leitor possa “sair lindo na foto”. Michel Foucault, ao problematizar o corpo

utópico, faz considerações interessantes que nos remetem a pensar nos discursos de embelezamento publicados pela *Junior*:

O corpo é também um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, de maquiagem e de tatuagem. Mascaram-se, maquiarem-se, tatuar-se não é exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiarem-se, mascaram-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis (2013b, p. 12).

Michel Foucault nos leva a refletir além da produção de corpos belos. Somos convidados a compreender os “poderes secretos” e as “forças invisíveis” existentes nos atos de embelezar-se. Nesse sentido, podemos considerar potentes os processos de (des)subjetivação dos sujeitos, as relações que eles vão (re)criando consigo mesmos, com seus corpos, com o olhar do outro e ao olhar esse outro que também o constitui. Talvez o que a *Junior* transmita seja algo que o leitor queira escutar, visando

a aquisição de um corpo abençoado e que, como tal, sempre ajuda em vez de atrapalhar. Um corpo que funciona, portanto, como impulso a vencer na vida, e nunca como um contribuinte do fracasso. Um corpo que sabe apagar as mágoas diárias sem se render aos efeitos colaterais, que, diferentemente de ser submetido ao controle, surpreenda positivamente o seu “dono”, saindo-se melhor do que se imagina. Um “verdadeiro corpo”, portanto, visto como mais natural do que o “anterior” (SANT’ANNA, 2014, p. 172).

A conquista desse corpo que busca se distanciar do “fracasso” é incessantemente explorada pela *Junior*. “Vai uma lipo aí?” é mais um convite ao embelezamento. Porém, agora é um convite diferente, que procura na medicina e, conseqüentemente, nas cirurgias, estratégias que venham a somar no processo de constituição do corpo belo. Mas a *Junior* vai além e apresenta “tudo sobre as cirurgias de lipoaspiração para homens”, mais uma vez focando em seu nicho específico, destacando as particularidades desse tipo de cirurgia para o público masculino.

Os recentes progressos nas últimas décadas “nos âmbitos cirúrgico e estético reforçaram a ideia de que, com eles, qualquer um pode se adaptar ao mundo contemporâneo, melhorar a relação consigo e com os outros e, ainda, escapar ao fracasso, ao abandono e à solidão” (SANT’ANNA, 2014, p. 175). Além disso, podemos apontar também que as exigências sobre o corpo e os prazeres corporais não param de aumentar, demandando que os sujeitos reiteradamente reconstruam as suas existências, visando a vivência de experiências densas e profundas com seus corpos, mas que também são experiências incertas e, porque não dizer, infundáveis.

## **5.2 “Corpo perfeito”: Esporte e cultura *fitness***

As experiências corporais são constantes e contínuas, tanto nas matérias e imagens apresentadas pela revista *Junior*, como na nossa sociedade. Esculpir o próprio corpo pode ser tomado como uma dessas experiências vivenciadas pelos sujeitos. A intensificação da cultura *fitness* nas últimas décadas proporcionou novas maneiras de nos relacionarmos com nossos corpos. Essa cultura vem disseminando o discurso sobre a importância do esporte e das atividades físicas para a promoção e manutenção da saúde, além do afastamento de doenças, derivadas, sobretudo, de um estilo de vida sedentário. Ser *fitness* ou ser adepto da práticas de atividades físicas acaba sendo assimilado como sinônimo de ser saudável e assim corpos vão se produzindo. Porém, essa produção passa pelo modelamento corporal, em que o corpo é moldado tendo como base exemplos ou modelos a serem atingidos e/ou reproduzidos. Dessa maneira, “o corpo “em forma” se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual qualquer mulher ou homem pode aspirar, se realmente se dedicar a isso. “Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos”, poderia ser o *slogan* desse mercado do corpo” (GOLDENBERG, 2007, p. 9).

A *Junior*, em suas matérias, não foge do *slogan* do mercado do corpo destacado por Mirian Goldenberg, pelo contrário. A revista investe no convite para que os leitores possam dar novos contornos e configurações a seus corpos. Tal

convite é sedutor, provocador e recheado de promessas. As chamadas abaixo retratam um pouco isso:

**Em busca do tanquinho: Dietas, exercícios e até cirurgias que prometem chapar a barriga, desenhá-la e fazer todos os olhares se direcionarem a você (JUNIOR, edição 10, 2009, p. 104-107).**

**Poxa, que coxa! Nosso personal ensina a ganhar um pernão daqueles com exercícios caseiros (JUNIOR, edição 30, 2011, p. 78).**

**Os sem-academia: Conquistar aquele corpo não é possível só com musculação. Estúdios e escolas de yoga, circo e pilates atraem cada vez mais pessoas em busca de um corpo saudável e naturalmente bonito. Conheça os benefícios e mexa-se! (JUNIOR, edição 26, 2011, p. 66-67).**

A *Junior* apresenta diferentes possibilidades de reconfigurarmos nossos corpos. Essas possibilidades são tentadoras, uma vez que oferecem diferentes combinações para o alcance de um objetivo comum: estar dentro de um padrão corporal e de beleza. “Chapar a barriga” ou “desenhá-la” carrega a promessa da atração de olhares e, conseqüentemente, ser desejado e cobiçado pelos outros sujeitos. Assim,

o *fitness* nos é apresentado como o “remédio universal”, que nos garante: a independência da medicina (a qual revela como sendo aparente); a proteção de todos os males da sociedade moderna – adições de todo tipo (drogas, sexo, consumo), depressões e distúrbios alimentares -; a receita da felicidade e da fidelidade (“nestes tempos de altos índices de divórcio e infelicidade conjugal, os casais que malham juntos ficam juntos”); e a possibilidade de construção de uma biografia íntegra em tempos de desordem moral e desintegração social (ORTEGA, 2008, p. 40).

Assumindo que o universo *fitness* e as atividades físicas atuam como um “remédio universal”, a *Junior* continua compartilhando os seus ensinamentos por meio de seu próprio *personal trainer*. Esse sujeito permeia algumas edições da revista, mostrando exercícios que podem ser feitos com a finalidade de moldar determinadas partes do corpo e garantir que os leitores tenham acesso a essas informações. Informações que não são passadas por qualquer um. A revista se

encarrega de destacar que essas informações são disseminadas por um *personal trainer*, sujeito com legitimidade e saber científico para tratar do assunto. Um assunto que assume grande importância na vida de muitas pessoas, pois temos nossos corpos vistos, vigiados e regulados a todo momento.

Seguir as orientações para conquistar um corpo malhado e de acordo com os padrões de beleza torna-se necessidade numa sociedade do olhar. Francisco Ortega, ao problematizar essa questão, aponta que estamos “totalmente a mercê do outro, já que o que existe (o corpo que também é o *self*) está à mostra. Somos vulneráveis ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo precisamos de seu olhar, precisamos ser percebidos, senão não existimos” (2008, p. 44).

Passamos a existir e a constituir a nós mesmos nessa relação com o olhar do outro. Por isso “mexa-se!”, incita a *Junior* ao instigar a “busca de um corpo saudável e naturalmente bonito”. Buscar esse modelo de corpo para a revista pode ir além do ato de frequentar academias de musculação. Nesse sentido, a *Junior* se incumbem de apresentar alternativas a essa prática, destacando que os “estúdios e escolas de yoga, circo e pilates” também contribuem para a conquista do corpo saudável e perfeito.

O papel das revistas na promoção desse padrão de corpo é significativo, pois “para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina, alertam as revistas masculinas e femininas, além de todas aquelas dedicadas à boa forma existentes no mercado” (GOLDENBERG e RAMOS, 2007, p. 27). Logo, percebemos que os discursos produzidos pela *Junior* alinham-se às investidas em prol da beleza difundidas por outras revistas para diferentes públicos, em que o autocontrole da aparência corporal é cada vez mais incentivado.

Esse controle e a exigência por um corpo belo acaba conduzindo os sujeitos ao consumo de substâncias que produzem os efeitos desejados em um curto espaço de tempo, como os anabolizantes. A *Junior* esteve atenta a essa problemática e a colocou em discussão em algumas matérias:

**É bomba! Enquanto anabolizantes são usados indiscriminadamente no mercado negro, médicos experientes acompanham pacientes**

**que querem se submeter a tratamentos com hormônios (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 100-103).**

**Tá bombando! Receitados por (alguns) médicos, anabolizantes garantem efeitos rápidos no corpão. Mas são perigosos (JUNIOR, edição 13, 2009, p. 86-87).**

**“Bomba faz mal, mas eu tomo”: Todos sabem que o uso de hormônios para sarar o corpo é perigoso, mas muitos não param de tomar mesmo depois de complicar. A seguir, histórias de gente que enfrentou os efeitos do uso indiscriminado dos esteroides (JUNIOR, edição 42, 2012, p. 40-42).**

Ao abordar o uso de anabolizantes e seus efeitos no corpo, a *Junior* se encarrega de fazer dois movimentos distintos. Ao mesmo tempo em que ela aponta os perigos do uso de tais substâncias, ela parece relativizar esses riscos ao trazer o saber médico como autorizador dessa prática, chegando a firmar que “médicos experientes acompanham pacientes que querem se submeter a tratamentos com hormônios”. A legitimidade e o acompanhamento de um médico figura como uma provável segurança no tratamento com anabolizantes para crescer e definir o corpo, já que “tudo isso se efetua através de discursos cientificistas que são endossados e legitimados pelos depoimentos de especialistas” (SIBILIA e JORGE, 2016, p. 40). Ou seja, as pedagogias direcionadas ao corpo na revista *Junior* tentam garantir a sua autoridade no discurso médico e científico para chegarem de forma legítima aos sujeitos leitores.

Estampar nas páginas da revista as “histórias de gente que enfrentou os efeitos do uso indiscriminado dos esteroides” faz com que o leitor tenha acesso às experiências vividas por outras pessoas, inclusive experiências de resistência e possam pensar em suas próprias atitudes frente a essas substâncias. Um dos entrevistados pela *Junior* sabe que o uso dos anabolizantes é prejudicial, mas mesmo assim resiste ao discurso médico, é capturado pelo desejo do corpo belo, usa as substâncias e assume isso para a revista: “bomba faz mal, mas eu tomo”. Um ato de coragem que é compartilhado, socializado com outros sujeitos e diz da produção de diferentes existências na relação com o corpo.

Paul B. Preciado aborda essa questão do uso de fármacos para a constituição corporal e nos chama a atenção a produção de um tipo específico de

corpo: o corpo farmacopornográfico. Esse corpo “não é uma matéria viva passiva, mas uma interface tecno-orgânica, um sistema tecnovivo segmentado e territorializado por diferentes tecnologias políticas (textuais, informáticas, bioquímicas)” (PRECIADO, 2018, p. 124) que vão se encarregando de construir corpos e subjetividades.

Na era farmacopornográfica, o corpo engole o poder. É uma forma de controle ao mesmo tempo democrática e privada, ingerível, bebível, inalável e de fácil administração, cuja propagação pelo corpo social nunca foi tão rápida ou tão indetectável. Na era farmacopornográfica, o biopoder reside em casa, dorme conosco, habita dentro (PRECIADO, 2018, p. 223).

O uso de anabolizantes pode ser classificado como um dispositivo farmacopornográfico, uma vez que a sua utilização está permeada de saberes que circulam entre os sujeitos. Saberes que apontam a (i)legalidade da substância, como ministrá-la e seus efeitos desejados e/ou indesejados. Assim, ao engolir ou injetar algum anabolizante eu estou introduzindo no meu corpo uma série de saberes e expectativas que passam a habitá-lo e a fazer parte de mim.

Pensando nessa questão, Carmem Lúcia Soares, problematiza a produção corporal e ressalta que “a fixação no corpo e pelo corpo apresenta-se como ato quase desesperado de posse de algo em que é possível transformar-se, não importando muito as condições para a realização da transformação” (2006, p. 121). Podemos salientar que antes de pensar nas condições e nas consequências dessa transformação por meio dos anabolizantes, talvez os sujeitos tenham em mente um desejo, o desejo de converter o corpo em um espetáculo, como nos fala Jean- Jacques Courtine:

Antes de tudo, o espetáculo está nas ruas. Entre a multidão de passantes, os body-builders destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico. O body-builder não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente. Não ao modo do obeso, este outro indígena das multidões americanas, que arrasta sua anatomia como um fardo que o entrava e o estigmatiza. O corpo do body-builder pretende, ao contrário, tirar todo o benefício do peso no campo do olhar, saturá-lo de massa muscular. “Impor-se”, pesar no olhar alheio, através da ação combinada de um efeito de massa e de um deslocamento

mecânico. [...] O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias (2005, p. 82-83).

Se o músculo marca e transforma o corpo em espetáculo, a sua aquisição torna-se necessária. Porém, a sua conquista para alguns não é tão fácil e tranquila. Daí surgem as promessas e tentações de produção de um corpo imponente a curto prazo por meio dos anabolizantes. Promessas que entram no jogo da construção do corpo belo que captura os sujeitos e os levam a correr atrás delas, assumindo riscos e dores em suas próprias vidas.

Ao problematizar as condutas de risco, David Le Breton (2009) nos lembra que a noção de perigo para o corpo ou de risco é socialmente construída ao longo da história, ou seja, variável de uma época para outra e de um lugar para o outro. O autor nos aponta também que quanto mais as sociedades se cercam por procedimentos de segurança e destacam os perigos dos riscos, como no caso dos anabolizantes, mais esse tema vem à tona e “crescem as tentativas de jogar com a própria existência” (LE BRETON, 2009, p. 24). Uma vez advertido do perigo que corre, o sujeito que se coloca em risco “persiste em sua conduta em razão do prazer que sente nela e a seu enraizamento em sua identidade, pela recusa de que lhe ditem seus atos e gestos, ou porque considera que os outros não são ele e que, no que lhe diz respeito, nada teme” (LE BRETON, 2009, p. 23). Assim, o risco livremente assumido vai sendo valorizado, seja pela atração que ele desperta pelo resultado a ser conquistado, seja pelo desafio de enfrentá-lo mesmo sabendo dos perigos que ele pode proporcionar.

Mas *Junior* apresenta também outros meios, digamos menos arriscados, de construir o corpo perfeito, como a readequação alimentar. Algumas matérias apontam os caminhos que os leitores devem seguir por meio da alimentação para modelar seus corpos:

**Dieta Popeye: Conquiste o corpo perfeito com alimentos que prometem chapar a barriga e aumentar os músculos (JUNIOR, edição 20, 2010, p. 68-69).**

**Segredo da batata doce: Médico explica o porque o tubérculo virou mania no prato de quem quer emagrecer e ganhar massa magra (JUNIOR, edição 43, 2012, p. 82).**

**Músculos pela boca: Saiba quais são os alimentos que devem ser consumidos diariamente para facilitar o crescimento de massa muscular (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 86).**

Técnicas para “chapar a barriga e aumentar os músculos” continuam sendo propagadas pela *Junior* para a conquista do corpo sarado, inclusive quando se trata da alimentação. Falar de uma “dieta Popeye” é falar de uma dieta que, de certa forma, assegura que quem a seguir ficará forte, assim como o famoso personagem dos desenhos animados. Na tentativa de garantir a fabricação de “Popeyes”, a *Junior* revela “segredos”, mais uma vez se apropria do discurso médico e ensina “quais são os alimentos que devem ser consumidos diariamente para facilitar o crescimento de massa muscular”. Esse ritual pedagógico continua educando e ensinando, destacando os vilões e os heróis na busca da aparência física ideal.

Dessa forma, “a gordura surge como inimiga número um da “boa forma”, quase uma doença, especialmente para aqueles que buscam ostentar um corpo “sarado”, ícone da “cultura da malhação”” (GOLDENBERG e RAMOS, 2007, p. 30). Pensando na nossa “cultura, que classifica, hierarquiza e julga a partir da forma física, não basta não ser gordo(a) – é preciso construir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou de moleza” (GOLDENBERG e RAMOS, 2007, p. 30) e para que isso seja possível, a alimentação passa a ter um lugar de destaque. Um verdadeiro processo de ganhar “músculos pela boca”, como afirma a *Junior*.

Escapar desse processo pode vir a marcar a diferença, o não desejável. Alimentar-se bem passa a ser a norma e alimentar-se para construir e manter os músculos é mais valorizado ainda, uma vez que “as vidas humanas são constituídas pelos saberes e poderes que vigoram numa determinada época” (SIBILIA e JORGE, 2016, p. 32). Nesse sentido, Francisco Ortega nos lembra que “somente sendo idênticos à norma é que podemos nos esconder. A adaptação, a obediência e a identificação com a norma é o refúgio do eu que fez de sua aparência a essência. Queremos ser iguais para nos protegermos, nos escondermos. Ou somos idênticos,

ou nos denunciemos” (2008, p. 45). Nesse sentido, a denúncia de nós mesmos sobre nossa construção de corpo também perpassa sobre o que comemos ou deixamos de comer e se desdobra nos músculos que desejamos criar, modelar e ressignificar.

Assim, a *Junior* vai se encarregando de produzir e transmitir os seus saberes sobre a produção corporal. Uma produção que mira no corpo belo e perfeito e para isso promove também a saúde e bem-estar desse corpo, investindo na “proposta de um ideário religioso/esportivo de mandamentos e de maratonas a serem seguidos e vencidos” (SANTAELLA, 2004, p. 127).

### **5.3 “Viva bem”: Ensinaamentos sobre saúde e bem-estar**

Na contemporaneidade não basta que o corpo seja belo e malhado. É necessário também que o corpo seja saudável e siga práticas que contribuam o seu bem-estar, pois de que adiantaria ter um corpo dentro de um padrão de beleza e não poder exibi-lo ou mantê-lo devido a ocorrência de enfermidades? A *Junior* defendeu isso durante o seu período de circulação, publicando matérias dedicadas aos ensinamentos sobre saúde e bem-estar.

As preocupações com a saúde manifestadas pela revista foram, sobretudo, destinadas ao corpo do público leitor, ou seja, preocupações com o corpo do homem homossexual:

**Ânus incríveis: Hemorroidas incomodam, doem e complicam o jogo anal. Saiba como evitá-las (JUNIOR, edição 19, 2010, p. 70-71).**

**Se toque! Autoexames de mama e testículos ajudam a prevenir doenças e assegurar vida sexual longa (JUNIOR, edição 20, 2010, p. 70-71).**

**Check-up: Quer evitar problemas de saúde no futuro? Junior diz a quais médicos ir e quais exames fazer dos 20 aos 40 anos (JUNIOR, edição 38, 2012, p. 81).**

**Que saco! Sabe o que é epidimite? Deveria, ela é uma infecção nos testículos que dá bastante dor (JUNIOR, edição 58, 2014, p. 72-73).**

**Bate bola: Sabia que existe a torção dos testículos? Ela é extremamente grave e pode fazer você ficar sem um deles (JUNIOR, edição 59, 2014, p. 72-73).**

**Couve-flor: HPV não é coisa só de mulher e pode causar até câncer nos homens (JUNIOR, edição 60, 2014, p. 72-73).**

De acordo com as matérias acima vemos um intenso cuidado com o corpo homossexual masculino, destacando um cuidado bem particular, o cuidado com as áreas associadas ao prazer sexual, como o ânus e os testículos, visando “prevenir doenças e assegurar vida sexual longa” e sem complicar “o jogo anal”. Vejo essas matérias como importantes canais de disseminação de informações ao leitor. Elas quebram o tabu ainda existente de tratar de certos assuntos ligados à sexualidade e doenças que possam afligir os órgãos sexuais masculinos. Michel Foucault nos lembra que “na cultura de si, o aumento do cuidado médico foi claramente traduzido por uma certa forma, ao mesmo tempo particular e intensa, de atenção ao corpo” (1985, p. 61).

Essa atenção ao corpo apontada por Michel Foucault e aparente na revista *Junior* realça o caráter educativo presente nas reportagens. Uma ação que além de pedagógica, é também prescritiva: “Quer evitar problemas de saúde no futuro? *Junior* diz a quais médicos ir e quais exames fazer dos 20 aos 40 anos”. É fato que ao publicar esse tipo de reportagem, a revista presta um serviço de saúde pública, mas ao mesmo tempo ela aponta os caminhos que os sujeitos devem seguir nos cuidados com seus corpos.

Outro aspecto que merece a nossa atenção é a desmistificação de doenças consideradas por grande parte da sociedade como exclusivas do público feminino. Trazer para a discussão as possibilidades de aparecimento de câncer de mama e HPV nos homens é um trunfo para a revista, expondo que

a prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como

indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo, ou por alguém que para isso tem competência (FOUCAULT, 1985, p. 62-63).

Cuidar dos males que maltratam o corpo passa também pelo cuidado com a alma. Em uma sociedade que exige cada vez mais dos sujeitos, sobrecarrega-os e leva-os ao esgotamento, o estresse e doenças derivadas dele estão cada vez mais comuns. *Junior* atenta-se à emergência dessas situações e as inclui entre os cuidados necessários à saúde do corpo:

**Não estressa: O estresse virou gíria na atualidade e um dos males mais comuns, mas tem como tratar (JUNIOR, edição 51, 2013, p. 91).**

Cuidar de si mesmo, de seu corpo e de sua mente a fim de manter-se saudável torna-se uma realidade que faz com que “cada um deve descobrir que está em estado de necessidade, e que lhe é necessário receber medicação e socorro” (FOUCAULT, 1985, p. 63). *Junior* está atenta a esse “estado de necessidade” mencionado por Michel Foucault e lista “duas terapias que reduzem o estresse e os benefícios que se pode ter se elas forem seguidas com regularidade” (JUNIOR, edição 51, p. 91). A revista sugere a eletroacupuntura e a quiropraxia como estratégias de combate e tratamento das enfermidades causadas pelo estresse. Isso é significativo, na medida em que a *Junior* coloca a questão em debate e ao mesmo tempo indica possíveis soluções para os problemas, abrindo caminho para uma maior aproximação com os leitores que venham a sofrer com tais problemas.

A *Junior* da mesma forma que manifesta preocupação com a questão do estresse coloca em discussão a emergência da vida online e as possíveis enfermidades advindas dessa vivência:

**Online e saudável: Saiba o que especialistas têm a dizer sobre como as novas tecnologias podem afetar sua vida social e sua saúde (JUNIOR, edição 56, 2013, p. 72-73).**

A chamada acima é provocativa. Provocativa no sentido de alertar para algo novo em nossas vidas. As experiências produzidas no universo da internet são recentes e ainda estamos descobrindo os seus prazeres e os seus problemas. A *Junior* avisa que “as novas tecnologias também colaboram não só para doenças psicológicas, mas físicas também” (JUNIOR, edição 56, 2013, p. 73), chamando a atenção para os cuidados que devemos ter ao nos envolvermos com o mundo digital. Edvaldo Souza Couto e Silvana Goellner destacam que “parece que o corpo atual, mesmo já bastante turbinado pelas tecnologias, torna-se cada vez mais obsoleto e dispensável. Daí a urgência individual e coletiva na construção de um cibercorpo para dar forma e alegria ao humano além do humano, para festejar o pós-humano” (2012, p. 8). Alegrias e festejos que para a *Junior* também devem ser cercados de cuidados nessa simbiose produzida entre carne e tecnologia nos últimos anos.

Os cuidados com a saúde e bem-estar difundidos pela *Junior* ainda trazem investimentos na vida sexual dos sujeitos. Utilizando de entrevistas com médicos especialistas, a revista coloca em discussão assuntos nem sempre abordados em outras revistas ou mídias e valoriza o saber desses profissionais:

**Faça chuca<sup>77</sup>, não passe cheque: Junior conversou com o proctologista Paulo Branco para saber qual o melhor método para ficar limpinho e não passar cheque na hora H (JUNIOR, edição 59, 2014, p. 74).**

**Maior é melhor: Urologista dá boa notícia e explica que é possível aumentar o pênis com segurança (JUNIOR, edição 54, 2013, p. 76).**

**Muita calma nessa hora: Ativos apressadinhos e falta de lubrificação podem causar câncer de ânus. Confira aqui como fugir desse pesadelo (JUNIOR, edição 24, 2011, p. 84-85).**

**Papo reto: Seu pênis é torto? Descubra quais podem ser as causas e quando é hora de tratar (JUNIOR, edição 18, 2010, p. 82-83).**

---

<sup>77</sup> A chuca é a prática de injetar água no reto e depois expelir repetidas vezes, com a intenção de deixar a área limpa e livre de fezes.

**O dito cujo: Aumento, estética, fimose, disfusão... Tudo, tudinho mesmo, para fazer o seu pênis brilhar (JUNIOR, edição 14, 2010, p. 82-83).**

Utilizar do discurso médico aparece enquanto estratégia de garantir legitimidade ao que a revista aborda, expondo pedagogias direcionadas ao corpo homossexual masculino amparadas no saber científico, algo semelhante ao que Cristiane Oliveira Pisani Martini (2017) identificou em sua pesquisa com a revista *Alterosa* em que pedagogias promovidas por especialistas eram voltadas para o público feminino. Assim, a *Junior* tenta passar uma confiabilidade ao leitor para que ele possa “saber qual o melhor método para ficar limpinho e não passar cheque na hora H”, como “aumentar o pênis com segurança”, que a falta de lubrificação no sexo anal pode “causar câncer de ânus”, e por fim, descobrir “tudo, tudinho mesmo, para fazer o seu pênis brilhar”. Todos esses discursos de certo modo nos capturam e nos convidam a conhecer as estratégias e as tecnologias apresentadas pela *Junior*, pois afinal, qual homem não gostaria de fazer “o seu pênis brilhar”?

Ao mesmo tempo as reportagens continuam com seu caráter pedagógico, dizendo de modos de ser, construir e manter certos padrões de beleza, inclusive avançando sobre a intimidade e os cuidados com os órgãos sexuais. Nesse sentido, podemos dizer que a “beleza transformou-se num tema ambicioso e vasto, exigindo cuidados rigorosos para além das partes físicas mais expostas ao olhar alheio. Das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário” (SANT’ANNA, 2014, p. 15).

Além do processo de embelezamento, chama a atenção um certo higienismo em relação ao ato sexual anal. Ao anunciar “o melhor método para ficar limpinho e não passar cheque na hora H”, a *Junior* chega a publicar o “passo a passo da chuca”, mostrando como realizar a limpeza do reto. A validação dessas dicas passa pela autoridade de um médico, um proctologista que garante autenticidade ao que a revista está divulgando. Apesar de reconhecer na reportagem que “exista quem curte” fazer sexo anal sem a realização da limpeza anal, o discurso desenvolvido pela revista destaca a valorização de tal método de higienização, apontando o caminho de uma relação sexual limpa, saudável e de sucesso.

Mas para conquistar a tão sonhada beleza saudável e o bem-estar, a *Junior* coloca em destaque mais uma técnica a ser colocada em ação pelos sujeitos: o emagrecimento. Denise Bernuzzi de Sant’Anna, ao estudar a história do peso no Brasil, nos conta que

a partir de meados do século XX, sobretudo, o ideal de uma aparência física leve e longilínea conquistou uma positividade crescente. Desde então, para milhares de pessoas de ambos os sexos, emagrecer ganhou o aspecto de uma necessidade urgente, ampliada pela propaganda em torno dos martírios da obesidade e da necessidade de controlar o próprio peso (2016, p. 14).

Esse “ideal de uma aparência física leve e longilínea” que surge no século XX apontado pela autora, aparece na *Junior* por meio de matérias que visam a perda de gordura e, conseqüentemente, o emagrecimento:

**Dieta do sono: Quer emagrecer? Entenda porque o sono é tão importante (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 75).**

**Suga gordura: Comparamos três métodos que prometem secar gordurinhas (JUNIOR, edição 41, 2012, p. 83).**

**A dieta milagrosa: Quer saber se as receitas populares para emagrecer realmente funcionam? (JUNIOR, edição 37, 2012, p. 87).**

**Lúdica: Tecnologia a serviço da estética desenvolveu técnica que reduz até 12 cm de gordura em apenas uma sessão (JUNIOR, edição 54, 2013, p. 72).**

As matérias acima investem maciçamente na perda da gordura corporal e no enaltecimento dos corpos magros, retratando de certo modo que “o corpo do obeso atual sugere menos prestígios e mais descontroles. Ele é visto como quem sofre por sua incapacidade, igualmente real ou imaginada, de saber administrar seu peso e seu volume” (SANT’ANNA, 2016, p. 141). Assim, o corpo obeso seria “um corpo que padece de um dos principais “pecados” das sociedades contemporâneas: aquele de não saber investir em si mesmo com sucesso”

(ibidem). Esse corpo é responsabilizado por ter “fracassado” em ser magro e não ter conseguido controlar a si mesmo. Nesse processo,

o indivíduo controla não apenas a limpeza profunda de suas carnes, de sua pele, de seus cabelos, mas controla e limpa também o seu entorno, não permite que o “outro” suje seu ambiente de fumaça, que o “outro” invada seu espaço vital com suas carnes gordas, com seu corpo cheio de excessos, expressão dos vícios. Policial de si e do outro, policial da vida. São os vigilantes do peso, os vigilantes do açúcar, os vigilantes do cigarro, os vigilantes dos bons costumes. Vigiar e punir! Nunca essa acertada união de palavras feita por Foucault foi tão atual e tão profunda (SOARES, 2009, p. 65).

Vigiar e punir são ações presentes nas páginas da *Junior* ao abordar a questão do peso corporal. As investidas da revista nesse sentido são constantes e dizem de um processo educativo que desqualifica o sobrepeso e a obesidade. Ao fazer as interrogativas “quer emagrecer?” ou “quer saber se as receitas populares para emagrecer realmente funcionam?”, a revista faz um chamamento àqueles, que de alguma forma, estão insatisfeitos com seus pesos e/ou são assediados a todo momento pela necessidade de criação e manutenção de um corpo magro que, conseqüentemente, é considerado saudável. Assim, podemos problematizar que

na medida em que o corpo foi transformado na principal “carta de identidade individual”, ser gordo ou magro é uma maneira, talvez, entre as mais flagrantes, de revelar o que cada um tem de melhor e também de pior para oferecer aos outros e a si mesmo. Por isso, tanto para aqueles que se curvam aos estigmas e obedecem às normas para alcançar um peso ideal como para os que se rebelam contra o império dos pesos e medidas, é o corpo a figura a ser mantida no centro das atenções. É ele que serve como emblema e prova, seja das disciplinas autoimpostas, seja das revoltas empreendidas contra as modas e as medicalizações (SANT’ANNA, 2016, p. 177).

Mas a *Junior* também é propositiva e criativa nos processos que visam o emagrecimento. Ela apresenta diferentes possibilidades para que os sujeitos venham a perder peso e reinventar seus corpos. Essas estratégias incluem a “dieta do sono”, técnica “suga gordura”, a “dieta milagrosa” e até mesmo uma alternativa “lúdica” que promete reduzir “até 12 cm de gordura em apenas uma sessão”. Todos

esses discursos são sedutores na contemporaneidade. Afinal, quem não gostaria de “secar gordurinhas” em alguma parte de seu corpo?

As convocações que a revista faz a emagrecer e ser magro e as características educativas desses processos vão constituindo os sujeitos e seus corpos. Desse modo, “é o corpo que sustenta, em sua vida e em sua morte, em sua força e fraqueza, a sansão de qualquer verdade e de qualquer erro, tal como ele sustenta também, e inversamente, a origem – proveniência” (FOUCAULT, 2008, p. 267).

#### **5.4 O que pode um corpo?**

No decorrer deste capítulo o corpo foi protagonista de uma série de problematizações acerca das relações que o cerca, sobretudo, a beleza, o universo *fitness* e os discursos sobre saúde e bem-estar. Ou seja, uma intensa preocupação com os cuidados corporais “reforçada pela estetização da aparência pessoal e pelo embelezamento do próprio corpo, seja através de práticas de ginástica em academias e do consumo de cosméticos, seja pelas intervenções cirúrgicas que proliferam especialmente no Brasil” (RAGO, 2007, p. 53). Todos esses investimentos, porém, não significam um encontro consigo mesmo ou a conquista da satisfação pessoal, pelo contrário. A busca ou adequação a um padrão de beleza pode conduzir àquilo que Margareth Rago (2007) denominou de dissociação de si, por se tratar de um processo que visa a adequação a um modelo exterior, disseminado, veiculado e exaltado pelo mercado e pelas mídias.

Entretanto, conforme aponta Foucault (1988, p. 106), existem “resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” que “não podem deixar existir a não ser no campo estratégico das relações de poder” (ibidem). Assim, é possível escapar do assédio das mídias e do mercado para a construção de um padrão de corpo e produzir outros corpos, outras existências. Tais resistências que permitem, inclusive, pensando na *Junior*, que os sujeitos não comprem a revista ou não sigam

seus ensinamentos, direcionados, sobretudo, à produção corporal e conquista de um certo padrão de beleza.

Desse modo, podemos problematizar que a autonomia sobre o corpo permite que o sujeito reconheça que a produção corporal está sempre aberta a redefinições e reconstruções. Nesse sentido, as relações de poder atuam nos processos de fabricação de nossos corpos, nossos prazeres e nossas subjetividades. Essas subjetividades recebem o complemento da intersubjetividade como forma de governo de si e de seu corpo conectadas com as relações estabelecidas com o outro. Nessa perspectiva, a fala desempenha um papel de destaque, pois o ato de falar pressupõe-se um ouvir e compreender, num processo em que ao ouvir o outro acabo me constituindo junto a ele a partir de sua fala. Ortega (1999, p. 126) nos lembra que “a constituição do indivíduo como sujeito ético efetua-se só por meio de relações complexas com o outro (cujo estatuto e formas são diferentes segundo a época). O outro é indispensável na cultura de si”, ou seja, o outro está sempre presente na origem da nossa constituição estética. Estética como investimento em outras formas de vida. Ao compartilharmos práticas com o outro, somos remetidos ao contexto intersubjetivo que nos proporciona esse encontro com ele, pensando que a experiência também surge de um mundo compartilhado.

Nesse compartilhamento creio que um dos objetivos seja fazer do corpo um lugar de produção de prazeres. Um corpo que é produto de um poder disciplinar e de uma biopolítica que o atravessa e o constitui. O sujeito pode mergulhar em uma pluralidade de campos; ele será o arquiteto de uma rede, o iniciador de suas relações sociais em um universo construído por ele mesmo (ORTEGA, 1999).

Penso que o importante é o modo como vivemos e nos relacionamos com nossos corpos, investindo numa existência cheia de possibilidades, onde experimentar a multiplicidade torna-se uma forma de vida possível. E nessa multiplicidade corpos são criados, fabricados, construídos, reconstruídos, marcados, atravessados e vividos, num processo em que os sujeitos não se cansam e não param de construir a si mesmos.

## 6. “EU GOSTO DE DOMINAR E SER DOMINADO”: MASCULINIDADES, AMOR E

### (HOMO)SEXUALIDADES NA *JUNIOR*

*Para abraçar o sol  
E fechar os olhos  
Para falar de amor  
Deitar em seu colo  
Vim de outra cidade  
Eu sou da estrada, sou rosa*

*Rosa no céu azul  
Te beijei os ombros  
Você que me contou  
Sobre os seus assombros  
Assombros de amor  
De lá do fundo do seu mar [...] (A cor é rosa<sup>78</sup> – Silva)*

Fechar os olhos, falar de assombros de amor e deitar no colo de alguém. Ato corriqueiro que vão nos constituindo, mexendo com nossos desejos e aguçando a imaginação. Somos capturados por essas ideias, pensamos na conquista de um amor ao mesmo tempo em que vamos produzindo e vivenciando diferentes masculinidades e (homo)sexualidades. Essa constituição não se dá de modo solitário. Vamos aprendendo a nos produzirmos enquanto sujeitos na coletividade. Uma coletividade que é composta por diferentes instâncias da nossa sociedade como a família, a escola, o trabalho, a religião e também as mídias. Com as mídias temos acesso a uma infinidade de informações que dizem das formas de nos fazermos sujeitos. Esses modos apontam para as masculinidades e sexualidades desejadas e para o ideal romantizado de amor. A *Junior* não foge dessa linha editorial e acaba trazendo esses assuntos pensando, sobretudo, nos homossexuais masculinos jovens e de classe média que são o seu público alvo.

Para abordar tais questões organizo este capítulo discutindo primeiramente sobre as masculinidades, pensando que elas são (re)construídas historicamente por nossa sociedade e que a *Junior* vai investindo na problematização de um tipo específico de masculinidade: a masculinidade homossexual branca, de classe média

---

<sup>78</sup> A música *A cor é rosa* faz parte do álbum *Brasileiro* do cantor Silva que foi lançado em 2018 pela gravadora Som Livre. A música é uma composição do Silva e do Lucas Silva.

e de uma regionalidade centro-sul brasileira. Em seguida discuto o amor e a idealização de amor romântico feita pela revista, que leva para a homossexualidade comportamentos e desejos comumente vividos na heterossexualidade. Na sequência dedico-me a abordar como a temática das (homo)sexualidades vai aparecendo na revista e vai apontando que a sexualidade é um processo que vai sendo construído pelos sujeitos ao longo de suas existências por meio de seus desejos. Trago também para a discussão as matérias publicadas na *Junior* sobre a questão do “armário” e o ato de assumir-me enquanto sujeito de uma identidade sexual não heterossexual, mostrando que não existe receita para esse ato e que ele é particular a cada um. A emergência da internet e seus desdobramentos para as vivências homossexuais é destacada e problematizada pela revista, apontando que essa tecnologia proporcionou novas possibilidades de busca de parceiros. Abordo também a AIDS e os encaminhamentos que a revista faz sobre essa temática para os seus leitores. Em seguida proponho a discussão sobre os direitos para os sujeitos LGBTQI+ abordados pela *Junior*, pensando, sobretudo, no direito ao casamento, direito à adoção de filhos/as e o direito à expressão da (homo)sexualidade. Por fim, destaco a questão das violências LGBTQIfóbicas, criminalização da LGBTQIfobia e “cura gay”, no sentido de problematizar essas temáticas a partir das denúncias feitas pela revista *Junior*.

### **6.1 “O que interessa é sermos feis a nós mesmos!”: Mais do que masculinidades, masculinidades homossexuais**

Ser um homem de verdade – o que é que isso exige? Repressão das emoções. Calar sua sensibilidade. Ter vergonha de sua delicadeza, de sua vulnerabilidade. Abandonar a infância de modo brutal e definitivo: os homens-criança não possuem boa reputação. Ficar angustiado pelo tamanho do seu pinto. Saber fazer as mulheres gozarem sem que elas mesmas saibam ou queiram lhes indicar como. Não dar sinais de fraqueza. Amordaçar a sensualidade. Vestir-se com cores discretas, usar sempre os mesmos sapatos grosseiros, nunca brincar com os cabelos, não usar muitas joias, nenhuma maquiagem. Sempre dar o primeiro passo. Não possuir nenhuma cultura sexual para melhorar o seu orgasmo. Não saber pedir ajuda. Ter que ser valente, mesmo sem ter nenhuma vontade. Valorizar a força, seja qual for seu caráter. Mostrar agressividade. Possuir um acesso restrito à paternidade. Ter sucesso social para poder pagar as melhores mulheres. Morrer de

medo de sua homossexualidade, porque um homem de verdade não deve nunca ser penetrado. Não brincar de boneca quando pequeno, contentar-se com carrinhos e armas de plástico muito feios. Não cuidar muito do seu próprio corpo. Submeter-se à brutalidade de outros homens sem reclamar. Saber se defender, mesmo sendo doce, ser privado de sua feminilidade, como as mulheres se privam da sua virilidade, não em função das necessidades de uma situação ou de um caráter individual, mas em função daquilo que o corpo coletivo exige (DESPENTES, 2016, p. 23).

As palavras de Virginie Despentes narram o que historicamente foi sendo construído enquanto a masculinidade ideal. Uma masculinidade vigilante, que priva os homens da manifestação de sentimentos e os aproximam da agressividade, da violência e da frieza no trato com o outro como denunciam os estudos de Robert Connell e James Messerschmidt (2013) e José Rodolfo Lopes da Silva (2019). Palavras que são potentes para pensarmos também nos modelos de masculinidade presentes nas páginas da *Junior*. Masculinidades atravessadas pelo viés da homossexualidade e que ora se aproximam e ora se distanciam “daquilo que o corpo coletivo exige” para um homem.

Estar e viver em sociedade implica em aprender, adequar-se, escapar, provocar, resistir e/ou criar modos particulares de nos expressarmos enquanto sujeitos. Com o passar dos anos fomos construindo e assimilando formas desejáveis de homens e mulheres crescerem, se manifestarem e se relacionarem uns com os outros. Formas essas profundamente marcadas pelas relações de gênero, ou melhor, pelas expectativas criadas ao redor dos comportamentos conhecidos como masculinos, atribuídos aos homens, e femininos, atribuídos às mulheres. Dessa relação podemos extrair o que hegemonicamente entendemos como feminino e como masculino e daí observamos o que “desvia” de tal entendimento.

Essa vigilância sobre a masculinidade acontece desde a infância. Alain Corbin (2013, p. 8) nos fala que “desde sua mais tenra idade o menino deve endurecer-se. Muitas vezes, precisa suportar a separação da mãe e da família, provar sua capacidade de vencer o frio e a dor, reprimir as lágrimas, receber, sem pestanejar, maus-tratos e punições”. Além disso, “desde a infância ele se acha confrontado com cenas de violência” (ibidem). Já no que tange à educação,

percebemos que aos meninos são impostos controles e liberdades acerca da construção das suas masculinidades. Seus desejos, brincadeiras, sentimentos e emoções são alvos de constante vigilância que tenta garantir que as vivências dos meninos não ultrapassem a fronteira de gênero ou expressem características comumente atribuídas à feminilidade, como a sensibilidade ou a preocupação com cuidados cosméticos. No entanto, observamos que as liberdades se fazem mais presentes para os homens do que para as mulheres, como por exemplo, no caso da vivência da sexualidade. Aos homens é garantido e estimulado o pleno exercício sexual, enquanto essa experiência ainda é muitas vezes negada ou regradada para as mulheres. Nesse sentido, “tanto o comportamento como as mínimas fantasias estarão sendo observados e comparados com uma norma para o desenvolvimento sexual. Todos os desvios serão cuidadosamente observados e classificados como problemas de ordem médica, psíquica e moral” (NOLASCO, 1993, p. 42), podendo cercear os meninos de vivências que se distanciem da masculinidade e os apontando para as práticas autorizadas e desejadas para os homens. Mas é importante destacar que todos esses processos são passíveis de rupturas, resistências e criação de diferentes modos de ser homem, apesar de todo o investimento para que os sujeitos sigam o padrão construído pela masculinidade hegemônica.

Nas últimas décadas, sobretudo, com a emergência dos estudos feministas e de gênero, passa a ser comum identificarmos pesquisas<sup>79</sup> dedicadas a investigar a constituição do “tornar-se mulher” e as diferentes feminilidades decorrentes desse ato. Porém, apesar do ato de falar da feminilidade implicar em problematizar o masculino, as pesquisas<sup>80</sup> dedicadas especificamente aos homens são recentes e vem ganhando espaço a cada dia no ambiente acadêmico, abrindo a possibilidade de pensarmos nos modos em que esses sujeitos vêm se tornando homens, inclusive, criando diferentes formas de vivenciar a masculinidade e afastando-se do modelo hegemônico, baseado, sobretudo, na negação da demonstração de sentimentos, valorização da força física e da agressividade.

---

<sup>79</sup> As pesquisas de Zaine Simas Mattos (2014) e Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti (2015) dedicaram-se a investigar a constituição de diferentes feminilidades.

<sup>80</sup> As pesquisas de Luiz Felipe Zago (2009; 2013) e Felipe Viero Kolinski Machado (2017) investigaram a produção de masculinidades.

A *Junior*, entre os anos de 2007 e 2015, por meio de seus textos escritos e suas imagens, foi estreitando os laços e dialogando com os sujeitos leitores, levando até eles discursos que os informaram sobre seus corpos e também sobre as suas masculinidades. Masculinidades que podem se aproximar ou se distanciar do padrão hegemônico de masculinidade (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013). Um padrão que diz dos modos de tornar-se e ser homem, sendo a referência desejável para a constituição dos homens e de suas masculinidades.

Em sua pesquisa acerca da revista *Playboy* estadunidense, direcionada a homens heterossexuais, Paul B. Preciado (2010), denuncia que, apesar da existência do modelo hegemônico de masculinidade, a publicação da *Playboy* rechaçava a visão naturalista e essencialista da masculinidade e investia em uma masculinidade construída por meio da veiculação e disseminação de um conjunto de efeitos de tecnologias da imagem e da informação. Assim, utilizando-se de textos e imagens a revista *Playboy* foi ditando as expectativas sobre o que vinha a ser o homem heterossexual, urbano, consumista e desejoso do corpo feminino. Expectativas essas que não eram propriamente produzidas pela revista, mas o resultado de contextos históricos e dialógicos com os sujeitos leitores que contribuíram para a publicação de discursos e constituição de masculinidades.

O movimento apontado por Paul B. Preciado (2010) também pode ser feito para problematizarmos as masculinidades veiculadas e disseminadas pela revista *Junior*. Utilizar a ideia de construção de masculinidade ao pesquisar uma publicação impressa destinada ao público homossexual poderia causar estranheza quando confrontada com o discurso social sobre o que vem a ser o masculino. Assim como a noção de “homem”, que é cotidianamente aplicada em sua plenitude àqueles que se relacionam e se interessam sexualmente por mulheres, a de “masculinidade” é comumente tida como singular, única e heterossexual, restringindo muito a sua utilização. Baseado nisso, busco fazer o exercício de pensar além da masculinidade hegemônica e colocar em questão outras formas de experienciar a masculinidade que circularam nas páginas da *Junior*. Para tanto, utilizo-me de passagens que colocam em evidência a masculinidade associada à homossexualidade, denunciando que a constituição das masculinidades é múltipla e plural.

Nessa perspectiva, observamos que a construção da masculinidade para os homens é algo que os acompanha ao longo de toda a vida, um processo contínuo, que vai levando em consideração o avanço etário dos sujeitos, com preocupações específicas para as diferentes gerações. A *Junior* coloca essa questão em destaque ao abordar os hábitos de homens de diferentes idades e as masculinidades produzidas por eles:

Raspo cabelo em um salão na Central do Brasil de 15 em 15 dias, pinto as sobrancelhas porque elas brancas pesam muito o rosto. Furei a orelha ano passado, fiz 2 furos, causou sensação. Escolho roupas que me deixam bem à vontade, mas não dá para usar a bermuda que o Cauã usa, nem boné de lado; é uma questão estética. Vou todo dia à praia, sempre depois das 16h30. Caminho, faço hidroginástica. Não uso cremes nem bloqueador, só bronzeador com fator 2. Nunca fiz plástica nem botox, mas ando pensando em tirar essa bolsa embaixo dos olhos. Com a idade estou ficando menos tolerante, menos paciente. O pau não sobe mais como aos 30, mas continua funcionando bem. Uso Cialis eventualmente. Gosto de tudo, negão, loirinho... Prefiro as 'cremosas'. Aprendi que geralmente são ativos e os mais bofões passivos. Atualmente sou mais passivo que ativo, mas isso foi mudando com o tempo. Conheço meus parceiros na rua, na praia. Atraio muitos michês, nunca tive problemas em pagar. Uns dizem que é burrice pagar antes dos 45. Mas acho que é uma mercadoria que se compra (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 37).

A narrativa acima foi feita por um dos entrevistados pela *Junior* em uma matéria com homens com mais de 60 anos e nos mostra os cuidados que esse leitor tem ao reiteradamente constituir-se enquanto homem. Esse entrevistado nos oferece elementos para problematizarmos como que as masculinidades vão se transformando no decorrer das gerações, em que cada geração possui seus cuidados e preocupações específicas. Ao mesmo tempo a sua narrativa nos oferece elementos para compreendermos que “as normas instituem um regime de gênero e de (homo)sexualidade, a partir da idade e das representações sobre o envelhecimento e juventude” (POCAHY, 2011, p. 201), levando os sujeitos a se organizarem para vivenciarem as diferentes fases da vida.

Nesse sentido, o avanço dos cuidados estéticos no decorrer dos anos dizem de uma tentativa de retardar os sinais da velhice e de manter um corpo aparentemente jovem e que corresponda aos padrões de beleza circulantes na

sociedade, uma vez que “não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme à ideia que dele se faz. [...] Mudando o corpo, pretende-se mudar sua vida” (LE BRETON, 2013a, p. 22). Ou seja, a transformação do corpo passa a dar novos sentidos e significados à vida dos sujeitos, resgatando os prazeres de uma masculinidade mais jovial, uma experiência de masculinidade afetada pelo atravessamento com a juventude. Ao afirmar “nunca fiz plástica nem botox, mas ando pensando em tirar essa bolsa embaixo dos olhos”, o entrevistado confidencializa um incômodo em seu corpo com algo intrínseco ao avanço da idade e já demonstra uma nova preocupação cada vez mais comum entre os homens: os tratamentos cosmédicos para mascarar o peso do passar dos anos sobre o corpo.

Outro aspecto importante na narrativa do entrevistado é a sua preocupação com aspectos ligados à sexualidade: “O pau não sobe mais como aos 30, mas continua funcionando bem. Uso Cialis eventualmente”. A masculinidade e o ato de tornar-se homem também estão intimamente associadas à constituição da sexualidade, pois “os homens, particularmente, são instigados desde cedo a falar e a valorizar o sexo, não como possibilidade de expressão de si mesmos, mas como maneira de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado” (NOLASCO, 1993, p. 41).

Nesse sentido, é comum observarmos a exigência de que os homens tenham pênis, que esse pênis “funcione” e que seja utilizado para penetrar em alguém nas relações sexuais para que esses homens sejam considerados homens de verdade. Porém, a constituição do ser homem e das masculinidades vai muito além dessas questões. Um exemplo disso são os homens transexuais, sujeitos que nascem com uma anatomia feminina e, por se identificarem como homens, vão transformando seus corpos com auxílio de procedimentos cosmédicos, com o intuito de produzirem um corpo masculino. Muitos desses sujeitos abrem mão de construir cirurgicamente um pênis e vivenciam as suas masculinidades com a ausência desse órgão, mantendo a genitália feminina.

O enaltecimento e o investimento em um “pau que continue funcionando bem” após os 60 anos nos revela a importância que o pênis assume na vida dos sujeitos e, de certo modo, denuncia o quanto a nossa sociedade é falocêntrica. O

fato de o pênis assumir papel central na vida sexual dos homens faz com que a indústria farmacêutica ofereça uma série de medicamentos com a finalidade de manter toda a potência e prazer que possam ser extraídos desse órgão.

Assim como o corpo e a atividade sexual vão mudando com o passar do tempo e dizem da produção das masculinidades, as preferências durante o ato sexual também podem ser modificadas: “Atualmente sou mais passivo que ativo, mas isso foi mudando com o tempo”. Ativo, passivo, versátil... Palavras que nos provocam a pensar nas masculinidades homossexuais. Masculinidades que podem carregar consigo elementos típicos da masculinidade hegemônica, como a exaltação do pênis, mas que, ao mesmo tempo, se mostram flexíveis para abarcarem comportamentos tidos como característicos das feminilidades, como a preocupação com a moda, a beleza e com os procedimentos cosméticos, além da possibilidade de ser penetrado durante o ato sexual. Mas também é importante destacar que o fato de alguns homossexuais assumirem uma performance próxima da masculinidade hegemônica (agir como um “macho”) poderia ser uma forma de abrandar a passividade sexual, como se o fato de ser passivo sexualmente levasse o sujeito a uma posição de inferioridade frente àqueles que são ativos.

Isso implica em pluralizar o termo e expor que existem masculinidades outras, articuladas hierarquicamente à hegemônica, pois existe uma pluralidade de masculinidades e diferentes lugares dados a cada uma delas (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013). A masculinidade dominante, aquela que expressa os modos desejáveis pela sociedade de ser homem, comumente vista pelo senso comum como única e verdadeira, costuma subjugar outras masculinidades, como as masculinidades homossexuais, relegando-as a posições inferiores. Daí a existência de homens gays que buscam subterfúgios para atenuarem esse processo, mantendo-se “machos”. É por meio da criação dessa hierarquia que ela se mantém hegemônica, não sem deixar de ser tensionada pelas masculinidades que subjuga em uma constante luta por reconhecimento. Porém, a masculinidade não é fixa, pelo contrário, ela é fluida e permite que os sujeitos possam utilizar

a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Conseqüentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem,

mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257).

Tais práticas discursivas acabam denunciando que as masculinidades são “constantemente re-construídas. As masculinidades estão constantemente mudando na história” (CONNELL, 1995, p. 191), possibilitando diferentes e múltiplas formas de ser homem. Isso nos aponta que a construção do masculino não é una, monolítica ou a-histórica. Os seus múltiplos desdobramentos dependem de contextos, atores sociais e influência midiática, que, no caso da revista *Junior*, traz consigo algumas concepções de masculinidade homossexual, investindo na ideia de que existe uma pluralidade de masculinidades sexuais sendo produzidas a todo o momento. No entanto, quando pensamos nas capas da *Junior*, vemos apenas um modelo padrão de masculinidade homossexual: o sujeito branco, malhado e com traços de uma regionalidade centro-sul brasileira. O que nos provoca a pensar na invisibilidade de outras masculinidades homossexuais nas capas como as “pintosas”<sup>81</sup> e os “ursos”<sup>82</sup>, por exemplo, que estão presentes apenas em matérias no interior da revista e longe das capas.

As masculinidades homossexuais vão se constituindo e ressignificam comportamentos até então exclusivos da masculinidade hegemônica. Exemplo disso é a possibilidade dos homossexuais pagarem para fazerem sexo: “Atraio muitos michês, nunca tive problemas em pagar. Uns dizem que é burrice pagar antes dos 45. Mas acho que é uma mercadoria que se compra”. Se os homens heterossexuais historicamente tem a seu dispor serviços pagos de sexo, os homens homossexuais também passam a ter essa possibilidade, encarando o sexo pago com naturalidade ou como “mercadoria”. Algo que, se pensarmos no universo feminino, ainda é visto com muito preconceito e recriminação. Nesse sentido, podemos notar que, no que diz respeito à vivência da sexualidade, as masculinidades homossexuais, assim como a masculinidade hegemônica, valorizam e estimulam tal vivência, seja pelo incentivo da busca constante de parceiros ou, até mesmo, pelo sexo pago.

---

<sup>81</sup> Homossexuais masculinos afeminados.

<sup>82</sup> Homossexuais masculinos que tem por características principais serem gordos e peludos.

As narrativas produzidas pelo entrevistado pela *Junior* com mais de 60 anos de idade estão intimamente articuladas com a vivência da velhice. As falas desse sujeito denunciam incômodos e estratégias para driblar os problemas advindos dessa fase da vida. Porém, em um outro momento, ele acaba abordando especificamente a velhice e como a vê diante da juventude:

Esse negócio de juventude e velhice é na cabeça de cada pessoa: fui casado com um menino bem mais jovem do que eu e que tinha a cabeça muito mais velha do que a minha (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 38).

A velhice e a constituição da masculinidade caminham juntas. Produzir-se enquanto sujeito homossexual masculino e velho passa a ser algo novo de ser vivenciado, uma vez que o avanço da AIDS entre as décadas de 1980 e 1990 atingiu uma geração inteira, impedindo muitos sujeitos de chegarem nessa fase da vida<sup>83</sup>. Portanto, os sujeitos homossexuais que tem chegado à velhice tem aprendido o que é ser velho e como viver as suas masculinidades nesse período, pois a maneira como os indivíduos representam ou interpretam a passagem do tempo, o acúmulo de anos vividos e as transformações corporais vão mudando conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos (LIMOEIRO, 2016). Representações que possibilitam a criação de estratégias para driblar as questões advindas do avanço da idade, assumindo que “esse negócio de juventude e velhice é na cabeça de cada pessoa”, abrindo a possibilidade de reinventar-se, passando uma rasteira na velhice do corpo e festejando a jovialidade da alma.

Na tentativa de se esquivar da velhice e manter um corpo com menos sinais que apresentem as marcas da idade, muitas pessoas investem nas práticas esportivas e corporais, e isso não é diferente com os homens leitores da *Junior*, que buscam conquistar um padrão de corpo exibindo, aprendendo, produzindo e vivenciando as suas masculinidades.

Entendo que as masculinidades são ensinadas, aprendidas e ressignificadas em diferentes locais e instâncias, produzindo saberes e relações de poder entre os sujeitos. Nesse sentido, vejo os esportes e as demais práticas corporais enquanto locus privilegiado de efervescência dos modos de ser homem, em que força,

---

<sup>83</sup> Discutirei especificamente sobre essa questão da AIDS mais adiante.

agilidade, disputa, virilidade e competitividade são colocadas em jogo. A representação desse padrão de masculinidade pode ser entendida por meio dos investimentos constantes em um modelo de corpo viril, preparado para a prática esportiva e que é visto como sinônimo de saúde. Isso denuncia uma aproximação da performance corporal com o conceito de masculinidade hegemônica, sobretudo, pela valorização e exaltação da virilidade decorrente da força, do rendimento e do vigor físico.

Atenta ao interesse do público pelas práticas esportivas e corporais, a *Junior* procura fazer uma relação entre tais práticas e as vivências das masculinidades homossexuais com elas. Em uma de suas edições, a revista se encarrega de mostrar a experiência de um homem homossexual com o jiu-jitsu:

Sou um cara de personalidade forte, acho que praticar jiu-jitsu é uma maneira de colocar estresse pra fora, de descontar. Procurei buscar uma luta, um esporte mais radical para aliviar. Sou tranquilo. Meu professor sabe que sou gay, a gente conversa numa boa sobre tudo, conto minhas experiências pra ele, ele conta as dele pra mim e tem um respeito mútuo entre ambas as partes. Acho legal porque é completamente diferente você ser do universo gay e estar em contato com caras héteros. É meio um fetiche ao mesmo tempo e sensação de prazer, de estar em contato com outro cara. Tem muita dominação. Eu gosto de dominar e ser dominado e acaba rolando isso na luta (JUNIOR, edição 16, 2010, p. 58).

Ao afirmar que é “um cara de personalidade forte” e que a prática do jiu-jitsu é uma forma de colocar o “estresse pra fora, de descontar”, o entrevistado da *Junior* nos expõe algumas características atribuídas à masculinidade hegemônica, como a força, a raiva e a agressividade. Características essas que dizem da constituição dos homens e também das masculinidades homossexuais jovens. Virginie Despentes ao analisar o universo masculino nos oferece elementos para pensarmos nessas características atribuídas às masculinidades:

Beber: viril. Ter amigos: viril. Fazer piada: viril. Ganhar muita grana: viril. Ter um carrão: viril. Se comportar de qualquer jeito: viril. Dar risada fumando baseado: viril. Ter espírito de competição: viril. Ser agressivo: viril. Querer transar com todo mundo: viril: responder com brutalidade a qualquer coisa que te ameace: viril. Não gastar tempo se arrumando de manhã: viril. Vestir roupas que são práticas: viril. Tudo que é engraçado de se

fazer é viril, tudo que nos permite sobreviver é viril, tudo o que nos faz ganhar terreno é viril (DESPENTES, 2016, p. 107-108).

Os elementos apresentados acima reforçam o comportamento viril que é esperado de um homem, como “ter espírito de competição”, algo próprio do universo esportivo e que diz também da produção da masculinidade. Disputar com o outro como caminho para medir forças, marcar uma posição de superioridade e demonstrar domínio sobre o adversário, numa relação que os sujeitos se põem à prova e colocam-se em xeque, medindo os seus poderes entre si. Isso tudo também diz da nossa relação com nós mesmos. Uma relação que “tem a forma que tem porque tem sido o objeto de toda uma variedade de esquemas mais ou menos racionalizados, os quais têm moldado nossas formas de compreender e viver nossa existência como seres humanos em nome de certos objetivos” (ROSE, 2001, p. 35-36).

A troca de experiências durante a prática corporal mencionada na matéria da *Junior* é algo interessante de ser problematizado, uma vez que a produção de si se dá por meio da relação com o outro: “Meu professor sabe que sou gay, a gente conversa numa boa sobre tudo, conto minhas experiências pra ele, ele conta as dele pra mim e tem um respeito mútuo entre ambas as partes. Acho legal porque é completamente diferente você ser do universo gay e estar em contato com caras héteros”. Nessa narrativa, o entrevistado destaca a importância da relação amigável que ele estabelece com o seu professor de jiu-jitsu que é heterossexual e aponta que dessa relação aprendizados são produzidos por meio das experiências compartilhadas. Dessa forma, “o outro ou outrem é indispensável na prática de si a fim de que a forma que define essa prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e seja por ele efetivamente preenchida. Para que a prática de si alcance o eu por ela visado, o outro é indispensável” (FOUCAULT, 2010a, p. 115). No entanto, é importante nos questionarmos se essa relação seria tão amistosa se o sujeito em questão fosse afeminado. Talvez a amizade e o bom convívio entre as partes estejam sendo garantidos pelo tipo de performance masculina que o aluno expressa frente ao professor de jiu-jitsu.

Essa relação com o outro também é capaz de produzir outros aprendizados, como o desejo: “É meio um fetiche ao mesmo tempo e sensação de prazer, de estar

em contato com outro cara. Tem muita dominação. Eu gosto de dominar e ser dominado e acaba rolando isso na luta”. Fetiche, desejo e prazer. Sentimentos que podem ser assimilados na narrativa do entrevistado e nos mostram possibilidades de escapes e resistências quando pensamos nas práticas esportivas e seus padrões de masculinidade. O prazer de estar em contato físico com outro homem aponta uma ressignificação do que seria esperado para a masculinidade hegemônica ao mesmo tempo em que evidencia a masculinidade homossexual sendo produzida. Como resultado dessa masculinidade vivenciada vem o fetiche, num jogo de desejo e domínio, onde dominar e ser dominado por outro homem mesclam elementos de força, submissão, superioridade e fantasia sexual, expondo a potencialidade de pensarmos na constituição das masculinidades de forma plural, onde a (homo)sexualidade se mostra presente e se manifesta conjuntamente com os diferentes modos de ser homem. Assim, “precisamos compreender não apenas as dolorosas histórias de sujeição e de *pathos* [...], mas, mais centralmente, precisamos também compreender as estórias de desejo e de amizade que teimam em existir, apesar de condições hostis” (BRITZMAN, 1996, p. 74).

As páginas da *Junior* colaboram com esse exercício de produzir-se junto com o outro também por meio das imagens dos modelos estampadas ali. Grande parte das vezes os homens estão presentes descamisados ou apenas de sunga. As imagens desses modelos educam e dizem da produção de masculinidades homossexuais. Ao mesmo tempo em que o desejo de ver tais corpos se manifesta, podemos aprender a produzi-los, atentando a cada detalhe que os esculpe. Jean-Jacques Courtine (2013, p. 563) nos destaca que essa valorização dos músculos pelas masculinidades

constitui assim uma das manifestações mais espetaculares de uma cultura da aparência viril. Porém, erraríamos em compreender a virilidade como um simples ideal, ou como sendo apenas a representação deste ideal na sociedade do espetáculo. Ela repousa, como qualquer construção ideológica, numa base material: ela é produzida por uma indústria, organizada em um mercado, disseminada em um conjunto de práticas de massa.

Assim, a busca pelo corpo musculoso e definido passa a ser um modo de vida característico da masculinidade homossexual propagado pela *Junior* em suas

imagens viris que são publicadas reiteradamente a cada edição publicada. Um investimento em uma masculinidade que ressalta a força dos músculos, mas que também garante um lugar de destaque para os tratamentos cosméticos para conquistá-los e a moda que os reveste. Enfim, uma organização que busca garantir e difundir os saberes sobre determinada masculinidade homossexual, focada numa supervalorização da produção corporal e na aquisição de produtos para atingir o padrão que deve ser alcançado.

Ainda pensando na produção de si e das masculinidades junto aos outros, um outro depoimento dado à *Junior* mostra como que as masculinidades homossexuais vão constituindo sujeitos e se modificando com o passar do tempo:

Mesmo com todos os argumentos para justificar o fato de que não sente mais a menor vontade de virar a noite dentro de um clube, Phablo admite a importância dessas casas, especialmente para os mais novos. “É importante para um jovem gay experimentar a balada se tiver curiosidade. É experimentando que você avalia melhor as coisas que de fato são importantes na sua vida ou não”, opina, para logo depois dizer como é sua balada perfeita, seja ela gay ou não: em espaço público, de dia e a céu aberto (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 65).

O fato de não gostar mais de virar a noite em clubes gays não impede o entrevistado de reconhecer a importância desse tipo de ambiente para a socialização e constituição dos jovens homossexuais, assumindo que “o outro é um modelo de comportamento, modelo transmitido e proposto ao mais jovem e indispensável à sua formação” (FOUCAULT, 2010a, p. 115). Nesse sentido, os mais jovens tem acesso a saberes produzidos pelos sujeitos que já vivenciaram situações semelhantes antes, tendo a possibilidade de viver as suas próprias experiências a partir daquilo que foi construído pelo outro em diferentes momentos. É nessa rede de saberes que os modos de vivência das masculinidades homossexuais vão sendo apreendidas, levando os sujeitos a produzirem outros de si mesmos por meio dessas experiências.

É nesse movimento que o entrevistado escapa e rompe com o que é esperado de uma jovem masculinidade homossexual, o hábito de “virar a noite dentro de um clube”. Isso demonstra a multiplicidade de possibilidades de se vivenciar a masculinidade homossexual. Se a masculinidade hegemônica carrega

consigo elementos bem característicos, a masculinidade homossexual abre diferentes possibilidades de constituição de si, onde “é possível criar novas formas de existência produtoras de uma intensidade e de um prazer especiais” (ORTEGA, 1999, p. 172). Prazeres que são experienciados de modos muito singulares e particulares por cada sujeito e que podem se distanciar daquilo que hegemonicamente é esperado para um determinado público. Ou seja, a vivência de prazeres é múltipla dentro do universo também múltiplo das masculinidades homossexuais. É essa multiplicidade que contribui para que as masculinidades se reinventem e extrapolem os limites que padrões hegemônicos tentam impor.

Investindo nessa possibilidade de vivência de diferentes masculinidades, a *Junior* destaca uma matéria em que essa questão é problematizada. Com o título “Montados”, a reportagem aborda as masculinidades homossexuais que ficam na fronteira de gênero ou a extrapolam, trazendo para si elementos considerados femininos para compor diferentes formas de ser homem. Logo no início da matéria a revista dá o tom da discussão que será feita:

Ao contrário do que alguns insistem em dizer, ser gay tem muitas vantagens. Uma delas é o fato de, se comparadas com a grande maioria dos homens heterossexuais, nos sentimos mais livres para quebrar “normas” associadas a esse ou aquele gênero. Para nós, felizmente, há menos culpa e preocupação em fazer algo tido como “coisa de mulher”, permitindo que transitemos entre um ou outro gênero sem maiores dramas e enriqueçamos assim nossa vivência enquanto seres humanos. Seja usando expressões no feminino para referir-se a si mesmo ou adotando visuais mais andróginos, o que interessa é sermos fieis a nós mesmos, independente de padrões. E no século 21 das grandes cidades, existe um movimento capaz de expressar bem esta “flexibilidade”. Basta uma passada por clubes gay de locais como São Paulo e Rio de Janeiro para perceber que muitos meninos adoram exercitar o lado feminino ao caprichar na montagem. Eles não são drags, que fique bem claro. São simplesmente rapazes com personalidade suficiente para criar – e segurar – um estilo próprio, ainda que roupas, maquiagens e acessórios femininos estejam sempre presentes em seus guarda-roupas (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 48).

O trecho acima da reportagem é significativo e nos conduz a pensarmos nas muitas formas de vida proporcionadas pelas homossexualidades e, conseqüentemente, pelas masculinidades homossexuais derivadas delas. Se as

homossexualidades fazem com que nos sintamos “mais livres para quebrar “normas” associadas a esse ou aquele gênero”, elas nos apresentam também a possibilidade de criarmos masculinidades outras, que também quebram normas. Masculinidades que não tem medo ou vergonha de buscar no universo feminino elementos que também as constituam. No entanto, esse processo de rompimento com a masculinidade hegemônica e construção de masculinidades homossexuais não é simples ou tranquilo. É algo que diz da constituição de cada um. Muitos sujeitos criam as suas masculinidades homossexuais, mas outros tantos sentem-se seguros ou não incomodados em tomarem para si mesmos elementos da masculinidade hegemônica para suas vidas. Todo esse processo lembra aquilo que Michel Foucault chamou de “artes da existência”. Para ele essas artes

devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2012b, p. 193).

Neste sentido, a estética da existência tem “compromisso com mudanças que levam à criação de novos estilos de vida baseados em uma ética capaz de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade” (MISKOLCI, 2006, p. 689). Com o conceito foucaultiano de estética da existência abre-se a possibilidade de invenção de novas formas de se viver e de afetividade entre os sujeitos. Portanto, a noção de estética da existência propicia a emergência da “discussão e questionamento de padrões normalizadores, heterônomos e identitários, que formatam o indivíduo contemporâneo ao aprisioná-lo em rígidas identidades previamente definidas” (CÉSAR, DUARTE, SIERRA, 2013, p. 75). Distanciando-se desses padrões normalizadores que aprisionam os sujeitos e suas masculinidades, um entrevistado relata a sua experiência nesse sentido, onde assume o uso de itens tidos como femininos para compor a sua existência:

Fã confesso das botas de salto grosso, Delle adora misturar peças de alfaiataria masculina com acessórios mais femininos e maquiagem marcante, criando uma determinada persona para cada situação e arrancando elogios até dentro de casa. “Minha

família não se importa. A não ser quando me produzo para festas temáticas um pouco mais, digamos, transtornadas. Aí eu já recebo um ‘tsc, tsc’ da mamãe, diverte-se (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 49).

Nessa sua ação de constituir-se, Delle nos mostra “efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares” (FOUCAULT, 2012b, p. 284), ou seja, existem múltiplas possibilidades de existirmos no mundo. Possibilidades que chegam a proporcionar a criação de “uma determinada persona para cada situação”, o que nos permite pensar que nesses processos diferentes masculinidades também são criadas e vivenciadas pelos sujeitos.

Desse modo, podemos dizer também que as masculinidades não são construídas do nada, sozinhas ou isoladamente. Elas nascem a partir das teias de poder presentes nas relações de gênero uma vez que “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265). Ou seja, falar de masculinidades também implica em falar das feminilidades e das relações de gênero.

É possível problematizar e desnaturalizar essas relações, pois “se estamos cientes de que o *gênero* é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe *naturalmente*. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa” (GOELLNER, 2012, p. 109). Pensar desse modo, nos faz enxergar a pluralidade presente na palavra gênero e as vivências únicas e particulares que cada sujeito experiencia ao transitar e produzir suas masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, Connell (1995, p. 205), ao discutir as masculinidades, nos diz que “uma nova política de gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la”. Assim, o “sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade”, práticas que consistem em “um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural” (FOUCAULT,

2012b, p. 284). As identidades e, conseqüentemente, as masculinidades, o que somos e o que nos tornamos saem desse jogo entre o social e o individual.

Porém, nem sempre essa (re)invenção de masculinidades é vista com bons olhos e a *Junior* destaca os problemas enfrentados pelos sujeitos que ousam vivenciar modos de ser homem que se distanciam do modelo hegemônico:

A gente sabe que nem todo mundo vê com bons olhos um garoto usando roupas de menina. Tudo bem que ninguém é obrigado a gostar, porém o problema é quando a montagem vira motivo para agressões e desrespeito. O próprio Alex Honda já passou por situações nada agradáveis por conta do visual. Ele se lembra da vez em que estava numa mesa de bar e tomou um soco no rosto. Assim, sem mais nem menos. Após chamar a polícia – que não apareceu –, Alex lembrou que sua tesoura de corte e costura estava em sua bolsa e acabou usando-a para revidar a agressão. “Depois me arrependi do que fiz, mas tenho certeza que ele não vai mais zoar ninguém” (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 51).

A passagem acima retrata os processos de estranhamento, preconceito, violência e produção da homofobia, vividos por quem experiencia outros modos de viver a masculinidade. Esses processos colocam o outro exposto a um abundante arsenal ofensivo de piadas e “brincadeiras” homofóbicas diante de qualquer movimento que “denuncie” alguma aproximação ou atravessamento da fronteira dos gêneros. Para quem ofende ou agride, o fato de ver um rapaz com acessórios que lembram o feminino parece automaticamente remetê-lo à ideia de que o estudante deva assumir os gestos, comportamentos e as ideias autorizadas para o “macho” (LOURO, 2008a; 2010). Assim, atitudes culturalmente tidas enquanto femininas são classificadas como ilegítimas de serem desempenhadas por homens. É importante ressaltar que os insultos e as injúrias são poderosos mecanismos de silenciamento e abjeção dos sujeitos. Mais do que uma censura, elas revelam o julgamento de modos de vida aceitos e agem como dispositivos de privação das múltiplas formas de existência (ERIBON, 2008), instituindo-se enquanto jogos de poder que marcam a vida, inscrevem-se na memória da vítima e influenciam nas suas relações com o mundo.

As manifestações de homofobia e de ódio apontam também as masculinidades aceitas e desejáveis e as masculinidades que são inadequadas e indesejadas. Desse modo, o estranhamento à presença dos sujeitos que se

distanciam da masculinidade hegemônica mostra o quanto a diferença ainda perturba e desestabiliza, num processo em que os muitos modos de ser e de viver perdem espaço em detrimento de um regime que propõe caminhos únicos, pré-estabelecidos e comuns a todos os homens. Diante de tanto controle e vigilância, assumir-se enquanto sujeito que expressa um outro tipo possível de masculinidade torna-se um grande desafio, organizando a forma com que o sujeito deva se comportar para se proteger, vivenciando um contínuo processo de negociação com o outro e consigo mesmo. Porém, aproximar-se de uma masculinidade que transita por elementos do universo feminino é um ato político, sobretudo, na perspectiva de mostrar que existem muitas possibilidades de se viver enquanto homem, mesmo imaginando as possíveis consequências negativas desse ato nos diversos ambientes em que frequentamos.

É justamente isso que um outro entrevistado na mesma reportagem da *Junior* destaca ao problematizar o uso de saltos altos pelos homens. Sempre dançando em clubes gays, o que ele acha mais legal no estilo é “a força masculina sobre um salto alto, item tão feminino, e a mistura de estilos também me fascina, é uma mistura de jazz com street dance onde se pode explorar tudo. O público gosta porque é bem diferente, inusitado” (JUNIOR, edição 66, 2015, p. 23).

“A força masculina sobre um salto alto” é capaz de destacar que “a estética da existência só é possível como devir, quando desconstrói as representações sociais que criam e impõem identidades” (MISKOLCI, 2006, p. 690), abrindo caminho para novas experiências. Nesse caso específico, experiências que desafiam os padrões de gênero construídos historicamente e que nos ditam o que é permitido ou proibido para homens e mulheres, restringindo e limitando as vontades e desejos de cada um.

Nas relações de gênero a vigilância se dirige, sobretudo, aos corpos e ao que fazemos com eles. Por meio dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, são identificadas pelas práticas que adotamos. Práticas que são amplamente divulgadas para serem reproduzidas e apreendidas como as naturais ou normais para os homens. Nós “vivenciamos as masculinidades como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante” (CONNELL, 1995, p. 189). Enfim, linguagens corporais que denunciam o

que é masculino ou o que escapa dele. Mas tais linguagens podem ser abaladas e estremecidas, abrindo caminho para um universo “onde se pode explorar tudo”. Explorar todas as possibilidades dos nossos corpos, apagando rótulos e apostando na potencialidade de múltiplas e singulares existências e masculinidades.

## **6.2 “Cadê minha tampa? A panela existe, mas e a tampa?”: A idealização do amor romântico**

*De repente, no meio de uma multidão de almas, uma reconhece a outra.  
Atraídas, elas se aproximam e se reverenciam.  
Uma intuição se confirma e um sentimento cresce.  
Para amar é preciso estar predisposto.*

*Um filme, uma música ou uma poesia em comum.  
Vamos pegando emprestado gestos e expressões até percebermos  
Que estar diante do outro é como estar diante de um espelho.  
Para amar é preciso querer conhecer a si mesmo.*

*Um dia, sem se dar conta, passamos a usar as palavras grandes.  
“Mundo”, “tudo”, “sempre”. Declarações passam a ser alimento.  
Para amar é preciso enunciar.*

*Com o tempo, deixamos de ser apenas companheiros.  
Passamos a ser cúmplices.  
Juntos nos observamos, atentos ao que os olhos nos dizem.  
Para amar é preciso testemunhar (JUNIOR, edição 2, 2007, p. 42).*

O poema destacado anteriormente foi retirado da abertura de uma matéria da revista *Junior* que buscava levar aos leitores exemplos de histórias de amor entre homens homossexuais. Histórias essas recheadas de carinho, cumplicidade, superação de preconceitos, dificuldades e, sobretudo, muito amor. Porém, o amor destacado pela revista, nessa matéria e em outras com o mesmo tema, é um tipo específico de amor. A *Junior* investe em um amor idealizado, desejado, monogâmico, pautado pela higienização do desejo e do sexo e construído considerando-se a maximização de qualidades positivas que um parceiro possa oferecer, como beleza, estabilidade financeira, educação e vigor sexual. Toda essa idealização acaba por constituir o amor romântico, aquele que mexe com nossos desejos e nos coloca a espera de nossos príncipes e princesas encantados/as que

preencherão as nossas expectativas e estarão ao nosso lado até que a morte nos separe.

Ao problematizar o amor e as diferentes formas de amar, Regina Navarro Lins nos aponta que “o amor cortês, surgido no século XII, foi a primeira manifestação do amor recíproco. Ele deu origem ao amor romântico, que durante séculos não pôde fazer parte do casamento” (2017, p. 19). Nos séculos passados ainda era bastante comum a existência de casamentos arranjados, em que os noivos tornavam-se parte de um negócio realizado entre duas famílias. Uniões que buscavam contemplar os interesses familiares como a manutenção de terras e propriedades e a perpetuação de status sociais. Nesse tipo de “amor” os desejos e opiniões dos noivos não tinham grande relevância frente às vontades e decisões das famílias. Já nas últimas décadas temos observado o aumento gradativo das possibilidades de escolha dos parceiros amorosos, com os sujeitos tendo total autonomia para escolher as pessoas com as quais se relacionam, vivenciando, inclusive, múltiplos modos de amar. Assim, percebemos que o amor e as relações amorosas foram sendo ressignificados com o passar do tempo e no século XIX

o controle das emoções foi gradativamente suplantado por uma atitude resumida na palavra “sensibilidade”. O amor começa aos poucos a entrar no casamento. O início do século XX, com o automóvel e o telefone, traz uma grande novidade: o encontro marcado. A partir de 1940, o amor romântico entrou no casamento pra valer. Antes as uniões ocorriam por interesses familiares. Agora, a maioria das pessoas anseia pelo amor romântico, que é específico do Ocidente (LINS, 2017, p. 19).

O ideal do amor romântico passa então a fazer parte de nossa sociedade. Esse tipo de amor prega um conjunto de crenças, valores e expectativas que determinam, mesmo inconscientemente, o que devemos sentir e como reagir no relacionamento com outra pessoa. Somos educados e condicionados já na infância, a desejar viver esse tipo de amor. Aprendemos a acreditar que só é possível ser feliz vivendo um romance perfeito, sem problemas e obstáculos durante o relacionamento e isso traz a ilusão do amor verdadeiro. Por isso, poucos suportam ouvir que, apesar de toda a magia prometida, o amor romântico não passa de uma ilusão que foi construída para satisfazer a cada um de nós (LINS, 2017).

É comum vermos que as expectativas e os ideais do amor romântico são compartilhados como a única forma de amor. Uma forma de amor baseada em características bastante claras: a idealização da pessoa amada e a projeção nela de tudo o que eu gostaria que ela fosse. Ou seja, à pessoa amada são desejadas características de personalidade que na verdade ela não possui. Assim, não existe relacionamento com a pessoa real, mas com a inventada de acordo com as próprias necessidades e nesse processo as pessoas vão aprendendo a sonhar e a buscar um dia viver tal encantamento. Entretanto, como nada corresponde à realidade, em pouco tempo de relação elas se decepcionam e se frustram.

Como o amor romântico é idealizado por grande parte das pessoas, as mídias percebem isso e exploram desse desejo para se aproximarem de seus públicos. A revista *Junior* aborda essa temática em algumas de suas edições, trazendo chamadas que buscam atrair os leitores capturados pelo universo dessa forma de amor:

**Cadê minha tampa? A panela existe, mas e a tampa? Eles querem namorar, mas não conseguem. Por que é tão difícil encontrar a cara-metade? (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 40).**

**Só entende quem namora! Histórias de amores loucos e reais contadas por leitores (JUNIOR, edição 26, 2011, p. 42).**

**Amor e vida real. Que seja grande. Que seja avassalador. Seja o que for. O amor só não pode ser pequeno. Nem mesquinho. Muito menos comedido (JUNIOR, edição 2, 2007, p. 42).**

As chamadas anteriores dizem de uma tentativa de aproximação com o universo dos leitores e seus sentimentos. Dizem do desejo de amar e ser amado, ter uma companhia que seja a sua “cara-metade”, alguém com que seja possível estabelecer relações mais intensas, relações que vão além das práticas sexuais. Para potencializar esse diálogo e estar mais perto do público, a *Junior* coloca em suas páginas “histórias de amores loucos e reais” que são narradas e compartilhadas por quem as viveu. Histórias que mostram diferentes experiências de amor e que, ao serem lidas, acabam virando meta ou inspiração para quem tem contato com elas. Ao ler uma linda história de amor com final feliz eu acabo

transportando essa história para a minha vida, buscando semelhanças e distanciamentos com as experiências amorosas que já tive ou desejando vivenciá-las tal qual foram narradas pelos sujeitos para a revista.

Esther Perel (2007) nos lembra que por meio do amor imaginamos uma nova forma de ser. Você me vê como eu nunca me vi. Com você, e junto com você, posso me tornar o que desejo ser. Posso me tornar inteiro. Ser escolhido por quem você escolheu é uma das glórias do apaixonamento e do amor romântico. Faz a gente se sentir extremamente valorizado, reconhecido e eleva a autoestima. Assim, passo a me sentir importante e você confirma o que significo. O primeiro estágio de qualquer encontro é cheio de fantasias e expectativas. É uma sequência de projeções, desejos e sentimentos que podem ou não se transformar numa relação. O que nos faz crer que “o amor nasce em nós como um ato de imaginação, uma síntese criativa que visa preencher nossos desejos mais profundos, nossos sonhos mais antigos, permitindo que ambos nos renovemos e nos transformemos” (PEREL, 2007, p. 56).

A *Junior* reforça e estimula esse entendimento sobre o amor, propondo que o amor real é aquele que é “avassalador” e “só não pode ser pequeno. Nem mesquinho. Muito menos comedido”. Ao afirmar isso a revista assume uma visão acerca do amor e a repassa para o público, em um processo educativo que ensina sobre o lugar do amor na vida dos sujeitos. Uma compreensão que contempla certas características, diz de uma forma de amar e de idealizar o amor. Porém, é sempre importante destacar que, assim como outras instâncias da vida, o amor também pode ser vivenciado de diferentes modos, não existindo uma receita única e segura de senti-lo e vivê-lo.

A perpetuação da ideia do amor romântico acontece em diferentes instâncias. As mídias, as religiões, as famílias, os/as amigos/as e os próprios grupos gays<sup>84</sup> promovem esse ideal. Ao pesquisar três grupos gays pelo Brasil, Anderson Ferrari (2005) pode perceber o quanto o amor romântico é valorizado, festejado e desejado dentro desses grupos que tentam, em suas reuniões, apontar

---

<sup>84</sup> Os grupos gays podem ser compreendidos enquanto espaços pedagógicos organizados que trabalham com acolhimento, troca de experiências e ações voltadas diretamente à população LGBTQI+, além de promoverem processos educativos mais amplos que contemplam a sociedade como um todo.

as qualidades determinantes desse tipo de amor, sempre destacando os seus aspectos positivos como cumplicidade, cuidado, fidelidade, carinho e respeito. Características que se aproximam do entendimento de amor romântico promovido pela heterossexualidade e denunciam uma captura das homossexualidades por esse tipo de amor, o que invisibiliza ou desestimula outras formas de experienciar o ato de amar.

Nesse sentido, apesar das múltiplas possibilidades de amar, não é difícil encontrarmos pessoas que sonham em encontrar a pessoa certa e idealizada como perfeita para viverem uma relação amorosa com base nos princípios do amor romântico. Esse desejo, que originalmente era compartilhado entre os casais heterossexuais, é transposto também para os/as homossexuais, num processo educativo que culmina na heterossexualização das homossexualidades. Dessa forma, a heteronormatividade entra em ação enquanto um regime político de existência que não se limita a legitimar a heterossexualidade como uma orientação sexual, mas como um modelo a ser seguido por todos os sujeitos (MISKOLCI, 2009a). Ou seja, transpor para as homossexualidades práticas ou comportamentos heterossexuais torna-se cada vez mais comum e aí inclui-se também o desejo pelo amor romântico. Na abertura de uma de suas matérias sobre o amor a *Junior* destaca isso:

Basta sair à noite ou bater um papo com amigos para atestar uma realidade: é grande o número de homens gays, jovens especialmente, que gostariam de deixar a solteirice. Muito provavelmente você, leitor, está nesta situação ou conhece alguém que esteja. Não é tão difícil imaginar motivos que levam ao número crescente de gente reclamando da solidão compulsória: excesso de atividades no dia a dia, pressão para usar o tempo em busca de destaque nos estudos ou no trabalho, a dificuldade em aceitar as imperfeições alheias (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 40).

“Deixar a solteirice” passa a ser encarado como sinônimo de felicidade. É como se ao me relacionar com alguém todos os meus problemas fossem ser solucionados e as minhas expectativas fossem atendidas e materializadas na pessoa amada. A super valorização dos relacionamentos amorosos acaba potencializando as esperanças de felicidade plena nessas relações, como se ser solteiro fosse sinônimo de solidão e infelicidade. Se existem muitas formas de amar

e vivenciar o amor, também existem diferentes modos de se viver solteiro. O fato de não estar envolvido em um relacionamento amoroso não significa que a pessoa viva sozinha imersa na solidão. Estar solteiro implica no investimento em outras relações como as amizades, que podem até se estabelecerem em laços mais fortes e duradouros do que um namoro. Mas também temos que reconhecer que alguns sujeitos escolhem de fato viverem mais reclusos, com poucos amigos e nem por isso são pessoas infelizes.

A revista tenta dialogar bastante com o leitor no sentido de provocá-lo a pensar sobre si mesmo e nas pessoas a seu redor que tem a vontade de deixar a solteirice: “Muito provavelmente você, leitor, está nesta situação ou conhece alguém que esteja”. Essa afirmação diz da realidade de nossa sociedade contemporânea de não viver só e estar sempre à espreita na espera de um possível relacionamento que satisfaça as nossas expectativas. No parceiro acaba sendo depositada a certeza de ser cuidado e de não ficar só. A falta desse parceiro ou “a distância faz sentir o desamparo, da mesma forma que se sentia quando a mãe se ausentava. A dependência emocional que se estabelece torna comum depositar no outro a garantia de não ficar só” (LINS, 2017, p. 78).

O amor romântico nos captura e traz consigo o medo e a insegurança de não encontrarmos alguém e ficarmos sós. Um entrevistado pela *Junior* narra esse processo de busca constante de um parceiro:

Ter paciência e acreditar que a vida é imprevisível e cheia de surpresas, aliás, pode ser fundamental para os que não imaginam a vida a sós. Essa sensação de que toda panela tem a sua tampa é também o que move o soteropolitano Thiago Teive, de 26 anos. Estiloso e todo tatuado, Teive é daqueles que batem no peito e assumem serem, de fato, entusiastas das dores e delícias das relações estáveis. Apesar disso, nunca deixou de viver as efemeridades. Mesmo por saber que, muitas vezes, o que nasce parecendo destinado a não vingar pode surpreender: “Estou sempre aberto para conhecer novas pessoas, até porque muita gente que aparece acaba deixando algo bom, mesmo que não dure” (JUNIOR, edição 46, 2012, p. 40-41).

Ter a “sensação de que toda panela tem a sua tampa” reforça a super valorização do amor, que é algo que vamos produzindo ao longo do tempo, é do cultural, está presente em diferentes contextos sociais. Talvez porque o amor

esteja diretamente ligado à ideia de completude, a uma experiência emocional que tem como a grande função nos tirar da solidão e nos proporcionar segurança na companhia do outro (FERRARI, OLIVEIRA e FRANÇA, 2018).

Essas expectativas estão associadas ao amor e são desejadas. Mais do que isso, viram metas a serem atingidas e carregam o peso de representarem a concretização da felicidade em estar em um relacionamento amoroso, pois “o amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida” (COSTA, 1998, p. 12).

Nessa perspectiva, Teive, o entrevistado pela *Junior*, vai criando estratégias para administrar a sua busca pelo amor romântico. Para tanto, ele não dispensa as oportunidades, na esperança de que um primeiro contato que não tenha sido muito bom possa se transformar em algo promissor com o decorrer do tempo, atendendo as suas expectativas iniciais. Mesmo quando a relação amorosa não se concretiza ele reconhece que “muita gente que aparece acaba deixando algo bom, mesmo que não dure”. Isso é significativo, pois aponta que a idealização do amor romântico também produz aprendizados, faz com que os sujeitos pensem sobre si mesmos nessas relações e no que os parceiros possam ter lhes ensinado. Esses saberes podem ser utilizados nas relações futuras, levando os sujeitos a se organizarem frente ao outro de forma diferente, aprimorando suas técnicas e/ou estratégias de conquista para enfim encontrarem alguém que satisfaça as suas expectativas e possibilite a vivência do amor que foi idealizado.

Em muitas experiências os encontros amorosos acontecem, são vividos intensamente, a relação vai se desgastando e aparece o rompimento. A idealização e a segurança do relacionamento desmoronam e mostram que nem todas as relações são para sempre ou possuem um final feliz:

Era vidro e se quebrou! Olhos nos olhos, corações a mil por hora, arrepio dos corpos, promessas de amor e lealdade. O discurso típico – e encantador – das relações que acabam de nascer. Algumas dessas relações não terminam de forma tão amistosa como começaram (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 74).

Muitos relacionamentos não terminam bem ou da maneira que gostaríamos porque desde cedo somos levados a acreditar que a vida só tem graça se

encontrarmos um grande amor. Se encontramos esse grande amor, a expectativa é a de que vamos nos sentir completos, seguros e realizados para sempre. Isso é impossível, evidentemente, mas as pessoas se esforçam para acreditar e só desistem depois de fazer muitas concessões desnecessárias na intenção de prolongar relacionamentos que na prática já acabaram. Terminam se separando quando suportar as frustrações deixa de ser possível e o sonho do amor perfeito desmorona.

Uma dessas situações é relatada por um rapaz entrevistado pela *Junior*:

Os rapazes de maneira geral não estão preparados para a cumplicidade e companheirismo que um namoro pede e acabam resumindo a relação na possibilidade de tirar algum proveito: “Todo mundo é interesseiro. Alguns ficam com você por dinheiro, outros por status, ou por simplesmente não aguentarem ficar sozinhos. Muita gente acaba namorando só porque é cômodo” (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 74).

O ideal de um relacionamento perfeito, como o proposto quando pensamos no amor romântico, pode muitas vezes causar frustrações. Aquilo que foi desejado começa a dar sinais de falhas, mostrando-se diferente do que era esperado. “Tirar algum proveito” da relação amorosa é apenas um dos muitos caminhos que leva ao fim dos relacionamentos. Términos que causam decepção e nos levam a pensarmos onde foi que erramos para perdermos aquele amor que um dia nos foi tão encantador e que imaginávamos com segurança que a sua duração seria para sempre.

A crença quase universal que considera a existência de “um amor único, permanente e sem defeito, entendido e recebido como garantia de felicidade duradoura, vai, justamente, levar-nos a esquecer, com muita frequência, que é necessário manter, alimentar e respeitar o relacionamento vivo e saudável” (SALOMÉ, 1995, p. 109). E que este relacionamento “deve, sobretudo, se proteger contra as alterações inevitáveis de uma intimidade que vai ficando desgastada com partilhas em tempo integral” (ibidem).

Assim, não basta apenas o desejo e a conquista de um amor idealizado. Isso não é o suficiente. Para evitar frustrações e decepções é necessário um contínuo investimento na manutenção da relação, compreendendo as diferenças e

particularidades dos sujeitos envolvidos. Imaginar e desejar um modelo de amor é gostoso, simples e um delicioso exercício mental. Porém, é importante ter ciência de que todo esse processo pode não se concretizar na vida real e isso não é um problema ou o fim do mundo. Somos cercados e capturados pelas ideias do amor romântico e queremos trazê-las para as nossas existências. Queremos desfrutar de uma companhia, alguém com quem contar em todos os momentos, ter a segurança de um relacionamento estável e duradouro. Mas também devemos ter em mente que isso tudo é uma construção social e, porque não dizer, midiática, que tenta nos convencer dessa ideia a todo momento, além de figurar como estratégia de afirmação e manutenção da heteronormatividade.

A experiência do amor romântico inspirada na heteronormatividade pode se transformar em uma forma de adaptação e de incorporação ao modo de vida heteronormativo pelos homossexuais, tornando-se uma experiência de captura ao invés de ser uma ruptura. Desse modo, acabamos nos esquecendo das muitas possibilidades que temos de estabelecer relações com o outro, sejam elas relações amorosas ou de amizade. Relações que podem ser pautadas, não necessariamente, pela monogamia, pela higienização do desejo e do sexo ou outras referências da heterossexualidade, mas que também são legítimas representações do amor, dando a ele outras possibilidades de vivências. E essas relações, apesar de ainda sofrerem a repulsa de muitos, são educativas e, assim como o amor romântico, nos constituem e nos ensinam sobre os outros e sobre nós mesmos.

### **6.3 “Não sabia bem o que aquilo significava”: Constituindo (homo)sexualidades**

Os sujeitos deslizam e escapam das classificações em que ansiamos por localizá-los. Multiplicam-se categorias sexuais, borram-se fronteiras e, para aqueles que operam com dicotomias e demarcações bem definidas, essa pluralização e essa ambigüidade abrem um leque demasiadamente amplo de arranjos sociais (LOURO, 2010, p. 32).

Guacira Lopes Louro chama a atenção para a multiplicidade de possibilidades de constituição dos sujeitos. Vamos nos constituindo de diferentes modos, criando existências singulares que se aproximam ou se distanciam do que é

esperado para homens e mulheres. Quando pensamos nas sexualidades essa produção de si passa a ser mais vigiada, disciplinada e normatizada. O desejável é que homens e mulheres enquadrem-se no modelo de vida heterossexual, tendo desejos e relacionamentos apenas com sujeitos do gênero oposto. No entanto, se a vida é múltipla e cada sujeito carrega as suas particularidades, na questão da sexualidade não é diferente. Nos processos de constituição de si “multiplicam-se categorias sexuais” e “borram-se fronteiras”, abrindo a possibilidade para a produção de diferentes vivências e experiências sexuais.

Muitas pessoas ainda consideram que a sexualidade é algo que possuímos “naturalmente”, que nascemos com ela, algo que deve ser exercido conforme as “regras” estabelecidas para cada gênero. Pensar nessa perspectiva dificulta a discussão da sexualidade enquanto algo que é construído pelos sujeitos ao longo de suas existências. É importante destacar que a sexualidade não é “dada” pela natureza, natural ao ser humano, pois, vivemos nossos corpos e nossas sexualidades de diferentes formas. Podemos compreender que a construção da sexualidade está intimamente atrelada a representações, linguagens, símbolos, rituais... Enfim, processos que são plurais e que são produzidos culturalmente continuamente e estão sempre sujeitos a mudanças. Nessa perspectiva, falar da sexualidade implica pensar na “formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam a sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade” (FOUCAULT, 1984, p. 10-11).

Atenta à questão da constituição das (homo)sexualidades, a *Junior*, por meio de depoimentos de alguns jovens, vai apontando que o ato de constituir-se enquanto sujeito de uma dada sexualidade é uma experiência pessoal, particular, recheada de descobertas e também de repreensões:

Quando criança eu era muito afeminado, uma travesti mirim mesmo. E bem danadinho. No jardim de infância mesmo, eu já me trancava no banheiro para beijar os meninos na boca. Tudo em mim era afetado: a voz, o andar, os gestos. Praticamente um Leão Lobo. Lembro de uma vez ter vestido roupas da minha mãe e usado sua maquiagem enquanto ela estava fora. Tudo na frente do meu irmão, que na hora não disse nada. Mas foi só minha mãe chegar e ele contou tudo. Ela chorou bastante e eu não entendia o drama. Dizia: “Mas não foi nada, só usei a maquiagem”.

Autoritária, ela confiscou meu cachorro de pelúcia predileto, foi horrível. Depois devolveu, mas prometeu que iria fazer de mim um homem. Não sabia bem o que aquilo significava, afinal eu já era um homem, apesar da afetação (JUNIOR, edição 25, 2011, p. 42).

Na narrativa acima, o sujeito é provocado a voltar-se sobre si mesmo e problematizar a sua experiência com a constituição da (homo)sexualidade. Assim, ele volta no tempo e chega à sua infância e destaca momentos que foram marcantes para si. Ao apontar que “era muito afetado” e descrever as características dessa afetação ele acaba denunciando o seu saber acerca da aproximação da fronteira existente entre heterossexualidade e homossexualidade e vai vivenciando uma experiência de si. Uma experiência que é “o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade” (LARROSA, 2002b, p. 43). Essa experiência de si apresenta-se como um processo gradual e constante. Um processo em que o sujeito da experiência vai experienciando aos poucos, pois, é preciso que ele pare para pensar, pare para olhar, pare para sentir, demore-se nos detalhes, suspenda o juízo, fale sobre o que o acontece, se dê tempo e espaço (LARROSA, 2002a).

A experiência de ter sido penalizado pela mãe ao ser denunciado que havia utilizado a maquiagem dela já diz que aquilo não deveria ter sido feito por ele. Apesar de não entender naquele momento o significado daquele ato, tal repreensão já é o suficiente para o educar de certo modo, indicando que aquela ação não era desejável para um menino e que ele seria transformado em um homem. Nesse sentido, vamos percebendo que o sexo e a sexualidade vão sendo produzidos, ressignificados, mas também cerceados e atravessados por normas e saberes que tentam direcionar os sujeitos para os caminhos ditos como “certos” ou “naturais”, aqueles em que a sexualidade hegemônica desejada é a heterossexualidade.

A família assume um lugar de saber nessa constituição. Ela tem um saber construído sobre as (homo)sexualidades, ela tem uma expectativa, uma direção quase que “natural” para a qual os sujeitos devem se encaminhar. Portanto, há um

investimento para a manutenção desse padrão sexual, regido, sobretudo, pela heteronormatividade, que “sublinha um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle” (MISKOLCI, 2009a, p. 332), que tem como objetivo maior “formar a todos para a heterossexualidade ou para organizarem suas vidas a partir de seu modelo supostamente coerente, superior e “natural”” (ibidem).

No entanto, apesar dos investimentos para que a heterossexualidade seja seguida, escapes vão acontecendo e permitindo a constituição de outros modos de viver as (homo)sexualidades. Modos que vão se produzindo com a presença do outro em nossas vidas e que vão sendo narrados nos depoimentos publicados na *Junior*:

**Essa matinê é um lugar onde a gente tem a oportunidade de se autoaceitar. Aqui eu esqueço todos os meus problemas, posso ser livre (JUNIOR, edição 19, 2010, p. 49).**

**Antes deveria ser muito chato só ter que ir a lugar hétero e se sentir um peixe fora d'água. Hoje aqui é mais normal. Não que seja mais normal, mas é visto com mais naturalidade (JUNIOR, edição 19, 2010, p. 49).**

**Eu gosto do público e tenho orgulho de ser o que sou. Ainda bem que temos um lugar onde não precisamos nos esconder e viver nossa adolescência livremente (JUNIOR, edição 19, 2010, p. 49).**

As declarações acima são de jovens ao apontarem as suas percepções ao frequentarem matinês preparadas especificamente para sujeitos LGBTQI+ com idades inferiores a dezoito anos. Nas três narrativas existe algo em comum: a presença do outro, da coletividade. Esses jovens se sentem acolhidos nesse espaço que foi pensado para abrigar pessoas “iguais” a eles, com desejos, inquietações e momentos de vida semelhantes, que se aproximam e os aproximam. Com o outro eu crio cumplicidade para compartilhar as minhas experiências, escutar conselhos, tomar atitudes e passar a ter “orgulho de ser o que sou”. Desse modo, podemos problematizar que para além do espaço escolar, existem outros espaços em que circulamos e nos relacionamos que também são espaços pedagógicos, como festas, boates e a matinê para sujeitos menores de dezoito anos de idade destacada pela

*Junior*. Estar em um espaço com pessoas que tenham vivências e expectativas em comum constitui um desses espaços. Espaços recheados de processos educativos e saberes com os quais somos educados e também educamos outros sujeitos.

Tais espaços e contatos propiciam que os sujeitos reflitam e pensem na constituição histórica desses ambientes: “Antes deveria ser muito chato só ter que ir a lugar hétero e se sentir um peixe fora d’água. Hoje aqui é mais normal”. Tal afirmação é significativa, pois evidencia um conhecimento de que nem sempre as coisas foram como são, apontando para as dificuldades de se ter algumas vivências com as (homo)sexualidades no passado. Isso demonstra que essas vivências foram sendo construídas com o passar do tempo, garantindo aos sujeitos lugares em que eles pudessem ser livres, sem medos, restrições ou vigilância: “É um lugar onde a gente tem a oportunidade de se autoaceitar. Aqui eu esqueço todos os meus problemas, posso ser livre”.

A construção das (homo)sexualidades é um processo atravessado pelas experiências vividas pelos sujeitos, pois “são as experiências que concretizam as subjetividades e que dão vida aos processos de subjetivação” (FERRARI, 2010, p. 10). Experiências produzidas a partir da relação com o outro, na coletividade, mas também experiências de si para consigo, nas quais os sujeitos são afetados e transformados nesse processo, abrindo-se para experiências de dessubjetivação. Nesse sentido, a produção de si também está intimamente ligada à produção da (homo)sexualidade, numa operação que é constante, que se dá no dia a dia e não cessa.

Vivenciar a (homo)sexualidade implica em aprender sobre ela. Somos rodeados de discursos que nos ensinam modos de vivenciarmos tal prazer. Aprendemos sobre (homo)sexualidade com a família, com amigos, na escola, na igreja, ou seja, muitas são as instituições que emanam saberes que diretamente influenciam nas vidas dos sujeitos, apontando o que é desejável ou reprovável em relação ao sexo. As mídias assumem papel privilegiado nesse processo educativo sexual, uma vez que conseguem acessar um grande público ao mesmo tempo, utilizando-se de vídeos, textos e imagens para transmitir os seus saberes. No que diz respeito às homossexualidades masculinas esses saberes também são produzidos e circulam nesse universo, representando desejos e expectativas de tal

público. Atenta a isso, a revista *Junior* explorou essa questão colocando-a em discussão. O trecho abaixo trata-se da chamada de uma matéria que buscava problematizar o desejo por parceiros que tenham pênis grande:

**É dos grandes que eles gostam mais? Dizem que tamanho é fundamental, pelo menos entre gays. Mas será que ser bem dotado é sempre legal? A gente foi conferir diretamente com os grandes (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 46).**

Ao abordar essa problemática, a *Junior* apropria-se de uma prática comum que circula nas homossexualidades masculinas: a super valorização do pênis enquanto objeto de desejo sexual. Mas para alguns sujeitos esse desejo tem suas exigências. Não basta um homem com pênis, tem que ser um homem “bem dotado” ou com pênis grande. Essa exigência acaba por limitar e organizar as vivências sexuais, uma vez que o tamanho do pênis passa a ser o fator definidor de qualidade do parceiro e da satisfação sexual. Mas como se sentem esses sujeitos “bem dotados” tão cobiçados? Será que eles estão plenamente satisfeitos com o lugar que ocupam no arranjo sexual? Pensando nessa questão, a *Junior* colheu narrativas de alguns deles:

“Tem gente que chega em mim já virando de costas quando vou a saunas. As pessoas não pensam que um bem dotado pode querer fazer passivo, acham que é desperdício”, conta Felipe Nunes, mineiro de Passos que conta ter 22 centímetros de dote. Fábio Miranda, outro dotadão mineiro, mas de Belo Horizonte, concorda: “Há uma expectativa de que na cama eu seja sempre o ativo. Às vezes começo a teclar e quando o cara vê meu pênis já diz que é ativo, mas que ‘hoje está com vontade de dar’. Acredito que um pênis grande seja um fetiche de 100% dos gays” (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 47).

Nas narrativas há a manifestação de uma insatisfação em relação ao tratamento recebido pelos sujeitos considerados “bem dotados”. É como se, ao ter um pênis grande, automaticamente a pessoa já tem o seu papel sexual de ativo já determinado, sendo privado de vivenciar outras possibilidades nas relações sexuais. Ou seja, o tamanho do pênis como organizador da vida sexual. Tal frustração leva um dos sujeitos a acreditar que todos os homossexuais pensam da

mesma forma, como se todos tivessem a mesma vontade de ter um ativo “bem dotado” para se relacionar: “Acredito que um pênis grande seja um fetiche de 100% dos gays”.

Ter o pênis na centralidade do desejo sexual o coloca como peça principal das fantasias, fetiches e relações sexuais, abrindo espaço para a sua super valorização em detrimento de outras experiências e sensações que também dizem muito do relacionamento sexual. Isso quer dizer que o sexo vai além do pênis ou do seu tamanho. Apresentar uma matéria como essa para um público que, em sua grande parte, associa as suas vontades sexuais ao pênis ou ao seu tamanho diz de um processo educativo. Um processo que por meio da exposição do outro lado, no caso os rapazes da narrativa, mostra que o desejo de um pode ser o pesadelo do outro, em que apenas um dos envolvidos experiencia de fato aquilo que queria, enquanto o outro tem o seu desejo suprimido justamente pelo órgão sexual que deveria lhe proporcionar prazer.

A estratégia adotada pela matéria é capaz de produzir uma problematização de si mesmo e do senso comum que circula entre nós que vai além do desejo pelo pênis grande. É uma questão de colocar-se no lugar do outro, sensibilizar-se e aprender com ele por meio da revista que publica o seu relato. Também é uma provocação para pensarmos no quanto as homossexualidades masculinas dependem do pênis e dos “bem dotados” para se satisfazerem, tendo o pênis como ponto central da relação sexual e da busca pelo prazer. Isso implica em não reconhecer, ou desconhecer, outras formas possíveis e diferentes de obtenção de prazer em que o pênis não é o foco principal.

Assim, a *Junior* vai se estabelecendo enquanto um lugar de saber acerca das (homo)sexualidades, trazendo narrativas que endossam que esse aprendizado vai sendo construído historicamente e em diferentes instâncias de nossas vidas, em que o contato com o outro também tem características pedagógicas. Família, amigos, baladas, parceiros sexuais e as mídias. Tudo isso nos ensina, nos aponta comportamentos que devemos ou não seguir, que desejos sexuais devemos alimentar, nos dizem de modos de estarmos no mundo e, ao mesmo tempo, nos abrem a possibilidade de problematizarmos nossas atitudes, voltarmos sobre nós mesmos para irmos construindo as nossas existências.

#### **6.4 “Quer contar para a família que é gay e não sabe como?”: A *Junior* fora do “armário”**

Estar no armário. Ficar ou sair dele. Sair, dar umas voltinhas e retornar pra ele. Eve Kosofsky Sedgwick (2007), em suas pesquisas sobre o armário e as homossexualidades, destaca que o armário é um regime de controle das sexualidades que busca manter a divisão binária heterossexual-homossexual da sociedade ocidental desde o final do século XIX. O armário vai sendo caracterizado por um conjunto de regras nem sempre claras, mas cuidadosamente estabelecidas que constituem o espaço público como sinônimo e lugar legítimo da heterossexualidade, afastando para o âmbito do privado as relações entre pessoas do mesmo gênero.

A questão do armário é algo que movimenta a vida das pessoas que vivenciam sexualidades que se distanciam da heterossexualidade. Sair desse armário e viver abertamente a sexualidade é cada vez mais incentivado, sobretudo, por ser um ato político, um ato de coragem, “um dispositivo complexo no qual se trata da constituição da individualidade, da subjetividade, em suma, a maneira pela qual nos comportamos, tomamos consciência de nós mesmos” (FOUCAULT, 2012b, p. 74). Uma ação que culmina em novas relações consigo mesmo e com os outros, que expõe as multiplicidades sexuais e mostra que elas estão presentes entre nós. Porém, existe todo um dilema sobre o momento ideal para essa revelação. Afinal, quando contar? De que forma revelar? Há uma forma mais tranquila? É necessário realizar tal revelação? Essas inquietações dizem do público homossexual masculino jovem para o qual a revista *Junior* é editada. Assim, a problemática do armário se fez presente nas páginas da revista, apontando alguns encaminhamentos nesse sentido:

**Para quando chegar a hora de contar: Quer contar para a família que é gay e não sabe como? Aqui você lê experiências boas e outras nem tanto deste delicado momento. Se existe uma maneira menos impactante de dizer que não é heterossexual, Junior vai mostrar agora. É claro que são dicas que só servem para quem realmente quer sair do armário e, principalmente, se sente pronto pra isso (JUNIOR, edição 26, 2011, p. 46).**

**Irmãos e gays: Em uma mesma família, dois ou mais irmãos gays saem do armário. Para eles, costuma ser ótimo contar com outro gay dentro de casa. Já para os pais... (JUNIOR, edição 5, 2008, p. 110).**

Nas matérias sobre a saída do armário e o ato de assumir-se não heterossexual a *Junior* se encarrega de ter o papel de alguém acolhedor e disposto a ajudar na travessia desse momento. O caráter educativo assumido pela revista chama a atenção, uma vez que ela se propõe, por meio de experiências compartilhadas, encaminhar os sujeitos pelo caminho que ela considera o ideal de ser percorrido, ou seja, sair do armário e viver livremente a sexualidade. No entanto, é relevante destacar que essa ação é datada e diz do período de publicação e circulação da *Junior*, entre os anos de 2007 e 2015. Um período marcado ainda pelo intenso trabalho educativo realizado pelos diversos grupos LGBTQI+ existentes no país.

Tal posicionamento educativo parte do “conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (FOUCAULT, 2012d, p. 263) que passaram a circular a respeito da questão do armário. Uma dessas verdades que foram sendo criadas é a de que existe uma “hora de contar” para a família o distanciamento da heterossexualidade. Esse fato é interessante de ser problematizado já que somente às sexualidades não heterossexuais é atribuída a obrigação de revelar-se. Nenhum heterossexual assume a sua sexualidade, pois a heterossexualidade é a norma sexual, ou seja, é a sexualidade desejável e considerada normal para todos/as.

Ao trazer para suas páginas “experiências boas e outras nem tanto” sobre a saída do armário a *Junior* tenta mostrar a sua proximidade com a realidade dos leitores e, mais uma vez, compartilha depoimentos deles próprios destacando as várias experiências possíveis desse momento de revelação acerca da sexualidade. Inclusive, destacando a possibilidade de dois ou mais irmãos homossexuais saírem do armário e os desdobramentos familiares a partir desse fato. Apresentar diferentes narrativas sobre a saída do armário faz com que a *Junior* mostre que esse momento é único e particular para cada pessoa, podendo culminar em um ato de extrema liberdade ou de reprovação e repressão extremas.

E para garantir que esse processo de sair do armário ocorra de “uma maneira menos impactante” a *Junior* aponta alguns caminhos além de utilizar-se das narrativas dos sujeitos entrevistados. A figura do especialista mais uma vez se faz presente na tentativa de garantir a autoridade e a legitimidade daquilo que está sendo discutido, publicado e chega nas mãos dos leitores. A revista vai deixando claro que tais apontamentos “só servem para quem realmente quer sair do armário e, principalmente, se sente pronto pra isso”, valorizando a individualidade, a segurança e o momento em que os sujeitos se sentem prontos para tal revelação. Mas, ao mesmo tempo, a *Junior* deixa claro que o que ela apresenta naquelas páginas tem um direcionamento. Os saberes ali presentes são para quem quer sair do armário e está pronto para vivenciar esse momento.

Mas, e quem não quer sair do armário? Sair dele é uma obrigação? Existem muitas formas de se relacionar com o armário. Para uns viver a sua sexualidade escondida é um tormento, já para outros é uma possibilidade de existência segura e que, de certa forma, traz conforto e proteção para os relacionamentos. Com suas chamadas e as matérias cheias de “dicas” de especialistas e narrativas de quem já passou por essa experiência, a *Junior* concebe um processo educativo que é uma verdadeira apologia à saída do armário. Assim, a revista vai apontando caminhos para que o ato de assumir-se não heterossexual seja um acontecimento a ser superado com menos transtornos.

Nas diferentes instâncias da vida os sujeitos vão produzindo as suas subjetividades, construindo a sua existências e sendo atravessado por experiências que os educam dizendo de modos de serem e estarem no mundo. Nessa perspectiva de produção contínua de si existem muitas formas de se relacionar com a sexualidade e com o dilema de assumir-se ou não perante a sociedade. Alguns sujeitos abandonam o armário e assumem as suas sexualidades não hegemônicas enquanto outros tantos preferem ou veem como única possibilidade de vida continuar vivendo no segredo e na segurança que o armário lhes confere.

Ficar no armário não é sinônimo de não vivenciar as (homo)sexualidades. Hoje, existem várias formas de vivê-las e de, ao mesmo tempo, estar no armário. Os avanços tecnológicos das últimas décadas, sobretudo, a popularização da internet, garantiram novas experiências a serem vividas de dentro do armário. Mas do que

isso, a internet proporcionou um aprimoramento desse modo de existência, em que a busca por parceiros sexuais passa a ser “protegida” pelo sigilo do universo on-line. Assim, a internet ressignificou o armário, ampliando as possibilidades de vivência e produção de saberes sobre as (homo)sexualidades.

### **6.5 “É preciso saber o papo certo pro gato não te bloquear!”: Uma revista conectada à internet**

A emergência da internet em nossa sociedade nos proporcionou novas formas de nos relacionarmos. Passamos a ter a facilidade de falar e/ou ver alguém por meio de programas para computador e, mais recentemente, pelos aplicativos disponíveis para celulares. Nesse novo contexto, realizar atividades que envolvam trabalho, estudo, lazer e ou relacionamento assumem uma nova dimensão junto com a tecnologia. A praticidade que esse avanço tecnológico nos traz avança para o campo do desejo e nos permite experimentar a busca de parceiros on-line, ou seja, a busca por pessoas que também estejam conectadas à internet e tem essa mesma vontade.

Em minha dissertação de mestrado (FRANÇA, 2014), ao pesquisar professores/as homossexuais na educação básica, alguns deles/as relataram a importância que o surgimento da internet teve em suas vidas, propiciando novas experiências e aprendizagens acerca das (homo)sexualidades. Esse dado já demonstra como que o uso da internet foi um marco nas vivências desses sujeitos. Utilizando e vendo-se na internet os sujeitos passam a se sentirem acolhidos, protegidos, tem a possibilidade de manifestarem seus desejos sem medos e podem conhecer sujeitos “iguais” a eles, que venham a compartilhar dos mesmos sentimentos.

Enquanto a internet multiplicou as possibilidades já existentes para relações heterossexuais, para pessoas que não se identificam com a heterossexualidade a rede criou um espaço inédito e extremamente potente para conhecer pessoas e compartilhar experiências. Grande parte dessa socialização ocorreu nas salas de bate papo, famosas por reunirem pessoas com interesses em comum de acordo com a temática da sala de bate papo escolhida.

Com essa popularização do acesso à internet, foi-se criando novas possibilidades para as relações entre as pessoas, propiciando, inclusive, que elas conheçam melhor a si mesmas e os processos que elas estão vivenciando. Nesse sentido, podemos pensar que hoje estamos vivendo “em um mundo em que as relações são crescentemente mediadas tecnologicamente, o que torna patente a falácia da oposição real/virtual e cada vez mais clara a existência de um contínuo on-line/off-line” (MISKOLCI, 2017, p. 47). Já não é mais possível separar a vida “real” da vida “virtual”. Ambas caminham juntas, criando uma só vida, em que o real e o virtual se misturam e dizem de nossos modos de existência na contemporaneidade. Nessa perspectiva, o desejo é ressignificado, deixando de mirar apenas no físico, passando a ser também virtual.

A *Junior* acompanhou esse processo e foi dialogando com os leitores sobre as novas possibilidades de comunicação. Porém, a revista investiu especificamente em discutir sobre a busca de parceiros sexuais por meio da internet. Seja por chats ou aplicativos de celular, a revista não deixou de abordar essa questão:

**Chats de pegação definem novos estereótipos, mas é preciso saber o papo certo pro gato não te bloquear! A internet está para o gay contemporâneo como um verdadeiro catálogo de corpos. Batendo a vontadinha – e ela bate, você sabe – é só escolher em uma lista de chats, sites pagos e redes de relacionamento o perfil que mais lhe agrade (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 46).**

**Sexo fácil! Na lista dos top 10 do Grindr, Brasil é o novo alvo do aplicativo que inaugurou gaydar tecnológico (JUNIOR, edição 49, 2013, p. 44).**

Com o fácil acesso à internet os encontros sexuais passaram a ter novas configurações. Se antes, para conseguir tais encontros, era preciso sair de casa para ir a boates, parques ou saunas, agora tudo se tornou mais prático, cômodo e acessível, pois “é só escolher em uma lista de chats, sites pagos e redes de relacionamento o perfil que mais lhe agrade”. Tudo isso a poucos cliques de distância em um “verdadeiro catálogo de corpos” esperando para serem admirados, escolhidos e consumidos. Essas estratégias dizem também da “empreitada de fazer-se visto dentro do regime de visualidade que vigora” (ZAGO,

2013, p. 121) nos sites e aplicativos de relacionamento, pois da mesma forma que os sujeitos que se utilizam dessas tecnologias podem ver, desejar e escolher seus parceiros, eles também querem ser vistos e investem para que esses olhares sejam dirigidos para si.

Na internet a sexualidade tem o seu espaço ampliado e pode ser vista “como meio de experimentação e autodescoberta” (MISKOLCI, 2009b, p. 183). Ao mesmo tempo, esse exercício da sexualidade é realizado sem o sujeito se “expor” fisicamente, garantindo um certo anonimato, o que para muitos soa como um atrativo para o investimento em relacionamentos virtuais.

A necessidade de encontrar alguém, seja para a criação de relações amorosas, combinação de uma “pegação”, fazer amigos ou simplesmente compartilhar experiências, faz da internet um novo meio de controle e exposição da sexualidade. Desse modo, “ao colocar o sexo em palavras, a rede se distancia das “regras” que marcavam o antigo “meio”, ou seja, o silêncio sobre o que se fazia” (MISKOLCI, 2009b, p. 188). Ao trazer o sexo ao discurso, a internet faz também com que os seus usuários ampliem o sentido e o papel da sexualidade em suas vidas e na própria forma como se compreendem e se constituem, ou seja, “tornar-se” sujeito de uma dada sexualidade é, mais do que nunca, um aprendizado que é construído em uma coletividade mediada pelas mídias digitais.

Uma coletividade que também perpassa a mídia impressa, que se apropria do funcionamento das mídias digitais, entra nessa discussão para se aproximar de seu público e transmite saberes sobre a organização de tais mídias. A *Junior* entrou nesse jogo e se encarregou de dar dicas para quem quisesse utilizar dessas tecnologias para a busca de parceiros: “É preciso saber o papo certo pro gato não te bloquear”. O “papo certo” explorado pela *Junior* diz das formas de abordagem online direcionadas para públicos homossexuais específicos como “brows”, “malhados”, “mulekes” e “sugar daddy”<sup>85</sup>, por exemplo, e que direcionam o modo de se pensar nas homossexualidades masculinas. O “papo certo” soa como garantia

---

<sup>85</sup> Essas expressões são utilizadas para referência a grupos homossexuais masculinos específicos. Os “brows” são aqueles sujeitos que fazem papel de heterossexuais e repudiam homossexuais afeminados. Os “malhados” são aqueles que prezam por um corpo sarado e que, geralmente, só se relacionam com outros sujeitos “malhados”. Os “mulekes” são aqueles homossexuais mais novos em termos de idade. E os “sugar daddy” são caracterizados por serem homens mais velhos e bem sucedidos financeiramente que bancam a relação com sujeitos mais novos.

de sucesso na tentativa de conquistar o outro, como uma receita que já foi testada e a sua eficácia comprovada. E caso o “papo certo” não seja seguido o risco de ser bloqueado pelo “gato” é real. Todo esse processo de explicar e direcionar comportamentos soa como algo educativo que vai sendo ensinado aos leitores, apontando caminhos a serem seguidos para que se tenha sucesso na busca por parceiros que estejam on-line.

Porém, é importante destacar que o cenário atual em que os sujeitos buscam parceiros pelas diferentes mídias digitais facilitou o acesso a relações homossexuais sem modificar o local que elas ocupam em nossa sociedade. O uso das mídias se dá, sobretudo, pelo fato de que elas garantem relativo anonimato e, assim, a manutenção de relações homossexuais escondidas e sob sigilo. Para algumas pessoas relacionamentos escondidos ou em sigilo são assumidos por possuírem alguma questão que não desejam que seja abordada de forma pública. Já para outras pessoas esconder-se é sinônimo de proteção contra atos violentos decorrentes de crimes por elas vivenciarem em público a (homo)sexualidade. Daí a importância das mídias digitais na constituição desses sujeitos e de suas (homo)sexualidades.

Dessa forma, podemos problematizar que mais do que qualquer propaganda, “o grande impulsionador do uso de plataformas on-line de busca de parceiros é a forma como nossa cultura compreende o desejo homossexual, restringe sua expressão no espaço público e recusa a homossexuais cidadania plena” (MISKOLCI, 2017, p. 287). Tal fato pode ser exemplificado com o dado fornecido pela *Junior* de que o Brasil figura na “lista dos top 10 do Grindr”. Sob constante vigilância moral e vulnerabilidade, os sujeitos são incentivados a buscar parceiros nas mídias digitais também como forma de garantir a não exposição de comportamentos que se distanciem do que se espera da heterossexualidade e, conseqüentemente, garantirem a sua segurança frente a agressões homofóbicas.

Nessa perspectiva, estar e viver conectado oferece ao sujeito a oportunidade de reflexão e conhecimento de si mesmo por meio da interação com o outro on-line antes de um possível encontro presencial. Nesse espaço entre si e a tela do meio digital ao qual está ligado saberes são produzidos e reconstruídos. Aquela tela constitui-se pedagógica, abrindo espaço para, junto com o outro, exista

o ato de conhecer-se. Um ato em que “conhecer-se é conhecer o verdadeiro” e “conhecer o verdadeiro é liberar-se” (FOUCAULT, 2010a, p. 189). Um liberar-se que passa pela ciência de que existem múltiplas formas de se vivenciar as sexualidades, inclusive por meio dos recursos on-line, que culminam numa experiência de produção de si. Assim, ao mesmo tempo somos produtores e produzidos pelas mídias digitais, numa relação em que essas mídias ocupam lugar privilegiado e crescente em nossas existências.

## **6.6 “Todos os casos positivos serão tratados”: Discursos sobre a AIDS na *Junior***

Falar da AIDS e de seu tratamento foi uma pauta bastante frequente na *Junior*, tendo destaque em muitas edições no período de circulação da revista. Tal situação pode ter ocorrido pelo fato da revista ter circulado em um momento importante para o fortalecimento das políticas públicas de tratamento e a homossexualidade ter permanecido como uma comunidade diretamente associada à doença. Além disso, o investimento em matérias que destacam o combate à transmissão e o tratamento dos sujeitos HIV positivos dizem de processos educativos transmitidos pela *Junior*. Processos que apostam no cuidado de si mesmo e no cuidado nas relações com o outro, em que a revista é um lugar de ensinar, de aprender e de defender um grupo.

Nas publicações específicas sobre a doença a revista buscava informar os leitores sobre os tratamentos disponíveis e como viver bem com o vírus. Realidade bastante diferente de quando a AIDS surgiu, onde o quadro era de pânico e incertezas sobre o avanço e o tratamento da doença.

Os veículos midiáticos do período cobriram a emergência da AIDS a partir da década de 1980, levando para o público o pouco que ainda se sabia sobre a epidemia que acabara de surgir. Uma publicação marcante desse período foi a capa da revista *Veja* de 26 de abril de 1989 que expunha uma foto do cantor Cazuza já bastante debilitado pela doença. Com a chamada “Cazuza: Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública” a revista *Veja* explorou da imagem do cantor e, ao

mesmo, conseguiu cumprir o seu papel de disseminadora de saberes, fortalecendo a já existente associação da AIDS com as homossexualidades e com a morte.

Essa associação da AIDS com as homossexualidades, sobretudo, com as homossexualidades masculinas, contribuiu sobremaneira para o aumento dos preconceitos e discriminações contra esses sujeitos, sendo utilizada como pretexto para conduzi-los ao lugar da abjeção. João Silvério Trevisan (2007, p. 449) nos aponta que “ante o fantasma da morte, elegeu-se um bode expiatório, como sempre acontece nas grandes calamidades públicas e nas fobias daí resultantes. De execrado, o homossexualismo<sup>86</sup> tornou-se maldito”. Ao serem nomeadas as grandes culpadas pela proliferação da AIDS, as práticas sexuais não heterossexuais passaram a ser ainda mais indesejadas pela sociedade e centro do medo de contrair o vírus até então mortal. Essa realidade transformou a realidade de muitas pessoas, mexendo com os seus desejos e modos de estarem no mundo:

Quase transformados em algozes da humanidade, os homossexuais sofreram, sobretudo em sua estrutura emocional, as ressonâncias da AIDS. O pânico levou muitos deles a recorrer a especialistas terapêuticos, que foram surgindo para atender a soropositivos ou não, nas áreas psicológica e de medicina alternativa, como ioga e acupuntura. Relações homossexuais antigas e novas se desfizeram. Casais monogâmicos deixaram de manter relações, ainda que continuassem juntos. Uma grande quantidade de rapazes homossexuais abriu mão, absolutamente, de sua vida sexual, enquanto outros, em grande quantidade, resolveram quebrar o galho com casamentos heterossexuais de última hora (TREVISAN, 2007, p. 459).

Nota-se que um pânico sexual passou a gerir a vida em sociedade por conta da AIDS. Se a circulação do seu vírus causou a inibição de relações sexuais, principalmente homossexuais, podemos dizer que ela também colocou as sexualidades não heterossexuais em discussão. Por conta da AIDS falou-se sobre as sexualidades como nunca se tinha falado antes, pois “muito se esclareceu, muito se confundiu, preconceitos foram derrubados, outros se alavancaram, casamentos de fachada se desfizeram, outros assumiram que amam o mesmo sexo, muitos

---

<sup>86</sup> Mantenho aqui o termo “homossexualismo” para ser fidedigno ao texto original do autor. Porém, entendo que nos dias atuais o termo “homossexualidade” seria o correto a ser utilizado, já que o termo “homossexualismo” está em desuso, pois costumava definir a relação afetiva e amorosa entre pessoas do mesmo gênero como uma doença.

homossexuais deixaram de frequentar apenas saunas ou bares específicos” (SIERRA, 2013, p. 121) para ocupar espaços que antes não tinham a sua presença bem vinda ou que antes não tinham coragem de ocupar. Como disse Michel Foucault (1988; 2012c) é o saber produzindo poder. Uma coisa não existe sem a outra. Ou seja, não há relação de poder que não se constitua em um campo de saber e vice versa.

Nessa veiculação e disseminação de saberes sobre a AIDS as mídias assumiram lugares privilegiados. Se no surgimento da doença as mídias se encarregavam de alertar a população sobre os seus riscos e formas de prevenção, hoje em dia o foco apresenta-se muito mais voltado para discutir sobre as formas de se viver com a doença. Dessa forma, a *Junior* em suas matérias sobre a AIDS busca essa perspectiva, produzindo saberes que mostram uma nova forma de levar a vida junto com a AIDS:

**Diego Callisto tem 24 anos e problema nenhum em revelar seu diagnóstico para HIV, descoberto há três anos. Sua experiência e coragem servem de exemplo para jovens que, como ele, descobriram logo no início da vida sexual a soropositividade encarem este difícil momento de uma forma mais amena (JUNIOR, edição 51, 2013, p. 62).**

A experiência de Diego é apresentada pela *Junior* para dizer como que as vidas tem se organizado para conviverem com a AIDS. A experiência dele difere-se muito da realidade que foi enfrentada por outras pessoas, sobretudo, nas décadas de 1980 e início da década de 1990. Diego representa uma outra realidade frente à AIDS, em que o desenvolvimento farmacotecnológico pode proporcionar qualidade de vida aos sujeitos que convivem com a doença. Não demonstrar “problema nenhum em revelar seu diagnóstico para HIV” também aponta para a ressignificação do modo como a AIDS é vista atualmente. Se antes os sujeitos tinham medo de exporem-se enquanto pessoas vivendo com HIV por receio de sofrerem preconceitos e discriminações, hoje existe uma melhor compreensão a esse respeito, uma vez que a doença tem sido investigada e já conhecemos seus modos de transmissão, prevenção e tratamento. Entretanto, assumir-se como soropositivo depende muito do contexto em que cada um vive. Apesar de ter

diminuído o estigma em relação ao HIV, não há garantia nenhuma de que essa pessoa não terá problemas em revelar o seu diagnóstico. E podemos pensar além, é necessário ter esse diagnóstico revelado?

Trazer um jovem em suas páginas para compartilhar a sua vivência junto com a AIDS também soa como algo pedagógico, pois a narrativa do entrevistado é apresentada pela *Junior* como um “exemplo” a ser seguido e, ao seguir esse exemplo, eu teria como garantia passar pela descoberta da doença “de uma forma mais amena”. Portanto, a produção de saber sobre a AIDS não cessou. Os saberes continuam sendo produzidos a todo momento, seja no campo científico e farmacêutico ou seja pela divulgação de conhecimentos pelas mídias. Ao informarem o público sobre a AIDS, as mídias atribuem um lugar a ela, evidenciando o seu novo significado nos dias atuais, passando de doença mortal a doença que pode ser tratada a ponto de garantir longa qualidade de vida às pessoas que vivem com HIV:

**Remediado está. Ministério da Saúde decide ampliar acesso a coquetel antirretroviral. Todos os casos positivos serão tratados (JUNIOR, edição 59, 2014, p. 46).**

**Pela boca. Ministério da Saúde começa a distribuir para ONGs teste que detecta vírus do HIV por meio da saliva (JUNIOR, edição 58, 2014, p. 56).**

Ao destacar as novas estratégias de detecção e tratamentos para a AIDS, a *Junior* expõe o processo amplo de controle da saúde da população que é engendrado pelos governos e suas políticas públicas. Claro que ter testes de detectam a soropositividade rapidamente e um tratamento eficaz para quem está com HIV é uma vitória de esforços de anos de pesquisas para salvar vidas. Porém, quero chamar a atenção para a amplitude desses processos de cuidado com a prevenção e o tratamento em si para quem já está doente. Tais investimentos tratam das biopolíticas destacadas por Michel Foucault (2010b), que dizem de poderes exercidos sobre a vida, junto com o poder disciplinar e os saberes desenvolvidos pela medicina, psicologia, pedagogia e outras instâncias do

conhecimento. Essas forças atuam nos modos de vida dos sujeitos, regulando a alimentação, o corpo, a saúde e, é claro, a sexualidade.

A afirmação de que “todos os casos positivos serão tratados” denuncia esse processo biopolítico de gestão da doença, colocando todos os sujeitos com AIDS na mesma posição de serem monitorados, cuidados e controlados pelo poder do Estado. Evidentemente, uma grande parte dos soropositivos querem sim o tratamento para viverem bem com a doença e necessitam desse cuidado governamental, tendo em vista o preço elevado da medicação utilizada no tratamento. Mas, também, podemos imaginar a existência de pessoas que vivem com o HIV que não desejam realizar o tratamento seja lá por qual motivo for. Um movimento de resistência e ao mesmo tempo de liberdade que nos coloca a pensar na nossa autonomia e no poder que temos de fazermos escolhas sobre a vida e a morte.

A distribuição para Organizações não Governamentais (ONGs) de testes que detectam o vírus HIV pela saliva mostra que o poder do Estado não é central e não emana para a população. Pelo contrário, o poder do Estado se ramifica e cria estratégias para atingir o maior número possível de pessoas. Para isso, o Estado utiliza-se de instituições que teoricamente estariam mais próximas das pessoas como as ONGs. No caso da população LGBTQI+ é comum a existência de ONGs para a promoção da diversidade sexual e de gênero nas grandes cidades. João Góis destaca a importância dessas organizações na educação dos sujeitos e no combate à doença, pois elas “implementaram um conjunto de ações de enfrentamento à epidemia no qual em par com retórica da solidariedade, a educação assumiu um papel fundamental” (2003, p. 28). Essas ONGs exercem um papel que interessa ao Estado, pois estão próximas de um público que ficou historicamente associado à AIDS e podem levar as informações sobre as políticas de prevenção e tratamento para essas pessoas.

Porém todo esse investimento biopolítico não se resume apenas a prevenção e tratamento de quem já está vivendo com o HIV. Saberes que buscam garantir uma melhor qualidade de vida para quem já iniciou o tratamento também chegam às pessoas:

**Dormir para viver bem. Manter boa qualidade do sono é importante para soropositivos terem bem-estar durante tratamento (JUNIOR, edição 57, 2013, p. 36).**

Esse tipo de saber diz de algo que vai além do controle já imposto pelo consumo de medicamentos e passa a mensagem de que o tratamento só terá a sua eficácia garantida caso as recomendações sejam seguidas. Mesmo que essas recomendações digam de atos simples e rotineiros do dia a dia como dormir, o caráter disciplinador presente nelas apontam para uma vida controlada. Tal saber investe em seu aprendizado para todas as recomendações sejam seguidas em prol do sucesso do tratamento e, conseqüentemente, a manutenção da vida. Isso nos faz pensar que na atualidade o discurso preventivo não se circunscreve somente à prevenção da AIDS, “trata-se de um conjunto de normas, parâmetros e diretrizes que permeiam a visão médica, pautando condutas para os indivíduos evitarem agravos à saúde” (PELÚCIO e MISKOLCI, 2009, p. 127). Nessa perspectiva, segundo Francisco Ortega (2004, p. 15), estamos falando “da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna”, que, ao cuidar de si, seguindo as recomendações médicas, ele acaba também cuidando do outro, evitando possíveis episódios de risco de exposição ao HIV.

Os discursos sobre a AIDS realizaram em alguns anos algo que nenhum movimento pelos direitos homossexuais conseguiu em décadas de militância: “deixar evidente à sociedade que homossexual existe e não é o outro, no sentido de um continente à parte, mas está muito próximo de qualquer cidadão comum, talvez ao meu lado e – isto é importante! – dentro de cada um de nós” (TREVISAN, 2007, p. 462). As mídias tiveram papel de destaque nesse processo, dentre elas a *Junior*, sendo aliadas dos saberes médicos, científicos e farmacêuticos, como se fossem porta vozes dessas biopolíticas que ordenam, classificam, corrigem e normalizam os sujeitos. Aliado às mídias, o poder se expande ainda mais, chegando mais longe, mais rápido, produzindo verdades sobre os desejos, as experiências e os prazeres. Verdades que dizem de saberes. Saberes que ensinam. Ensinam a prevenir, tratar e ter certa qualidade de vida, mas que também ensinam a controlar as existências de si mesmo e de quem o cerca.

## **6.7 “Quem ainda se choca ao ver dois homens se beijando?”: A constante luta pelos direitos sexuais**

Corpos em busca de direitos. Desejantes por direitos humanos, direitos sexuais, direito de serem livres para se expressarem. Corpos que clamam por igualdade de direitos. Corpos que buscam usufruir de direitos já garantidos à heterossexualidade e que tem a potencialidade de irem além deles, podendo ressignificá-los, criando outras formas de organização social e de produção de existências.

A discussão sobre os direitos humanos, sobretudo, o reconhecimento dos direitos sexuais com ênfase na população LGBTQI+ viveu um momento de efervescência durante o período em que a revista *Junior* circulou pelo país, entre os anos de 2007 e 2015. Pautas foram sendo demandadas e a revista buscou colocá-las em evidência, levando ao leitor informações que diziam de seus direitos, de sua vida.

No contexto político, a *Junior* atravessou o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff e o primeiro ano do seu segundo mandato. Tal período foi caracterizado por importantes embates, conquistas e políticas públicas pensadas para as pessoas LGBTQI+. Como exemplo, podemos citar a criação do programa *Brasil sem Homofobia*<sup>87</sup> (2004) ainda no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas que originou, posteriormente, a Coordenação Geral de Promoção dos Direitos LGBT (2009) e o Conselho Nacional de Combate à Discriminação LGBT (2011), órgãos responsáveis pela execução e monitoramento do Plano Nacional de Promoção dos Direitos e Cidadania LGBT (2009), produto da I Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT (2008) (IRINEU, 2014).

Ao problematizar os direitos sexuais no Brasil para os LGBTQI+, Bruna Andrade Irineu (2014) destaca que o surgimento do programa *Brasil sem Homofobia* foi fundamental para que ações no âmbito dos direitos humanos e das

---

<sup>87</sup> O programa *Brasil Sem Homofobia* foi lançado em 2004, a partir de uma série de discussões entre o Governo Federal e a sociedade civil organizada. Tinha como objetivo promover a cidadania e os direitos humanos de sujeitos LGBTQI+ a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação.

políticas públicas começassem a ser, de fato, pensadas e implementadas para a população LGBTQI+. É importante destacar também a realização da I e II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT, em 2008 e 2011, a criação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT pelo Ministério da Saúde, em 2010, a criação do Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência contra LGBT, em 2013, e o reconhecimento da diversidade de “condições sexuais” no âmbito do Plano de Política Criminal e Penitenciária, em 2011. Este plano resultou na Resolução Conjunta nº 01/2014, do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação – LGBT (CNCDD), estabelecendo parâmetros de acolhimento de LGBT em privação de liberdade (IRINEU, 2014). No entanto, retrocessos também foram vivenciados nesse período, como o veto ao kit *Escola sem Homofobia*<sup>88</sup>, em 2011, e as discussões acerca da “cura gay”, temática que abordarei mais adiante.

Colocar em questão os direitos sexuais é problematizar também os direitos humanos<sup>89</sup>, compreendendo que os direitos sexuais são parte integrante dos direitos humanos. Portanto, tomar os direitos sexuais na perspectiva dos direitos humanos aponta para a livre vivência da sexualidade por parte dos sujeitos. Isso, “implica, por assim dizer, uma compreensão positiva dos direitos sexuais, na qual o conjunto de normas jurídicas e sua aplicação possam ir além de regulações restritivas, forjando condições para um direito da sexualidade que seja emancipatório em seu espírito” (RIOS, 2018).

Por mais que o ser humano seja visto e considerado um sujeito de direitos, ainda observamos que os direitos que tangem à sexualidade causam polêmicas,

---

<sup>88</sup> O kit *Escola sem Homofobia* foi um material de formação sobre as questões de gênero e sexualidades, alvo de críticas de setores conservadores e teve a sua veiculação suspensa pela presidência da república em 2011. Mais informações sobre esse material podem ser consultadas em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>

<sup>89</sup> A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento marco na história dos direitos humanos. Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948, por meio da Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral como uma norma comum a ser alcançada por todos os povos e nações. Ela estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> Acesso em: 03/08/2019.

geram discursos acalorados – muitas vezes discursos de ódio - e são de difícil progresso, ficando sujeitos a pautas legislativas que tramitam com muita lentidão ou a decisões jurídicas específicas que dizem de um ou outro direito, como no caso do casamento igualitário entre pessoas do mesmo gênero. Tal lentidão na garantia de direitos que a heterossexualidade já goza causa indignação e soa como um convite para a reivindicação desses direitos. A *Junior* destacou alguns desses momentos de luta, pautando a livre expressão da sexualidade da população LGBTQI+, com ênfase no beijo como ato político e no casamento igualitário. Essas pautas foram merecedoras de matérias na revista, estampando, inclusive, algumas capas como vemos a seguir:



Figuras 30 e 31: À esquerda capa da edição 45 da *Junior* e à direita capa da edição 48 da *Junior*.

Fonte: Revista *Junior*, edição 45 de novembro de 2012 e edição 48 fevereiro de 2013.

As duas capas acima colocam em evidência duas necessidades emergentes durante o período de circulação da revista *Junior*: o beijo enquanto ato representante da livre expressão da sexualidade e o direito ao casamento entre sujeitos não heterossexuais. Pensando primeiramente na questão do beijo, podemos entendê-lo como uma ação política decorrente da liberdade sexual que pode ser exercida pelas pessoas. Nesse sentido, ao problematizar as políticas

sexuais e de gênero na América Latina, Daniel Borrillo (2015, p. 47) nos fala que “a liberdade sexual é a capacidade de agir eroticamente sem coação e de se expressar sexualmente segundo as próprias escolhas. A vontade e o consentimento constituem os pilares da liberdade sexual”. Ou seja, cabe apenas a cada sujeito a decisão acerca das formas de expressar os seus desejos sexuais, independente do gênero pelo qual ele tenha atração. E assim como qualquer outra liberdade, a liberdade sexual “está composta por dois elementos indissociáveis: o direito do sujeito para exercê-la e a obrigação de todos os membros da sociedade de se abster de interferir. O único limite em dita liberdade seria o de não prejudicar o próximo” (ibidem). Se o único limite na liberdade sexual seria o de não prejudicar o próximo por que o beijo entre pessoas do mesmo gênero incomoda tanto? Essa expressão prejudica alguém? O que há de tão perigoso e aterrorizante nessa manifestação de afeto?

**Beeijo me liga! De norte a sul do Brasil, beijaços viraram forma bem-humorada de protestar contra estabelecimentos que discriminaram casais homossexuais. A gente adora! (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 60).**

**Beijemos! Quem ainda se choca ao ver dois homens se beijando? Muitos! (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 34).**

As duas chamadas acima são de matérias dedicadas a pensar no beijo dado em público entre pessoas LGBTQI+ e nos desdobramentos desses beijos para a sociedade e para a comunidade LGBTQI+ em especial. A primeira matéria deu ênfase aos beijaços que foram organizados pelo país ao longo do ano de 2009. Esses eventos começaram a ser marcados e organizados como forma de protesto às violências e discriminações sofridas por pessoas LGBTQI+ em diferentes ambientes, tais como estabelecimentos comerciais, repartições públicas, escolas e universidades.

Carregados de significado político e de luta pelo direito de livre manifestação da sexualidade, os beijaços caracterizaram-se por ser mais do que a união de pessoas a favor de uma causa, eles demonstraram ser também um ambiente carregado de afetos, de apoio mútuo e de pertencimento a um grupo

específico: aquele que ainda tem o direito negado de manifestar o seu amor e a sua sexualidade em público. Jarbas Rezende Lima, um dos participantes de um beijo que aconteceu na Universidade de São Paulo, chegou a afirmar: “O beijo foi tão importante para mim quanto para a comunidade. Somos um grupo que sabe exigir respeito” (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 61). O declaração de Jarbas explicita o quanto que tal ato foi uma experiência marcante para si e, ao mesmo tempo, pontua a noção de grupo, em que os sujeitos se constituem e se educam dentro de uma coletividade. Assim,

O direito de liberdade possibilita aos indivíduos, de forma autônoma, a tomada de decisões quanto aos objetivos e aos estilos de vida. Diante da importância ímpar que a sexualidade assume na construção da subjetividade e no estabelecimento de relações pessoais e sociais, a liberdade sexual, que também se expressa como direito à livre expressão sexual, é concretização mais que necessária do direito humano à liberdade (RIOS, 2015, p. 84).

A segunda matéria sobre o beijo entre pessoas não heterossexuais – destacada anteriormente - ocorreu anos depois, em dezembro de 2012, e com um enfoque político e educativo ainda maior, problematizando o beijo LGBTQI+ na TV, especialmente nas telenovelas e o veto<sup>90</sup> a esse beijo ocorrido naquela data, além de colocar em discussão mais uma vez a manifestação de afetos em público por parte das pessoas LGBTQI+.

Expondo esse tipo de discussão a *Junior* pôde, mais uma vez, utilizar-se do seu caráter educativo, pondo em questão a liberdade e o direito de manifestação da sexualidade dos sujeitos, pois afinal de contas, qual o poder de um beijo? Que desconfortos ele causa a quem o vê? Que sentimentos e pensamentos ele dispara?

Pensando nessas questões o então deputado federal Jean Wyllys contribuiu com a discussão promovida pela *Junior* e afirma que “o beijo gay desafia a sociedade, é uma desonra, derruba toda a lógica de dominação masculina. Se for dois homens másculos se beijando é ainda mais desafiador” (JUNIOR, edição 45, 2012, p. 37). O incômodo com o beijo parece se instaurar quando a

---

<sup>90</sup> Em 2005, no último capítulo da novela *América*, foi prometido o beijo entre os personagens Junior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro). A cena foi escrita pela autora da novela Glória Perez e gravada, mas a *Rede Globo de Televisão* optou por não exibi-la, pressionada por setores conservadores da sociedade e frustrando grande parte dos telespectadores.

heterossexualização desse ato de afeto é quebrada, pois os beijos entre mulheres e homens não são questionados. Nesse sentido, acredito que o grande desafio, tanto no período em que a *Junior* circulou quanto hoje, ainda seja investir naquilo que Daniel Borrillo (2015) chamou de des-heterossexualização. Des-heterossexualizar o nosso olhar para o beijo, des-heterossexualizar as manifestações de afeto e, principalmente, des-heterossexualizar os direitos e as liberdades sexuais, na perspectiva de garantir que todos/as possam manifestar e vivenciar as suas sexualidades gozando de todas as prerrogativas de direitos que a heterossexualidade desfruta, caso isso seja desejado pelos sujeitos.

Nessa perspectiva de demanda por direitos, outra temática bastante abordada pela *Junior* foi o direito ao casamento entre as pessoas LGBTQI+. A revista vivenciou um período interessante acerca desse assunto, pois circulou durante o período anterior à legalização da união estável entre pessoas do mesmo gênero pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no ano de 2011, presenciou as disputas a favor e contra tal legalização e ainda pôde acompanhar os desdobramentos dessa decisão nos anos seguintes. Pensando no casamento entre pessoas LGBTQI+, Daniel Borrillo (2015, p. 68) nos fala que

o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo pode ser interpretado como uma ruptura com a base da dualidade sexual como constitutiva do contrato matrimonial. O fim da diferença de sexos como *conditio sine qua non* do casamento nas legislações de vários Estados corresponde a uma concepção moderna do matrimônio baseada exclusivamente na vontade individual daqueles que o celebram.

Portanto, ir além da dualidade sexual e de gênero é apontado como um caminho para a garantia do direito ao casamento, tendo como premissa simplesmente o desejo por parte dos sujeitos que estabelecerão a união.

A trajetória da questão do casamento na revista *Junior* começa a ser abordado na edição número 17, de maio de 2010, e destaca que “enquanto o Poder Judiciário brasileiro não aprova a união homoafetiva, casais recorrem aos cartórios para tentar garantir o mínimo de direitos” (JUNIOR, edição 17, 2010, p. 46). Esse ato de recorrer aos cartórios diz, sobretudo, da emissão de certidões de uniões estáveis, documento que comprovaria, de algum modo, a união e o compromisso

entre duas pessoas que, naquele momento, estariam impedidas legalmente de formalizarem um casamento civil. É importante ressaltar que, naquele momento, a união estável era reconhecida juridicamente apenas para as uniões entre homens e mulheres.

Já na edição seguinte, a número 18, de junho de 2010, é lançada a campanha “Sim, eu aceito!” em prol da livre expressão do amor e pelo direito universal ao casamento. A campanha foi promovida pela Associação Cultural MixBrasil, ligada à *Editora MixBrasil* que publicava a revista *Junior*, e que foi impulsionada pela aprovação do casamento entre pessoas LGBTQI+ na Argentina<sup>91</sup> no dia 15 de julho de 2010. A “Sim, eu aceito!” foi amplamente divulgada à época nas redes sociais, mídia impressa, cartazes em locais públicos, boates, universidades, abaixo-assinados, além da pressão do envio de mensagens para deputados e senadores solicitando que a questão tramitasse no Congresso Nacional.



Figuras 32 e 33: Imagens da campanha “Sim, eu aceito!” que foram publicadas pela revista *Junior*. À esquerda a apresentadora Astrid Fontenelle na edição número 18 da revista e à direita o apresentador Cazé Peçanha na edição número 19 da *Junior*.

Fonte: Revista *Junior*, edição 18 de junho de 2010 e edição 19 de julho de 2010.

---

<sup>91</sup> A Argentina foi o primeiro país na América Latina a legalizar o casamento entre pessoas LGBTQI+. Atualmente o Brasil, o Uruguai, a Colômbia e o Equador também permitem o casamento entre pessoas LGBTQI+.

A pressão sobre o Congresso Nacional pela aprovação do casamento entre pessoas LGBTQI+ fez com que surgisse uma proposta nesse sentido. Encabeçada pelo então deputado federal Jean Wyllys, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC)<sup>92</sup> do Casamento Civil Igualitário foi apresentada em junho de 2011. Para ele, a PEC que mudaria a constituição para permitir o casamento civil igualitário iria “numa tacada só garantir direitos e mudar a forma que o brasileiro vê a comunidade homossexual” (JUNIOR, edição 28, 2011, p. 38). A PEC defendida pelo deputado federal Jean Wyllys foi apresentada logo após a decisão tomada pelo STF em 5 de maio de 2011. Nessa decisão, o STF passou a reconhecer as uniões estáveis entre pessoas LGBTQI+ e garantiu a elas os mesmos direitos conferidos às uniões estáveis entre um homem e uma mulher. E dois anos depois, em 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que obrigaria todos os cartórios do país a realizarem casamentos civis entre pessoas LGBTQI+. Nessa trajetória da conquista do casamento entre pessoas LGBTQI+ é interessante observar que a efetividade desse direito foi garantida pelo Poder Judiciário, haja visto que todas as propostas que propõem a igualdade de direitos para a população LGBTQI+ tramitam com muita lentidão ou são arquivadas pelo Poder Legislativo. Outro exemplo dessa situação, além da questão do casamento, é a lei que criminalizaria a homofobia<sup>93</sup> (PLC 122/2006<sup>94</sup>), que tramitou durante duas legislaturas e a sua discussão acabou arquivada em 2014<sup>95</sup> no Senado Federal.

A *Junior* acompanhou todo esse processo e a partir da decisão de 2011 do STF que autorizou os registros de união estável entre pessoas LGBTQI+ passou a publicar matérias com foco nessa temática com a finalidade de instruir os sujeitos desejantes por esse direito a como proceder frente a tal novidade:

---

<sup>92</sup> Proposta de Emenda à Constituição (PEC) é uma atualização, uma emenda à Constituição Federal. É uma das propostas que exige mais tempo para preparo, elaboração e votação, uma vez que modificará a Constituição Federal. Em função disso, requer quórum quase máximo e dois turnos de votação em cada uma das Casas legislativas, Câmara dos Deputados e Senado Federal.

<sup>93</sup> Abordarei essa lei com mais adiante ao problematizar a questão da homofobia.

<sup>94</sup> Também conhecida como lei anti-homofobia, o projeto de lei tinha por objetivo criminalizar a homofobia no Brasil.

<sup>95</sup> Matéria arquivada em 2014, ao final da 54<sup>a</sup> Legislatura, nos termos do art. 332 do Regimento Interno e do Ato da Mesa n<sup>o</sup> 2, de 2014.

**E agora? Decisão do Supremo que reconheceu as uniões gays no Brasil gerou muitas dúvidas. A gente tira as principais delas agora (JUNIOR, edição 29, 2011, p. 76).**

**Casamento sem escalas: Quer se casar com seu amado? Pergunte-me como (JUNIOR, edição 34, 2011, p. 40).**

Tendo em vista que o registro de união estável para pessoas LGBTQI+ passou a ser uma conquista e, ao mesmo tempo, uma novidade, muitas dúvidas foram surgindo e a *Junior* mais uma vez exerceu o seu caráter educativo, explicando os caminhos que os sujeitos deveriam seguir para conseguirem os seus registros de união estável e usufruírem dos direitos advindos de tal documento. Nas duas matérias destacadas anteriormente, um passo a passo para o registro da união estável entre pessoas LGBTQI+ foi publicado com o auxílio de advogados especialistas em direito de família com a intenção de informar os leitores interessados em registrar as suas uniões. Portanto, mais uma vez a revista mostra o seu potencial educativo e, ao mesmo tempo, militante em prol dos direitos não apenas dos homossexuais masculinos, mas dos sujeitos LGBTQI+ como um todo.

Retomando especificamente a temática do casamento civil igualitário, é interessante observarmos que a linguagem jurídica utilizada pelos novos códigos civis que reconhecem o casamento entre pessoas LGBTQI+ em países como Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal, Canadá, África do Sul, Noruega, Suécia, Islândia, Argentina e Dinamarca “confirma a dimensão assexuada do novo sujeito de Direito matrimonial. Em efeito, aquelas leis não se referem mais ao “marido” e à “mulher” ou ao “pai” e à “mãe” senão aos “cônjuges”, aos “contraentes”, aos “pais” ou aos “progenitores”” (BORRILLO, 2015, p. 69). Esse avanço jurídico é importante, pois “des-heterossexualizar o matrimônio significa também des-sexualizá-lo” (ibidem) e abrir a possibilidade de os sujeitos casarem-se com quem quiserem, independente do gênero, não ficando dependentes dos rótulos adotados e impostos pelo Estado.

Porém, apesar de ser um avanço, o casamento civil igualitário possui os seus limites e fragilidades, estando restrito apenas à união entre duas pessoas. Sabemos que são múltiplas as possibilidades de constituição familiar e, diante desse fato, o casamento civil igualitário daria conta de contemplar todas essas possibilidades?

Um exemplo dessa situação são os “trisais”, a união de três pessoas em um relacionamento. Será que esse tipo de relacionamento ou um relacionamento envolvendo mais de três pessoas teria o casamento civil registrado? São esses questionamentos que agora vem à tona para problematizarmos os limites que o casamento civil ainda impõe aos sujeitos. Inspirado no pensamento de Daniel Borrillo (2015) quando propõe “des-heterossexualizar o matrimônio”, talvez devamos pensar também na possibilidade de des-monogamizar o registro do casamento civil, abrindo-o para as diferentes formas de união entre os sujeitos que possam surgir, como os “trisais”, por exemplo, conferindo a eles os mesmos direitos legais advindos de um casamento monogâmico.

O ato do casamento também carrega consigo a ideia de constituição de família. A união de duas pessoas e a posterior formação de prole vem criando a concepção romantizada de família feliz que vivenciamos em nossa sociedade. Ou seja, a família, assim como o gênero, é uma construção social. Nesse sentido, as diversas formas de família “adotadas ao longo da história fazem com que devamos utilizar o termo no plural (famílias) para expressar a ausência de um modelo único” (BORRILLO, 2018, p. 237). Ao problematizar o conceito de família, Maria Beatriz Nader e Livia Silveira Rangel (2019, p. 240) afirmam que conceituar o que vem a ser família “resiste a qualquer esforço delimitador e universal de constituição”. As autoras ainda nos provocam a pensar que no

mundo contemporâneo, as formas alternativas de família, caracterizadas, por exemplo, por pais e mães em seus segundos casamentos, ou por mães solteiras, ou por casais sem filhos ou ainda por casais homossexuais, tornam-se cada vez mais visíveis, desafiando o conceito monolítico tradicional (NADER e RANGEL, 2019, p. 244).

A visibilidade dessas configurações familiares “têm feito com que a definição do termo família, e sua própria realidade, assumam um significado mais complexo e plural” (NADER e RANGEL, 2019, p. 244) abarcando as múltiplas diferenças quando pensamos nas constituições familiares, sobretudo, no que diz respeito às famílias formadas por sujeitos LGBTQI+. Um exemplo desse “novo” arranjo familiar foi apresentado pela revista *Junior*, destacando os desafios

enfrentados pelos LGBTQI+ para constituírem as suas famílias e encararem o dia a dia:

**Família feliz! Justiça garante a casal de Ribeirão Preto, em SP, a adoção de quatro irmãos, em rara movimentação da justiça brasileira (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 74).**

**Depois que a história da adoção veio à tona na escola onde estudam, os irmãos se acostumaram a serem festejados por colegas e professores (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 75).**

**Pretendemos fazer com que eles sejam fortes e se imponham diante de eventuais atitudes preconceituosas por serem filhos de gays (JUNIOR, edição 9, 2009, p. 76).**

A expressão “família feliz” utilizada durante a matéria sobre adoção levamos a problematizar o que temos entendido por felicidade vivenciada em família. A *Junior* reproduz o saber comum cotidiano que é difundido quando pensamos na constituição familiar: a união entre duas pessoas que, posteriormente, se encarregarão de providenciar filhos/as para criarem e, quase sempre, ainda tratam de arrumar algum animal de estimação. Esse é o formato familiar mais desejado e propagandeado que conhecemos. Nos últimos anos, outras configurações familiares tem sido mostradas, festejadas e colocadas como possibilidades de constituição de famílias, porém, o modelo tradicional ainda possui muita força, captura os desejos de boa parcela das pessoas e as fazem sonhar com esse modelo de “família feliz”, assim como acontece com o amor romântico abordado anteriormente.

É importante frisar que não estou condenando quem deseja ou sonha com o modelo de “família feliz” formado por pais, filhos/as e animais de estimação. Quero é chamar a atenção para as capturas às quais estamos sujeitos e para as tentativas de reproduzi-las em nossas existências. Nesse sentido, assistimos, tomando como exemplo a reportagem da revista *Junior*, mais uma vez um processo de heterossexualização das (homo)sexualidades, em que as pessoas LGBTQI+ importam o modelo de família heterossexual para suas vidas e veem nesse modelo a única possibilidade de formação familiar. Assim, abrem mão da legitimidade de

diferentes configurações familiares, como casais sem filhos, uniões formadas por três ou mais pessoas e também aquelas pessoas que não estabelecem uniões afetivas com alguém, mas que consideram como experiência familiar viver com amigos ou com a própria família que as criou, como pai, mãe, irmãos, irmãs, tios, tias, avós, avôs...

No entanto, a *Junior* evidencia que a experiência de um casal LGBTQI+ conseguir adotar crianças ainda soa como algo novo e/ou diferente, fazendo com que os irmãos adotados passassem a ser “festejados por colegas e professores” na escola em que estudam, como destaca a revista. Isso é algo significativo, pois mostra uma das diferentes possibilidades de configuração familiar, provocando o pensamento, expondo que as “formas alternativas à “natural biologia” no estabelecimento de relações de filiação e parentalidade como a adoção e a reprodução assistida provocam deslocamentos sobre o que entendemos por relações entre pais e filhos” (UZIEL, 2009, p. 114).

Constituir família por meio da adoção de filhos, sendo os adotantes heterossexuais ou LGBTQI+, nos direciona também para uma outra discussão importante de ser problematizada: Desbiologizar a filiação. Daniel Borrillo (2018) ao levantar essa questão expõe o quanto ainda somos levados a conceber a ideia de prole por meio da reprodução do casal heterossexual. Ao desbiologizar a filiação passamos, efetivamente, a compreender a generosidade, a disponibilidade e, sobretudo, o amor envolvido no ato de adotar e tornar-se responsável por um ser. Uma responsabilidade que passa pelo desejo, apontado pelos pais adotantes destacados na matéria da *Junior*, de fazer com que seus filhos “sejam fortes e se imponham diante de eventuais atitudes preconceituosas por serem filhos de gays”. Nessa perspectiva, os atos de “serem fortes” e “se imporem”, além da luta cotidiana contra os preconceitos e violências, caracterizam-se também como atos educativos que expõem para a sociedade que diferentes formações familiares existem, resistem e ocupam os seus espaços como qualquer outra família. Esses “novos” arranjos familiares ou aqueles que fogem ao padrão hegemônico tem a potencialidade de serem “provocadores no sentido de iluminar o familiar com outros olhares” (UZIEL, 2009, p. 114), pondo a norma em questão, discutindo o centro e duvidando do natural” (LOURO, 2008).

No entanto, a luta e a conquista de direitos pelos sujeitos LGBTQI+, tais como o casamento, a constituição familiar, a utilização de técnicas de reprodução assistida e a adoção de filhos/as, aproxima cada vez mais as sexualidades não heterossexuais do modo como a vida é organizada na heterossexualidade. Nesse sentido, Fernando Seffner (2011, p. 66) nos provoca ao afirmar que

não criamos novas possibilidades de vida *gay*, lésbica, travesti, transexual. O que temos feito, em paralelo com a conquista de direitos, é aproximar a vida *gay* feliz da vida de família e do casamento, com a incorporação do homem *gay* viril. Já estamos quase no nível das propagandas de margarina, nas quais teremos famílias felizes de *gays* com filhos adotados ou obtidos por reprodução assistida, tomando café da manhã juntos antes dos pais irem ao trabalho e os filhos para a escola. Tudo bem, não estou discutindo felicidade, é claro que dá para ser feliz assim, não temos como ficar comparando felicidades. Só que isso desloca para o submundo e desvaloriza muitos outros modos de ser *gay*.

Ou seja, valorizamos cada vez menos as pessoas LGBTQI+ que vivem solteiras e criam outras formas de existência além do casamento ou das relações monogâmicas. Passamos a estabelecer expectativas sobre a vida do outro, aguardando o seu encontro com alguém, um futuro casamento e a constituição familiar com filhos/as. O desejo pelo padrão de família feliz destacado por Fernando Seffner (2011) anteriormente é capaz de causar tamanho aprisionamento que passamos a duvidar da possibilidade de criação de filhos para além do modelo tradicional familiar. “Será que não conseguimos imaginar a criação de filhos fora do esquema da família, ou já soldamos uma coisa na outra? Aliás, em nossas vidas, termos sido criados no interior de famílias foi tão bom assim?” (SEFFNER, 2011, p. 67). Questionamentos importantes para pensarmos nos modos de vida que os sujeitos LGBTQI+ tem produzido e, mais do que isso, pensarmos nos modos que tem sido legitimados, desejados e festejados e nos modos que tem sido desqualificados, considerados impróprios, imorais ou “sujos”.

Uma outra questão importante quando discutimos os direitos das pessoas LGBTQI+ é a noção de visibilidade que foi sendo construída, sobretudo, nas últimas décadas. Será que todos/as querem ou precisam dessa visibilidade? Digo isso pensando naqueles sujeitos que não desejam expor as suas sexualidades e que vivem bem dessa maneira, como por exemplo, homens homossexuais que gostam

de circular por relações com homens que se identificam como heterossexuais e mantêm esses encontros no sigilo. Essas pessoas não desejam dar visibilidade às suas experiências sexuais, pois é justamente o anonimato que garante que elas aconteçam. O que esses sujeitos necessitam é que a vivência dos seus desejos seja garantida sem estarem vulneráveis às violências LGBTQIfóbicas. Daí a importância de garantir direitos, assegurar a segurança dessas práticas, valorizar a pluralidade existente no exercício das sexualidades e lutar contra o moralismo que ronda as sexualidades, cerceando desejos, denunciando o que é permitido e o que é negativo e pecaminoso.

Por fim, considero que o avanço na conquista dos direitos sexuais, compreendidos como constituintes dos direitos humanos, é um instrumento valioso para o combate e enfrentamento das violências que tomam como base a norma heterossexista. Nesse sentido, os princípios norteadores dos direitos sexuais apontam para a segurança e liberdade das vivências sexuais dos sujeitos LGBTQI+, sem as amarras de apenas uma forma correta de exercício do gênero, do desejo e da sexualidade, abrindo a possibilidade e a garantia de uma pluralidade de existências.

## **6.8 “Curar o quê?”: Violências LGBTQIfóbicas, criminalização da LGBTQIfobia e “cura gay”**

As violências e os crimes de ódio contra sujeitos LGBTQI+ infelizmente fazem parte do cotidiano de nossa sociedade. Atitudes que denunciam o quanto ainda precisamos caminhar e investir em políticas públicas que eduquem e atitudes jurídicas que garantam, minimamente, a segurança dessa parcela da população que ainda é vítima e alvo de ataques em virtude da manifestação de sexualidades que se distanciam dos padrões da heterossexualidade. Ao dedicar-se aos estudos da LGBTQIfobia, Daniel Borrillo (2010, p. 34) nos aponta que tal comportamento pode ser definido

como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se

conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas.

Pensando a partir da colocação anterior de Daniel Borrillo (2010), podemos dizer que os comportamentos e violências LGBTQIfóbicas apostam na subalternidade das sexualidades não heterossexuais, organizando hierarquias em que a heterossexualidade assume a legitimidade frente às demais manifestações da sexualidade. Tais posturas LGBTQIfóbicas foram constantemente retradadas pela *Junior*, na perspectiva de mostrar o quanto os sujeitos LGBTQI+ ainda são vítimas de preconceitos e violências simplesmente pelo fato de serem como são, ou seja, pelo fato de exercerem as suas sexualidades não heterossexuais.

Em duas edições, a 42 e a 59, a revista *Junior* dedica-se a mostrar os dados da violência contra sujeitos LGBTQI+ no Brasil, colocando esse tipo de crime em evidência e discussão:

**Crimes: Relatório oficial diz que jovens são as principais vítimas da homofobia no Brasil (JUNIOR, edição 42, 2012, p. 14).**

**Bomba relógio: Brasil já registra em 2014 um assassinato de LGBT a cada 18 horas, aponta relatório do GGB<sup>96</sup> (JUNIOR, edição 59, 2014, p. 32).**

Ao denunciar e dar visibilidade à questão da violência LGBTQIfóbica, a *Junior* mostra mais uma vez o seu caráter educativo, informativo e político, levando os sujeitos a pensarem sobre as suas próprias vidas, sobre as suas sobrevivências. Falar de LGBTQIfobia para sujeitos não heterossexuais é colocar em questão as suas existências frente a uma sociedade que ainda pratica violências e mata pessoas pelo simples fato de não serem heterossexuais. Chamar a atenção para essa problemática é um convite para que toda a sociedade pense acerca das violências produzidas cotidianamente, especialmente aquelas direcionadas aos sujeitos LGBTQI+, e cobre por atitudes jurídicas que punam tais manifestações de

---

<sup>96</sup> Grupo Gay da Bahia. Esse grupo monitora e contabiliza os crimes de ódio contra pessoas LGBTQI+ que acontecem no Brasil.

ódio e garantam minimamente a segurança e o direito de existir e de expressar dessa parcela constituinte da sociedade.

Uma das instâncias potentes para se colocar em discussão as violências LGBTQIfóbicas e combatê-las é a escola. Ciente disso, a *Junior* dedicou matérias visando problematizar essa questão a partir e com a escola:

**Covardia mirim: Crianças e jovens que demonstram ser homossexuais são vítimas constantes de perseguição e agressões físicas. O que pais e professores podem fazer para acabar com isso? (JUNIOR, edição 11, 2009, p. 50).**

**Sozinho no recreio: Escolas revelam como tratam seus alunos homossexuais e buscam diminuir o isolamento (JUNIOR, edição 13, 2009, p. 76-77).**

**Ao mestre sem carinho: Ser professor no Brasil não é fácil. Ser professor e gay assumido é ainda pior (JUNIOR, edição 16, 2010, p. 46-47).**

Ao denunciar as situações de preconceito e violências vivenciadas por crianças, jovens e professores/as LGBTQI+ na escola, a *Junior* alerta que essas situações não acontecem apenas fora dos muros das instituições escolares. Pelo contrário, as agressões, assim como todos os nossos comportamentos, entram na escola junto com os sujeitos e refletem aquilo que já é observado e vivenciado em outros espaços além do escolar como igrejas, trabalho, shoppings, praças e ruas: a LGBTQIfobia presente e atuante.

Essa denúncia aponta para um tipo de violência específica e, de certo modo, ainda comum nas escolas: o *bullying* homofóbico. O *bullying* homofóbico pode ser caracterizado como um tipo de violência física, verbal ou psicológica persistente contra sujeitos LGBTQI+ ou sujeitos que os/as agressores/as considerem ser LGBTQI+ por alguma característica que se distancie da heterossexualidade (FRANÇA, 2011). Comumente associado a “brincadeiras” ou “piadinhas” o *bullying* homofóbico apresenta como uma das facetas do *bullying*, fenômeno com uma discussão emergente e que tem sido combatido nas escolas.

Do mesmo modo que chama a atenção para a LGBTQIfobia e para o *bullying* homofóbico contra crianças e jovens nas escolas, a *Junior* também toma o cuidado

de enfatizar que professores/as LGBTQI+ também podem ser vítimas dessas atitudes violentas e preconceituosas. Em minha pesquisa de mestrado (FRANÇA, 2014) tive a oportunidade de conversar com professores/as homossexuais acerca de suas vivências na escola. Alguns/algumas deles/as, apesar de não relatarem violências físicas ou verbais em decorrência de suas orientações sexuais, destacaram terem escutado em alguns momentos “piadinhas” que se referiam às suas sexualidades. E a partir dessas “piadinhas” puderam problematizar a pluralidade sexual e promover uma cultura de não violência acerca da vivência sexual de cada sujeito.

Tão forte quanto o tom de denúncia apresentado pela *Junior* é a sua aposta na escola enquanto instituição capaz de promover o diálogo, a pluralidade, o esclarecimento e a construção de saberes sobre as sexualidades. Ao invés de culpar a instituição escolar e tê-la como um reflexo das violências e mazelas da sociedade, a *Junior* enaltece a sua potencialidade no trabalho com as diferenças, reconhecendo-a como promotora de processos educativos que vão além dos currículos oficiais de cada componente curricular, mas a escola como promotora de outros currículos. Currículos que investem na problematização da pluralidade sexual e que vão além dela, dizendo da constituição do sujeito como um todo, primando pela empatia, respeito e compreensão ao próximo.

No entanto, a *Junior*, apesar de reconhecer o valor da escola na educação das pessoas por um mundo com menos discriminação contra sujeitos LGBTQI+, ela também sabe das suas limitações. Nesse sentido, a revista também se encarrega de assumir o papel político de apresentar aos leitores um projeto de lei específico dedicado à criminalização da LGBTQIfobia e, ao mesmo tempo, pressiona os/as parlamentares pela tramitação e posterior aprovação de tal matéria. O projeto de lei em questão é o PLC<sup>97</sup> 122/2006 que visava o combate às discriminações por orientação sexual e de gênero e que propunha a criminalização da LGBTQIfobia no país. De acordo com a *Junior* (edição 16, 2010, p. 48), “a estarrecedora estatística de quase um assassinato por dia, segundo pesquisa do Grupo Gay da Bahia, fez com que políticos ligados à causa e ativistas gays priorizassem a criminalização da homofobia em sua pauta de direitos humanos da diversidade sexual”.

---

<sup>97</sup> Projeto de Lei da Câmara.

O PLC 122/2006 foi a revisão do Projeto de Lei 5003/2001, de autoria da ex-deputada federal Iara Bernardi, aprovado por consenso de líderes na Câmara dos Deputados em 23 de novembro de 2006, que seguiu depois para a apreciação dos senadores. Foi aí que o PLC 122/2006 começou a enfrentar dificuldades maiores para a sua tramitação. Como a composição do Senado é menor em número de parlamentares em relação à Câmara dos Deputados<sup>98</sup>, a pressão de senadores contrários à criminalização da LGBTQIfobia, liderados principalmente pela bancada religiosa, foi mais eficaz nos momentos dos acordos para a votação do projeto, emperrando a pauta. As estratégias para postergar e impedir a votação do PLC 122/2006 no Senado fizeram com que tal projeto tramitasse por anos, de 12/12/2006 até que fosse arquivado ao final da 54<sup>a</sup> Legislatura, nos termos do art. 332 do Regimento Interno e do Ato da Mesa nº 2, em 26/12/2014. E desde então a proposta de criminalização da LGBTQIfobia não foi mais pautada pelo Poder Legislativo federal.

Recentemente, no dia 13 de junho de 2019, quase quatro anos após o encerramento da publicação da *Junior*, o plenário do STF entendeu que houve omissão inconstitucional do Congresso Nacional por não editar lei que criminalizasse atos de LGBTQIfobia. A maioria dos ministros do STF votou pelo enquadramento da LGBTQIfobia como tipo penal definido na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989<sup>99</sup>) até que o Congresso Nacional edite lei sobre a matéria.

Ao problematizar a criminalização da LGBTQIfobia, Roger Raupp Rios (2018, p. 157) destaca que a inclusão desse tipo de violência

entre as formas de discriminação penalmente puníveis é justa e necessária. Necessária porque, além de ter caráter repressivo pela punição de atos homofóbicos, atua preventivamente, evitando e desencorajando tais práticas. Justa porque fortalece o respeito à diversidade e à dignidade humana, sem o que não há garantias para a igual liberdade de todos, independentemente de cor, origem, religião, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou outras formas de discriminação.

---

<sup>98</sup> O Senado possui 81 senadores em sua composição e a Câmara 513 deputados.

<sup>99</sup> Lei Nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989 que define os crimes resultantes de preconceito de etnia ou de cor.

Criminalizar a LGBTQIfobia é um avanço ao pensarmos no exercício dos direitos e das liberdades sexuais. É um estímulo para que os sujeitos possam vivenciar as suas sexualidades não heterossexuais com menos medo, uma vez que a existência de uma legislação que puna a discriminação por orientação sexual ou de gênero pode desestimular atos de violência, apesar de não ser a garantia de que esses atos não aconteçam. A criminalização da LGBTQIfobia é importante também para que propostas descabidas de “cura” das sexualidades não heterossexuais sejam desestimuladas, penalizadas e não sigam o caminho da proposta que ficou popularmente conhecida como “cura gay”.

A proposta de “cura gay” também foi pauta de discussão nas páginas da *Junior*, estampando até a capa de uma de suas edições, oferecendo ao leitor esclarecimentos sobre esse polêmico projeto de decreto legislativo:

**Curar o quê? Projeto de lei que pretende permitir que psicólogos realizem terapias de “conversão da homossexualidade” tramita em Brasília gerando polêmica e muita discussão (JUNIOR, edição 47, 2013, p. 38).**

**Estado curado, quando? Discussão da cura gay retorna à CDHM<sup>100</sup>, o que expõe patologias de um Estado com baixa laicidade (JUNIOR, edição 61, 2014, p. 46).**

---

<sup>100</sup> Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.



Figura 34: Capa da edição número 47 da revista *Junior* estampando a chamada da matéria especial sobre o projeto acerca da “cura gay”.

Fonte: Revista *Junior*, edição 47 de janeiro de 2013.

O Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 234/2011, de autoria do deputado federal João Campos (PSDB-GO) e que ficou mais conhecido como projeto da “cura gay”, sugeria a extinção de dois trechos de uma resolução de 1999 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que tratam da não colaboração de psicólogos/as com eventos e serviços para tratamento e cura das homossexualidades, além de vetar pronunciamentos públicos dessa classe profissional para reforçar os preconceitos sociais em relação aos homossexuais como pessoas que vivem com qualquer desordem psíquica (IRINEU, 2014).

Ao colocar em discussão a “cura gay”, a *Junior* “expõe patologias de um Estado com baixa laicidade”, uma vez que projetos de lei dessa natureza são apresentados por representantes legislativos de setores conservadores e fundamentalistas de nossa sociedade. Setores que não reconhecem multiplicidade da sexualidade e nem as demandas e necessidades da população LGBTQI+. Os congressistas representantes desse conservadorismo tem se unido para barrarem

propostas de interesse de pessoas LGBTQI+, dificultando a sua tramitação e inserindo pautas que favorecem discriminações e violências como no caso da “cura gay”. Bruna Andrade Irineu (2014, p. 168) nos aponta que “o recrudescimento do conservadorismo, frente às demandas dos movimentos que lutam pela inserção da pauta dos direitos sexuais e reprodutivos, caminha paralelo às conquistas destes grupos no campo da cidadania”.

Acompanhar a proposição de um projeto de lei como o da “cura gay” nos remete ao questionamento proposto pela *Junior* aos seus leitores: “Curar o quê?”. A ideia de “cura” vem, automaticamente, acompanhada do recobrimento da saúde, seja ela física ou psicológica. Portanto, propostas como essa do deputado federal João Campos (PSDB-GO) “deixa inquestionada e naturaliza um lugar privilegiado para a heterossexualidade em detrimento de todas as demais expressões da sexualidade, configurando verdadeiro heterossexismo” (BORRILLO, 2018, p. 159). Um heterossexismo que volta a classificar as sexualidades não heterossexuais como doenças, colocando os sujeitos dessas sexualidades passíveis de procedimentos de “reversão” e posterior “cura” de seus desejos. Projetos como esse da “cura gay” não colaboram com a promoção e conquista de direitos sexuais, uma vez que desconsidera as sexualidades LGBTQI+ enquanto expressões sociais, culturais, históricas e políticas de existências enquanto sujeitos e de organização em sociedade.

O projeto da “cura gay” acabou sendo arquivado em julho de 2013 a pedido do deputado federal João Campos (PSDB-GO), autor do projeto, em virtude das polêmicas geradas e da repercussão negativa provocada pela proposta.

\*\*\*

Neste capítulo busquei colocar em evidência temáticas que dizem da produção de si dos sujeitos, mas que também estão ligadas à ideia de coletividade. Uma coletividade que ensina modos de estarmos no mundo e de vivermos as nossas masculinidades, as (homo)sexualidades, o amor e a luta por direitos. Essa coletividade é perpassada pelas mídias, que assumem lugar privilegiado de

transmissoras desses saberes e levam ao público aprendizados que dizem da construção de suas subjetividades.

Assumindo tal perspectiva, a *Junior* vai recheando as suas páginas com saberes direcionados ao seu público: os homossexuais masculinos jovens, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. Esses saberes vão apontando diferentes formas de constituição das masculinidades e das (homo)sexualidades, além de investirem também nos modos de amar, se devemos ficar ou sair do armário, como buscar e nos comportar durante a conquista de parceiros nas mídias digitais e, até mesmo, ditando estratégias de tratamento e convivência com a AIDS. A *Junior* além de seu caráter educativo, assume também seu lado militante, mostrando aos leitores as lutas pela conquista de direitos já garantidos à heterossexualidade e os caminhos no combate às violências decorrentes da LGBTQIfobia.

Enfim, na medida em que produz imagens e significações, a *Junior* acaba atuando na constituição dos sujeitos e suas subjetividades. Esses saberes veiculados e disseminados são processos educativos que se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser, estar e travar lutas na cultura em que vivem. Isso implica, no caso da *Junior*, em um investimento que vai além da estética corporal, que mira no desejo e se encarrega em divulgar saberes que dizem da intimidade dos sujeitos, como as suas relações amorosas/sexuais, como eles lidam com elas e como podem vivenciá-las tendo os seus direitos garantidos e respeitados. Assim, com esse ambiente de garantia e respeito aos direitos de expressão das sexualidades ficaria mais fácil *colorir o dia e fazer o céu de rosa*.

*[...] E sempre que eu pensar no meu bem  
Vou colorir o dia  
Faço o céu de rosa  
E ninguém vai duvidar da vida*

*Sempre que eu pensar no meu bem  
Vou colorir o dia  
Faço o céu de rosa  
E ninguém vai duvidar da vida.  
(A cor é rosa – Silva)*

## 7. IMAGENS QUE EDUCAM: CULTURA VISUAL E MODOS DE ENDEREÇAMENTO

### NA REVISTA JUNIOR

*Eu queria tanto encontrar  
Uma pessoa como eu  
A quem eu possa confessar  
Alguma coisa sobre mim*

*Quando acontece um grande amor  
Assim como você e eu  
O tempo passa por nós dois  
Não lembro o que aconteceu*

*Queria tanto encontrar  
Uma pessoa como eu  
A quem eu possa confessar  
Alguma coisa sobre mim...  
(Eu<sup>101</sup> – Pato Fu)*

A letra da música do grupo Pato Fu nos fala do desejo de uma pessoa encontrar alguém como ela. Desejo tão comum e romântico de outras épocas e persistente em nosso tempo. Tomando a contemporaneidade como recorte temporal, temos as revistas enquanto possibilidade de serem esse “alguém” ou “uma pessoa como eu”. “A quem eu possa confessar” e aprender “alguma coisa sobre mim”. A palavra “tanto” na primeira estrofe, enquanto advérbio de intensidade, já manifesta o tamanho da vontade que esse desejo se realize. Uma vontade que está intimamente relacionada ao ato de confessar e, ao mesmo tempo, aprender com “uma pessoa como eu”. Em uma de suas definições para a confissão, Michel Foucault (1988) nos fala que confessar consiste em encontrar-se com um interlocutor que possa avaliar uma dada situação, julgá-la e também consolar quando preciso. Esse ato de querer “confessar” para alguém “alguma coisa sobre mim” denuncia que a construção da (homo)sexualidade é constituída pelo compartilhamento de experiências e também pelo sentimento de pertença a um dado grupo. Papel que é cumprido pela *Junior* ao trazer em suas páginas

---

<sup>101</sup> A música *Eu* faz parte do álbum *Ruído Rosa* do grupo Pato Fu que foi lançado em 2001 pela gravadora BMG. A música foi composta por Frank Jorge, Marcelo Birck, Alexandre Ograndi e Carlo Pianta.

experiências acerca das (homo)sexualidades, ao mesmo tempo em que investe na difusão de saberes para um público homossexual específico: os homens jovens, brancos e de classe média.

Inspirado e inquietado pela letra dessa música e pelas pedagogias dos artefatos culturais, proponho-me a pensar na potencialidade das imagens na revista *Junior*. Imagens que falam, transmitem saberes e levam os sujeitos a pensarem sobre si mesmos e os lugares que ocupam no mundo. Sendo assim,

diferentemente das palavras, nem melhor e nem pior que elas, as imagens chegam a nossos corpos de diversificados modos, em falas, ações, suportes, dispositivos, aparelhos, etc. Mais do que nunca, hoje, elas nos bombardeiam através do vasto arsenal midiático e publicitário que, como vírus, se alastra por espaços, contextos e dimensões tanto públicos como privados. Seja na praça ou na escola, na cozinha ou no quarto, as imagens disputam espaço com os corpos, convocam seus olhares, requerem sua atenção, seduzem seus afetos (BERTE e MARTINS, 2016, p. 311).

Neste capítulo trago para a problematização as imagens presentes na revista *Junior*. Inicialmente abordo as imagens corporais na revista, fazendo uma articulação com o campo da Cultura Visual. Em seguida coloco em questão as imagens do corpo de classe média endereçadas aos leitores, dialogando, sobretudo, com a teoria dos modos de endereçamento estudada por Elisabeth Ellsworth (2001). Depois faço uma abordagem sobre as capas da revista e o seu poder de seduzir e conquistar os leitores nas bancas. E por fim, discuto a presença das imagens publicitárias na *Junior* e como elas investem em um tipo de sujeito homossexual, veiculando saberes sobre as homossexualidades masculinas, brancas e de classe média.

### **7.1 Corpo e imagem na revista *Junior*: um diálogo com a cultura visual**

As imagens do corpo masculino estampam as páginas da *Junior*. São imagens capazes de produzir diferentes sentimentos em quem as vê: sentimento de desejo, de ter um corpo como aquele reproduzido na revista, vontade de comprar aquela roupa ou acessório que o modelo usa e, até mesmo, o desejo de submeter o seu próprio corpo a algum procedimento cosmético destacado na

*Junior* por meio das imagens dos modelos presentes na revista. Tudo isso diz da importância das imagens para os meios de comunicação, sobretudo, para a revista *Junior*. As imagens possuem centralidade na revista, são textos visuais que transmitem saberes, educam e subjetivam os sujeitos. Dizem das homossexualidades, de produção corporal, de uma biopolítica homossexual, enfim, dizem de modos de ser e estar no mundo contemporâneo.

Essa íntima e intensa relação da *Junior* com as imagens mostra a força dos elementos visuais nos meios de comunicação. Se as imagens são amplamente utilizadas pela revista, então elas nos têm algo a dizer. Elas não estão colocadas aleatoriamente de modo ilustrativo ao longo das páginas de *Junior*. Existe um propósito no uso dessas imagens. Elas nos falam de uma cultura, de uma cultura de imagens, de uma cultura visual.

O termo cultura visual tem origem na década de 1990, nos Estados Unidos e na Europa, a partir da necessidade de se repensar a educação das artes visuais na escola, mostrando-se ser uma área transdisciplinar, que dialoga e se alimenta de outros campos como os Estudos Culturais (ASSIS e RODRIGUES, 2011). Esse diálogo com os Estudos Culturais permitiu que a cultura visual fosse pensada para além da educação visual escolar. Desse modo, as imagens produzidas e veiculadas pelos artefatos culturais passaram a ser objetos de investigação dos pesquisadores da cultura visual.

Por se tratar de um campo transdisciplinar, a cultura visual tem preocupações que vão além de pensar as imagens enquanto obras de arte. Por isso

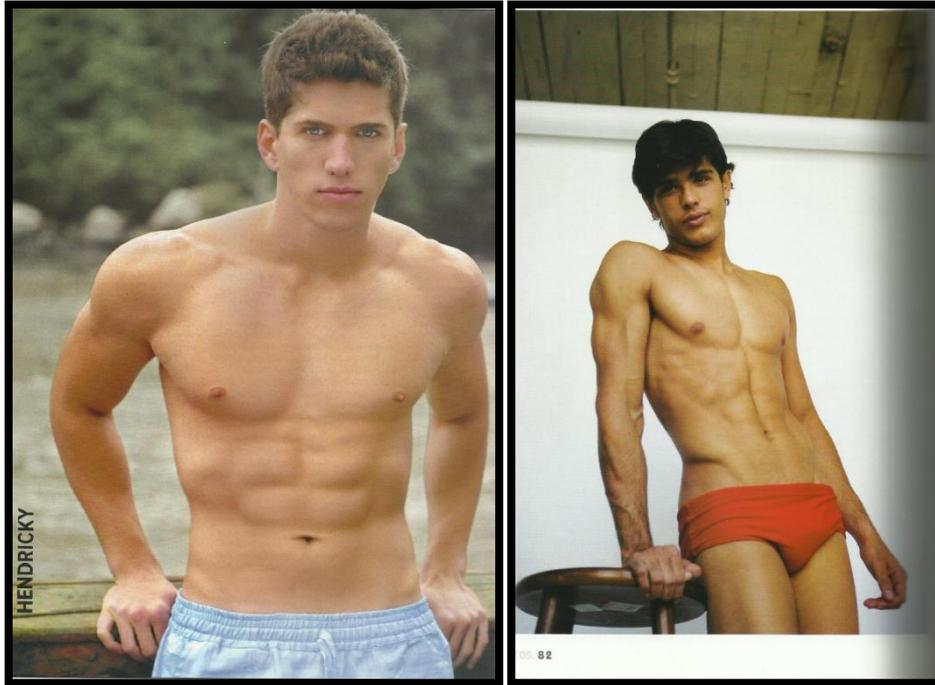
a cultura visual não estuda apenas um setor, uma parcela ou recorte desse mundo simbólico denominado “arte”, mas se preocupa com as possibilidades de percepção que se irradiam através de imagens de arte, de informação, de publicidade e de ficção traspassando o mundo em muitas direções. Deslocando-se através do espaço, como artefatos preñes de sentidos e significados, objetos e imagens de arte se oferecem para conexões rizomáticas potencialmente abertas para uma diversidade de interpretações e aprendizagens (MARTINS, 2011, p. 21).

Investindo na multiplicidade de campos de análise, a cultura visual é capaz de problematizar e colocar em questão as imagens que circulam em diferentes artefatos culturais midiáticos, como as revistas. Mas é importante destacar que

“não são os artefatos que definem arte, imagem e cultura visual, mas o modo como aproximamos, relacionamos, vemos e olhamos tais artefatos” (MARTINS, 2006, p. 78). Ou seja, o que nos interessa é pensar nas relações, mensagens e experiências que as imagens produzem. Ao ver uma imagem sou tocado de certo modo, assimilo saberes e trago-os para a minha vida para ressignificá-la. Assim, as imagens não são neutras ou meramente ilustrativas. Elas possuem esse poder de comunicação capaz de transmitir discursos e educar.

As imagens presentes na *Junior* possuem esse caráter educativo, sobretudo, as imagens acerca do corpo masculino, reforçando o sentido de que o corpo está sempre em construção. O que essas imagens podem nos dizer? Que corpo é esse insistentemente reiterado pela revista *Junior*? Que padrão de corpo essas imagens nos oferecem? Esses questionamentos me movimentam e me encaminham a mergulhar e explorar essas imagens corporais assumindo a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 27).

Nesse sentido, parto inicialmente das imagens corporais de modelos que a *Junior* trouxe em suas páginas a cada edição. Nelas podemos visualizar um padrão de corpo afirmado que, de certo modo, nos aponta o público que a revista pretende atingir:



Figuras 35 e 36: Imagens dos corpos na revista *Junior* ao longo de diferentes edições. À esquerda imagem da edição 21, p. 65 e à direita imagem da edição 5, p. 82.  
 Fontes: Revista *Junior*, edição 21 de setembro de 2010 e edição 5 de junho de 2008.



Figuras 37 e 38: Imagens dos corpos na revista *Junior* ao longo de diferentes edições. À esquerda imagem da edição 32, p. 72 e à direita imagem da edição 53, p. 31.  
 Fontes: Revista *Junior*, edição 32 de setembro de 2011 e edição 53 de agosto de 2013.

Podemos ver que, apesar de serem de edições temporalmente distantes, as imagens destacadas tornam-se próximas em suas semelhanças. A escultura corporal dos modelos é praticamente a mesma, valorizando o corpo magro, atlético e bem definido e, ao mesmo tempo, diz de uma época que aproxima a *Junior* de tantas outras revistas que também colocaram o corpo em evidência.

A opção de mostrar os modelos sem camisa e, muitas vezes, somente de sunga já aponta a centralidade do corpo na revista. E esse corpo fascina, encanta e desperta o desejo de um determinado público que se vê na revista. Desejo não apenas no sentido sexual, mas também de possuí-lo para si, transportar todos aqueles músculos e curvas para o seu próprio corpo. Fazer aquele corpo sair do papel e materializar-se em si mesmo. Ter um corpo igual ao da revista e, quem sabe, até poder estampar aquelas páginas daqui a algum tempo.

Em sua investigação sobre a revista *Playboy* estadunidense, Paul B. Preciado destaca processos importantes a partir das imagens da revista que também podemos pensá-los para as imagens presentes na *Junior*. O autor afirma que as imagens na *Playboy* passam a “funcionar ao mesmo tempo como um segmento visual móvel e transportável capaz de circular e difundir-se pela cidade de forma pública e indiscriminada, infiltrando por espaços e suscitando afetos que até então eram unicamente privados” (2010, p. 27, tradução minha<sup>102</sup>). Ou seja, as revistas e suas imagens exibidas podem ser levadas para serem apreciadas em espaços reservados, garantindo que o leitor se aproprie delas da forma que desejar e tenha o seu sigilo garantido. Nessa perspectiva, Paul B. Preciado lembra ainda da possibilidade de ver, desejar e por em ação fantasias disseminadas pela revista, uma vez que as imagens da *Playboy* “situavam o leitor na posição de voyeur que, através de um olho mágico, uma fenda ou uma janela, poderia acessar um espaço até então privado” (2010, p. 54, tradução minha<sup>103</sup>). Essa linha de pensamento também pode ser problematizada quando a transportamos para a revista *Junior*. A

---

<sup>102</sup> Segue a citação no idioma original da referência da qual ela foi retirada: “funcionar al mismo tiempo como segmento visual móvil y transportable capaz de circular y de difundirse por la ciudad de forma pública e indiscriminada, infiltrando espacios y suscitando afectos que hasta entonces eran únicamente privados” (PRECIADO, 2010, p. 27).

<sup>103</sup> Segue a citação no idioma original da referência da qual ela foi retirada: “situaban al lector en la posición del voyeur que, a través de una mirilla, una rendija o una ventana, lograba acceder a un espacio hasta entonces privado” (PRECIADO, 2010, p. 54).

diferença, nesse sentido, não está na ação com a revista, mas sim no tipo de público que adquire a revista e seu conteúdo, uma vez que, diferentemente da *Playboy*, que é destinada ao público heterossexual masculino e exibe em suas páginas imagens de corpos de mulheres, a *Junior* tem como público alvo os homossexuais masculinos e estampa em seu interior imagens corporais de homens.

Assim como as imagens de mulheres na *Playboy*, as imagens do corpo masculino na revista *Junior* são capazes de afetar o olhar. Os investimentos tecnológicos na edição da revista propiciam que os corpos possam ser editados e maximizados, garantindo que as imagens corporais publicadas sejam isentas de condições que venham a comprometer a impressão de um corpo perfeito como manchas, cicatrizes e pelos. A esses esforços editoriais é associada uma combinação de luzes, poses, vestimentas e acessórios que buscam garantir a produção de imagens que estimulem a identificação do leitor, a venda da revista e de seus artigos publicitários.

Aliado a tudo isso temos também um investimento na exaltação do corpo masculino que passa pelo uso da imagem de homens famosos ou sujeitos conhecidos por sua atuação em mídias direcionadas ao homossexuais, como os atores de filmes pornográficos gays. É importante ressaltar que a presença das imagens desses sujeitos se deu em diferentes momentos durante o período de circulação da *Junior* (2007-2015), sendo mais uma estratégia utilizada pela revista para despertar a curiosidade e o interesse do leitor em adquirir a publicação. Ver um ídolo ou artista despindo-se e mostrando o seu corpo na revista é capaz de atizar a curiosidade e o desejo de possíveis leitores, contribuindo para o aumento das vendas da publicação. Além disso, o leitor pode se ver representado naquele corpo estampado nas páginas da revista, tomá-lo como inspiração para a sua própria produção corporal.



Figuras 39 e 40: À esquerda o ator Rafael Cardoso na edição 14 da *Junior* e à direita o repórter de TV Franklin David na edição 30 da *Junior*.  
Fontes: Revista *Junior*, edição 14 de janeiro de 2010 e edição 30 de julho de 2011.



Figuras 41 e 42: À esquerda o ator pornô gay Harry Louis na edição 52 da *Junior* e à direita o apresentador de TV Pedro Andrade na edição 19 da *Junior*.  
Fontes: Revista *Junior*, edição 52 de junho de 2013 e edição 19 de julho de 2010.

Assim como a presença de pessoas conhecidas na cena gay, os procedimentos cosméticos também podem ser notados junto às imagens corporais na *Junior*. Essa publicidade “oferece aos nossos desejos um universo subliminar que insinua que a juventude, a saúde, a virilidade, bem como a feminilidade, depende daquilo que compramos” (TOSCANI, 2002, p. 28) e investimos na construção e manutenção de nossos corpos.

É comum vermos nessas imagens o cuidado com os cabelos, barba, dentes, maquiagem e o corpo bronzeado. Mas também podemos pensar nos procedimentos não visíveis nas imagens como cirurgias estéticas e o implante de

próteses. Esses procedimentos acabam ficando subentendidos ao vermos os corpos estampados na *Junior* e dizem de um investimento na homossexualidade masculina, branca, de classe média, de uma regionalidade centro-sul brasileira que tem condições financeiras para adquirir e realizar tais procedimentos cosmédicos. Mas esses procedimentos também ficam explícitos quando a revista se encarrega de destacar alguma técnica inovadora que promete o corpo dos sonhos. Trazer a descrição da técnica junto a alguma imagem corporal que demonstre os resultados prometidos é comum e acaba alimentando o desejo do leitor de conquistar aquele corpo para si.



Figura 43 e 44: Exemplo de cuidado cosmédico nas páginas da *Junior*, edição 5, p. 116-117. Fonte: Revista *Junior*, edição 5 de junho de 2008.

Não é incomum, ao olharmos as fotos de algum modelo, termos a sensação de que já o vimos anteriormente. Ao definir como público alvo o homossexual

masculino jovem, branco e de classe média, a *Junior* também acabou por definir um modelo de corpo a ser mostrado para esse público. Um corpo que, para a revista, contemplasse os desejos dos leitores. Ao ser incessantemente reiterado, o corpo na *Junior* assume um padrão, que é o mesmo padrão de corpo difundido por outras publicações impressas que destacam a questão corporal como a revista *Men's Health* por exemplo. Se pegarmos para analisar apenas as imagens publicadas dos modelos na *Junior* não é possível afirmar que ela é uma publicação voltada para o público homossexual. O que faz com que associemos as imagens à homossexualidade são as chamadas e os textos presentes junto aos ensaios. Desse modo, a *Junior* se assemelha a tantas outras revistas que assumem o corpo como eixo central de suas publicações, divulgando pedagogias que acionam o controle, a produção e a transformação corporal. O investimento da *Junior*, nesse sentido, passa por um tipo de corpo que privilegia a jovialidade, a magreza, a estética e o volume muscular e silencia outros corpos como os afeminados, negros, indígenas, gordos e com deficiência, por exemplo. Tudo isso denuncia o entendimento de homossexualidade masculina do qual a revista se apropria, veicula, dissemina e, por consequência, acaba ensinando, também por meio das imagens, modos de ser e de vivenciar as homossexualidades masculinas.



Figura 45 e 46: À esquerda modelo Beto Malfacini nas páginas 30 e 31 da edição 49 da *Junior* e à direita capa da revista *Men's Health*.  
 Fontes: Revista *Junior*, edição 49 de março de 2013 e Revista *Men's Health* de março de 2017.

Todos os pontos destacados anteriormente dizem do investimento da revista em um determinado público, o público elencado como potencial consumidor da *Junior* e dos produtos anunciados nela: o homossexual masculino jovem, branco, magro, de uma certa regionalidade centro-sul brasileira e, principalmente, de classe média. A revista vai deixando tais atributos claros por meio de seus textos e imagens, focando seu interesse nesses sujeitos. Assim, as relações de consumo e de identificação com a revista vão sendo criadas e, ao mesmo tempo, vão produzindo critérios de inclusão e exclusão em se vivenciar a (homo)sexualidade tal como ela é reproduzida pela *Junior*. Se eu tenho condições financeiras para seguir as “dicas” da revista e adquirir os produtos que ela indica então a sensação de pertença àquele modo de vida passa a me tomar. E, se não posso comprar tudo aquilo que é anunciado para produzir tal modelo de corpo então torno-me excluído de vivenciar aquele processo e de sentir na pele os saberes veiculados e disseminados pela revista.

Tudo isso nos leva a prestar atenção aos aprendizados possíveis com a cultura visual, o que implica em

aproximar-se de todas as imagens (sem os limites demarcados pelos critérios de um gosto mais ou menos oficializado) e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-las no passado e no presente com a finalidade de conhecer seus significados e como afetam nossas “visões” sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos (HERNÁNDEZ, 2000, p. 51).

Essa capacidade que as imagens têm de nos fazer refletirmos sobre nós mesmos pode nos transformar, a ponto de afetar o modo como somos vistos e como vemos o mundo, propiciando que nos reinventemos a partir das relações que estabelecemos com as imagens.

## **7.2 As imagens do corpo de classe média: endereçamentos**

Quando se diz de um retrato que ele só falta falar, se evoca sua privação da expressão verbal. Essa privação se manifesta como a única falta que separaria a representação da vida, e nos transporta já a um sentimento ou a uma sensação da fala do retrato. A falta que ao afeta é designada ao mesmo tempo como considerável e imponderável, na medida em que sua anulação parece acessível e mesmo iminente. De fato, o retrato fala, ele já está prestes a falar, e ele nos fala a partir da sua privação de fala. O retrato nos faz ouvir um falar antes ou depois da fala, o falar da falta de fala. E nós o compreendemos, ele nos comunica esse dizer, seu sentido e sua verdade (NANCY, 2017, p. 55).

Ao pensar na relação estabelecida com o retrato, Jean-Luc Nancy nos convida a problematizar o poder comunicativo das imagens. Imagens que falam sem voz, sem escritas e sem sons. Imagens que se fazem compreender pelo simples fato de existirem. Imagens que tocam, afetam e movimentam os sujeitos. Imagens mensageiras. Imagens cobiçadas. Imagens amadas ou odiadas. Tal como o retrato, as imagens presentes na *Junior* também nos passam a sensação da fala. A fala de um corpo imagem que educa para um corpo leitor que aprende.

Nesse jogo de educar e aprender vemos que as imagens do corpo masculino permeiam grande parte das edições e páginas da revista *Junior*. São imagens que dizem de um modelo específico de corpo. Um corpo a ser desejado, produzido e conquistado. Mas, que imagens do corpo são essas que estampam as páginas de *Junior* com seus músculos, curvas e cuidados cosméticos? Para quem essas

imagens são direcionadas? Penso que as imagens corporais reproduzidas pela revista dizem muito de seu público específico. Um público que se vê nas imagens da revista e produz uma relação com ela.

Tal relação vai se constituindo por meio de saberes, afetividades e representatividades. Ou seja, podemos dizer que existe um endereçamento por parte da revista. Ela mira em um público alvo e tenta capturá-lo, seduzi-lo e reproduzi-lo em suas páginas. Pensar nesse endereçamento é importante para problematizarmos os modos como as imagens presentes na *Junior* podem se comunicar e subjetivar os seus leitores.

Elizabeth Ellsworth, ao aprofundar os seus estudos sobre o cinema, traz o conceito de modos de endereçamento à tona, apontando a sua relevância para essa área do conhecimento:

Trata-se de um conceito que tem origem numa abordagem de estudos do cinema que está interessada em analisar como o processo de fazer um filme e o processo de ver um filme se tornam envolvidos na dinâmica social mais ampla e em relações de poder. Embora os públicos não possam ser simplesmente posicionados por um determinado modo de endereçamento, os modos de endereçamento oferecem, sim, sedutores estímulos e recompensas para que se assumam aquelas posições de gênero, status social, raça, nacionalidade, atitude, gosto, estilo às quais um determinado filme se endereça (ELLSWORTH, 2001, p. 25).

No entanto, podemos pegar o conceito de modos de endereçamento, originalmente pensando para o cinema, e trazê-lo para as discussões acerca das imagens na revista *Junior* e seus processos educativos, uma vez que a revista, assim como os filmes, também assume posições de gênero, sexualidade, status social, etnia, gosto e estilo para o público ao qual se endereça. Esses posicionamentos da revista não são neutros, carregam consigo o desejo de ser representativa e agradável a um determinado público, atraindo-o para o seu consumo e para o consumo dos produtos que são anunciados em suas páginas.

Essa relação de atração da revista para com o leitor pode ser pensada como um modo de endereçamento. Ao abordar esse conceito em seus estudos sobre o cinema, Elizabeth Ellsworth explora o seu caráter comunicativo e o seu poder de atrair o/a espectador/a:

O modo de endereçamento de um filme tem a ver, pois, com a necessidade de endereçar qualquer comunicação, texto ou ação “para” alguém. E, considerando-se os interesses comerciais dos produtores de filme, tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramaticamente e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados ao filme (ELLSWORTH, 2001, p. 24).

Se o modo de endereçamento tem haver com o ato de endereçar algo a alguém, a *Junior* soube se apropriar dessa ação, assumindo-se enquanto um veículo midiático impresso transmissor de saberes sobre as homossexualidades masculinas para o público escolhido como alvo, além de disseminar um vasto leque de produtos a serem adquiridos por tal público. Mas, nem sempre quem a revista pensa que o espectador é, é o que ela pensa que é. A possibilidade de erro do alvo está sempre posta. Ainda assim, a *Junior* e demais revistas, “assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p. 13), mesmo que o alvo que foi mirado não seja atingido.

Ao visar e imaginar os seus públicos, esses artefatos apostam na conquista de consumidores fieis a tais produtos. Para tanto, investem naquilo que acreditam ser do agrado do público. No caso da *Junior*, a revista adota um modelo de corpo que pensa poder representar o sujeito homossexual masculino jovem de classe média e explora esse corpo durante todo o seu período de circulação.

Expondo tal padrão corporal em suas páginas, a *Junior* vai criando uma relação com seus leitores, um modo de endereçamento que “não é um momento visual ou falado, mas uma estruturação – que se desenvolve ao longo do tempo” (ELLSWORTH, 2001, p. 17), uma relação de identificação, de querer e de produção de si, que acontece entre o social e o individual. Assim, para que a revista funcione para um determinado público, para que ela chegue a fazer sentido para o leitor, ele deve estar em uma relação particular com os saberes e as imagens da revista.

Ver um modelo de corpo sendo reiteradamente divulgado transmite uma mensagem. A mensagem de que aquele corpo é o ideal e deve ser reproduzido. Então, nesse sentido, para ser um homossexual jovem de classe média “antelado”,

“ligado” e pertencente a esse público eu precisaria construir em mim esse corpo, caso contrário, eu me destoaria do padrão reproduzido pela revista. É um processo de biopolítica corporal, em que os corpos são convidados a seguirem o padrão estabelecido pela revista e o controle de todo esse processo acaba sendo feito pelo próprio público. Um controle que passa pela afirmação de um padrão corporal em detrimento das multiplicidades de existência e constituição do corpo.

O endereçamento corporal construído pela *Junior* é significativo, pois aliadas às imagens existem chamadas de texto provocativas, que valorizam as vantagens de se ter um corpo definido e bem cuidado em termos cosméticos:



ESCULTURAS

FOTOGRAFICAS

Aos 23 anos, o brasileiro Hay Torres já tem muito claro o que quer da vida: fotografar. Leitor assíduo da JUNIOR, o moço participa desta edição especial provando por A + B que tem ótimo olho quando o objeto a ser clicado é o corpo masculino. Como o próprio Torres contou para nós, a faculdade de Direito será concluída neste semestre, mas para

satisfazer a vontade do pai. “Ele era político e queria filhos doutores. Mas quero mesmo é trabalhar com fotografia”, conta. Para o rapaz, sua arte o aproxima do trabalho dos escultores, que sempre admirou, mas nunca se aventurou a produzir. Incentivado pelo irmão mais velho, Hay começou a clicar homens que para ele são verdadeiros deuses

gregos. A história profissional do rapaz se confunde com a de sua parceria com o designer Henrique Alves. Foi ele, que adora arte gráfica, quem o fez acreditar na coisa como profissão. Hoje trabalham juntos, um como fotógrafo, outro como tratador de imagens. A parceria dá super certo, como podemos conferir pelas imagens do tatuado Berg Pereira.

Figura 47: Imagem da página 54 da edição 21 da *Junior*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição 21 de setembro de 2010.

A valorização da estética nas imagens reproduzidas pela *Junior* vai ao encontro do “corpo perfeito”, chegando ao ponto de transformar os corpos em “esculturas fotográficas”. Tal investimento imagético não é em vão, vai de encontro à satisfação e recepção de quem verá as imagens publicadas, diz do endereçamento. “Em uma palavra: o que mostra – a imagem, em sua ocorrência –

nos mostra como alguma coisa se mostra. E ao nos dar a perceber, a imagem gera um sentido” (BOEHM, 2017, p. 38). O sentido produzido pela imagem não é único, ou seja, cada sujeito constitui experiências singulares, somente suas com as imagens que vê. Isso mostra que os modos de endereçamento se articulam com as histórias de cada sujeito, com suas expectativas e também com os seus desejos.

Nesse sentido, surge um questionamento: Quem a *Junior* pensa que o leitor é? Pensando numa possível resposta para essa questão, podemos dizer que o leitor nunca é, apenas ou totalmente, quem a revista pensa que ele é. A maneira como vivemos a experiência do modo de endereçamento de uma revista depende da distância entre, de um lado, quem a revista pensa que somos e, de outro, quem nós pensamos que somos, isto é, depende do quanto a revista “erra” seu alvo (ELLSWORTH, 2001). No caso da *Junior*, a revista, apesar dos incessantes investimentos em um modelo de corpo, pode se deparar com sujeitos que, mesmo adquirindo a revista, apresentam resistências frente aos processos educativos divulgados por ela. Nesse sentido, Elizabeth Ellsworth (2001) reconhece que os públicos não são todos iguais e que os diferentes públicos fazem leituras diferentes e extraem prazeres diferentes, e muitas vezes opostos, de um mesmo artefato cultural. Ou seja, os modos de endereçamento vão se constituindo de maneiras muito particulares, produzindo experiências singulares em cada sujeito.

O fato de “errar” o alvo não significa um fracasso do modo de endereçamento. Mesmo eu não me enquadrando no perfil de público esperado pela revista, eu posso adquiri-la, lê-la e dar-lhe um sentido, fazendo com ela as minhas próprias experiências. Adquirir a *Junior* não é sinônimo de seguir todos os seus ensinamentos. Sendo uma instância educativa, a *Junior* pode ensinar e endereçar de muitos modos. Seguir o que ela ensina é um deles, porém quando o alvo é “errado” são abertas outras possibilidades.

O “erro” pode se dar quando alguém que compra a revista não pertence ao público para o qual ela se destina. Nesse caso abre-se a possibilidade de aprendizado acerca das homossexualidades masculinas quando as páginas da revista são folheadas. Mas também o alvo pode ser “errado” dentro do próprio público da *Junior*. Será que todos os homossexuais masculinos jovens de classe média seguiriam a risca as pedagogias da revista? Quais as possibilidades de

resistência? É interessante pensarmos que muitos sujeitos podem ter adquirido a revista muitas vezes desprezando os seus ensinamentos, mas interessados em produzir outras experiências, como por exemplo, com as imagens dos modelos, numa mistura de desejo e prazer com aqueles corpos estampados nas páginas da revista.

Portanto, pensar no poder de endereçamento não é, pois, o poder de obter, à vontade, respostas previsíveis e desejadas dos públicos. O poder de endereçamento não é algo que os editores dos artefatos culturais possam dominar, controlar, predizer ou transformar em uma tecnologia (ELLSWORTH, 2001). Pelo contrário, o endereçamento foge ao controle de quem o emana, atingindo diferentes sujeitos e seus modos de verem e estarem no mundo.

A revista *Junior* enquanto artefato cultural tem o potencial de seduzir leitores de qualquer classe social, apesar de a classe média ser seu público alvo, despertando desejos de diferentes ordens como o consumo de bens, serviços e estilos de vida e a aquisição de um determinado padrão de corpo e beleza. Os desejos suscitados pela indústria cultural fazem com que pessoas de diferentes extratos sociais não meçam esforços e nem recursos econômicos, ainda que sejam escassos, para satisfazê-los. Nessa perspectiva, podemos pensar na sedução como estratégia pedagógica utilizada para atrair os leitores para os conteúdos da revista, disseminando neles certos valores e comportamentos. Seduzir o leitor seria também um modo de endereçamento, uma forma de capturá-lo, levá-lo à curiosidade e posterior aquisição da revista e dos produtos por ela anunciados. Boa parte dessa relação de sedução e endereçamento é realizada pelas capas da *Junior*. Coloridas, com corpos a mostra e cheias de mensagens as capas são pensadas para seduzir quem as vê.

### **7.3 As capas da revista *Junior*: conquistando o público**

Comumente ao andarmos por nossas cidades acabamos nos deparando com alguma banca de jornal e revistas. E nesse encontro, não é difícil o nosso olhar curioso ser capturado por alguma notícia ou imagem presente nas capas desses artefatos. As capas nos convidam a chegar mais perto, apreciar as imagens, ler

manchetes que não estavam tão nítidas à distância. Esse jogo de conquista que os artefatos culturais impressos estabelecem conosco vai despertando o nosso interesse até chegarmos ao ponto de adquirirmos tais materiais.

Ao longo de seus sete anos de publicação e circulação, a revista *Junior* soube atuar muito bem nesse jogo de conquista com os frequentadores das bancas de jornais e revistas. Suas capas sempre coloridas, com jovens descamisados e muitas vezes com sujeitos com algum destaque midiático na época eram um convite para o interesse e posterior aquisição e leitura da revista.



Figuras 48 e 49: À esquerda capa da edição 12 da *Junior* e à direita capa da edição 50 da *Junior*.

Fontes: Revista *Junior*, edição 12 de agosto de 2009 e edição 50 de abril de 2013.



Figuras 50 e 51: À esquerda capa da edição 29 da *Junior* e à direita capa da edição 54 da *Junior*.

Fontes: Revista *Junior*, edição 29 de junho de 2011 e edição 54 de setembro de 2013.



Figuras 52 e 53: À esquerda capa da edição 48 da *Junior* e à direita capa da edição 45 da *Junior*.

Fontes: Revista *Junior*, edição 48 de fevereiro de 2013 e edição 45 de novembro de 2012.



Figuras 54 e 55: À esquerda capa da edição 13 da *Junior* e à direita capa da edição 56 da *Junior*.

Fontes: Revista *Junior*, edição 13 de outubro de 2009 e edição 56 de novembro de 2013.

As imagens das capas “devem ser tratadas como potencial dialógico para múltiplas possibilidades de interpretação, como uma forma de compreensão da experiência articulando processos performativos para relatar, descrever uma história, ou seja, para construir narrativas” (MARTINS, 2010, p. 25). Com as capas diferentes experiências podem ser vivenciadas por meio do visual. Experiências de identificação, de desejo ou repulsa. Experiências que dizem da relação constituída entre a capa e quem a vê, uma vez que o ato de olhar nos proporciona essa oportunidade de vermos o mundo ao nosso redor e nos produzirmos nele.

Nas capas da *Junior* vemos histórias sendo contadas. Histórias dos corpos presentes ali, mas também as histórias de quem as observa. Um diálogo particular entre a imagem e o sujeito. Nesse sentido, creio que

as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e a nós mesmos como sujeitos e que, em suma, fixam a realidade de como olhar e os efeitos que cada um tem ao ser olhado por essas imagens (HERNÁNDEZ, 2011, p. 63).

Se somos convidados pelas capas a pensarmos no mundo e em nós mesmos, as imagens e as chamadas presentes nas capas são disparadoras desses processos. Elas são o primeiro contato dos sujeitos com a revista, ou seja, elas fazem o convite à aquisição, à leitura e a produção de experiências e saberes com ela. Forma-se então um espaço entre a imagem da capa e o olhar que ela provoca, onde “uma atmosfera pensativa se forma, um meio pensativo. Tal meio e tal espaço potencial, indeterminado ainda nas suas atualizações singulares, um meio de pensatividade precedendo todo pensamento” (ALLOA, 2017, p. 9).

A relação que vai sendo produzida com as imagens da capa movimenta quem a vê. Exercícios de pensamento se entrelaçam e vão respondendo ao convite da revista. Ver um determinado modelo na capa da revista também é ver a si mesmo. É preencher a atmosfera pensativa com a construção de um eu que gostaria de ser. Não é a toa que as capas da *Junior* trazem modelos escolhidos para cumprirem com esse dever, inclusive usando-se de modelos famosos e conhecidos pelo público para garantir o sucesso de tal processo. Além disso, nota-se um investimento, por parte da revista, na produção das cenas que estampam as capas de cada edição. Nas capas trazidas anteriormente, com exceção da edição número 48 sobre o casamento, os modelos aparecem sem camisa e com o abdômen malhado à mostra e, em uma dessas capas, inclusive, um casal aparece se beijando. Nas capas das edições de número 13, 45 e 56 ainda vemos uma preocupação com o cenário por trás dos modelos com destaque para ambientes praianos ou com piscinas, numa articulação entre (homo)sexualidade, lazer e divertimento que soa como mais um convite no jogo de sedução para a conquista do leitor e a aquisição da revista. Já na edição número 48 da *Junior* a cena da capa tenta capturar o leitor por outro viés além do corpo à mostra. A revista investe, nesta edição, na imagem do casamento entre dois homens. Isso é significativo, pois tal imagem não aposta no desejo corporal, ela aposta no desejo de união entre dois homens inspirado nas uniões heterossexuais. Essa inspiração é denunciada na imagem pela união monogâmica, exibição de alianças e o uso das tradicionais roupas brancas utilizadas em cerimônias de casamento.

Desse modo, despertar em quem olha, por meio das capas, o desejo de ver mais daquele corpo ou daquela matéria anunciada no interior da revista soa como

estratégia que garante o retorno financeiro através da compra do exemplar, além de garantir a difusão das pedagogias da linha editorial da publicação. Talvez isso seja o mais importante para uma revista: o endereçamento no “alvo” correto. Endereçar a um público que possa se ver representado pela revista e permaneça fiel a ela a cada nova edição publicada.

Nas capas da *Junior* a imagem dos modelos é aliada a chamadas que também são um convite à leitura e aquisição da revista. Nas imagens de algumas capas trazidas anteriormente, vemos frases que ilustram bem esse jogo imagético proposto pela *Junior* e expõem que a ideia do “corpo perfeito” é um investimento da nossa cultura, independente da sexualidade dos sujeitos. Em uma dessas capas a imagem do modelo vem seguida da seguinte chamada: “Corpo perfeito: como conseguir em 24 horas”. Um belo convite, afinal, quem não gostaria de ter um corpo perfeito, e melhor, construí-lo em 24 horas? Ao mesmo tempo esse convite joga a responsabilidade da conquista do “corpo perfeito” para o sujeito e, caso ele não obtenha sucesso nesse processo, a culpa será dele. Em um outra frase de capa vemos mais uma alusão à produção corporal: “Lucas Malvacini mostra porque foi eleito Mister Brasil 2011”. Dessa vez, a *Junior* traz um *mister* na capa com toda a sua legitimidade para dizer como é possível conquistar esse corpo premiado. Esse jogo entre palavras e imagens chega ao olhar de quem observa, o toca e o captura de algum modo. Coloca-o a pensar em seu próprio corpo, a problematizar o quanto ele se aproxima ou distancia do que está sendo exposto na capa da revista. Uma situação em que “a imagem representa um caso de figura cujo espaço de significação precede, a título de pré-texto, toda representação” (BOEHM, 2017, p. 25), mexendo com o imaginário e com a subjetividade de quem a vê e se relaciona com ela.

Sentir-se atraído pela capa da revista de algum modo demonstra o interesse e a curiosidade do sujeito que a observa. Esse sentimento é capaz de conduzi-lo a adquirir a revista, imergir em suas pedagogias e produzir saberes a partir delas, em um processo de constituição e aprendizado sobre si mesmo. Tal processo vai além das chamadas, matérias e imagens elaboradas pela própria revista. As peças publicitárias presentes nas páginas da *Junior* também miram no leitor e tentam afetá-lo de alguma forma, levando-o à fantasia e experiências com seus produtos.

## 7.4 As imagens publicitárias na revista *Junior*

Em um mundo feito de imagem é urgente investigar seus reflexos e as localizações de seus consumidores e produtores. De onde vejo, como vejo, o que vejo, o que escapa do meu olhar e como se dá essa 'seleção' são indagações cujas tentativas ou ensaios de respostas servirão para atualizar a nossa relação histórica com a visualidade, por sua vez compreendida como modo indestrinçável de ver e produzir imagens (VICTORIO FILHO e PINTO, 2018, p. 188).

Compartilho das inquietações de Aldo Victorio Filho e Lia Pinto ao investigarem os reflexos da relação imagética entre consumidores e produtores. Por isso, quero pensar essa relação a partir das imagens publicitárias presentes na *Junior*. A inquietação com as imagens se agrava frente à facilidade da sua produção e do seu trânsito proporcionada pela tecnologia atualmente disponível, a cada dia mais sofisticada e sedutora que é capaz de investir em peças publicitárias cada vez mais criativas, atrativas e próximas do público que pretende atrair (VICTORIO FILHO e PINTO, 2018).

Tendo como público majoritário os jovens homossexuais de classe média, a revista *Junior* acabou tornando-se um veículo midiático impresso atrativo para que diferentes empresas fizessem propaganda de seus produtos de olho no *pink money*<sup>104</sup>. Um investimento que mostra que “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (CANCLINI, 1999, p. 83). Ou seja, somos convidados a consumir, a andar na moda, a produzir o corpo da moda por meio de propagandas recheadas de imagens, de investimento no visual, uma aposta na captura do olhar de quem as vê. Imagens que falam por si e são capazes de despertar no leitor a imaginação, fantasias, sonhos e desejos, além da vontade de aquisição dos produtos anunciados e da própria revista. Nesse sentido, ao problematizar as imagens e a sua importância comercial, Raimundo Martins nos fala que

na pós-modernidade, o consumo de objetos, jogos e artefatos é representado por ou associado a imagens e, conseqüentemente, a pulsão para consumir não está apenas vinculada ao produto em si,

---

<sup>104</sup> Termo utilizado para se referir ao potencial de compra e ao dinheiro advindo de sujeitos não heterossexuais.

mas, à sua representação estética, destacando sua dimensão expressiva. Pode-se dizer que esses artefatos não valem pelo preço, mas, pelo que representam emocionalmente. Assim, nossas escolhas falam do mundo em que vivemos, mesmo em sociedades/comunidades mais pobres e em condições econômicas precárias. Por esta razão, campanhas institucionais/publicitárias têm como foco a imagem de artefatos/produtos a serem consumidos, porque marcas, logos, e grifes funcionam como atalhos mentais que nos persuadem a escolher aquelas que, por alguma razão, transmitem confiabilidade, credibilidade. Isso depende da classe social e essas escolhas estão ligadas à informação e recursos, mas operam através da idealização e da expectativa dos indivíduos que querem se ver refletidos nos objetos/produtos/imagens (2011, p. 23-24).

Mais do que a aquisição do produto anunciado em si, as imagens publicitárias das revistas trabalham com as emoções de quem olha, com o que os sujeitos podem fazer com tais produtos e como eles farão diferença em suas vidas. Nessa perspectiva, consumir passa a ser “participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (CANCLINI, 1999, p. 78), em que o mercado e a publicidade tentam fisgar os consumidores de seus produtos, que no caso da *Junior*, investem na conquista de um padrão de corpo magro, malhado e receptivo aos diversos procedimentos cosmédicos.

Sendo direcionada para um público de classe média, as propagandas presentes na *Junior* exploram dessa idealização e expectativa que os consumidores criam ao quererem ser refletidos nos objetos/produtos/imagens anunciados. Idealizações e expectativas cuidadosamente absorvidas pelo mercado de consumo que busca corresponder a esses anseios disponibilizando variados produtos especialmente para os homossexuais masculinos que tenham condições de adquiri-los.

Além de buscar um mercado consumidor, o endereçamento dessas publicidades também pode ser encarado como um artefato educativo, que transmite saberes sobre as homossexualidades masculinas e modos de vivenciá-las para quem as vê. Saberes que são bem direcionados e destacam temáticas que venham produzir o interesse do olhar:



Figuras 56 e 57: À esquerda publicidade na página 95 da edição 21 da *Junior* e à direita publicidade na página 7 da edição 32 da *Junior*.  
 Fontes: Revista *Junior*, edição 21 de setembro de 2010 e edição 32 de setembro de 2011.

Nas duas imagens acima vemos algo em comum: o destaque da questão afetiva e da necessidade de se relacionar com alguém. A idealização de que uma vida só é completa se for vivida a dois é algo que as homossexualidades acabaram “importando” da heterossexualidade e assumiram como condição para a felicidade. Isso implica em um investimento para o convencimento de que os homossexuais devam formar famílias seguindo o modelo heteronormativo, com filhos e tendo isso como um projeto de vida em detrimento da criação de outras possibilidades de constituição familiar e de produção de existências.

Na outra imagem, um homem apenas de cueca, mostrando seus músculos e o convite para quem vê encontrar o seu também, mexe com os desejos dos sujeitos e os convidam a se relacionar com aquela imagem, em que desejo e imaginação se misturam nesse endereçamento. Porém, a imagem é potencializada com dizeres que reforçam o convite imagético e vão colocando em evidência as atitudes que são esperadas de quem as veem e leem. Em seus estudos acerca da publicidade, Oliviero Toscani faz contribuições nesse sentido:

É preciso parecer-se com o mundo de imagens dos anúncios para ver-se classificado dentro das normas sociais, reconhecido conforme, integrado, real. A publicidade é o lugar-comum da realidade, portanto é a realidade. A publicidade nos ensina como nos comportar na sociedade de consumo. Ela propõe um modelo social: compro logo sou. Quanto mais nos aproximarmos do modelo, mais encarnaremos a suma do êxito moderno. Essa formação se constitui sem que saibamos, de modo inconsciente, ela impõe os seus critérios, sua normalidade, ela molda os nossos gostos, nossos reflexos. Tornamo-nos todos filhos da publicidade (TOSCANI, 2002, p. 167-168).

A *Junior* também busca criar os seus “filhos da publicidade” por meio da presença dos anúncios ao longo de suas páginas. Anúncios que carregam mensagens e saberes sobre as (homo)sexualidades masculinas. Verdadeiras pedagogias do consumo que investem nas vidas dos sujeitos, explorando seus momentos de lazer, descanso e de vivência da sexualidade. Essas situações são recorrentes na revista ao observarmos publicidades direcionadas à promoção de festas e eventos específicos para o público gay e também na divulgação de acessórios a serem utilizados em atos sexuais:

**CONCORDE**  
MUSIC • VIBE • LIFE CLUB

**Dance Floor**

PROMOTER **LEOGROSS**  
Residentes  
**Anderson Negão**  
**Jean Carlo**  
DJ Black VJ Bira  
& Convidados

Av. Rio Branco, 729 Centro Florianópolis SC  
48 3222 1981 || 9932 8998 [www.concordeclub.com.br](http://www.concordeclub.com.br)

**ANEROS®**  
O Verdadeiro Estimulador do Ponto-G Masculino!

Já imaginou ter **Orgasmos** tão fortes e prazerosos a ponto de tomar conta do seu corpo inteiro, fazendo-o tremer? Graças ao **Aneros**, milhares de homens ao redor do mundo estão descobrindo o inesgotável potencial sexual escondido na Próstata. Chegou a sua vez! Comece sua jornada em busca do **Super-O!**

Próstata  
Cabeça  
Períneo  
Haste do Períneo  
Alça

Compre pelo site: [www.AnerosBrasil.com.br](http://www.AnerosBrasil.com.br)

Figura 58: Publicidades na página 53 da edição 32 da *Junior*.  
Fonte: Revista *Junior*, edição 32 de setembro de 2011.

A constante presença e reiteração de peças publicitárias que divulgam festas e boates voltadas para o público gay denuncia um certo saber por parte dos empresários desse ramo de consumo sobre as homossexualidades masculinas. Essa associação da homossexualidade com eventos noturnos vai destacando que o público homossexual masculino é tido como um tipo de público que gosta de sair, se divertir e de beber a noite, o que de certo modo contribui para a insistência

dessa forma de publicidade nas edições da *Junior*. Uma forma de publicidade que não vende produtos nem ideias, mas um modelo idealizado e hipnótico da felicidade (TOSCANI, 2002), que acaba sendo posto como norma e desejável para o homem gay, jovem e de classe média que teria as condições de bancar financeiramente esse estilo de vida.

Outro ponto importante a ser destacado é a maciça presença de anúncios de produtos direcionados à vivência da sexualidade. Massageadores de próstata, géis lubrificantes e preservativos com diferentes efeitos, fantasias e técnicas de aumento peniano são alguns desses exemplos que dizem de outro saber importante construído pela revista e por suas peças publicitárias: as homossexualidades masculinas aliadas a uma intensa vida sexual. Abrir, folhear, ver e ler tais anúncios ao longo da *Junior* atiza a nossa fantasia e nos remete a pensarmos em nossa sexualidade, na forma como tais produtos poderiam ser utilizados, com quem usá-los e nos possíveis prazeres prometidos de serem alcançados. Desse modo, a “publicidade excita os seus desejos, [...] cria-lhes necessidades, torna-os culpáveis” (TOSCANI, 2002, p. 29). Ao mesmo tempo “a publicidade é extramente solícita para com aquele que compra. Ela insiste em que todo esse esforço de produção de bens de consumo adapta-se às suas necessidades profundas, acompanha todos os seus desejos secretos” (TOSCANI, 2002, p. 36). Assim, é preciso

entender que o olho não apenas vê, mas é socialmente disciplinado pela ordem, divisão e “criação” das possibilidades da organização do mundo e do sentido da identidade individual. Ao questionar como os olhos veem, é possível questionar também como os sistemas de ideias “tornam” realidade o que é visto, pensado e sentido. Tais perguntas sobre a razão – ou seja, a construção social da razão (e as relações de poder embutidas nestas) – são os princípios pelos quais o agente “vê” e age para efetuar uma mudança (POPKEWITZ, 1999, p. 22).

Questionar o que os olhos veem e como veem nos coloca a problematizarmos as publicidades, suas imagens e a revista como um todo enquanto artefato que veicula saberes e aponta modos de nos constituirmos enquanto sujeitos e de nos comportarmos no mundo. Modos que apesar de serem

muitas vezes padronizados, estão sujeitos a múltiplas interpretações e ressignificações por parte de quem vê.

É importante frisar que “todos nós, se não somos prioritariamente criadores de imagens, não deixamos de criá-las, cedo ou tarde, esporádica ou constantemente” (VICTORIO FILHO e PINTO, 2018, p. 182). Portanto, estamos imersos nesse mundo imagético, fazemos parte dele e o ajudamos a se constituir. Isso implica em colocarmos em questão os usos que fazemos das imagens, como elas nos afetam e subjetivam, de que forma entram em nossas vidas e como nos relacionamos com elas. Por isso é relevante colocar em questão os diferentes usos das imagens e seus endereçamentos na *Junior*, seja nas capas, nas matérias ou nas peças publicitárias, assumindo as potencialidades das imagens na mídia contemporânea. Potencialidades que, inclusive, podem encaminhar “a questionar os erros meus”, “achar o que você perdeu” ou a “encontrar uma pessoa como eu”.

*[...] Mas nem por isso eu vou ficar  
A questionar os erros meus  
Você precisa procurar  
Achar o que você perdeu*

*Queria tanto encontrar  
Uma pessoa como eu  
A quem eu possa confessar  
Alguma coisa sobre mim*

*Eu queria tanto encontrar  
Uma pessoa como eu  
A quem eu possa confessar  
Alguma coisa sobre mim  
(Eu – Pato Fu)*

## CONDIDERAÇÕES [LONGE DE SEREM] FINAIS

*Olha a luz que brilha de manhã  
Saiba quanto tempo estive aqui  
Esperando pra te ver sorrir  
Pra poder seguir*

*Lembre que hoje vai ter pôr do Sol  
Esqueça o que falei sobre sair  
Corra muito além da escuridão  
E corra, corra!*

*Não desista de quem desistiu  
Do amor que move tudo aqui  
Jogue bola, cante uma canção  
Aperte a minha mão*

*Quebre o pé, descubra um ideal  
Saiba que é preciso amar você  
Não esqueça que estarei aqui  
E corra, corra!  
(*O amanhã colorido*<sup>105</sup> – Pouca Vogal)*

Considero a letra da música *O amanhã colorido* pertinente para dialogar com esse momento de tecer as considerações [longe de serem] finais sobre o trabalho de produzir esta tese. Pertinente, pois diz do ato de *poder seguir*, entendendo que, apesar da pesquisa precisar desse momento de encerramento formal, ela ainda reverberará e estará viva e pulsante em mim, nas publicações decorrentes dela e nos sujeitos que a lerem. *O amanhã colorido* fala também de superação e motivação, em ir *além da escuridão*, de não desistir, de descobrir um ideal, de empatia e de amor para consigo mesmo e com o próximo. Desejos tão presentes em diferentes passagens desta tese e em nós mesmos. Desejos que representam as lutas e desafios ainda trilhados por quem rompe a heteronormatividade e constitui outros modos de vida e existências, como as homossexualidades masculinas retratadas nas páginas da *Junior*.

---

<sup>105</sup> A música *O amanhã colorido* faz parte do álbum *Pouca Vogal ao vivo em Porto Alegre* do dueto formado por Humberto Gessinger e Duca Leindecker que foi lançado em 2009 pela gravadora Som Livre. A música foi composta por Duca Leindecker.

Durante o processo de pesquisa pude mergulhar em um universo de investigação ainda incerto e carregado de surpresas. Investigar um artefato cultural como a revista *Junior* foi um grande desafio pra mim. Primeiramente por se tratar de uma forma de pesquisa que se distanciou do modo como realizei a minha pesquisa de mestrado. Se no mestrado a minha pesquisa foi sendo construída junto com outros/as sete sujeitos por meio de encontros e entrevistas narrativas, no doutorado a caminhada foi trilhada junto às 66 edições publicadas da revista *Junior*. Essa experiência de não trabalhar diretamente com os sujeitos e investir na problematização das publicações exigiu que eu, enquanto pesquisador, realizasse um investimento nesse “novo” modo de investigar que se apresentava pra mim. Para tanto, dediquei-me a buscar e estudar referências sobre como pesquisar os artefatos culturais, sobretudo, nos Estudos Culturais. Isso me deu embasamento e segurança para construir os meus próprios caminhos de pesquisa com a revista *Junior* e forneceu elementos para eu realizasse as escolhas que resultariam na organização dos recortes temáticos a serem explorados em minhas análises.

Esse passo inicial de estudo e de aproximação com os Estudos Culturais foi importante para que eu aprofundasse a compreensão e entendesse a potencialidade dos artefatos culturais enquanto processos educativos. Tal processo foi realizado tendo sempre em mente a minha fonte de pesquisa: a revista *Junior*. Estar estudando os artefatos culturais e seus processos educativos com o pensamento direcionado para a *Junior* me fez ter um olhar diferenciado para a revista. O olhar do Filipe leitor que já foi consumidor da revista agora era ressignificado. Passava a ser um olhar curioso, desconfiado, investigador, problematizador, que dava um passo atrás ao folhear e estudar cada página das 66 edições da revista. Esse novo olhar cuidadoso, agora um olhar de pesquisador, me levou à questão central que movimentou a escrita desta tese: *Quais os discursos acerca dos corpos, dos sujeitos e das masculinidades homossexuais veiculados pela revista Junior?*

A revista *Junior*, enquanto artefato cultural esteve presente no cotidiano de muitos sujeitos, ensinando modos de ser, pensar e agir. Tais modos podem ser representados pela centralidade que a revista dá ao corpo homossexual masculino.

No entanto, a *Junior* não destacou qualquer corpo homossexual masculino em suas páginas. Tal centralidade é baseada em um modelo de corpo homossexual masculino jovem, branco, atlético, de classe média e de uma certa regionalidade centro-sul brasileira. E para manter ou conquistar esse modelo de corpo a *Junior* se encarregou de disseminar saberes e imagens que investiam em uma produção corporal subsidiada pela constante busca pela beleza, ensinamentos sobre saúde e bem-estar e a promoção da cultura *fitness*. Todo esse processo educava o leitor da revista buscando legitimidade discursiva em depoimentos de especialistas de saúde, celebridades em voga no período de circulação da revista e relatos de experiências de sujeitos que passaram por alguma modificação corporal visando a conquista do modelo de corpo exaltado pela *Junior*. Aliado a isso, a revista fez uso das imagens e das ações publicitárias presentes em suas páginas para reforçar tal entendimento de corpo jovem homossexual masculino. As publicidades, em sua maioria, traziam produtos ou serviços de beleza que reforçavam a ideia de busca permanente pela jovialidade e cuidados com a aparência que a *Junior* já disseminava em seu conteúdo. Publicidades de festas, casas noturnas, saunas, preservativos e demais itens direcionados ao ato e prazer sexual também denunciam o entendimento de homossexualidade masculina que a revista veiculava: uma homossexualidade masculina voltada para a classe média, com poder aquisitivo e pautada no divertimento e em uma intensa vida sexual. Já as imagens acerca do corpo se encarregavam de levar a quem as viam corpos masculinos atléticos que, ao mesmo tempo, podiam ser objeto de desejo sexual e/ou de conquista para si mesmo. Ou seja, as imagens possuíam um endereçamento, executando um jogo de sedução com o leitor desde o seu primeiro contato com a capa da revista, passando pelos ensaios dos modelos, pelos corpos nas ações publicitárias e nas matérias publicadas.

Outra dimensão educativa da *Junior* que busquei problematizar foram as suas ações direcionadas especificamente a abordar as homossexualidades e masculinidades homossexuais. Tais ações se encarregavam de ensinar os leitores modos de serem, de se comportarem, de se constituírem e de vivenciarem a homossexualidade masculina. Durante esses processos a revista foi divulgando e disseminando entendimentos acerca do que viria a ser um homem jovem

homossexual e o que se esperava dele. Assim, a *Junior* foi ensinando uma certa masculinidade homossexual, exemplificando diferentes experiências de constituição dos sujeitos, passando pela idealização do amor romântico importada da heterossexualidade, explorando a saída do “armário”, as novas vivências afetivo-sexuais via internet e a conquista de direitos pelos sujeitos homossexuais, sobretudo, a união civil e a adoção de filhos/as.

Todas essas questões que levanto vão de encontro ao que eu identifico como o ponto crucial da minha investigação na revista *Junior*: o seu caráter educativo. A *Junior*, durante o seu período de circulação, entre 2007 e 2015, investiu fortemente na educação do seu público específico, disseminando modos de ser homem, homossexual, branco e de classe média. A cada edição publicada a revista levava aos leitores saberes que circulavam acerca desse modelo de homossexualidade e os divulgava por meio de suas reportagens, imagens e publicidades. Assim, a revista foi estabelecendo no decorrer de suas edições o padrão *Junior* de sujeito homossexual masculino, aquele dotado de corpo atlético, preocupado com os cuidados cosméticos, com condições financeiras para arcar com tais cuidados e com uma vida social intensa com presença em festas e boates, além de uma vida sexual ativa. Esse padrão *Junior* de sujeito foi disseminado durante os quase oito anos de circulação da revista, oferecendo aos leitores todos esses saberes para atingirem tal padrão, levando-os a produzirem um corpo que também poderia ser desejado, assim como os corpos dos modelos estampados nas páginas da revista.

Apesar do intenso trabalho desenvolvido nesta tese com a *Junior*, vejo que outras possibilidades de investigação com essa revista ainda possam ser exploradas. A primeira possibilidade que destaco envolve a pesquisa com os sujeitos leitores da revista. Nesta tese, investi em problematizar apenas as edições impressas da *Junior*, não ampliando a pesquisa para conversar com os sujeitos leitores, pois esse foi o caminho que acabou sendo construído a partir da minha imersão na pesquisa. No entanto, vejo grande potencialidade nesse outro viés de trabalho, em que os sujeitos que foram leitores da *Junior* possam compartilhar as suas experiências com a revista. Outra possibilidade de investigação que não pode ser aprofundada foi a questão étnico-racial nas páginas da *Junior*. A revista investe,

publica e dissemina um padrão de corpo homossexual masculino que majoritariamente é retratado como sendo branco e com pertencimento a uma certa regionalidade centro-sul brasileira, praticamente invisibilizando os corpos que não se enquadrem nesse padrão. O corpo negro, por exemplo, foi estampado nas páginas da revista pouquíssimas vezes e nesses episódios acabava marcado pelo estereótipo da virilidade, sobretudo, da virilidade sexual. Por fim, aponto também a possibilidade de investigação dos processos educativos presentes nas diferentes revistas e demais artefatos culturais. Penso que pesquisar os diferentes artefatos culturais e encará-los como modos de educar, de produzir sujeitos e subjetividades se faz cada vez mais necessário, pois a educação escolarizada se resume hoje a apenas uma parcela daquilo que aprendemos em nosso dia a dia. Estamos cercados por músicas, revistas, redes sociais, programas de televisão e canais de vídeos que nos interpelam, nos ensinam e nos dizem como devemos nos comportar, cuidar e viver. Dizem da nossa constituição enquanto sujeitos e, por isso mesmo, merecem a nossa atenção e o nosso olhar curioso de investigação para problematizarmos a presença e a ação desses artefatos em nossas existências.

Neste momento de “colocar um ponto final” na pesquisa e revisitar todo o seu processo gostaria de destacar que hoje me sinto outro de mim mesmo. O que quero dizer com isso é que o pesquisador que chega aqui ao final do processo investigativo é diferente daquele que o iniciou. Tal afirmação pode parecer um clichê, no entanto, ela é bastante significativa pra mim, pois de fato estudar a revista *Junior*, seus processos educativos e dialogar com diferentes autores/as fez com que eu fosse atravessado por experiências que vem me tocando, atravessando e transformando. Essa caminhada me deu a oportunidade de ampliar a minha concepção de Educação, entendendo-a num aspecto muito mais amplo, sutil e potente além dos muros das instituições de ensino tradicionais. Hoje tenho clareza que estamos imersos em processos educativos em diferentes instâncias, formas e intensidades. Processos que merecem a nossa atenção, uma vez que nos capturam, seduzem, educam, fazem com que desejemos coisas, mudam as nossas percepções e nos ensinam modos de agirmos, de lidarmos com os outros e com nós mesmos. Ao mesmo tempo também (re)produzimos saberes que educam e, quase sempre, nem nos damos conta disso. Penso, que esse outro de mim mesmo que se

apresenta agora está muito mais atento e curioso *pra poder seguir*. Seguir investigando, problematizando, pondo a norma em questão, duvidando do natural, correndo *além da escuridão*, sabendo que *a vida vai passar*, admirando *a luz que brilha de manhã* para ter forças para as lutas cotidianas contra àqueles/as que ameaçam as múltiplas formas de estar no mundo e as nossas existências.

*Olha a luz que brilha de manhã  
Saiba quanto tempo estive aqui  
Esperando pra te ver sorrir  
Pra poder seguir*

*Lembre que hoje vai ter pôr do Sol  
Esqueça o que falei sobre sair  
Corra muito além da escuridão  
E corra, corra!*

*Azul, vermelho  
Pelo espelho  
A vida vai passar  
E o tempo está no pensamento  
(O amanhã colorido – Pouca Vogal)*

*O que vão dizer de nós?  
Seu pais, Deus e coisas tais  
Quando virem rumores  
Do nosso amor*

*Baby, eu já cansei de me esconder  
Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens  
E nada mais*

*Eles não vão vencer  
Baby, nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Dance comigo a nossa canção!*

*E flutua  
Flutua!  
Ninguém vai poder  
Querer nos dizer como amar*

*E flutua  
Flutua!  
Ninguém vai poder  
Querer nos dizer como amar*

*Entre conversas soltas pelo chão  
Teu corpo teso, duro, são  
E o teu cheiro  
Que ainda ficou na minha mão*

*Um novo tempo há de vencer  
Pra que a gente possa florescer  
E baby amar, amar  
Sem temer*

*Eles não vão vencer  
Baby, Nada a de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Baby escute, é a nossa canção!*

*E flutua  
Flutua!  
Ninguém vai poder  
Querer nos dizer como amar*

*Como amar?  
Como amar?*

*Ninguém vai poder  
Querer nos dizer como amar...  
(Flutua<sup>106</sup> – Johnny Hooker)*

---

<sup>106</sup> A música *Flutua* faz parte do álbum *Coração* do cantor Johnny Hooker que foi lançado em 2017 pela gravadora JDM Music. A música foi composta pelo próprio Johnny Hooker.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach. Corpo, técnica, consumo: sobre os esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife – PE, 16 a 21 de setembro de 2007. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/077.pdf>> Acesso em: 02/11/2016.

ALBINO, Beatriz Staimbach; HAMMES, Priscila Daniela; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre o Bem-estar na Revista Boa Forma: corpo, lazer, normalização. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 569-585, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12527/12927>> Acesso em: 01/07/2016.

ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 199-223, janeiro/abril de 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2089/2118>> Acesso em: 01/07/2016.

ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 7-19.

ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Prefácio. In: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira (Orgs). **Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual: conceituações, problematizações e experiências**. Goiânia: Kelps, 2011, p. 11-16.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 47-83.

BERTE, Odailso Silvaldo; MARTINS, Raimundo. Corpo e educação: desconstruindo imagens para reconstruir pedagogias. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 32, p. 307-326, 2016.

BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 23-38.

BONETTO, Pedro Xavier Russo; QUARESMA, Felipe Nunes. O discurso da revista Nova Escola sobre Educação Física. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Vitória – ES, 8 a 13 de setembro de 2015. **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7759>> Acesso em: 02/11/2016.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORRILLO, Daniel. Uma perspectiva crítica das políticas sexuais e de gênero no mundo latino. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Marcio (Organizadores). **Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2015, p. 45-79.

BORRILLO, Daniel. A contratualização dos vínculos familiares: casais sem gênero e filiação unissexuada. In: BORRILLO, Daniel; SEFFNER, Fernando; RIOS, Roger Raupp (Organizadores). **Direitos sexuais e direito de família em perspectiva queer**. Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2018, p. 237-273.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jul. de 1996.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83-111.

BUENO, Sinésio Ferraz. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 12, nº 35, Mai/Ago de 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782007000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200010&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 01/07/2016.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: Desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 7-22, set./dez., 2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo; SIERRA, Jamil Cabral. A estética da existência e as artes de viver: Michel Foucault e a crítica da noção de sujeito nos movimentos feministas, LGBT e na educação. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Orgs.). **Foucault, Deleuze e Educação**. 2ª edição ampliada e revisada. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013, p. 63-80.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CONNELL, Robert. Políticas de masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20(2), p. 185-206, jul./dez. de 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, 2013, p. 241-282.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Organizadora). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 103-127.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio à História do corpo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 7-13.

CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade – O triunfo da virilidade: O século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 7-12.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor:** estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, mai./ago. 2015a, p. 843-862.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em Estudos Culturais em Educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, mai./ago. 2015b, p. 48-63.

COURTINE, Jean- Jacques. Os Stakhanovistas do Narciso: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denize Bernuzzi. **Políticas do corpo:** elementos para uma história das práticas corporais. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 81-114.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 554-577.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Apresentação. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo:** polêmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 7-9.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ECO, Umberto. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.
- EUFRÁSIO, José Jefferson Gomes; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Representações do corpo masculino na revista Men's Health. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2016.02.002>> Acesso em: 01/07/2016.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 12<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca formos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-76.
- FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. “We’re queer” (?): representações de gênero nos editoriais da revista *Junior*. In: 9<sup>o</sup> Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis – SC, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais do 9<sup>o</sup> Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278019511\\_ARQUIVO\\_ArtigoRicardoFeitosa.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278019511_ARQUIVO_ArtigoRicardoFeitosa.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.
- FERRARI, Anderson. **“Quem sou eu? Que lugar ocupo?”: Grupos gays, Educação e construção do sujeito homossexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.
- FERRARI, Anderson. Sujeitos, subjetividades e educação. In: FERRARI, Anderson (Organizador). **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010, p. 7-18.
- FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Política e Poética das Imagens: implicações para o campo da Educação. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (Organizadores). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012, p. 11-17.
- FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araújo; FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. Num piscar de olhos, o amor: Educação dos sentidos e dos sujeitos no filme de animação 'In a heartbeat'. **Revista Debates Insubmissos** (UFPE), v. 1, p. 104-120, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>> Acesso em: 25/04/2016.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. Memórias em imagens: personagens, corpos e espaços nas revistas Cinearte e Cena Muda (1921-1941). In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife – PE, 16 a 21 de setembro de 2007. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/229.pdf>> Acesso em: 02/11/2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, nº 114, p. 197-223, novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>> Acesso em 10/02/2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882/29654>> Acesso em: 10/06/2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 49-70.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. 3ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012c.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013b.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. **Os professores de Educação Física frente ao bullying homofóbico na escola**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM, Sete Lagoas, 2011.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. **“Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual”**: Narrativas e experiências de professor@s homossexuais. 2014. 221 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALAK, Eduardo. La educación de los cuerpos argentinos y brasileros en revista. Análisis de los discursos eugenésicos en la “Revista do Ensino” (Minas Gerais, 1925-1940) y la “Revista de Educación” (Buenos Aires, 1920-1940). In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Vitória – ES, 8 a 13 de setembro de 2015. **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em:

<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7203/3920>> Acesso em: 02/11/2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Corpo e gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos. **Revista Motrivivência**,

Florianópolis, nº 19, 2002. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/950/4327>>  
Acesso em: 01/07/2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 28-40.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação da infância. In: XAVIER FILHA, Constantina (Organizadora). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012, p. 103-115.

GÓIS, João Bôsko Hora. A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998). **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.7, n.13, 2003, p.27-44.

GOLDENBERG, Mirian. Apresentação. In: Mirian Goldenberg (Org.). **Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 7-17.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 19-40.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

H MAGAZINE. São Paulo: Editora MixBrasil, 2012-2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual: mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual – proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. Como pode a educação da cultura visual contribuir com a educação das artes. In: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira (Orgs). **Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual: conceituações, problematizações e experiências**. Goiânia: Kelps, 2011, p. 59-86.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da revista O Tico Tico (1921-1933). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 303-316, abr./jun. de 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/48695/34209>>  
Acesso em: 01/07/2016.

IRINEU, Bruna Andrade. Homonacionalismo e cidadania LGBT em tempos de neoliberalismo: dilemas e impasses às lutas por direitos sexuais no Brasil. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, 2014, n. 34, v. 12, p. 155 – 178

JENKINS, Keith. **A História repensada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 7-131.

JUNIOR. São Paulo: Editora MixBrasil, 2007-2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LADISLAU, Carlos Rogério. A aparência institucionalizada: imagens do corpo nas revistas do Confef. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife – PE, 16 a 21 de setembro de 2007. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/063.pdf>>  
Acesso em: 02/11/2016.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, p. 20-28, 2002a. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf)> Acesso em: 26/07/2017.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002b, p. 35-86.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter. Apresentação da coleção. In: SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 5-6.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2012b, p. 15-32.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013a.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2016, p. 107-131.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta, 2017.

LOPES, Charles Roberto Ross. **Seja gay...** Mas não se esqueça de ser discreto. Produção de masculinidades homossexuais na revista Rose (Brasil, 1979-1983). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LOPES, Charles Roberto Ross; SEFFNER, Fernando. O homem do princípio ao fim: produção de masculinidades homossexuais na revista Rose (1979 a 1983). In: 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis – SC, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais do 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277339136\\_ARQUIVO\\_ArtigoFG2010.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277339136_ARQUIVO_ArtigoFG2010.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. O conceito de experiência em Michel Foucault. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 42-55, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2367>> Acesso em: 11/07/2017.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... In: **V Anped Sul**, 2004. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12\\_11\\_02\\_CONHECER,\\_PESQUISAR,\\_ESCREVER.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_11_02_CONHECER,_PESQUISAR,_ESCREVER.pdf)> Acesso em: 10/02/2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-34.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem**: Masculinidades em Junior e em Men's Health Portugal. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

MANSKE, George Saliba; BARCELOS, Thaís Silveira Barcelos. Práticas corporais medicalizantes: diagnosticando a revista Vida Simples. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 233-246, jan./mar. de 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/54900/36546>> Acesso em: 01/07/2016.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina (Orgs.). **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 25-39.

MARTINI, Cristiane Oliveira Pisani. **Regule-se, exercite-se, embeleze-se:** Pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista ALTEROSA (1939-1964). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MARTINS, Raimundo. Por que e como falamos da cultura visual? **Visualidades**, v. 4, n. 1 e 2, p. 64-79, jan./jun. e jul./dez. 2006.

MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. **Educação e Linguagem**, v. 13, n. 22, p. 19-31, jul./dez. 2010.

MARTINS, Raimundo. Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual. In: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira (Orgs.). **Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual:** conceituações, problematizações e experiências. Goiânia: Kelps, 2011, p. 19-38.

MATTOS, Zaine Simas. **Narrativas de mulheres das classes populares:** Modos de subjetivação e educação escolar. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MESSA, Fabio Carvalho. Construindo o Complexo de Adônis um estudo sobre o discurso editorial da revista Men's Health. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador – BA, 20 a 25 de setembro de 2009. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/782>> Acesso em: 02/11/2016.

MESSA, Fabio Carvalho. Prolegômenos sobre a ideologia jaca-libertária - impasses argumentativos nos editoriais da revista *Men's Health*. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Brasília – DF, 2 a 7 de agosto de 2013. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5329>> Acesso em: 02/11/2016.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: A segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2001.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(3), p. 681-693, setembro-dezembro/2006.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a, p. 325-338.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, 1º sem. Niterói: EdUFF, 2009b, p. 171-190.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MONTEIRO, Mayara Cristina Braz; CARVALHO, Ana Carla Dias. A concepção de corpo presente nas escritas de si das leitoras da revista Boa Forma: um estudo a partir da comunidade do Orkut. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Porto Alegre – RS, 11 a 16 de setembro de 2011. **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: < <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/3391> > Acesso em: 02/11/2016.

NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia Silveira. Família. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário crítico de gênero**. 2ª ed. Dourados, MS: Ed. da UFGD, 2019, p. 240-244.

NANCY, Jean-Luc. Imagem, mimesis & méthexis. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 55-73.

NERI, Marcelo Côrtes. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: CPS/IBRE, Fundação Getúlio Vargas, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escola: Novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 213-231, Jan/Jun 2010.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da Saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface** – Comunicação, Saúde, Educação, vol. 8, n. 14, p. 9-20, fev. 2004.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira**: poder, saber e subjetivação. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 23-45.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, n. 1, 2009, p. 125-157.

PEREL, Esther. **Sexo no cativeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

PINTO, Sayonara Carla; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MORAES, Cláudia Emília; ALMEIDA, Ludmila Santos. Identidade(s) feminina(s) e cuidado de si na revista AG. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano XXIV, nº 39, p. 113-128, dez./2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p113/23397>> Acesso em: 01/07/2016.

POCAHY, Fernando. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. **Polis e Psique**, v. 1, p. 195-211, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/31539>> Acesso em: 07/12/2017.

POCAHY, Fernando. A velhice como performativo: dissidências (homo)eróticas. **Ex aequo**, n. 26, p. 43-56, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602012000200005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005)> Acesso em: 07/12/2017.

POPKEWITZ, Thomaz. Critical traditions, modernisms and the posts. In: POPKEWITZ, Thomaz e FENDLER, Lynn (Orgs.). **Critical theories in education**. Nova Iorque: Routledge, 1999, p. 1-17.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**. Barcelona: Anagrama, 2010.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAGO, Margareth. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In: SOARES, Carmen Lúcia (Organizadora). **Pesquisas sobre o corpo: Ciências Humanas e Educação.** Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007, p. 49-65.

RAGO, Margareth. A História repensada com ousadia. In: JENKINS, Keith. **A História repensada.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 9-13.

RIOS, Roger Raupp. A criminalização e a representação midiática da homofobia: relações com a trajetória dos direitos sexuais no Brasil. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Marcio (Organizadores). **Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2015, p. 81-106.

RIOS, Roger Raupp. Por um direito democrático da sexualidade. In: BORRILLO, Daniel; SEFFNER, Fernando; RIOS, Roger Raupp (Organizadores). **Direitos sexuais e direito de família em perspectiva queer.** Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2018, p. 79-117.

RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira. **“A gente cria todo dia! A gente cria vida!”: Pesquisar com mulheres mães na periferia.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

ROCHA, Célia A. A divulgação científica sobre o corpo na revista Veja. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife – PE, 16 a 21 de setembro de 2007. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/029.pdf>> Acesso em: 02/11/2016.

RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: Os caminhos da imprensa gay nacional. In: COSTA, Horácio (Org.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos.** São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2010, p. 403-412.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas.** 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? Porto Alegre: **Educação e Realidade,** 2001, p. 33-57.

SABAT, Ruth. Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade. Florianópolis: **Revista dos Estudos Feministas,** 2001, p. 9-21.

ROSHI, Coen. **A sabedoria da transformação: reflexões e experiências.** 3ª ed. São Paulo: Academia, 2019.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exibir, espionar e disciplinar. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 225-242, maio/ago., 2010.

SALOMÉ, Jacques. **Casamento e solidão**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan/mar de 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/31644/24403>> Acesso em: 01/07/2016.

SALVINI, Leila; MYSKIW, Mauro. Representação do corpo feminino na revista Claudia no ano de 2006: Retrato de uma produção restrita. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 521-528, 4º trimestre de 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3432/3783>> Acesso em: 01/07/2016.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: Uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANTOS, Leonel Cardoso dos. A construção de posições identitárias na revista *G Magazine*: interseções entre homossexualidades e consumo. In: 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis – SC, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais do 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278377391\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_FG9\\_Revisado.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278377391_ARQUIVO_Artigo_FG9_Revisado.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.

SARRAF, Danielle Corrêa; BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Magra e feliz: Lições de beleza da revista Sou Mais Eu! In: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, Canoas – RS, 12 a 14 de junho de 2017. **Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**. Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/2017/resources/anais/7/1495634218\\_ARQUIVO\\_magra\\_e\\_feliz\\_licoes\\_de\\_beleza\\_da\\_revista\\_sou\\_mais\\_eu.pdf](http://www.sbece.com.br/2017/resources/anais/7/1495634218_ARQUIVO_magra_e_feliz_licoes_de_beleza_da_revista_sou_mais_eu.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 261- 278.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro (Organizador). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 57-78.

SIBILIA, Paula; JORGE, Marianna Ferreira. O que é ser saudável? Entre publicidades modernas e contemporâneas. **Galaxia**, n. 33, p. 32-48, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n33/1519-311X-gal-33-0032.pdf>> Acesso em: 07/12/2017.

SIERRA, Jamil Cabral. Corpo, sexualidade e poder: a homossexualidade na mídia e as biopolíticas de prevenção contra a aids. **Textura**, n. 28, maio/ago. 2013.

SILVA, Cecília Nunes. Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940-1949). In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Brasília – DF, 2 a 7 de agosto de 2013. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5149>> Acesso em: 02/11/2016.

SILVA, Cecília Nunes; ALMEIDA, Felipe Quintão; GOMES, Ivan Marcelo. Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940-1949). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 227-249, abr/jun de 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/33196/25262>> Acesso em: 01/07/2016.

SILVA, Fábio Ronaldo; MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto; MONTENEGRO, Rosilene Dias. “Questão de tempo”: as ideias de velhice na revista *Junior*. In: 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis – SC, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais do 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381508541\\_ARQUIVO\\_FabioRonaldodaSilva.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381508541_ARQUIVO_FabioRonaldodaSilva.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.

SILVA, José Rodolfo Lopes da. **“Seja homem de verdade!”: (Re)constituindo masculinidades numa escola de cidade pequena e do interior**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2019.

SILVA, Lilian Arruda. **Construções de corpos: Análise de capas das revistas dirigidas aos homoeróticos masculinos**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia (Organizadora). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-129.

SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 63-81.

SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio de (Organizadores). **Cartografias de Foucault**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 13-26.

SOUZA, Denis Mauro Rodrigues de; FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro; ANJOS, Marcelo Faria dos. “E se não houver escolha?” Reflexões a partir do filme XXY. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (Organizadores). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012, p. 213-237.

SOUZA, Regina Maria de; GALLO, Silvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, agosto de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10848.pdf>> Acesso em: 10/09/2017.

STAUDT, Jéferson Luis; SILVA, André Luiz dos Santos. Ausências e silêncios: representações do corpo negro na revista Educação Physica. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Vitória – ES, 8 a 13 de setembro de 2015. **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7525>> Acesso em: 02/11/2016.

SUNIM, Haemin. **Amor pelas coisas imperfeitas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

UZIEL, Anna Paula. Homossexualidades e formação familiar no Brasil contemporâneo. **Revista Latinoamericana de Estudios de Familia**, Caldas, Colômbia, vol. 1, 2009, p. 104 – 115.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VICTORIO FILHO, Aldo; PINTO, Lia Gauterio Conde. Um pouco mais sobre as imagens visuais na educação e na cultura visual contemporâneas. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 1, n. 1, p. 179-191, jan./abr. 2018.

VOKS, Douglas Josiel. Revista *Playboy* e masculinidade: repensando os homens na década de 1980. In: 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis –

SC, 23 a 26 de agosto de 2010. **Anais do 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero.** Disponível em:

<[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495022899\\_ARQ\\_UIVO\\_Artigofazendogenero.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495022899_ARQ_UIVO_Artigofazendogenero.pdf)> Acesso em: 04/03/2019.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo.** Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, jan./abr. 2015, p. 32-48.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com:** Sobre como dizer-se homem gay na internet. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos:** Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013.

## **TRILHA SONORA DA TESE**

Alceu Valença. Anunciação. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=BXw\\_oXZhG5Q](https://www.youtube.com/watch?v=BXw_oXZhG5Q)> Acesso em: 04/03/2019.

Filipe Catto. Adoração. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=tLQAjwNiLdA>> Acesso em: 04/03/2019.

Jair Rodrigues. Disparada. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=yHjxmPdwzIA>> Acesso em: 29/09/2019.

Johnny Hooker. Flutua. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>> Acesso em: 04/03/2019.

Maria Bethânia. Agradecer e abraçar. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=nxv\\_pESbgc0](https://www.youtube.com/watch?v=nxv_pESbgc0)> Acesso em: 15/10/2019.

Pato Fu. Eu. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kPrWzsrpHis>>

Acesso em: 04/03/2019.

Pouca Vogal. O amanhã colorido. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=wVnA5P2BdJ4>> Acesso em: 29/09/2019.

Raul Seixas. Carimbador maluco. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=KV38MHX4ALw>> Acesso em: 04/03/2019.

Silva. A cor é rosa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KnJwCg-zh4w>> Acesso em: 04/03/2019.

Silva. A visita. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AzE9Po-bAYo>> Acesso em: 04/03/2019.

Vanessa da Mata. Boa Reza. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=vKfAE75LH\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=vKfAE75LH_M)> Acesso em: 04/03/2019.

Vanessa da Mata. Baú. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B-Qqc0z1B-w>> Acesso em: 04/03/2019.